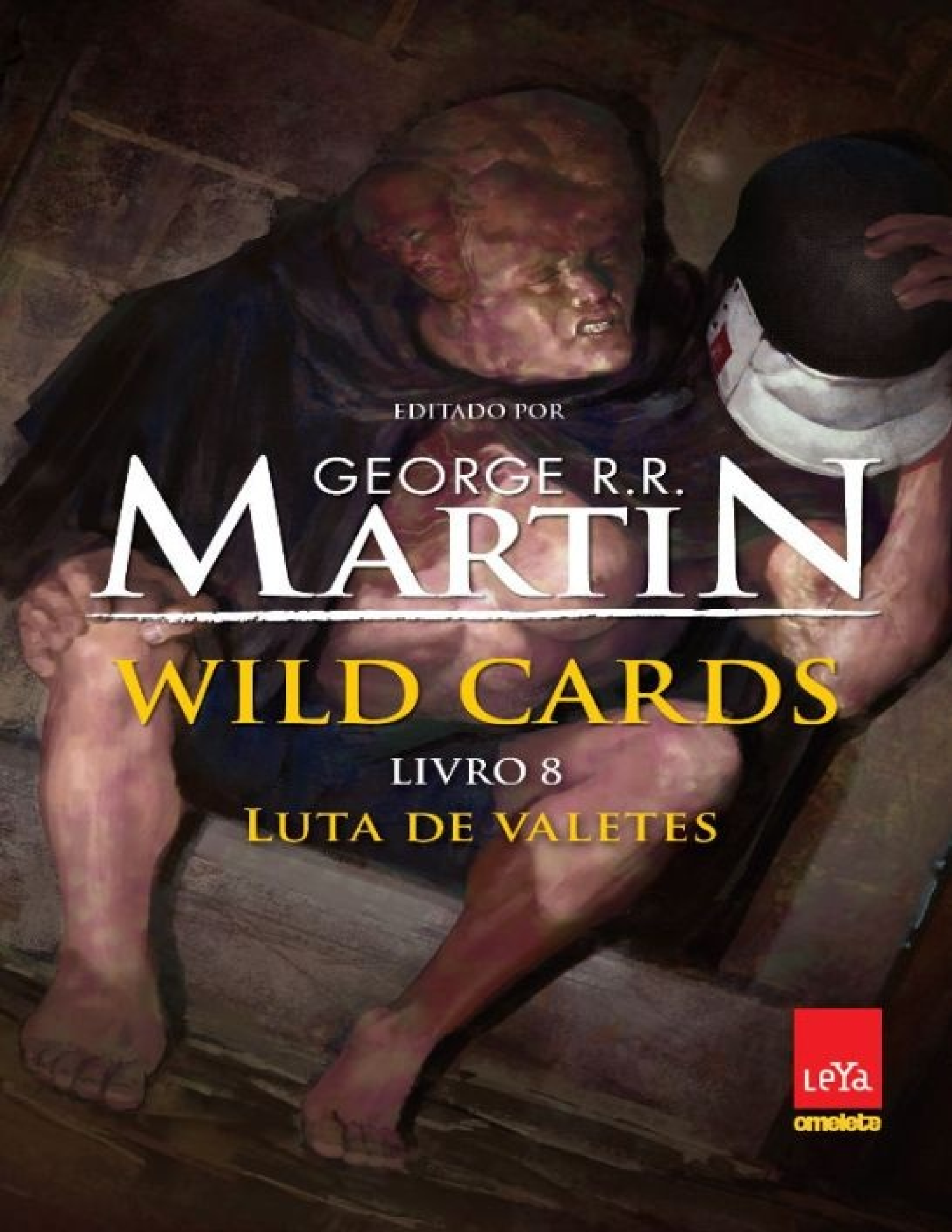




EDITADO POR

GEORGE R.R.
MARTIN

WILD CARDS

LIVRO 8

LUTA DE VALETES

leYa

omeleto



ALGUMA COISA ESTÁ

agitando os dias na Ellis Island, algo estranho e perigoso o suficiente para deixar de lado até mesmo a inflamada tensão entre os cartas selvagens e os limpos. Saltadores estão entrando em cena... Os membros dessa gangue têm o poder de transferir a mente para o corpo de outra pessoa, usando os novos corpos como marionetes em atos de terror e violência. Depois, numa manobra rápida e imperceptível, eles transferem-se de volta, deixando que as vítimas enfrentem as consequências.

Jerry Strauss, conhecido até aqui como Projecionista, está tentando se adaptar à vida após ter passado mais de vinte anos preso no corpo de um gorila. Apesar de seus 40 e poucos anos, ele se sente inseguro e está reaprendendo a viver. É durante esse processo que o Sr. Ninguém – como Jerry se nomeia agora – acaba descobrindo que a perigosa gangue dos saltadores surgiu.

Como fio condutor desta narrativa – que conta ainda com Estranheza, Dr. Tachyon e seu neto Blaise, Mark Meadows, Dragão Preguiçoso, Jay Ackroyd, entre outros –, Jerry está determinado a solucionar mortes misteriosas, enquanto Bomba, o Governador da Rox, tenta controlar o caos na cidade provocado pelos saltadores.

WILD CARDS

LIVRO 8
LUTA DE VALETES

EDITADO POR

GEORGE R.R. MARTIN

WILD CARDS

Editado por

George R.R. Martin e Melinda M. Snodgrass

Escrito por

Walton Simons, Chris Claremont, Lewis Shiner, William F. Wu, Victor
Milán, Stephen Leigh, Melinda M. Snodgrass e John J. Miller

Tradução

Petê Rissatti e Cristiano Botafogo

LIVRO 8

LUTA DE VALETES



Copyright © 1991 by George R.R. Martin

Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Petê Rissatti e Cristiano Botafogo

Título original: *Wild Cards VIII: One-Eyed Jacks*

“Que sorte ser uma garota” copyright © 1991 by Chris Claremont

“Cavalos” copyright © 1991 by Lewis Shiner

“Dragão da neve” copyright © 1991 by William F. Wu

“Hoje em dia Clancy não pode nem cantar” copyright © 1991 by Víctor Milán

“Dezesseis velinhas” copyright © by Stephen Leigh

“O triângulo do Diabo” copyright © 1991 by Melinda M. Snodgrass

“A batida do coração morto” copyright © 1991 by John J. Miller

“A garota de Ninguém”, “Ninguém me conhece como meu amor”, “Sr. Ninguém visita a cidade”,

“Ninguém sabe o que eu passei”, “Você é Ninguém até que alguém o ame”, “Eu me chamo Ninguém”,

“Ninguém em casa” e “Ninguém sai com vida” copyright © 1991 by Walton Simons

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: João Pedro Maciel

Revisão: Amanda Meirinho

Projeto gráfico de capa e miolo: Rico Bacellar

Ilustração de capa: Marc Simonetti

Adaptação de capa: Leandro Dittz

Diagramação: Filigrana

Martin, George R.R.

L989

Wild cards: Luta de valetes / editado por George R.R. Martin ;
tradução Petê

Rissatti, Cristiano Botafogo. Rio de Janeiro : Leya, 2017.

(Wild Cards ; 8)

Tradução de: Wild cards: one-eyed jacks

Sequência de: A mão do homem morto

ISBN: 978-85-441-0553-5

1. Ficção fantástica americana. I. Martin, George R.R. II. Rissatti,
Petê.

III. Botafogo, Cristiano. IV. Título. V. Série.

17-42052

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção fantástica americana

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

SUMÁRIO

Nota do editor

A GAROTA DE NINGUÉM

Walton Simons

QUE SORTE SER UMA GAROTA

Chris Claremont

NINGUÉM ME CONHECE COMO MEU AMOR

Walton Simons

CAVALOS

Lewis Shiner

SR. NINGUÉM VISITA A CIDADE

Walton Simons

DRAGÃO DA NEVE

William F. Wu

NINGUÉM SABE O QUE EU PASSEI

Walton Simons

HOJE EM DIA CLANCY NÃO PODE NEM CANTAR

Victor Milán

VOCÊ É NINGUÉM ATÉ QUE ALGUÉM O AME

Walton Simons

DEZESSEIS VELINHAS

Stephen Leigh

EU ME CHAMO NINGUÉM

Walton Simons

O TRIÂNGULO DO DIABO

Melinda M. Snodgrass

NINGUÉM EM CASA

Walton Simons

A BATIDA DO CORAÇÃO MORTO

John J. Miller

NINGUÉM SAI COM VIDA

Walton Simons

Nota do editor

Wild Cards é uma obra de ficção ambientada num mundo completamente imaginário, cuja história corre paralelamente à nossa. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados são fictícios ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com fatos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência. As obras contidas nesta antologia são de ficção; e quaisquer livros ou textos mencionados também são fictícios. Não há intenção de retratar autores reais ou insinuar que possam realmente ter escrito ou publicado os ensaios ou outras obras mencionadas nesta antologia.

Para Mike Cassutt

A garota de Ninguém

Walton Simons

O brilho do sol no fim da tarde os aqueceu. Ela estava deitada na cama, nua, mãos cruzadas sobre a barriga, olhos fechados. Ele observava a silhueta do corpo dela, enquanto tentava reter o êxtase e o contentamento que tinha acabado de sentir. Mas já estavam lhe escapulindo. As mulheres conseguiam curtir a sensação por mais tempo. Um prazer prolongado. Depois o perdiam também.

— Você poderia ficar um pouco — disse Jerry, tentando fazer as cinco palavras soarem mais engraçadas do que pareciam. Não que eles costumassem fazer graça juntos.

— Não. — Veronica abriu os olhos e se sentou, os cabelos longos, empapados de suor grudados no rosto e no pescoço. Jerry esperava que aquilo fosse resultado de sua performance, e não do calor de agosto. Ela esperou alguns segundos, depois se levantou e foi até o banheiro, fechando a porta. — Chama um táxi pra mim.

— Para que táxi se você já é um avião? — Jerry não esperava uma gargalhada, então não se decepcionou.

Ouviu o chuveiro sendo ligado. Vestiu sua bermuda e atravessou o chão de carpete até o cômodo ao lado. Havia uma nota de quinhentos dólares na primeira gaveta da cômoda de mogno, junto com uma calcinha de seda preta e um sutiã de bojo do mesmo conjunto, com um decote insinuante. Era seu ritual. Talvez ela usasse a lingerie da próxima vez, talvez não.

Ele pegou o telefone e parou por um segundo, antes que o dedo fizesse o movimento de discagem. Não havia se acostumado com botões ainda. Era o resultado de permanecer por mais de vinte anos como gorila gigante. Sentiu um

calafrio. Nem mesmo Veronica podia ajudá-lo quando vinha a sensação. Tentou afastar aqueles pensamentos, mas isso só piorava, e eles vinham com tudo. O mundo havia mudado de forma drástica e inalterável naqueles anos. Seus pais foram para Pass Christian, Mississippi, e morreram no furacão Camille. Algum médium idiota havia lhes dito que ele tinha sido sequestrado e levado para lá. Os corpos ficaram içados numa árvore localizada a quase cinco quilômetros, no interior. Mas Jerry esteve o tempo todo no zoológico do Central Park, a quinze metros de altura e coberto de pelos.

Ele mordeu o lábio e digitou os números.

— Táxis Starline — disse uma voz entediada do outro lado da linha.

— Rua 77, número 13. Uma moça estará aguardando.

Uma pausa.

— Rua 77, número 13. Cinco minutos. Obrigada.

Clique.

Jerry voltou para o quarto e se esticou na cama. A luz do sol afastou o frio de sua pele, mas não aquele calafrio.

Veronica saiu do banheiro. Pegou suas roupas e as vestiu rápida e desajeitadamente.

— Não é contra a lei você passar um dia aqui — disse ele. — Poderíamos sair para jantar de vez em quando. Ou pegar um cinema.

— Se não é ilegal, eu não faço questão.

Ela virou as costas para que ele abotoasse sua blusa.

— É... — Ele rolou de bruços para esconder o sofrimento em seu rosto. Ela sabia ser bem filha da puta às vezes. Na maioria das vezes, ultimamente.

— Desculpe. — Ela correu o dedo pela panturrilha dele. — Vou ver o que consigo fazer, mas não prometo. Sou uma garota ocupada.

O interfone tocou.

Jerry se sentou na cama. Quase ninguém o visitava ali, exceto Veronica. Ele correu pelo apartamento até o interfone e apertou o botão.

— Oi.

— Jerry, é Beth. Aposto que esqueceu o evento beneficente hoje à noite. Você não pode me abandonar com todos aqueles advogados e políticos.

— Ai, meu Deus. Eu esqueci. Espere aí. Desço já. — Jerry caminhou

rapidamente até o armário e pegou uma camisa e uma calça. — Minha cunhada. Você precisa conhecê-la. Vai gostar dela.

— A mulher de um advogado? — Veronica negou com a cabeça. — Você deve estar brincando.

— Talvez você se surpreenda. Ela é ótima.

— Tô fora — respondeu Veronica, indo até a porta.

Jerry calçou com dificuldade seus sapatos de couro de crocodilo e saiu pulando pelo carpete atrás dela.

— Tudo bem, amo você.

Veronica acenou sem se virar e fechou a porta.

Jerry suspirou e foi até o banheiro. Penteou o cabelo ruivo demais e espirrou em si algumas gotas de colônia. Ouviu o elevador parar. Esperou alguns segundos até ele descer novamente. Isso impediria que Beth o visse com Veronica, que provavelmente diria algo desagradável.

Ele verificou a carteira e as chaves, em seguida saiu apressado pelo corredor e apertou o botão do elevador.

Beth estava esperando por ele lá embaixo, usando uma camisa com estampa floral e calça azul-clara. Os cabelos loiros pendiam um pouco abaixo dos ombros.

— Vamos logo, cara. Estou parada em fila dupla. — Ela o agarrou pelo cotovelo e o arrastou até a porta. — Acabei de ver uma moreninha linda saindo. — Ela arqueou a sobrancelha. — Alguém que eu deveria conhecer?

Ele fez sua melhor expressão de surpresa.

— Não. Alguém que eu deveria conhecer?

Beth sorriu.

— Você podia ter se saído muito pior. Provavelmente o fez também.

— Com certeza. Vamos logo acabar com isso.



O salão de festa estava cheio de fumaça e barulho, democratas ricos, a maioria deles tentando não parecer bêbada. Ainda. Koch e Jesse Jackson apareceram juntos mais cedo naquele dia para demonstrar a solidariedade democrata, e

pronto. Houve um boato de que Jackson talvez aparecesse para falar, mas isso não estava na programação. Jerry odiava ir a qualquer lugar em que fosse necessário usar smoking, mas Beth havia prometido para ele três idas ao cinema em troca.

Os três eram os únicos à mesa. Kenneth colocou os braços em volta de Beth, cujos ombros estavam nus, exceto pelas finas tiras do vestido de seda azul. Jerry sentiu inveja. Ele e Veronica nunca haviam aparecido em público juntos — ela tinha deixado muito claro que as coisas seriam assim.

— Não consigo acreditar que o partido escolheu Dukakis — disse Kenneth.
— Até Richard Nixon conseguiria derrubá-lo.

— Má sorte na convenção — comentou Beth. — Hartmann talvez tivesse tido uma chance.

— Por outro lado, talvez não. Do jeito que a opinião pública é sobre os cartas selvagens... Essa questão provavelmente teria afundado o cara. Você devia ficar feliz por não ser um ás muito conhecido. — Kenneth se levantou. — Preciso falar com algumas pessoas. Volto em um minuto. — Ele beijou Beth na testa e se misturou à multidão.

— Não sou mais um ás. — Jerry tomou um gole grande de vinho. — O que é melhor, eu acho.

— Olá, Sra. Strauss.

Um jovem estava atrás da cadeira vazia de Kenneth. Era alto, loiro e provavelmente poderia se passar por um deus grego numa luz propícia. Jerry o odiou no mesmo instante.

— David. — Beth sorriu e apontou para a cadeira. — Não sabia que você estaria aqui. Que bom vê-lo. Conhece Jerry, o irmão de Kenneth?

— Não — respondeu David, estendendo a mão.

— Jerry, este é David Butler. É o estagiário que trabalha com o Sr. Latham. Até St. John está impressionado com ele. Faz David trabalhar o tempo todo.

Jerry apertou a mão do rapaz. Havia uma energia quase palpável no toque de David. Jerry recuou e conseguiu sorrir.

— O que você faz, David?

— Tudo que o Sr. Latham pedir — respondeu David, e sorriu para Beth. — Você está linda hoje. Não consigo imaginar seu marido sendo tão tolo a ponto de deixá-la sozinha.

— Ah, estou em boas mãos. — Beth pôs a mão no braço de Jerry.

David olhou de esguelha para Jerry e tamborilou os dedos na mesa.

— Melhor eu ir. O Sr. Latham quer que eu me misture com os pesos pesados. Disse que será bom para mim. — Ele se levantou, revirando os olhos. — Foi bom revê-la, Sra. Strauss.

David saiu.

— Ele deve ser gay — disse Jerry.

Beth deu uma risadinha.

— Não acho.

— E ele é rico?

— Acho que sim.

— Deus não existe. — Jerry esvaziou a taça de vinho e procurou um garçom.

— Não precisa ficar com inveja, Jerry. — Beth ajustou as tiras do vestido. — Só porque ele é jovem, rico e maravilhosamente lindo.

— Sou rico e jovem, mais ou menos. — Jerry não envelhecera fisicamente nos vinte anos em que fora gorila. Porém, oficialmente, tinha 40 e poucos.

— Está sentindo pena de si mesmo de novo? — perguntou Kenneth, reaparecendo e se sentando.

— O tempo todo — respondeu Jerry.

— Ótimo. Você chegou a entrar em contato com aquele pessoal do cinema com quem comentei de você? Você tem talento. Beth e eu ficamos impressionados com suas habilidades.

— Vou tentar fazer isso. Tenho uma musa preguiçosa — disse Jerry. — Sei que foi difícil para você.

— Não mais do que provar que você não estava legalmente morto quando apareceu no ano passado. — Kenneth sorriu. — Ninguém queria acreditar que tinha sido um gorila gigante por mais de uma década. Precedentes demais.

Jerry suspirou.

— Desculpe por ter causado tantos problemas.

— Não é isso, e você sabe. Quando se nasce na riqueza, como nós nascemos, há mais obrigações com relação à sociedade.

Jerry deu de ombros.

— Gosto de pensar que estou impedindo meu banco de falir. É meu lado

romântico.

Beth sorriu, mas Kenneth balançou a cabeça.

— Um dia, seu lado romântico vai trazer problemas para você. Pode pagar pessoas para não te chamarem de Sr. Strauss, mas não pode fazer com que se importem quando as coisas ficarem feias. As pessoas não amam você pelo dinheiro, amam você apesar dele.

Jerry não precisava ouvir isso naquele momento. Ele se virou para Beth.

— Por que você se casou com esse cara?

Beth sorriu e ergueu as mãos, as palmas abertas a meio metro uma da outra.

— Safadinha — disse Jerry. — Acho que é de família.

Kenneth cutucou o botão do punho do terno.

— Não quero ser chato, mas pode contar que continuarei pegando no seu pé com esse assunto. Você precisa encontrar algo para fazer com a sua vida.

Houve uma explosão de aplausos e as pessoas começaram a se levantar. Jesse Jackson estava caminhando lentamente, vindo do fundo da sala, distribuindo apertos de mão enquanto passava.

— Imagino que teremos um discurso agora — comentou Jerry, esfregando a nuca. — Eu preferia estar em casa, assistindo a um filme.

— Democracia é um inferno, cara — reclamou Beth.

— Vou beber por ela. — Jerry puxou o braço do garçom e apontou que precisava de mais vinho. A única coisa que o deixava entorpecido mais rápido que política era o álcool.



Depois de ficar lado a lado com os ricos e poderosos, ele fez questão de acordar tarde. Jerry dividia o tempo entre seu apartamento e seu quarto na casa da família, em Staten Island, onde Kenneth e Beth moravam. Precisou dar um jeito no lugar quando voltou. Seus projetores de dezesseis milímetros estavam quebrados, e latas negligenciadas de filme haviam ficado frágeis com o passar do tempo. Substituiu tudo por uma TV de tela grande e fitas de vídeo. Ninguém colecionava mais filmes de verdade. Não havia romantismo no videocassete. Era barato e fácil. Mas ele se encontrava numa posição difícil para julgar as pessoas que

escolhiam esse caminho, considerando seu relacionamento com Veronica. Embora ela não fosse barata e estivesse ficando menos fácil com o passar do tempo.

Estava assistindo ao filme *Klute* — *O passado condena*. Que escolha ruim. Ao menos Veronica não usava relógio enquanto transavam. Mas ela provavelmente nunca havia gozado.

Uma batida leve na porta, e Beth abriu e botou a cabeça na fresta. Jerry parou a fita e gesticulou para ela.

— *Entrez*. Estou vendo *Klute*. Já viu?

— Duas vezes, pelo menos. — Ela se sentou no sofá perto dele. — Adoro aquela cena quando ela lambe a colher depois de comer comida de gato. — Beth lambeu os próprios lábios.

— Você é doente.

— Acho que sim. — Ela pegou duas outras fitas da mesa. — O que temos aqui? *Irma la Douce* e *Onde os homens são homens*. — Ela fez uma pausa. Jerry sabia que esperava que ele dissesse alguma coisa.

— É, bem... Eu tenho um gosto diversificado, sabe? Mistério e assassinato, filme de época, comédia. Tento pegar um pouco de tudo. — Ele deu de ombros. — Tenho muito que me atualizar.

Ela deu uns tapinhas no ombro dele.

— Você não quer falar disso. Estou vendo. Sempre me sinto melhor quando falo sobre as coisas. Se eu não tivesse bons amigos e um analista decente anos atrás, Kenneth e eu teríamos nos divorciado.

— Não sabia que vocês haviam tido problemas.

Ela riu.

— É difícil ser casada com um advogado. Você sempre tem a sensação de que qualquer coisa que diga poderá ser usada contra você. E, em alguns momentos, ele usou. Sei que não teve a intenção, ou ao menos assim espero, mas na época foi difícil perceber. Não dá para se colocar no lugar da outra pessoa e saber o que ela realmente sente. É meio assustador. Mas, no fim das contas, nós que decidimos acreditar nelas ou não. Decidi acreditar em Kenneth, e não me arrependo.

— Fico feliz. — As palavras soaram mais indiferentes do que ele gostaria. — Sério. Vocês me ajudaram muito. Sei que não estou me adaptando muito bem, mas vou me adaptar.

Beth o beijou na bochecha.

— Pode falar comigo sempre que precisar. — Ela apontou para a tela da TV.
— Quer saber quem é o assassino?

— Não, obrigado. Não quero me furtar de ter o palpite errado e depois me sentir idiota.

— Boa noite.

Ela saiu e fechou a porta.

Jerry desligou a TV e o videocassete. Não estava mesmo gostando do rumo que o filme tinha tomado. Foi até o closet. Não havia mudado muito em trinta anos. No passado, quando ele era o Projecionista, treinava seu Humphrey Bogart e Marlon Brando na frente do mesmo espelho. Bogart morrera antes de Jerry tirar a carta selvagem, e Brando estava velho e gordo. Ele se sentou, abriu uma gaveta e tirou uma foto de Veronica e uma peruca. O cabelo era o mais parecido possível com o dela.

Pôs a imagem no canto do espelho e olhou para ela por um segundo ou dois, e em seguida para seu próprio reflexo. Suas feições começaram a mudar, a pele escureceu. O cabelo ainda era um problema. Não conseguia fazer com que ele se transformasse do jeito que desejava. Nos velhos tempos, ele conseguia realmente se transformar numa mulher, mas aquilo sempre o deixava com uma sensação estranha. Colocou a peruca e fechou os olhos, esperou um momento e, em seguida, abriu-os novamente.

— Eu te amo.

Foi até menos convincente do que as poucas vezes que a própria Veronica dissera aquilo. Ele tirou a peruca e desfez a transformação. Beth tinha razão, era impossível saber o que outra pessoa estava pensando ou sentindo. Impossível até mesmo ser essa pessoa. Jerry jogou a peruca e a foto de volta na gaveta e fechou-a com força.

Aliás, caramba, quem iria querer uma coisa dessas?



Que sorte ser uma garota

Chris Claremont

Assim que ouviam para onde ela iria, todos os taxistas recusavam a corrida. Alguns pediam desculpas, outros a dispensavam sem rodeios e um ou outro fazia gestos rudes e dizia palavras mais rudes ainda.

Se o avião tivesse chegado a tempo, quando os despachantes estavam a serviço, talvez ela tivesse se dado melhor. Mas os atrasos por conta de problemas mecânicos e o tempo horrível no caminho retardaram tanto o voo que já era mais de meia-noite quando ela finalmente aterrissou, e não havia nenhum funcionário a quem apelar.

Um perguntou à queima-roupa por que Cody estava indo para lá e, esperando que fosse possível persuadi-lo a mudar de ideia, ela lhe disse:

— É uma entrevista de emprego.

— Pra quê? — perguntou ele — Ninguém tá contratando lá.

— Para a clínica.

— Que merda, moça. Tem lugar melhor pra você ir e coisa melhor pra fazer na vida do que se enfiar naquele mafuá, pode acreditar.

— Com certeza. — Um amigo se intrometeu, seu sotaque tão forte que Cody mal havia entendido as palavras.

— Moça decente não se mete nesses lugares — continuou o motorista, as mãos balançando no ar num padrão fascinante enquanto falava, tomava um gole de café e dava um trago no Marlboro, sem perder o ritmo. — Caramba, ser humano nenhum devia se enfiar lá. A menos que... — A desconfiança surgiu, e ele apertou os olhos para encará-la. — Talvez você seja um deles.

O jeito como ele insinuou, com uma casualidade deliberada demais, tentando mascarar o repentino e indisfarçável zumbido de medo e hostilidade, chamou atenção de Cody, e ela inclinou a cabeça para enxergá-lo melhor.

— Deles quem? — perguntou ela, realmente confusa.

— Deles — respondeu, como se fosse a referência mais óbvia do mundo. — Curingas, ases, aquele pessoal todo fodido.

— Eu sou médica.

— Os polícias têm um nome para a delegacia lá. Forte das Aberrações. Porra, perfeito, né? Você já não está cercada de bastante gente doente sob seus cuidados? Por que vai se importar em ir até lá? Desculpa falar, moça, mas você não parece nada com a madre Teresa, sabia disso?

— Com certeza. — O amigo se meteu de novo.

— Olha... — Ela suspirou, a fadiga da viagem combinada com a apreensão deu firmeza à voz, um tom que deixou o taxista levemente tenso e fez com que desse meio passo para trás por reflexo. — Tudo que quero é um jeito de chegar à cidade. Se nenhum de vocês vai me levar, podem ao menos me falar como posso fazer isso?

— Claro — disse o outro taxista, atacando com um pouco de humor. — Pode ir andando.

Ninguém riu, e quando Cody voltou-se para ele, com um olhar que havia aprendido nas 48 horas de aterrissagem no Vietnã e aperfeiçoado durante vinte anos como cirurgiã, ele logo desejou ter resistido àquele impulso.

— Olha, a vida é uma merda. A única opção é tomar o ônibus Q33 que passa na Roosevelt Avenue/Jackson Heights, depois pegar o F pra parar no Bairro dos Curingas.

— Que F? — perguntou ela.

— Se F... — murmurou o piadista, mas ela o ignorou.

— Metrô — disse o primeiro. — Linha da Sixth Avenue, essa é a letra da linha que leva até o centro.

— Obrigada — agradeceu ela, erguendo a mala e a pasta a tiracolo e seguindo na direção que ele havia apontado pela calçada até chegar ao ponto de ônibus.

— Melhor tomar cuidado, doutora — gritou o sujeito atrás dela —, tem uns animais lá, você não tem ideia.

E você por acaso tem?, pensou ela.

— Quando virem uma coisinha linda assim, aqueles filhos da puta bizarros provavelmente vão comer você viva! — continuou o homem.

E o amigo, como se esperasse a deixa, soltou indiferente:

— Com certeza!

Cody não retrucou. Pelo que sabia, talvez ele tivesse razão.

Na estação, ela entrou aos tropeços no penúltimo vagão e se surpreendeu por estar cheio. *Toda essa gente veio de onde?* O motorista do ônibus tinha dito que aquela estação era uma das principais da linha e não haveria mais de meia dúzia de passageiros esperando. Ela deu de ombros. *Não é minha cidade, talvez este seja o único trem que passe a esta hora da noite.* A questão era que, quando ele passou ressoando pela estação, os outros vagões não pareciam tão cheios.

Não havia nenhum banco para se sentar — havia espaço para se movimentar, mas não muito. A mistura de passageiros era quase impensável, o povo da noite daquela cidade que amava se vangloriar ao mundo por nunca dormir, todos bem presos em seus mundinhos particulares desgraçados, sem dar a mínima para o que acontecia lá fora e rezando com toda a força para ficarem em paz. Ninguém olhava para ela. Ninguém sabia que ela existia nem se importava. Ótimo. Naquele momento, o anonimato era seu amigo mais valioso.

Ela se virou um pouco de lado para ficar mais confortável e teve um vislumbre de si mesma no vidro da porta, empretecido pelo túnel escuro que urrava lá fora. Alta, alta demais para uma mulher, sua altura e a força de sua silhueta magra depunham contra as roupas que estava usando — a única coisa em seu guarda-roupa que se qualificava como um terninho poderoso. A primeira vez que vestia algo assim em anos. *Meu Deus*, pensou ela, repassando o tempo, *foi quando Ben morreu. Fazia tanto tempo assim?* No interior, ela adquirira o costume de usar uniformes e camisetas, sempre do mesmo jeito; de se vestir com mais conforto e menos na moda. Talvez pelo seguinte motivo: o que o suor não arruinava, o sangue estragava — e uma das coisas que ela amava em Wyoming era a natureza casual das pessoas. Eles a aceitavam como ela era — *ao menos, no que dizia respeito à minha aparência*, pensou, com repentina amargura. E ali estava ela, trocando aquilo por um mundo onde a aparência era no mínimo tão importante quanto o conteúdo. *Que merda*, ela deu de ombros, um sorrisinho se abrindo no canto da boca pelo jeito que adotou rapidamente a cadência do taxista, *talvez uma mudança me faça bem. Exceto, talvez, por esses malditos saltos.*

Tempo demais andando de botas e tênis; levaria algum tempo para se acostumar a usar sapatos. Ela descalçou um dos pés para esfregar a canela da outra perna.

Automaticamente, continuou a se examinar, esperando que a breve visita ao toalete do aeroporto tivesse reparado a maior parte do dano causado pelo voo aparentemente infinito. Seus cabelos eram pretos, exceto por um tanto de fios prateados espalhados sobre o olho direito, incontrolláveis apesar dos melhores esforços de um spray modelador e de um pente. Os anos haviam apagado as marcas mais feias de suas cicatrizes, mas para Cody elas ainda se sobressaíam em forte contraste com sua pele bronzeada — uma corria do alto da bochecha direita até o tapa-olho, partindo-se em três que continuavam até a linha dos cabelos. A rajada devia ter arrancado sua cabeça, mas ela se encolheu uma fração de segundo antes da colisão, sem saber por quê. O tiroteio foi um caos total, balas e fragmentos rasgando a noite em pedaços, vindo de todas as direções, coisas tão malucas que não dava para saber como se esquivar. Então, em vez da vida, ela perdera apenas um olho. *Sortuda*, disseram depois em Da Nang e, mais tarde, no grande Hospital do Pacífico, em Pearl. *Porra, incrivelmente sortuda*. Ela não pensava assim na época, e não estava convencida agora.

Aquele lado da cabeça latejava demais — sempre acontecia quando estava estressada, não importava qual fosse o motivo; provavelmente era psicossomático. Massagear não adiantava, mas era melhor do que nada. Ela fechou os dedos e pressionou a parte inferior da mão suavemente contra o tapa-olho e a órbita ocular vazia. Cody nunca foi bonita, e o ferimento eliminava todas as chances de algum dia ser.

Os freios foram acionados com força demais em Queens Plaza — houve um grito de dor quando o corpo de alguém foi arremessado, um xingamento quando outro alguém foi pisoteado —, ela ouviu uma porção de desculpas e viu muito mais caretas lamentáveis. Não era surpresa para essas pessoas, o sofrimento fazia parte da viagem. Em seguida, as portas se abriram e Cody se esforçou para sair do caminho e deixar os passageiros desembarcarem.

Do canto do olho, percebeu as pessoas esperando pelo último carro de repente correrem na direção da frente do trem. Alguns que haviam entrado no vagão rapidamente saíram, os rostos retorcidos com a vergonha e o nojo. Quando a onda de passageiros se virou e aqueles que esperavam na plataforma avançaram a bordo, Cody se contorceu, serpenteou, finalmente abrindo caminho às cotoveladas de volta à porta de ligação dos vagões. Para sua surpresa, o vagão estava vazio — exceto por uma massa cinzenta e disforme caída nos assentos na

metade do caminho do lado direito. A princípio ela pensou que fosse um vagabundo.

Quando o trem deixou a estação, ele deu algumas sacudidas, escorregando e balançando de um lado para o outro, e um tentáculo saiu por baixo dos trapos.

Sem pensar, Cody abriu a porta com tudo e atravessou a passagem mínima até o último vagão. O cheiro era como uma parede, bloqueando seu caminho. Ela se lembrou da Base de Artilharia Shiloh, naquela última manhã, quando esperava pelos helicópteros de evacuação, o ar cheio de sangue e podridão, fumaça encharcada de gasolina e carne queimada. Ela pegara uma escopeta de 12 milímetros e um dos feridos que caminhavam e procurara o complexo, garantindo ao máximo que não deixassem para trás ninguém que estivesse respirando. Estava indo bem, até que eles chegaram ao quartel-general da divisão. Havia passado um mês num necrotério, mas apenas quando entrou na cantina e sentiu o cheiro de comida fresca que finalmente entendeu quanto aquilo tudo tinha sido absolutamente horrendo. Dois passos porta adentro, deu uma boa respirada e caiu de joelhos, vomitando sangue.

Ali era pior.

O curinga soltava um chiado gorgolejante a cada respiração, e quando ele se virou, dormindo, Cody viu que estava nu e era homem. As pernas pareciam tocos, terminando numa pele terrivelmente retorcida e cheia de cicatrizes. Ela percebeu que na verdade eram nadadeiras surradas por anos de caminhada pelo concreto e pelo asfalto. A pele era manchada de cinza e preto-azulado, brilhando por conta de secreções oleosas, com dois conjuntos de tentáculos presos aos ombros. O principal era grosso como um braço humano, mas maior e mais largo na ponta, como uma pata achatada, cuja superfície interna era cheia de ventosas cefalópodes. Em cada axila havia um conjunto secundário de membros, meia dúzia de cada lado, menores e muito mais finos do que o tentáculo principal, em constante movimento, retorcendo-se entre si, pegando tudo o que estivesse ao alcance, quase como se tivessem mentes próprias. A cabeça era pouco mais que um calombo saindo do alto do torso, mas os dentes irregulares que ela via quando a coisa roncava a convenceram de que aquilo era o mais próximo que ela queria se aproximar. Os olhos estavam fechados, e ela agradeceu por isso. Cruelmente, depois de deturpar todo o resto, o vírus de Tachyon havia poupado a genitália: o curinga tinha um pênis bem humano.

Sem perceber, Cody havia tirado os saltos, ficando inconscientemente o mais baixa e irrelevante possível, temendo sem saber por quê, embora sua parte

racional lhe dissesse que tudo que deveria sentir por aquela pobre criatura era pena. Além do barulho do trem, ela ouviu vozes rudes — passageiros no vagão à frente, olhando pela janela como ela fizera, tirando sarro, querendo ação.

Quando o trem entrou no túnel embaixo do East River, o curinga se mexeu. *Será que ele sente a presença da água? Aliás, o que ainda está fazendo em terra? A não ser que, meu Deus, tenham lhe dado um corpo feito para um ambiente aquático sem guelras que possibilitem sua sobrevivência lá!* Não era o caso de curinga mais cruel, ela sabia, mas ainda provocava uma silenciosa inquietação. *Caramba, mesmo se ele for um anfíbio... Se ele fosse um adulto quando o vírus se ativou, quem disse que ele conseguiria abandonar o mundo que conhecia, amigos, família, trabalho, tudo que lhe fosse familiar, que dá objetivo e significado à existência, por um mundo novo. Tão desconhecido e estranho quanto outro planeta, onde ele estaria completamente sozinho. Eu conseguiria ir se fosse ele?*

E seus pensamentos se voltaram ao Dr. Tachyon, o homem — e ela deu uma risadinha suave e amarga, porque Tachyon era menos humano do que ela, em qualquer sentido — responsável pelo carta selvagem. Cujo povo enviara à Terra o vírus que virou a humanidade do avesso. Perguntou-se se deveria odiar aquele nanico desgraçado pelo que havia feito. E, ainda assim, ele passara mais de quarenta anos tentando consertar as coisas, lutando pela saúde e pelo bem-estar do “povo” que seu vírus tinha criado. Provavelmente havia destinos piores do que trabalhar ao lado dele.

Ajudava, claro, o fato de que ela precisava do trabalho.

Os olhos da criatura tinham se aberto. Olhos pretos, olhos de tubarão, sem profundidade, sem emoção, placas lisas, vazias, brilhando como verniz, exceto por absorver tudo o que captavam. Olhavam para Cody. Ela se mexeu, pensando em se levantar e voltar de onde tinha vindo, para a segurança relativa do próximo vagão. Mas, quando se moveu, ele fez o mesmo. Não muito, apenas o suficiente para ela saber que ele sabia de sua intenção. *Merda.* Tinha uma pistola 45 que carregava desde o Vietnã, mas estava presa em seu coldre no fundo da mochila. Inútil. Suas omoplatas se contraíram, como se tivesse com coceira nas costas, e ela cruzou os punhos diante do peito, encolhendo-se. Um brilho vago atraiu seu olho para baixo, e ela ficou sem ar quando viu sua pele brilhar como a do curinga. Por um breve momento, carne e osso pareceram se fundir, girando e se curvando onde antes estava reto, tentáculo no lugar do braço. Quando olhou de novo para o curinga, ele estava mostrando os dentes.

— Pare com isso — chiou ela. — Me deixe em paz!

Algo se contorceu embaixo da blusa, uma sensação de coceira, de cócegas sob as axilas que a fez buscar freneticamente algo para usar como arma no vagão.

— Desgraçado — rosnou ela —, *me deixe em paz!*

Uma chacoalhada, uma sacudidela e uma freada anunciaram sua chegada à Lexington Avenue, a primeira parada em Manhattan, e os freios emperraram de novo, como fizeram em Queens, lançando Cody para a frente. Ela caiu de quatro, espalhando-se inteira. O curinga havia se esticado com um tentáculo e apontava os outros na direção dela. Cerrando os dentes, ela pegou o pé, ergueu o sapato — felizmente era de salto — e golpeou com o máximo de força possível o rosto da criatura. Foi como atingir uma borracha esponjosa, a carne simplesmente cedendo ao impacto. Mas o curinga uivou de surpresa, dor e fúria, afastando-se dela e juntando um dos conjuntos de tentáculos para proteger o rosto enquanto o outro se estendia de novo na direção de Cody, tentando agarrá-la enquanto ela se contorcia para trás, por reflexo, contra as portas que milagrosamente se abriram uma fração de segundo tarde demais. Ela escutou um grito de raiva e preocupação, percebeu mais do que de fato viu calças azuis entrando no vagão, depois ouviu um golpe alto quando um cassete atingiu o braço da criatura. Não houve berro dessa vez, mas ele a soltou. Um líquido preto e oleoso espalhou-se pelo assento embaixo da coisa, enchendo o vagão com um cheiro pior que qualquer coisa que Cody havia sentido. Ela sabia que uma respirada mataria ambos, ela e seu salvador. Mãos a ajudaram a se levantar. Ela registrou as feições de uma mulher e pensou, absurdamente: *Tão jovem, quase um bebê*. Usava um uniforme, uma policial, *graças a Deus*, e duas correntes no pescoço: uma com um crucifixo e outra com uma medalha de São Cristóvão pendurada a uma representação em miniatura de seu distintivo. Um alerta eletrônico anunciou o fechamento iminente das portas do metrô, e com o ombro a mulher empurrou Cody para fora do trem, estendendo as bolsas para ela.

— Você está bem? — perguntou a policial, continuando após uma pausa mínima: — Você parece bem abatida, vou passar um rádio pedindo ajuda. Espere aqui ou, se conseguir, vá lá para cima, até a bilheteria.

Ela bloqueou a porta com a perna para que não fechasse inteiramente.

— Quem é você? — indagou Cody, encolhendo-se.

— Sou a única policial no trem — disse a mulher, como se fosse natural. E voltou para dentro do vagão.

— Não! — gritou Cody, avançando para a porta mesmo quando o metrô voltou a se mover. — Não! — Ela saiu cambaleando pela plataforma, tentando se segurar, manter o passo, enquanto o trem aumentava a velocidade. Não teve força; acabou tropeçando e desabando no chão da plataforma. Seu grito final, quando as luzes traseiras do vagão desapareceram na escuridão, saiu quase como um soluço: — Não...

Um lance de degraus imundos levava para o andar de cima. Ela caiu antes de chegar à metade da escada, com costas contra o corrimão, os dentes batendo, o olho bom encarando a estação longa e vazia enquanto pensava que ali era a selva. Ela esperava um ataque vietcongue destroçar seu caminho a qualquer momento, estava com o clássico “olhar de mil metros”, que fez um dos paramédicos — outro veterinário — que tinha ouvido a chamada de rádio da policial reconhecê-la instantaneamente. Ele perguntou se Cody estava bem, e ela assentiu, sem ter escutado nem se importar com o que ele falava, ignorando em grande parte o que estava acontecendo ao seu redor. Estava com as mãos embaixo das axilas para garantir que a carne sob ela ainda era sua carne e não algum pesadelo mutante, enquanto balançava várias vezes para a frente e para trás, arfando, pensando em nada além daqueles terríveis olhos envernizados de boneca e o que eles quase haviam feito com ela. Percebeu que não se tratava de um curinga, mas de um ás. Um monstro. E, quem quer que fosse, ainda estava solto e à caça. A próxima mulher que ele encontrasse, porém, talvez não tivesse tanta sorte. Ela pensou na policial — e seu grito baixo, um lamento, aumentou até virar um grito de ódio feroz que preencheu a estação e fez cabeças virarem e as pessoas mais espertas se afastarem dela. *Loucura*, pensou ela, sem perceber a picada da agulha quando o médico injetou uma dose de sedativo em seu braço, *loucura!*

Eu me transformei em Dante, foi seu último pensamento quando o esquecimento a tomou...

... e meu mundo, meu lar, é Malebolge.



Ela sabia onde estava sem abrir o olho; hospitais tinham aquele cheiro típico, principalmente as salas de emergência. O problema foi que, quando ela abriu o olho, não acreditou no que viu. Dois homens estavam diante dela.

— Você está bem, senhora? — perguntou um à esquerda.

— A pergunta favorita de todo mundo — murmurou ela, graças à secura da garganta que mascarava a pura surpresa que sentia.

Ele era um centauro, um Palomino glorioso que parecia ter saído da sequência “Pastoral” do filme *Fantasia*, da Disney. A coloração dourada cobria sua pele humana, que dava a impressão de um bronzado magnífico, complementado pelos cabelos e cauda loiro-acinzentados. Havia uma exuberância infantil em seu rosto e em seu jeito, apenas levemente contrária à expressão preocupada e à camisa verde de cirurgião com jaleco branco. Costurado no bolso esquerdo, no peito, havia o selo da Clínica Blythe van Renssaeler, e seu crachá de identificação estava preso ali.

— Dr. Finn — leu ela.

— E quem é você? — perguntou ele.

— Cody Haveró.

— Sabe que dia é hoje?

— Isso não dependeria de quanto tempo fiquei inconsciente? Era quinta... Não. — Ela esfregou a testa dolorida. — Está errado, não está? O avião pousou depois da meia-noite, então acho que devia ser sexta-feira.

— Ainda é — disse Finn com alegria, fazendo uma anotação em sua prancheta. — Sem prejuízo evidente das faculdades cognitivas.

— Por quê? Deveria haver algum? — perguntou ela, com um indício de aspereza. — Se estou sofrendo de alguma coisa, é de choque, não de uma concussão.

— Agora, senhora... — começou ele a falar.

— Doutora — disse ela.

— Doutor, por favor — respondeu, pensando que ela havia se enganado ao se dirigir a ele.

— Não — corrigiu ela, paciente. — EU sou uma doutora.

— Olá, major — disse o outro homem no ponto cego dela, fazendo-a virar a cabeça para ver melhor.

À primeira vista, o curinga parecia normal. Era surpreendente que a maioria das pessoas nunca percebesse o problema dele de imediato, embora fosse evidente, assim como o nariz em seu rosto. Ele não tinha olhos. Não eram órbitas oculares sem olhos; não havia sequer órbitas, apenas uma curva lisa de osso do topo da cabeça até a cavidade nasal. Tinha, no entanto, uma compensação: um

nariz que orgulharia Jimmy Durante, com uma sensibilidade que colocaria um cão farejador no chinelo.

— Há quanto tempo, sargento. — cumprimentou Cody, que o reconheceu e se levantou enquanto ele se curvava para lhe dar um abraço desajeitado.

— Tempo demais, na verdade.

— Vocês dois se conhecem, Cheiro?

— Há uns vinte anos, doutor — respondeu o curinga sem olhos. — Esta é a única mulher patrulheira na história do Exército norte-americano.

— A senhora esteve no Vietnã? — perguntou Finn para ela. — Como parte da Brigada Curinga? — acrescentou ele, com desagrado.

— Precisa entender, doutor — explicou Cheiro ao jovem centauro —, que havia muita racionalização na época. Ninguém ligava a mínima para nós. A ideia era que, se fôssemos mortos, seria uma aberração a menos para manchar o acervo genético. O padrão, quando um curinga era evacuado até uma estação de auxílio, era não ficar mais de um dia antes que algum desgraçado de baixa patente num helicóptero de Saigon o coletasse. A desculpa de sempre era levá-lo para uma unidade médica especial para curingas. Na verdade, fazia sentido... Ao menos, a maioria engolia, pois nossos alojamentos ficavam em zona de quarentena. O problema era que essa “unidade” parecia ficar a uma hora de voo para além do Mar Chinês do Sul. Sem mais nem menos, apenas um mergulho de trezentos metros de altura e um telegrama enviado para a mamãe em casa. Menos Cody; ela não engolia essa história. O homem aparecia na porta da major, e ela o mandava se foder. O homem trazia alguns grandões de Saigon para ajudar...

Finn parecia confuso.

— Oficiais de alto escalão do quartel-general do Comando de Assistência Militar do Vietnã — explicou Cody.

— ... e não é que ela sempre arranjava um punhado de equipes de câmeras de televisão para fazer entrevistas? Garantia que tirassem fotos do Homem, para registrar as baixas que ocorriam. Ela não deixava nenhuma gracinha barata. O Homem recuava, igual a um ratinho. A partir dali, se você fosse curinga e fosse atacado, movia céus e terras para chegar à soleira da porta de Cody. Era como se ela fosse mágica... Ninguém morria na mesa dela.

— Acho, Cheiro, que esse pensamento foi por água abaixo. — *Junto com muitas outras coisas*, acrescentou ela mentalmente. — Não quero parecer ingrata, mas por que estou aqui? Talvez eu esteja confusa com a geografia de Nova York,

mas, pelo que me lembro do mapa do metrô, Blythe não fica pertinho da estação onde eu estava. Não havia hospitais mais próximos?

Finn esclareceu:

— A polícia tinha certeza de que era algum tipo de atividade carta selvagem na estação da Lex/Third Avenue. E acredito que suas reações tenham meio que assustado os paramédicos. Eles imaginaram que tinham uma manifestação em mãos. O procedimento nesses casos é que tudo venha para Blythe.

— Você estava vindo para cá de qualquer jeito, certo? — intrometeu-se Cheiro.

— Sorte minha — concordou Cody, mas com amargor nas palavras.

Cheiro decidiu ignorar.

— É isso aí, major. Se havia um movimento certo a fazer, você o fez. Na minha cartilha, isso é sorte.

— O trem, Finn.

Ele olhou para ela, intrigado.

— Tinha uma policial no metrô — explicou ela —, uma mulher que me ajudou...

— Não ouvi nenhum relato sobre isso, mas não haveria por quê. Posso verificar.

— Por favor, verifique. Tinha uma... criatura no trem. Parecia um curinga, mas... — Ela fez uma pausa, estremeando com a lembrança. — Não sei, fico pensando que havia uma sensação de algo... — A voz dela sumiu e, por um momento, sentiu-se perdida, tentando separar imagens e lembranças que se recusavam a parar, consciente apenas de uma necessidade de fugir que beirava o pânico. — Posso sair daqui, por favor? E, se possível, tem algum lugar onde eu possa me arrumar antes de encontrar o Dr. Tachyon?

— Os residentes têm uma salinha lá em cima — informou Cheiro, sem dar a Finn a chance de responder —, onde tiram um cochilo durante turnos longos... Eu levo você até lá.

— Aqui é mesmo um problema atrás do outro, Cheiro — comentou ela, enquanto subiam dois andares de elevador.

— Não é o paraíso... Cuidado! — Ele a alertou de repente, mas Cody já estava pulando um corpo que parecia feito de espaguete molenga, espalhando-se para fora da cadeira e parcialmente pelo corredor. — Boa esquivada.

— Esse jeito pelo menos eu não perdi.

— Se você fosse homem, faria fama e fortuna no futebol americano.

Não havia ar-condicionado — o sistema tinha sido derrubado pelo calor de matar do verão, Cheiro lhe contou, e simplesmente não havia dinheiro no orçamento para reparos. Por isso a atmosfera era pútrida. O dia lá fora estava apenas dando sinais da aurora iminente, que os céus os ajudassem assim que o sol estivesse realmente de pé. Nova York, ela sabia, não recebia o verão com alegria, e aquele agosto parecia estar pior do que a maioria.

— Cheiro, tem algo estranho aqui.

— Tem um monte de merda estranha aqui, Cody. E tudo está começando a piorar.

— Shiloh.

— Isso aí, você esteve lá. É... — Ele suspirou. — Shiloh. Ou pior. Isto aqui é um muquifo. Está uma bagunça, mas é desse jeito que vocês, médicos, parecem gostar, eu acho...

— Quando eu era nova e sem grana e trabalhava 96 horas direto.

— De partir o coração. Bem, se tiver fome depois, conheço um restaurante legal, a alguns quarteirões a pé. Eles servem café da manhã da melhor qualidade.

— Eu aviso você.

— Se cuida, major.

— Obrigada, sargento. Devo uma a você.



O gabinete de Tachyon surpreendentemente não tinha nada de especial. Uma sala padrão, burocrática, com vista para o rio e para a zona portuária do Brooklyn, uma parede com estantes repletas de livros médicos e uma mesa embaixo dela com dois terminais de computador e cheia de discos. A mesa de Tachyon ficava num ângulo em que ele conseguia ver o rio sem precisar virar as costas para os visitantes. Era antiga; Cody não era capaz de identificar o período ou o estilo, apenas sabia que era tão magnífica quanto o aparador encaixado no canto atrás dela. A janela estava escancarada, coberta com uma tela, com torres de documentos empilhados casualmente no caixilho. O céu estava escuro, e um sopro

de vento agitava os papéis — sinais de uma tempestade, das boas —, e ela reagiu por instinto, indo para trás da mesa para pôr o material no chão e fechar parcialmente a janela. Cortar a circulação de ar obviamente deixou a sala muito mais quente, mas pelo menos tudo ali não terminaria encharcado. Ela esperava que a chuva significasse o fim da onda de calor, embora duvidasse disso. A seca castigou grande parte do país naquele verão, dias de temperaturas acima de 38 graus por todos os lados — havia um boato que corria pelo Meio-Oeste de uma volta das famosas tempestades de poeira da época da Depressão —, e ela soube em primeira mão o que o clima havia feito com suas amadas montanhas. Houve outra reportagem num telejornal matutino sobre os incêndios em Yellowstone, a lembrança enchendo suas narinas com o cheiro urticante de fumaça de pinheiro.

— Espero, Dra. Haveró, que essa entrevista seja tão adequada à senhora quanto meu escritório claramente é.

Ela teve um sobressalto, pega de surpresa, percebendo que havia afundado na poltrona atrás da mesa — automaticamente se sentindo em casa —, e irritou-se com o fato de a porta estar à direita, em seu ponto cego. Começou a gaguejar uma desculpa, vetou o pensamento, depois, em vez disso, tentou deixar a gafe de lado dando de ombros e abrindo um sorriso.

A voz tinha a elegância natural de um clássico vampiro da nobreza — o que a fez esboçar um sorriso —, e o homem em si era tudo que aquele gabinete não era: um modelo único, exclusivo. Ela se viu olhando-o de cima a baixo enquanto eles passavam um pelo outro, trocando de posição. Era um palmo mais baixo. A mão esquerda de Cody se esticou para um cumprimento, e foi então que sua mente concretizou o que inconscientemente já havia registrado: o braço direito de Tachyon terminava no pulso.

Ele reagiu com um suave aperto de mão com a esquerda, o mais leve dos sorrisos reconhecendo e apreciando sua cortesia.

— Um encontro pelo qual eu já estava ansioso, na verdade, há algum tempo. Cheiro... Não sei se a senhora está ciente, mas ele é o diretor de nosso Programa de Sensibilização dos Veteranos do Vietnã... E vem tecendo elogios à senhora há muitos anos.

Ele apontou a poltrona para ela. Cody já tinha visto fotos dele, claro, mas nos jornais — e em especial na televisão — era fácil atribuir suas fantasias excêntricas ao que realmente eram, fantasias. O homem fazia parecer banal um personagem de alguma peça televisiva brega.

— Mas suspeito — continuou ele — de que a ansiedade não é mútua.

— É assim tão óbvio? — perguntou ela como resposta, pensando deliberadamente alto em seguida: *ou você leu minha mente para descobrir?*

Ao vivo, a aparência dele não era menos escandalosa, mas era muito menos impressionante. A definição de um aristocrata do século XVIII. Calças roxas enfiadas em botas de bucaneiro de suede cinza, camisa verde com listras horizontais sob um colete laranja de fileira dupla de botões; o efeito realmente aumentava em virtude do contraste com o jaleco branco de hospital que substituíra o sobretudo vinho que estava pendurado num mancebo ao canto.

Ele apontou para os papéis em que ela havia mexido.

— Muito obrigado — disse-lhe ele, ignorando suas reações interna e externa. — É bem fácil ser soterrado pelo entulho aqui. Como você já deve ter percebido, estou longe de ser a mais organizada das almas. E boas secretárias, especialmente no Bairro dos Curingas, são bastante difíceis de encontrar.

Os traços de seu rosto não se encaixavam de nenhuma maneira em algo que pudesse ser considerado uma beleza clássica, mas ainda assim não dava para negar que a soma das partes era atraente. A mesma descrição que não raro era aplicável a Cody. *Embora o resultado final, no caso dele, seja um tanto mais delicado*, pensou ela. Seu braço pendia de uma tipoia, o toco envolto em ataduras novas, um ferimento recente. Não havia sinal disso na carta que ele lhe enviara a convidando a ir até Nova York. *Imagine o que eu perdi combatendo incêndios no interior?* Também ajudava a explicar a fragilidade em suas maneiras; ela via esse comportamento com muita frequência em alas de emergência. E se lembrou de suas próprias reações quando saiu da anestesia e descobriu que o olho direito não estava mais lá.

— É isso que o senhor quer de mim?

— Dificilmente seria, dado o seu currículo. — Ele olhou para ela, confuso. — A senhora é sempre tão direta?

— Sou — disse ela, objetivamente.

Uma sombra repentina passou pelos olhos dele, e Cody soube de alguma forma que ela havia ultrapassado suas barreiras, tocado uma lembrança tão dolorosa quanto a que ela tinha. Seu rosto corou, com raiva e ressentimento, e ela fez questão de não mascarar sua alegria por esse ponto marcado, pequeno, trivial. *Que porra você pensa que é, babaca?*, rosnou para si mesma, esperando que ele estivesse ouvindo. *Que merda de direito você ou qualquer um tem de fuçar no*

cérebro dos outros, cacete? Será que não existe mais privacidade?

— Verdade — disse ele, como se nada inadequado tivesse acontecido, e Cody se viu admirando aquela maldita pose alienígena tanto quanto ficou furiosa com ela. — Com a pressão dos últimos acontecimentos, eu havia me esquecido completamente da minha carta. Nem esperava uma resposta.

— O desespero tem sua maneira de superar até o mais primordial dos terrores.

— Que astuto. Eu soube apenas do que vi naquela entrevista para a televisão. O que exatamente aconteceu?

Ela deu de ombros.

— Eu falei mais do que devia e tomei o pé na bunda que não queria.

— Desconfortável.

— O senhor deveria conhecer meu filho, ele tem exatamente a mesma opinião.

— Eu gostaria de conhecê-lo. Tenho um neto.

— Parabéns.

— Obrigado. Uma verdadeira bênção, na verdade. — Do jeito que falava, e levando em conta a palidez que subitamente o tomou, imaginou se aquilo era tão verdadeiro quanto ele obviamente queria que fosse.

— Fico feliz pelo senhor.

— E eu ainda estou curioso.

— Bem — ela suspirou —, depois do nascimento de Chris, deixei a vida na cidade e parti para o interior. Herdei um rancho dos meus pais, não muito extensa, nem grande o suficiente para se autossustentar, mas um paraíso para se viver... Então fiquei lá e comecei a trabalhar. Médica de cidade pequena, fazendo cirurgias de emergência. Imaginei que seria assim para sempre. Até os incêndios.

“O fogo continua. Na última primavera, quase ninguém sabia o que estávamos fazendo. O serviço florestal seguiu o protocolo e deixou os raios caírem e provocarem incêndios, sem fazer nada. Mas o tempo ficou cruel, sem chuva, o sol incinerando as florestas, ventos aumentando as chamas até tudo virar um fogaréu. Um alarme tocou para cada maldito uniforme de bombeiro do país. Os índios lidavam com a maior parte do trabalho, os melhores estavam com a mão na massa.

“Você se pergunta, doutor, se seu vírus afeta a substância inanimada da

própria terra? Alguns desses índios fazem isso. Se gosta de sua pele, fique bem longe de apaches e cheyennes. Eles enxergam o mundo como um ser vivo, tanto quanto a própria humanidade. Veem o que o carta selvagem faz com as pessoas e imaginam que seja possível deturpar e até mesmo matar o planeta da mesma forma.”

— Isso é uma afronta — disse ele, realmente chocado.

Cody nem percebeu. Estava no centro de um prado de uma montanha larga com uma equipe combalida; a maioria das pessoas tão cansada que mal conseguia ficar de pé, muito menos correr por sua vida, e encaravam horrorizados a muralha de chamas a duzentos metros de distância, onde cinco minutos antes houvera um bosque de árvores magníficas.

— Talvez. É certo que os incêndios pareciam vivos para nós. Furtivos e inteligentes, e cruéis como armadilhas de ursos. O serviço florestal levou algumas equipes de curingas para cuidar do trabalho braçal de limpeza nas áreas de baixa intensidade. Deviam ter ido bem. Provavelmente, em outro incêndio, em outro verão, teriam. Tenho certeza de que o senhor imagina o resto da história.

— Foi muito ruim?

Ela fitou os olhos de Tachyon.

— Um contrafogo pegou uma equipe curinga, deixando-os muitíssimo feridos. Eu estava no comando da estação de auxílio em Yellowstone. Sete chegaram ainda vivos. Todos em estado crítico, muito queimados, mas tinham chance de sobreviver. Enfiámos todos eles num helicóptero e mandamos para o nosso hospital principal. Mas eles foram rejeitados. Disseram que não tinham leitos. Mentira, claro, pois havíamos transferido seus pacientes exatamente para que *houvesse* lugar para nossas baixas. Só que o hospital foi inflexível, não deu entrada. Havia três outros hospitais na nossa lista, e de todos recebemos a mesma resposta. O piloto teve que trazê-los de volta. Eu estava dirigindo uma estação de auxílio, cuja missão era botar os feridos num helicóptero e levá-los até uma unidade médica completa o mais rápido possível. Eu não tinha equipe médica, não tinha equipamentos para lidar com nada mais. Levou dois dias até eles morrerem. No fim, os remédios já não faziam efeito com um deles, gritava como um bebê... Aquele berro agudo, que dava para escutar mesmo com o rugido do incêndio. Cheguei a me flagrar procurando um machado ou uma pá, me amaldiçoando por não ter uma arma nas mãos. Queria esmagar a cabeça daquela pobre criatura apenas para ele calar a boca. Eu perdi a razão, totalmente, acho que na época fiquei mais do que um pouco maluca. Encontrei uma equipe de

televisão, dei uma entrevista ao vivo para o jornal da manhã.

— Eu vi isso. A senhora falou com bastante emoção.

— Aquilo me fez muito bem. Os hospitais se protegeram perfeitamente. Retrucaram com uma indignação hipócrita. Quando eles ficaram em maus lençóis, fizeram insinuações plausíveis de que foi minha culpa. Considerando a situação, não era o melhor momento para defender os direitos dos curingas. Eu cresci lá. — Uma suavidade se esgueirou em sua voz, um eco sombrio do que ela notara antes no tom de Tachyon, como se ambos não conseguissem acreditar no que havia acontecido com eles. — Fiz daquele lugar meu lar, foi onde criei meu filho... E cinco minutos na televisão fizeram tudo acabar em cinzas, como o incêndio de North Folk fez com a cordilheira Gallatin. O serviço florestal — Cody fez uma careta — me despachou no helicóptero seguinte. Fui para casa e descobri que meus privilégios de clinicar nos hospitais locais tinham sido revogados. Em uma semana, comecei a perder pacientes. Em um mês... comecei a mandar currículos, depois soube que eu estava sendo difamada. Eu era a encenqueira, ninguém queria nada comigo.

— Ninguém defendeu a senhora?

— O senhor não sabe como as pessoas têm medo...

... *do seu vírus maldito*, ela concluiu mentalmente. Um tremor nos olhos do alienígena, um sorriso pequeno, triste, um lampejo de dor desesperadamente mascarado que revelou a Cody que ele sabia muito mais do que ousava transparecer.

— Então — disse ele por fim, com suavidade —, a senhora chegou aqui...

Ela completou sem dizer: *porque não restou escolha*.

— Sou médica, aqui é um hospital. E eu preciso de trabalho.

— Eu já tenho médicos aqui, Cody, não preciso de um. Preciso de um braço direito.

Ele fez um gesto pequeno com o braço amputado, e não se incomodou em esconder o brilho de dor nos olhos. Havia uma hesitação agora em sua voz e em seu jeito que parecia a Cody apenas vergonha.

— Nós, takisianos, somos uma espécie muito orgulhosa. Promovemos um ideal, em pensamento, ação e existência. A deformidade é eliminada. Mas agora, como a senhora vê, sou um deformado. Tão indigno fisicamente para manter o nome e o título quanto provei a mim mesmo de forma tão eloquente em ação.

Talvez seja esse meu castigo derradeiro por trazer o carta selvagem à Terra. — Ela não respondeu nada, e ele continuou: — Preciso de alguém em quem possa confiar para me ajudar a dirigir esta clínica.

— Por que eu? — indagou ela.

— Principalmente...

Ele fez uma pausa, e ela se perguntou quais pensamentos Tachyon estava coletando, os próprios ou os dela. Isto era o que tornava aquilo tudo injuriante: não saber se ele estava dentro da cabeça dela ou não. E então Cody pensou que poderia ser tão ruim para ele ver a mente dela quanto era para si própria lidar com todas as dúvidas, pensamentos e pontos detestáveis de sua psique; mas quão pior seria para ele? E ela precisava se preocupar apenas consigo mesma; ele tinha acesso à vida secreta de *todo mundo*. Talvez fosse um pouco demais, mesmo para o mais experiente dos *voyeurs*. Em seguida, ela voltou a se concentrar e prestar atenção ao que Tachyon estava dizendo.

— Foi o Cheiro que me falou sobre a senhora — explicou ele. — Sou um homem orgulhoso, Cody, mas nem mesmo eu consigo continuar negando minha necessidade de ajuda. Ou a deles.

Ela suspirou, buscando refúgio na vista da janela. O céu estava mais preto do que azul; a tempestade estava prestes a cair.

— Não sei — disse ela, por fim.

— Então por que veio?

— Eu pensei... — *Em quê?*, ela se perguntou.

Uma rajada incompreensível de vento encheu a sala, carregando um cheiro de sal marítimo vindo do rio, e, antes que tomasse ciência, ela se moveu, ficou de pé, deu dois passos na direção da porta, a mão agarrando instintivamente a pistola enfiada no fundo da bolsa.

Ela não conseguia se mexer. Estava imóvel feito uma estátua, enquanto Tachyon saiu de trás da mesa, os olhos violeta expressando um misto de choque e preocupação ao tomar gentilmente a arma e a bolsa de Cody. Eles seguiram até a mesa. Ainda paralisada, ela pôde vê-lo servir uma dose de conhaque num copo de cristal lapidado. Em seguida, Tachyon liberou a trava mental.

Ela não caiu, embora quisesse muito, mas também não o atingiu. Tomou um gole cuidadoso, o conhaque queimando deliciosamente.

— Aquele encontro pela manhã deve ter deixado uma bela impressão — disse

ele baixinho.

— É o que parece — concordou ela, tentando fazer suas mãos pararem de tremer. — Dei a descrição mais completa que pude ao Dr. Finn.

— Eu vi. O curinga que você encontrou não está em nossos arquivos, mas isso não chega a ser surpreendente.

Não é um curinga, você não entende?, gritou ela por dentro. Em vez de falar isso, limitou-se a dizer, enquanto abaixava o copo:

— Foi um erro, doutor, acho que nós dois sabemos disso. Eu não devia ter vindo. Desculpe.

— Na verdade, acho que você tem razão. São ases leprosos tanto quanto curingas, embora muitos pensem que eles sejam imunes devido aos seus poderes. Cada vez mais parece que todos estão se voltando contra eles. As pessoas que você conhece de repente se tornam completamente estranhas, pessoas em quem confiava se revelam traidoras... Ou, pior, acreditam que você as traiu. O trabalho que fazemos aqui é tanto psicológico quanto físico; não podemos nos dar ao luxo dessa ambivalência... e dessa hostilidade latente... Nenhum membro de nossa equipe regular, muito menos meu *alter ego*.

— Sei que o senhor vai encontrar alguém... — começou ela a falar, mas deixou as palavras silenciarem na garganta, porque ambos sabiam que seriam mentiras.

Cody estava quase fora do saguão principal da clínica — dolorosamente consciente de que, exceto o membro de equipe ocasional, ela era a única pessoa ali com uma aparência próxima a “normal”, e ouviu alguns insultos sussurrados ou provocações não tão sussurradas — quando Cheiro a alcançou.

— Que pena ver você *di di mau*, major. Achei que fosse ficar — disse ele.

— Às vezes a gente vence, às vezes a gente perde, Cheiro. Deveríamos estar acostumados com isso.

— Neste verão... depois da porra da convenção... parece que só estamos perdendo. Então, provavelmente é o melhor a fazer mesmo, dar o fora enquanto é possível.

— É.

— Olha, nem sei por que estou aqui. O curinga que você encontrou... Não afirmo, porque não consigo ver para *ter* certeza, mas acho que eles acabaram de trazer ele, MNC.

- Para onde?
- Necrotério.
- Pode me levar até lá?



Nenhum atendente na recepção, apenas um patologista de plantão, um limpo, mais propenso a liberar toda sua raiva sobre a administração médica municipal por mandá-lo para aquele *gulag*. Ele sabia sobre Cody, pensava que aquilo os tornava almas afins; os dois se voltaram contra o sistema e se ferraram muito. Ela o tomou por um babaca, mas não queria deixar aquilo transparecer com ele disposto a ajudar.

O cadáver estava na mesa de exames, e Cody ficou surpresa em descobrir que era tão perturbador morto quanto vivo.

— Nojento pra caralho — concordou o patologista.

Ela não falou nada a princípio, enquanto fazia o exame, comparando mentalmente o corpo diante dela àquele marcado em sua mente.

— Sempre vê coisas parecidas? — perguntou ela, por fim.

— Está brincando? Nossa, espero que não. Além do mais, pensei que cada manifestação do vírus fosse única.

— Essa é a teoria — concordou ela. — Alguma chance de identificação?

— Perdoe meu vocabulário, mas nem com reza braba. Tirando o fato de que é fêmea.

— Fêmea? — perguntou ela sem rodeios.

— É. — Ele deu de ombros. — Dê uma olhada. Não tem peitos, mas tem o que parece ser uma genitália feminina. Acho que durante a autópsia posso ver se o encanamento interno confere.

— Faça isso — pediu ela, com uma voz automática e espontânea de comando, a que ele respondeu anotando a ordem em seu caderno, supondo que era uma superior. — Algo sobre a identidade?

— Sem mãos, o que significa sem impressões digitais; sem chance de conseguirmos retinograma com aqueles olhos. E registros dentários...? — Ele apontou as presas serrilhadas que preenchiam a boca parcialmente aberta. — É

uma metamorfose física completa, mas claro que, sendo uma curinga, nada funciona como deve ser. É uma criatura configurada aquaticamente que não consegue viver na água. Tem nadadeiras, mas não tem guelras.

Cody olhou para aquelas nadadeiras enormes, quase paquidérmicas, que eram os “pés” da criatura.

— O que você me diz sobre isso? — perguntou ela.

— O que quer saber — ele abafou um bocejo —, além do que eu já disse?

— Alguma deterioração?

— Pode ver por si mesma. Algum tipo de merda que dá no pé andando descalça por aí. Especialmente nessa cidade.

— Então não estava fazendo isso há muito tempo?

— Tenho minhas dúvidas. Depois de um tempo considerável, desenvolveriam calos grossos, ásperos, tecido cicatrizado das batidas e do desgaste constante. Provavelmente compressão dos ossos da perna, como se pode ver. Esses não são pés no sentido que conhecemos, não são feitos para caminhar. Ora, se me perguntar, doutora, essa coisinha acabou de se transformar. E com certeza alguém não ficou feliz em encontrá-la. — Ele puxou o lençol que cobria o torso da curinga, revelando duas feridas horríveis. — Dá pra ver as mandíbulas? — perguntou ele. Cody assentiu, e então o patologista continuou: — Quando eu estava na escola de medicina, recebemos um filho da puta, coitado, que dançou com um tubarão-tigre. Mesmo tipo de estrutura de mordida. Engraçado.

Ele se afastou da mesa, deu uma longa olhada no cadáver, e Cody reavaliou sua opinião sobre o homem: apesar do comportamento inadequado, parecia ser bom no que fazia.

— Se eu não conhecesse as coisas, poderia dizer que a curinga fez isso consigo própria... Raio de mordida semelhante, na verdade um pouco maior, o mesmo tipo de estrutura dentária. Mas não tem como aquela boca alcançar o ponto onde o ferimento foi feito.

— Gêmeos, talvez?

— Está falando sério? Pelo amor de Deus, espero que não.

Ela olhou para o ombro da criatura. A mordida ali havia lascado o osso e arrancado a rede de vasos que levavam o sangue para fora do coração.

— Causa da morte?

— Parada cardíaca em razão da perda de sangue, resultado direto de trauma

físico extremamente violento.

— Quem a encontrou?

— Equipe de trabalho, acho. Polícia. Soube que se mijaram de susto. Merda. Não entendo como conseguem alguém *disposto* a trabalhar naqueles buracos.

— Onde? — perguntou Cody quando ele parou para respirar. — Me leve até lá.

Ele olhou para suas anotações.

— Não temos o prontuário todo ainda, provavelmente está na delegacia ou a caminho. Eu só sei disso porque a equipe de emergência estava reclamando de ter que vir até aqui enquanto a outra ambulância precisou transportar os vivos até Bellevue. Acho que ao menos fica em Manhattan. O que você achou aí, doutora, alguma coisa?

— Não sei. Passe a pinça.

— Aqui está. Parece brilhante. Um pedaço de corrente, talvez, cravado no ferimento. Caramba — exclamou ele, quando Cody puxou a medalha presa à corrente.

Quase não restava nada do distintivo em miniatura, mas a imagem de São Cristóvão estava intacta. Pena que não houvesse protegido quem a usava.

— Doutora, você está bem? Está bem pálida, quer um pouco de água?

Ela acenou para ele se afastar, uma das mãos fechada em punho, apoiando seu peso na mesa, enquanto a outra segurava a pinça. *Coitada, pensou ela, concluiu a transformação que mal começou em mim. Não é apenas um ás, o filho da puta é um predador.*

— Tire uma amostra do sangue. Quero um teste de presença do carta selvagem.

— Por que perder tempo? Abra os olhos e dê uma espiada. É uma curinga, muito óbvio.

— Faça a gentileza. — Ela lhe deu um olhar para reforçar a ordem, e ele entendeu o recado. — O mais rápido que puder, por favor, e mande os resultados para Tachyon.



Ela se sentou à mesa de Tachyon, tentando colocar os pensamentos no papel, em grande parte encarando o bloco em branco à sua frente, girando a caneta-tinteiro que havia encontrado. Ponta fina, com uma linha clara e elegante — fazia o serviço, mas com um pequeno floreio especial se você quisesse. Como Tachyon. Esperava que ele fosse canhoto, ou possivelmente ambidestro. Seria um inferno treinar de novo para usar o lado menos exigido; a técnica de escrita nunca seria tão fluida, cada palavra seria um lembrete de — *Como ele havia comentado?* — ... de sua “deformidade”.

Ela pensou em sua própria perda e imaginou por que não a deixara aleijada. Por direito, era para ter acabado com sua carreira de cirurgiã — não havia percepção de profundidade com um olho apenas. E ainda assim ela nunca tivera problemas. Sempre parecia saber até onde ir, sempre estava uma fração de segundo à frente das pessoas ao seu redor, de alguma forma sentindo o que elas fariam, onde estariam. As pessoas sempre interpretavam como sorte — e ela também, em certa medida, nas raras ocasiões em que realmente pensava naquilo.

Cody fez cara de insolente e um ruído ainda mais insolente — se fosse sorte de verdade, ela deveria estar muito melhor do que estava — e começou a fazer anotações. De acordo com Brad Finn, Tachyon havia sido convocado à delegacia local, o “Forte das Aberrações”. Ela imaginou se tinha algo a ver com a policial, imaginou ainda que tipo de efeito suas novidades teriam. Um ás predador já era ruim, mas um que saísse por aí transformando limpos em curingas era o pior pesadelo de todo mundo; um retorno aos dias de pânico da última primavera, quando Croyd Tifoide perambulava pela cidade e Manhattan fora posta temporariamente sob lei marcial. Ela pensou em contar a Finn — ela gostava do centauro —, mas não o conhecia o suficiente para confiar nele. A lembrança do que acontecera em Wyoming ainda estava muito fresca; as pessoas que ela conhecia mentiram, aquelas em quem confiava viraram as costas. Estava determinada a nunca mais ser tão vulnerável. Cheiro, por quem pusera a mão no fogo a vida toda, já tinha ido para casa muito tempo antes.

Ela considerou ficar por ali até Tachyon voltar, mas sentiu que não podia ficar parada. A chuva estava caindo com força, pois os longos intervalos entre o brilho do raio e o trovão indicavam que o olho da tempestade ainda chegaria — embora o clima violento não fizesse nada para aliviar a atmosfera opressiva; pelo contrário. Perambulou pelo escritório, sem ideia de por que estava tão irritada, com uma desconfiança que não sentia desde o Vietnã. Fácil se confundir; chuva quente e ar vaporoso eram mais comuns no Delta do Mekong do que em

Manhattan. Era assim em Shiloh, no ocaso, quando todo mundo sabia que a Companhia Charley estava na selva além do alcance, esperando a noite cair antes de chegar para a visita.

Cody selou o relatório e a evidência num envelope pardo, deixou-o na mesa de Tachyon e resolveu desistir enquanto ainda estava no comando.

A ilusão durou até a entrada principal da clínica, onde ouviu uma genuína gargalhada ao perguntar sobre a possibilidade de conseguir um táxi. O guarda deixou que usasse seu telefone para tentar chamar um. A maioria dos números deu ocupado, e as poucas companhias com que conseguiu falar — depois do que pareceu um século de espera — desligavam assim que ela dava o endereço. Um taxista local cigano parou, deixando um curinga. O motorista também era curinga. Mas quando Cody correu até a calçada e ele viu que ela era limpa, mostrou o dedo com a mão de garra de pássaro e pisou fundo, passando no caminho pela maior poça que encontrou para reforçar o insulto.

— Que merda — murmurou ela, exausta, tão furiosa com o crescente preconceito dos curingas quanto ficava com o dos limpos. Talvez se desse melhor em Chinatown ou em Little Italy. Ao menos ela poderia conseguir uma refeição; não comia desde o jantar patético servido pela companhia aérea no voo.

As ruas estavam desertas; todo mundo que tinha bom senso se refugiava debaixo de toldos e coberturas até o grosso da tempestade passar. Era uma verdadeira monção, água descendo numa massa quase sólida, ultrapassando a capacidade dos drenos e transformando a maioria das esquinas em poças na altura do tornozelo. As ruas ali datavam do século XIX, assim como os prédios e paralelepípedos supostamente cobertos com asfalto — mas, por nenhum reparo ter sido feito naquele verão, em muitos lugares o asfalto tinha se desgastado e dado lugar ao pavimento original, o que deixava as ruas traiçoeiras.

Ela imaginou que estava indo pelo caminho correto, seguindo as instruções que o guarda tinha dado, mas as ruas não faziam sentido. Grande parte de Manhattan era montada no sistema de grade, com ruas correndo de leste para oeste e de norte para sul. Era bem difícil se perder. Mas ali era diferente. Algumas ruas eram mais parecidas com becos e se curvavam em direções malucas a partir das avenidas principais, que seguiam elas próprias a curva natural da ilha. Os prédios eram antigos — a maioria construída na última metade do século XIX — e pareciam propriedades sem elevador, que nunca haviam visto dias melhores e provavelmente não veriam. Ela sorriu para si mesma, mas apenas como piada; outra parte dela estava levando aquilo perfeitamente a sério,

imaginando o vírus carta selvagem transformando aqueles antigos edifícios em seres vivos, que brincavam de dança das cadeiras entre si para confundir os visitantes. E se as janelas fossem os olhos, observando cada movimento dela, e as portas, bocas? Se entrasse num daqueles prédios para se proteger da chuva, ela seria comida? Ela zombava, mas foi para o meio da rua, justificando para si mesma que era o melhor lugar para fazer sinal a qualquer táxi que por acaso passasse. O filho da puta teria que atropelá-la para fugir. Isso imaginando, claro, que algum passasse. Ela caminhou mais do que suficiente — era possível que já tivesse chegado às margens do Bairro dos Curingas —, mas não havia nenhuma placa de loja chinesa à vista.

Então, na esquina, viu um globo verde brilhante sobre um poste verde sujo — lembrou que aquele era o sinal de uma estação de metrô. *Que porra é essa?*, pensou ela, e desceu os degraus rapidamente, chacoalhando-se como um cachorrinho para tentar se secar o máximo possível antes de fuçar a bolsa — ela teve noção suficiente para levá-la sob a capa de chuva — e procurar um dólar para a passagem. Quando pediu informações ao funcionário do metrô, descobriu que estava na plataforma errada. Ali era o lado do centro, os trens a levariam por baixo do East River até o Brooklyn.

— Existe uma passagem subterrânea? — perguntou ela, sem muito entusiasmo, com a perspectiva de voltar para a chuva, mesmo que fosse apenas para atravessar a rua.

— Mesmo que existisse — respondeu o funcionário (para surpresa de Cody, outro curinga), passando uma ficha de cobre através de uma fenda mínima —, a plataforma está fechada, estamos fazendo reparos naqueles trilhos.

— Maravilha.

— Eles devem estar terminando agora. É por isso que o trabalho é feito à noite na maioria das vezes, para que as linhas e estações fiquem abertas para o público durante o dia, especialmente nos horários de pico. Mas a tempestade deve ter atrasado o serviço. Chuva de verdade — acrescentou, compassivo.

— E como — concordou ela. — Então o senhor poderia me dizer ao menos em que linha estou? Não vi a placa lá fora.

— É a F, senhora. Sixth Avenue local.

Cody não ouviu a última parte, estava se virando lenta e cuidadosamente na direção da estação, estudando a plataforma da mesma forma que faria com uma área hostil. Ela balançou a cabeça com força, desaprovando sua reação infantil. O

Bairro dos Curingas talvez fosse uma parte bem estranha, mas ela não era uma iniciante; sabia como se comportar, e não era daquele jeito.

— Como chego à parte alta da cidade, então? — perguntou ela, satisfeita por estar sozinha diante da cabine, pelo que ela podia enxergar.

— Pegue a F até Jay Street Borough Hall, em seguida suba um andar até a outra plataforma. Lá a senhora pode escolher entre a F e a A. Se for pela linha F, a senhora vai chegar direto no meio da ilha, mas a linha A tem conexões melhores. A senhora quer um mapa?

Ela havia perdido o último.

— Obrigada — assentiu, com um sorriso.

— É para isso que estamos aqui. Está com alergia ou algo assim? — Quando ela reagiu à pergunta do funcionário com um olhar confuso, imaginando a que se referia, ele acrescentou: — Está coçando muito a mão, deve estar incomodando bastante.

Ela abaixou os olhos; não havia se conscientizado do que estava fazendo. A pele estava dormente? Cody gelou por dentro e por fora. As costas da mão tinham um brilho fluorescente inacreditável, com um tom levemente prateado.

Ela olhou para a escada. A água despencava — uma cascata impressionante, tão forte quanto muitas fontes —, e o fluxo passava por ela e descia até a plataforma um pouco curva, jorrando através das catracas, na direção dos trilhos. Conseguia ouvir outras cascatas lá dentro, nas redes de ventilação e manutenção das calçadas acima.

Ela fora salva da última vez. E a policial pagou o preço. *É minha culpa?*, perguntou-se. *Como eu poderia saber? Mas qual é a ligação?* E a compreensão fez seus olhos se estreitarem. Talvez aquela fosse a resposta: ela conseguiu escapar. Um ás que parece um curinga, com poder de transformar pessoas em seres como ele. Não, percebeu ela, com um lampejo de inspiração, não pessoas — mulheres! O baralho de cartas selvagens traz apenas um de cada tipo; cada vítima é forçada a viver sua vida de forma única e solitária. E alguém tão terrível quanto aquele ás não teria sequer a esperança de uma companhia normal. Mas se seu poder fosse o de criar uma companheira...? Muito justo; a policial era prova disso. Cody não precisava imaginar como se sentiam as vítimas do ás — algum instinto horrível lhe dizia que ela e a policial não haviam sido as primeiras. *Mas se for isso, pensou ela, por que ninguém noticiou? Se há outras, o que aconteceu com elas?*

Enquanto processava tudo isso, começou a caminhar adiante, a cabeça se movendo com vagar para lá e para cá, oferecendo ao olho um campo nítido de tudo que estava à frente. A porta giratória pareceu alta demais quando ela passou — tudo parecia, seus sentidos estavam operando em nível máximo, como não faziam desde a guerra. Pelo que ela pôde ver, a plataforma estava vazia.

Continue a juntar as peças, ordenou a si mesma, a enxergar o que está montando. Tudo bem, o ás transforma mulheres — perfeitamente compreensível, está sozinho e solitário, quer um par —, só que elas não gostam disso. Cody se lembrou das marcas de mordida na policial morta e deixou a cabeça encostar na parede de ladrilhos atrás dela. É isso, tem que ser. Isso explica por que ninguém notava: ele as mata. Ela ergueu a mão, tentando dizer a si mesma que o cintilar prata não estava brilhando um pouquinho mais. Ela era um assunto não resolvido. Moby Dick, talvez, para seu Ahab.

Tachyon havia desmontado a arma quando a tomara dela. Cody verificou o pente para saber se estava cheio, depois o encaixou na fenda de sua pistola 45. Ela puxou a estrutura para encaixar uma bala, acionou a trava de segurança e enfiou a pesada arma automática no cós atrás da calça, embaixo do cinto. Não era o coldre improvisado mais confortável — especialmente devido ao peso da arma —, mas ela queria poder pegá-la rapidamente sem ter que fuçar na bolsa. A bolsa, aliás, era outro problema — um peso que ela poderia ficar sem.

Houve uma rajada de vento do túnel, dois pontos de luz a distância que balançavam lentamente na sua direção pelo que pareceu um enorme tempo antes de, num repente, explodir para fora da escuridão, revelando o formato quadrado e fino de metal cinza do metrô. Quando o trem reduziu a velocidade, ela espreitou cada janela, esperando ter a visão do ás, mas todos os vagões que passaram tinham pessoas dentro deles. Cody correu para o próximo na sequência, e o condutor — sem querer passar mais do que o tempo necessário naquela parada específica — fechou as portas assim que ela passou. Alguns passageiros deram uma olhada para ela, provavelmente imaginando — como fizera o motorista de táxi naquela manhã, o que para Cody parecia outra vida, outro mundo — o que ela era, se era um *deles*. Ela fitou seus olhares, iguais aos que recebera ao voltar do Vietnã, enquanto se movia pela extensão do vagão, verificando automaticamente cada assento. Testou a porta de conexão, mas, diferente do trem que ela tomara pela manhã, aquela era mantida trancada. *Caramba*, rosnou ela baixinho. Uma complicação de que ela não precisava. Ao menos podia ver através da janela imunda que o vagão seguinte tinha pessoas nele. Ela poderia ignorá-lo e continuar

em frente até o vagão seguinte.

Ela aproveitou aquela chance na York Street, nas cercanias de Brooklyn Heights, saindo pela porta no instante em que ela se abriu e correndo o mais rápido que pôde até os outros vagões. Havia um fluxo normal de passageiros ali, teria tempo de alcançá-los. O problema era que seus sapatos — perfeitamente adequados para entrevistas — não eram feitos para esse tipo de trabalho. Sem apoio, com menor tração. Não podia receber ajuda, precisava se virar sozinha, e não seria a primeira vez.

Aquele vagão estava seguro também, e o próximo, e aqueles que vinham depois, enquanto o trem sacudia, passando pela Jay Street e depois por Bergen. Ela estava começando a se sentir bastante idiota, correndo como uma maluca, armada até os dentes, perseguindo uma criatura que poderia estar em qualquer lugar nas centenas de quilômetros de vias metroviárias. Não havia chance de alcançá-lo — o que a fazia pensar que ele estaria naquele trem, ou mesmo naquela linha? —, e se conseguisse, seria a melhor das sortes ou a pior? Ainda assim, ele havia feito seu último ataque ali; continuar era melhor do que nada. Mas por que ela? Não era seu serviço, ou sua natureza — ela não era nem policial, tampouco heroína. Apenas teimosa.

A dormência brilhante havia se espalhado pelo antebraço. *É uma função de proximidade?*, perguntou-se ela. *Significa que estamos nos aproximando?* A placa na parede dizia CARROLL STREET.

Fez seu movimento quando as portas se abriram, como de costume, mas deslizou na plataforma escorregadia por conta da chuva, as malas a desequilibrando a ponto de não conseguir se equilibrar. Caiu, batendo com um joelho no chão, e a dor estraçalhou sua concentração por um instante. Ela tentou se erguer quando ouviu o apito da porta, gritou roucamente para que o condutor esperasse enquanto tentava alcançá-la, mas ele precisava manter seu cronograma, e as portas do vagão se fecharam na cara de Cody.

— Droga — repetiu ela várias e várias vezes quando o trem partiu. — Droga, droga, droga, droga!

Não teria outro jeito além de esperar outro, ela sabia. Havia um pouco de sangue no joelho, sentiu pequenas explosões de dor quando ela tentou, com hesitação, se apoiar sobre ele — e percebeu um rasgo terrível na calça já arruinada. Mas quando se empertigou, descobriu que o joelho aguentava o peso, sem problemas. *Agradeça ao céus pelos pequenos favores.* De repente, sentiu o cheiro de uma praia pantanosa em maré baixa.

Ai, *merda*, pensou ela, reagindo instantaneamente, mais rápido do que jamais sonhou ser possível. Deu um giro e mergulhou, conseguindo certa distância e espaço para pegar a arma. O movimento foi suficiente apenas para salvá-la — o impacto que poderia tê-la deixado inconsciente, arrancando a parte de trás da cabeça e a deixando vendo estrelas —, mas não houve delicadeza na aterrissagem. Apenas uma batida desajeitada de barriga que a deixou estatelada no concreto escorregadio. Ela rolou em desespero para o lado, conseguindo disparar um tiro, mas a bala ricocheteou inutilmente no teto. Logo depois, um tentáculo gigante arrancou a arma de sua mão. A força do golpe a fez cair da plataforma no leito de trilhos. Quando bateu no solo, ouviu um estalo agudo: a pistola caindo nos trilhos um nível abaixo, onde outra linha corria em paralelo àquela.

Ergueu-se da sujeira, a boca cheia do fedor de lixo oceânico do ás, tão denso que cada respiração a fazia ter ânsias de vômito. Cody sabia que ele a queria, não tinha ilusões quanto ao que aconteceria em seguida. Mesmo que sobrevivesse, a perspectiva era horrível demais para contemplar. Então ela correu.

O leito de trilhos parecia se erguer como se fosse deixar a estação, e não muito longe ela pensou ter visto um brilho que talvez significasse céu aberto. Com certeza, o túnel subia até a superfície. A chuva não havia diminuído, era como correr sob o chuveiro do Apocalipse, as gotas batendo com tanta força que doíam de verdade. Havia vento ali também, que vinha do porto e tentava empurrá-la de volta ao subterrâneo. Ela cambaleou até a parede que ladeava os trilhos. Tentou escalar, mas não conseguiu apoio e gritou quando a mão arranhada encostou num dos fios do arame farpado que corria no topo.

Um estrondar — mais sentido do que ouvido — anunciou a passagem do trem F para Manhattan no trilho oposto. Seu cérebro estava totalmente nublado, como se estivesse drogada; a percepção do veículo nem sequer foi registrada até ser tarde demais para que tentasse chamar atenção do condutor. E embora acenasse e chamasse, nenhum dos passageiros pareceu notar. Mas, seguindo os trilhos que se curvavam pelo viaduto, ela identificou ao longe as luzes de uma estação em seu topo, a próxima da linha. *Não está muito longe, pensou, posso chegar lá, fácil.* Livrou-se do sapato que ainda estava no pé e ignorou a dor enquanto pedras e outras coisas piores espetavam-na.

A princípio tudo correu bem; não era pior que uma corridinha matutina subindo uma estrada de montanha. Tampouco se desgastou olhando para trás — estivesse o ás lá ou não —, melhor supor uma coisa do que confirmar a outra.

Surpreendentemente, a chuva tinha um gosto doce, mesmo com toda a fúria primordial, mas foi a única coisa que conseguiu sentir. Não foi capaz de sentir como ela batia na pele; era como se estivesse envolta em alguma membrana impermeável, a mente dissociada do corpo de repente. Um urro — de fúria e protesto inútil, o animal nela rosnando para uma armadilha inescapável — irrompeu de suas entranhas quando aquela dormência terrível se espalhou pela pele. Esta, aliás, não estava mais bronzeada: o tom prateado ficou cinza e oleoso, os braços (*Ilusão*, ela balbuciou, *meu Deus, faça com que seja minha imaginação*) não estavam mais firmes como antes. Pareciam se flexionar e se curvar com uma graça horrível, desossada. Os dentes não se encaixavam, e cada parte do corpo parecia prestes a explodir, a pele esticada, impossivelmente reduzida, insuportavelmente repuxada sobre os ossos que se transformavam em lâminas. Cada passo se tornou um esforço. As pernas não tinham mudado, mas pareciam petrificadas e haviam adquirido o mesmo brilho opalescente dos braços. As juntas não dobravam — joelhos ou quadris —, ela precisava chacoalhar o corpo todo para movê-las. Estava perto do topo do viaduto, mais de seis andares de altura, nenhum prédio próximo o suficiente para arriscar um salto, mesmo que ela fosse capaz de tentar. A estação era sua única esperança.

Ele a pegou.

Com a frieza imaginável de alguém com extrema confiança em sua força, ele envolveu um tentáculo no pescoço da mulher e a derrubou. O impacto a deixou sem fôlego, sem conseguir se mexer. A criatura caiu pesadamente sobre ela, os tentáculos principais prendendo seus braços, enquanto os secundários tateavam sua blusa, abrindo botões, rasgando-a junto com o sutiã que estava por baixo. Havia um canteiro largo de concreto separando os trilhos, onde ambos caíram — em dias normais era fácil vê-los, mas impossível com aquela tempestade. O pênis do ás despencou como uma barra sobre a barriga de Cody quando ele mudou de posição, liberando um braço para que ele pudesse tirar saia e calcinha do caminho. Ela o acertou com o máximo de força que pôde; tudo que conseguiu foi machucar a mão. Tentou alcançar seus olhos, mas ele já estava alerta; pegou seu braço, forçando-o para baixo novamente.

Uma voz, que se fez ouvir dentro da cabeça, em meio ao ódio enlouquecido e berrante, chamou seu nome.

— Tachyon! — gritou ela, sem saber se usava a voz, a mente ou ambos.

Onde você está? As palavras eram realmente dele ou era algum truque psicótico que sua mente pregava, dando-lhe um último apoio imaginário para se

agarrar?

Não há tempo, foi a resposta dela. Ela ferveu por dentro, todos os elementos de seu ser fervilhando, borbulhando, perdendo a coesão. Ele a dominou, a transformação estava se aproximando do ponto mais crítico; ela sabia que, em questão de minutos, tudo estaria acabado.

Me ajude, então, disse Tachyon. *Abra sua mente, Cody, para eu fazer alguma coisa, eu preciso vê-lo!*

Venha, pensou ela. E nada aconteceu. Nenhuma sensação de invasão ou de outra presença. Nada do imaginário que ela lera em milhares de livros e histórias em quadrinho.

Mas havia um brilho nos olhos do ás, e seu corpo ficou rígido.

Ele está paralisado, Cody, avisou Tachyon, *mas não sei por quanto tempo consigo segurá-lo.*

Ela sacudiu os braços para se livrar dos tentáculos, puxou as pernas o máximo que pôde, recusando desta última vez qualquer protesto do próprio corpo enquanto forçava os movimentos. Em seguida se ergueu com toda a força que tinha. Ele se mexeu, começou a se virar em reação — ela não precisava do grito mental frenético de Tachyon para saber o que significava — e urrou como um levantador de peso em seu esforço final, os braços movendo o ás, pernas fazendo a parte mais árdua do trabalho, desviando-o para trás e para o lado. Ele rolou como uma espécie de João-bobo, tanto peso na parte inferior de seu corpo que não conseguiu um equilíbrio decente até parar para descansar. A luz ofuscante das lâmpadas superiores de um trem que saía da estação deixou tudo às claras. De repente, um clarão brilhante, centelhas e chamas e um grito de agonia quando um membro que estava agitado se espalhou pelo terceiro trilho. O ás saltou, tremeu em espasmos e berrou quando a eletricidade atravessou seu corpo. Por um momento Cody pensou que ele pudesse se livrar e escapar de alguma maneira. Mas ela não contava com a ação do trem. O condutor acionou os freios assim que os viu, mas já tinha impulso demais na descida, e a chuva deixava os trilhos lisos a ponto de rangerem alto até a parada. Os primeiros vagões esmagaram o corpo da criatura até que ela virasse uma massa sangrenta.

Quando a equipe do trem saiu para ajudá-la, ela ouviu o ruído eletrônico de sirenes policiais se aproximando de todos os lados — logo o viaduto estava cheio de capas de chuva azuis, a plataforma distante iluminada por minicâmeras de TV das equipes de jornal. Ela não se moveu — não tinha forças —; ficou

deitada, meio caída, de lado, encarando os restos enfumaçados, ignorando o olhar chocado, escandalizado, fascinado dos passageiros.

Agora havia uma presença em sua mente — os pensamentos de Tachyon com os dela, mesmo enquanto ele subia às pressas os lances de escada da Smith Street lá embaixo. Ele atraiu um cenário psíquico dos lugares que ela mais amava e foi gentil o suficiente para não reagir quando eles se transformaram na Base de Artilharia Shiloh, nas montanhas centrais do Vietnã. Sua aparência física era a mesma aqui, como numa realidade objetiva — sem idealização de sua imagem mental —, mas havia uma força relaxada e confiante nela que lhe dava a sensação de ser uma rocha na qual todos podiam se ancorar e se proteger. Tachyon se permitiu misturar-se à psicopaisagem — murmurando com o espanto característico sobre a completa falta de estilo dos uniformes militares de combate (o esquema de cores era extremamente terrível...). E então, lenta e gentilmente, começou a integrar a imagem mental de Cody de volta ao mundo real externo. Assim, quando ele se desvincilhou da consciência dela, Cody já havia superado o choque concentrando-se outra vez em sua mente, e não no corpo — que, levado até o limite, despencou de uma vez.



Ela despertou num apartamento no último andar da Clínica Blythe — foi o que imaginou pela vista — e, a princípio, deleitou-se com o êxtase simples de ser humana. Dobrou os dedos, observando o brilho do sol da manhã nos braços, e ficou maravilhada que o único brilho era do bom e velho suor humano.

— Dormiu bem? — perguntou Tachyon, sentado numa cadeira recostada à parede, esticando-se com um pequeno gemido para aliviar a tensão nas costas.

Ela respondeu com um sorriso, admirada de como isso parecia relaxante. Não achava que ainda fosse capaz de se sentir assim, e estava chocada em descobrir o quanto a tensão profunda dos últimos meses a marcara. Como era delicioso se sentir livre daquilo.

Ela começou a formular uma pergunta, mas ele respondeu antes de seus pensamentos terem se juntado.

— Sim, eu fiquei aqui a noite toda.

Ela imaginou se deveria ficar com raiva — obviamente, a ligação mental deixara sua própria marca, uma dualidade existencial que talvez desgraçasse a

vida dos dois —, mas concluiu que era um exercício inútil. O que estava feito, estava feito; o importante era lidar com aquilo e seguir em frente.

— Filosofia admirável — concordou Tachyon, rindo com o suspiro forte de indignação que ela deu. — Mas, na verdade, as coisas não são tão ruins assim. Estive monitorando você durante o sono.

Ela não conseguiu reprimir uma risadinha ao imaginá-lo caminhando como um sentinela, marchando para lá e para cá nos portais de sua consciência. A imagem era forte suficiente para também trazer essa risada aos lábios.

— Para ter certeza de que não havia resíduo de seu encontro com Lodo — terminou ele.

— Como você descobriu o nome dele?

— Qualquer contato psíquico envolve entrar num nível de compreensão. É impossível evitar saber de algumas coisas. No caso de Lodo — ele deu de ombros, uma mistura de desprezo e nojo —, os pensamentos eram relativamente simples, orientados por desejo. Não era um intelecto, estava muito longe disso. Mais astúcia do que inteligência. “Lodo” foi o nome que ele escolheu para si.

— Era um ás?

— Sim, a autópsia confirmou aquela análise de sangue que tínhamos feito com o corpo que está em nosso necrotério. Pelo que pudemos determinar, Lodo esteve perambulando pelos metrô e por outros túneis embaixo da cidade por algum tempo, fazendo vítimas principalmente entre fugitivos e sem-teto, os destituídos de quem ninguém nunca sente falta. E nenhum de nós percebeu...

— Quantas?

— Vítimas? — Ele fungou, olhando pela janela, mas sabia que estava procurando as lembranças do ás. — Impossível saber. Lodo tinha uma capacidade cognitiva muito baixa. Bem poucos, suspeito.

— Ele matou todos.

— Ele comeu todos.

Houve um longo silêncio. Aos poucos, Cody ouviu um chamado no sistema de som do hospital. Cerrando os dentes pela possibilidade de dor ou fraqueza, ela se levantou. Havia um acesso intravenoso em seu braço esquerdo; ela pegou o tubo e o retirou. Em seguida cambaleou meia dúzia de passos pequenos e hesitantes até Tachyon. Ele parecia tão pequeno perante ela, ainda que a imagem dele que tinha em mente fosse tão forte e resiliente quanto ela própria imaginava ser. Recostou o

corpo contra as costas dele, envolvendo os ombros do alienígena com os braços e resistindo à tentação de encaixar o queixo sobre sua cabeça. Tachyon ergueu a mão que lhe sobrou para tomar os pulsos dela e repousar o queixo neles. Ela não precisava ver os olhos dele para reconhecer que tinham uma expressão sóbria, assombrada. Tinha visto a mesma expressão no seu próprio olho, por várias vezes, quando perdia um paciente que ela acreditava poder ter salvado.

— Uma nova versão — disse ele, dando um tom levemente amargo às palavras — da velha expressão “você sempre mata aquele que ama”.

— Sem mencionar — Cody não conseguiu evitar a resposta — “você é o que você come”.

Ele riu, um ronco espontâneo e explosivo que pegou ambos de surpresa, depois ficou sério novamente.

— Por que você estava fugindo daquele jeito?

— Sou uma moça um tanto impetuosa. Imaginei que você receberia minha mensagem.

— Brad Finn foi até a delegacia pessoalmente. Eu senti sua falta, é claro. O capitão Ellis mandou um esquadrão de viaturas procurar você no Bairro dos Curingas. Ouvimos relatos de um tiro na Carroll Street... E depois ouvi seu grito.

— Obrigada por isso.

Tachyon se virou para ela.

— Você não entende. Numa cidade deste tamanho, um telepata precisa manter escudos bastante fortes para não ser invadido pelo simples volume de “ruído” psíquico. Preciso estar afinado com uma pessoa para “ouvi-la”; isso quase nunca acontece depois de um único encontro casual.

— Talvez não tenha sido casual, então.

— Aparentemente, não.

— Tachyon, seja lá qual for o motivo, sou grata por isso.

— Em pouco tempo, na verdade... Não vamos ressoar numa frequência tão comum. Ainda estarei incomumente sensível a você, mas demandará um esforço consciente para que eu possa rastrear seus pensamentos.

— A que distância?

— Para ser honesto, não faço ideia. Nunca aconteceu com ninguém desse jeito. Sinto muito.

— Por salvar minha vida?

— Eu criei aquele monstro. Aquelas pobres mulheres que Lodo destroçou, as suas mortes estão na minha consciência.

— Bem-vindo ao clube.

— Você não entende.

— Sou cirurgiã. Passei três anos como fuzileira. Eu entendo. E daí?

— É minha responsabilidade.

— Ótimo. — Ela deliberadamente pegou o braço direito amputado dele. — *Seja* responsável. Não pode mudar o passado, assim como eu não posso ressuscitar os pacientes que perdi... ou as pessoas que eu matei. Pois é. — Ela assentiu. — Tem sangue em minhas mãos também. Teve guerra, o sangue veio com o território. E se há um futuro, talvez eu tenha que lidar com isso também. Quem se importa? Já está feito. Mas ao menos eu aceitei. Tirei meu terror do armário. Com ele escondido lá dentro eu negava sua existência, e agora o pendurei a céu aberto com os outros pesadelos, onde posso dar uma boa olhada nele, vê-lo pelo que é... e me enxergar pelo que sou. Não significa que não doa e não vá doer por um bom tempo ainda. Mas está *lá*. Eu sei que *eu* consigo lidar com ele. Tente fazer isso, talvez você se surpreenda.

— Preciso de você, Cody — disse ele, simplesmente.

— Sou médica, Tachyon, não uma muleta.

Ele levantou um pouco o toco de braço na tipoia, depois o deixou cair, os ombros curvados.

— Você vai embora, então — concluiu ele.

— Preciso encontrar alguém para cuidar do rancho... Um casal de veterinários que conheço no Colorado poderia fazer um bom trabalho. Vou dar uma ligada para eles antes de pegar o próximo voo e dar a notícia ao Chris, fazer a mudança, encontrar um lugar decente aqui na cidade. — Ele olhou para ela, surpreso, não muito seguro do que estava ouvindo direito. Então, ela emendou: — Supondo, claro — a seriedade deliberada na voz engolida pelo sorriso malicioso no canto da boca —, que possamos chegar a um acordo quanto ao salário.

Tachyon teve a decência de tossir.

— Eu, hum, tenho certeza de que podemos chegar a um acordo — arriscou ele.

— Não vamos ter tanta certeza assim, certo? — respondeu Cody, abrindo um

largo sorriso.

Ela estendeu a mão. E Tachyon, com um sorriso parecido, tomou-a.



Ninguém me conhece como meu amor

Walton Simons

O lado esquerdo da mesa de Tachyon estava lotado com tabelas e papéis. O direito estava quase vazio. Jerry estava tentando não olhar para a mão protética, mas era difícil resistir à perversa tentação. Tachyon não o flagrou espiando. Havia uma dureza visível no plástico que destoava do alienígena, e a cor se diferenciava em um ou dois tons.

— Como está indo sua adaptação, Jeremiah? — Tachyon olhou para Jerry e depois para o Bairro dos Curingas pela janela do escritório.

— Bem. Quer dizer, tem algumas coisas difíceis aqui e ali. — Jerry sorriu.

Tachyon parecia mais cansado que o habitual. Sua pele já pálida tinha menos cor, e o cabelo ruivo estava opaco e descuidado, ao menos para Tachyon.

— Tem certeza? Você parece um pouco... retraído.

Jerry sempre se sentiu tão transparente quanto a pele de Crisálida quando falava com Tachyon. Mas Crisálida estava morta. Então Jerry fazia de conta que a vida estava maravilhosa.

— Bem, sabe, às vezes eu acho que não me relaciono bem com mulheres. Elas fazem com que eu me sinta inadequado. Pior que isso: elas fazem com que eu me sinta carente. Eu daria meu... — Jerry se conteve a tempo. — Eu só quero alguém que me veja do jeito que eu sou e me ame por isso.

Tachyon assentiu lentamente.

— É só o que todos queremos, Jeremiah. Suspeito de que você, na verdade, seja muito amado. Talvez apenas não tenha consciência disso. Tente equilibrar a paciência com a noção de que o amor sempre vem quando você se cansa de

procurá-lo. Quanto à alienação do sexo oposto, todos lidamos com isso, também. Acho que acabei virando especialista no assunto. Claro, sendo de Takis, tenho uma desculpa.

Não era isso que Jerry queria ouvir. Estava cansado de tentar ser paciente, mas não esperava que Tachyon fosse abrir sua caixa-preta ali. Não que alguma mulher conseguisse fazer com que ele parasse de pensar em Veronica.

— Parece um bom conselho, eu acho. Mas é mais fácil falar do que fazer.

Sirenes passaram do lado de fora. Jerry vislumbrou a luz vermelha piscando perto de um prédio no quarteirão seguinte. Tachyon olhou também. Jerry nunca tinha visto as persianas fechadas naquela janela, embora as únicas coisas visíveis fossem prédios dilapidados, lixo, um carro ou outro e curingas. Jerry vinha ao Bairro dos Curingas apenas para visitar a clínica, uma vez por mês.

— Outra coisa — disse ele, tentando reconquistar a atenção de Tachyon. — Meu poder está voltando.

Tachyon olhou para Jerry por um bom tempo.

— Seu poder nunca foi embora, Jeremiah. Você ficou tão traumatizado que parou de confiar nele. Para sua capacidade de mudar de forma estar se manifestando de novo, isso quer dizer que essa confiança deve estar voltando. Se você está contente, então fico contente por você. Mas, por conta do clima político atual, talvez seja melhor manter isso em segredo. O público acha que seu ás foi embora. É de seu interesse manter essa imagem, acredite em mim.

— Certo. — Jerry viu que Tachyon estava pronto para deixá-lo ir. Ele pôs a mão no bolso do casaco e puxou um cheque, colocando-o cuidadosamente no lado esquerdo da mesa. — Aqui está a doação de setembro.

Tachyon pegou o cheque dobrado e o abriu de forma desajeitada com a mão boa. Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Isso vai ser melhor do que você imagina, Jeremiah. Mais umas dez pessoas como você e a clínica poderia mesmo cobrir as despesas.

— Fico feliz com isso — disse Jerry. E era verdade. Havia poucos lugares onde ele sabia que seu dinheiro seria bem gasto, e dois mil por mês era apenas uma gota para a fortuna da família Strauss.

A porta se abriu, e uma mulher de jaleco entrou. Tinha cabelos pretos e um tampão sobre um dos olhos. Ela olhou para Tachyon, ignorando Jerry.

— Mais dois espancamentos — anunciou. A voz era contida, mas raivosa. —

Um deles talvez sobreviva. O outro... — Ela esfregou a testa.

Jerry a contornou e foi na direção da porta do escritório. Tachyon acenou para que ele esperasse.

— Jeremiah, esta é a nossa nova cirurgiã-chefe, Dra. Cody Haverro. Doutora, apresento um amigo da clínica. — Ele ergueu o cheque. — E um benfeitor também. Jeremiah Strauss.

Cody se virou e olhou para Jerry. Era muito bonita para uma figura de autoridade. Ela estendeu a mão e forçou um sorriso, e ele segurou sua mão e sorriu de volta. Seu aperto era firme e seguro, exatamente do jeito que imaginava ser o cumprimento de um médico.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Strauss.

— O prazer é meu, doutora. — Jerry ficou contente em chamá-la por seu título.

Ela era ameaçadora e tranquilizante ao mesmo tempo, e certamente atraente, apesar do tampão no olho. Ele não queria mesmo que sua primeira impressão fosse de um idiota rico e sexista.

— Vejo você no mês que vem, Jeremiah — disse Tachyon. — A menos que precise de mim para alguma coisa. Se precisar, basta me ligar.

— Você vai no Aces High na semana que vem, não vai? É minha primeira chance de ir a um dos jantares de Hiram em comemoração ao Dia do Carta Selvagem.

Tachyon suspirou.

— Sim, estarei lá por Hiram. Embora não consiga imaginar que vá ser uma ocasião muito festiva.

Jerry concordou com a cabeça e retornou à porta, fechando-a depois de sair. Teve a impressão de que Tachyon queria ficar sozinho com Cody. Não o culpava por isso. Imaginou Veronica nos lençóis pretos de seda, usando um tampão de olho e nada mais.

Pare com isso, pensou ele. Ela deu cano em você em duas das últimas três vezes. Encontre outra pessoa. Alguém que você não precise pagar. É tão difícil assim?

“Difícil como eu”, disse a voz de Bogart em sua mente.



Aces High era uma variedade de visões e sons. O cheiro de pão fresco, carne fina, molhos ao vinho e perfumes caros atacou suas narinas. As pessoas ali também eram extraordinárias. Mas era sempre assim no jantar de Hiram pelo Dia do Carta Selvagem. Eles chegaram cedo. Ele e Beth queriam ver todos os notáveis fazendo suas entradas. Kenneth não ficou especialmente feliz por Jerry ter pegado Beth emprestada naquela noite, mas se recusou a ir com eles, dizendo que tinha muito trabalho para fazer no escritório.

Jerry se levantou.

— Quer algum petisco?

Beth suspirou e respondeu:

— Não. Vou esperar o prato principal.

Ela acenou para ele ir.

Jerry caminhou devagar por uma mesa grande cheia de saladas, patês, pães e poucas coisas que ele não reconhecia como comida. Havia um móvel de cristal dos Quatro Ases e Tachyon sobre ele. Havia também hologramas de muitos ases famosos nas paredes. Jerry evitou olhar sua própria imagem. Pegou um prato e passou por Fantasia, que estava com dois rapazes, um em cada braço. Jerry a encontrou na excursão mundial do *Cartas Marcadas*. Embora suas lembranças daquele período fossem difusas, ele se lembrava de Fantasia como uma das mulheres obviamente mais atraentes que ele já vira. Naquela noite, estava usando uma saia longa perolada, combinando com uma blusa quase transparente. Os mamilos escuros nos seios pequenos eram tudo que Jerry conseguia ver quando olhava para ela. Esperava que Beth não tivesse percebido que ele estava encarando a ás glamorosa. Jerry pôs um pouco de massa no prato e se virou para pegar uma quiche de espinafre.

Um homem de cabelo castanho, olhos rápidos e sorriso fácil encostou perto dele.

— Homens de verdade não comem quiche. Pelo menos não os que querem impressionar Fantasia.

Jerry pôs a colher de volta na quiche e olhou para os outros molhos na mesa.

— Obrigado, eu acho.

O homem abaixou o prato, que era uma pilha alta com um pouco de tudo, e

estendeu a mão.

— Jay Ackroyd.

Jerry apertou a mão dele.

— Jerry Strauss.

Ackroyd parecia não conseguir localizar o nome.

— Costumava ser o Projecionista, depois virei um gorila gigante. Agora sou apenas rico.

Ackroyd sorriu.

— Tem muitos ricos nesta cidade. — Ele enfiou a mão no bolso e puxou um cartão. — Se precisar de um detetive particular, ligue para mim. Gostaria de ter um cliente rico para variar. Boa sorte com Fantasia, caso tome coragem. Eu mesmo teria medo de ter sorte com ela.

Jerry pegou o cartão e o enfiou no bolso do casaco do smoking. O salão ficou silencioso de repente. Um homem entrou lentamente, mancando um pouco. Parecia bem normal, mas Jerry ouviu a palavra “curinga” sussurrada por alguém, seguida pelo nome “Pretório”. O burburinho de conversa que começou tinha um tom hostil. Jerry aproveitou a distração para encher o prato, em seguida voltou à mesa, onde Beth ainda estava olhando o cardápio.

Jerry não tinha visto Hiram ainda, mas aquilo não o surpreendia. Matar Crisálida, a famosa senhora do Bairro dos Curingas, fez seu nome figurar nos noticiários. A comunidade curinga se voltou imediatamente contra Hiram. Os meios de comunicação foram pouco gentis também. O clima era ruim, e o julgamento nem havia começado. Ainda assim, era improvável que esse jantar do Dia do Carta Selvagem fosse pior do que aquele de dois anos atrás, quando o Astrônomo invadiu a festa. Jerry estava realmente feliz por ter perdido aquele.

Uma brisa fria e inconstante soprou do terraço. Jerry deixou o cardápio de lado. Ser rico e infectado pelo carta selvagem tinha suas vantagens.

— Acho que vou de filé mignon — disse ele. — E você?

Beth ergueu os olhos, mordendo o lábio. Estava usando uma saia preta na altura da panturrilha e uma blusa cor de lavanda.

— Pelo visto olhar para a Miss Tetinhas lá na frente abriu seu apetite para carne vermelha.

— Meu Deus, não posso sair da linha com você por perto? Se você fosse um cara, você olharia também!

Beth sorriu.

— Sou mulher e também olhei. Só fiquei com inveja, eu acho. Queria ter corpo e atitude para usar aquela roupa. — Ela deixou o cardápio de lado. — Vou pular o prato principal e ficar na salada de frutas. O medo da celulite é uma coisa terrível. Mulheres menos resistentes já se acabaram por isso, acredite.

— Mas você precisa comer a sobremesa.

— Bem, se você insiste. Mas não diga a Kenneth. Ele ainda tem ilusões de que eu vá recuperar a silhueta dos tempos de colégio.

— Você está ótima. — Jerry estava prestes a ser mais específico quando viu um casal sendo acomodado a poucas mesas de distância. O homem era alto e magro, com cabelo escuro. Seus olhos eram luminosos, e o ar parecia vibrar ao seu redor. A mulher com ele usava um vestido de seda vermelho que parecia pintado na pele. Era linda. Era Veronica. Jerry virou a cadeira para ficar de costas. Ficou óbvio que o problema não era Veronica não querer transar. Ela só não queria transar com ele.

— Você está bem? — Beth tocou sua mão.

— Estou. Estava só pensando na vida. Sabe, tenho que fazer alguma coisa.

— Certo.

Ele sabia que Beth não se deixava enganar, mas gostou que ela tivesse deixado passar.

Eles acompanharam a cerimônia para Tachyon. Jerry ficou surpreso que a mulher com ele não fosse Cody. Talvez fosse apenas uma relação profissional. Havia mesas vazias.

Pelo que Jerry sabia, aquele era o início do jantar do Dia do Carta Selvagem. Pouco depois da chegada de Tachyon, Hiram fez sua entrada. Estava usando um magnífico terno azul-escuro sob medida, mas parecia mais magro do que quando Jerry o vira na excursão.

Hiram ergueu a taça e parou por um momento, esperando os convidados seguirem a deixa.

— Ao Jetboy — disse ele.

— Ao Jetboy — repetiram Jerry e Beth com todos os outros. Eles brindaram e beberam.

Jerry ouviu Veronica rir. Provavelmente estava fazendo aquilo apenas para

irritá-lo. Não. Era mais possível que estivesse tão ocupada pensando em chupar o pau do cara que acompanhava que nem tivesse notado sua presença.

— Obrigado a todos por terem vindo — continuou Hiram. — Espero que todos aproveitem o jantar neste nosso dia especial. Que o próximo ano seja bom para todos nós.

Houve uma rodada de aplausos. Hiram foi até a mesa de Tachyon, apertou a mão boa do alienígena, depois voltou para a cozinha.

— Ele não costuma voar até o teto ou algo assim? — perguntou Beth.

— Sim. Talvez ele sinta que não seja apropriado. Acho que Hiram está um pouco preocupado com o que as pessoas pensam dele agora — disse Jerry. — Toda essa coisa da Crisálida deve ser um pesadelo.

— Pior pra ela, cara. Foi ela que virou patê.

Jerry começou a falar alguma coisa, mas Beth interrompeu.

— Não. Você não precisa dizer nada. Eu já me sinto mal. Ele parece um homem muito bom. Mas ases nem sempre são bondosos, você sabe.

— Eu sei.

— Bush vai ganhar a eleição, e se você acha que as coisas estão difíceis para os cartas selvagens agora, espere só... Essa coisa de carta selvagem chique vai morrer de uma vez antes de o mandato dele acabar.

— Talvez seja pior do que nos anos 1950.

Beth estendeu a mão e tocou o rosto dele.

— Com seu histórico, só não quero que se machuque.

Jerry sorriu. Ele se afligiu quando a cunhada demonstrou preocupação. Se Veronica pelo menos demonstrasse metade daquela consideração...

— Obrigado. Acho que vou ficar bem.

O garçom se aproximou.

— Qual seu pedido, senhora?

— Acho que vou querer salada de frutas — pediu Beth.



Ele prometeu a si mesmo que não pensaria em Veronica. Três noites depois da

festa, estava sentado em casa, enquanto Kenneth e Beth estavam discutindo as repercussões da possível presidência de Bush. O perdão de Dukakis a Willie Horton, um curinga que fora condenado por estupro, pareceu o golpe final. O anúncio com a porta giratória mostrando curingas homicidas sendo cuspidos para a rua foi jogada de mestre. Os democratas estavam indignados, mas o anúncio afetou o público do jeito desejado. Jerry achava aquilo tudo muito deprimente. Ele ligou para Ichiko, e Veronica estava disponível.

Jerry tinha certeza de que ela não o reconheceria. Ele pensou em se apresentar como um modelo, mas decidiu por um rosto mais rude. O cabelo era preto e reto; agora, também conseguia fazê-lo. Veronica parecia quase a mesma de antes. Seu vestido de algodão branco revelava apenas o suficiente para atrair a atenção de um homem sem lhe dizer muito. Jerry sabia como ela era nua, mas lembrar não era suficiente. Não naquela noite. Naquela noite, ele queria estar dentro dela.

Levá-la ao cinema provavelmente era um erro. Se algo poderia revelar sua identidade, era isso. Ainda assim, queria ver *Mama Curinga*, de Demme, na tela grande. Estava cansado do videocassete.

— Um amigo meu me recomendou você — disse Jerry. — Você estava com ele no jantar do Dia do Carta Selvagem. Disse que você é fantástica.

— Conhece Croyd?

— Não muito — respondeu Jerry.

Croyd deveria ser Croyd Crenson, o Dorminhoco. Jerry ouvira algumas coisas sobre ele, a maioria ruins. Obviamente Veronica não procurava um cara bonzinho.

Na tela, um grupo bem unido de curingas com máscaras humanas estava ocupando um banco, apenas para ser interrompido por uma dupla com cara de pato e de rato com a mesma ideia.

Jerry pôs a mão no ombro de Veronica e lhe deu um ombro para apertar. Ela se esquivou. Depois de um bom tempo, ela estendeu a mão e começou a acariciar a dele.

Ela sabe que sou eu, pensou ele. Seu cérebro talvez não tenha adivinhado ainda, mas seu corpo sabe que sou eu. Ele sentiu um calafrio, como se estivesse passando mal.

— Desculpe — disse, inclinando-se mais perto. Seu perfume era diferente do francês caro que ele tinha comprado para ela. — Não estou me sentindo bem. Posso levar você pra casa?

Veronica levantou os olhos, surpresa. Jerry deixou uma nota de duzentos dólares na palma da mão dela, que estava fria.

— Pelo seu tempo — explicou Jerry, numa voz muito próxima da dele. — Desculpe.

Ele a pegou pela mão e a levou para fora do cinema. Tiros foram disparados na tela atrás deles. O saguão cheirava a pipoca amanteigada demais e doces velhos. Ele se desculpou, foi até o banheiro e vomitou fazendo o mínimo de barulho possível.

Quando voltou, Veronica já havia partido.



Cavalos

Lewis Shiner

A mulher do outro lado da mesa de café era loira, de cabelo curto e usava óculos de armação fina e metálica. Tinha por volta de 40 anos. Não usava maquiagem; vestia uma jaqueta esportiva masculina sobre uma camiseta branca e uma calça larga, amarrada com um cordão. Lésbica, foi a primeira impressão de Veronica, e nada mudara essa opinião até então.

— As coisas estão meio loucas agora — disse Veronica. — A culpa não é minha. Preciso de mais tempo.

A mulher se chamava Hannah Jorde. Ela suspirou e disse:

— Cansei de ouvir sempre a mesma merda. — Colocou os óculos na mesa e esfregou os olhos. — Você é viciada, Veronica. Eu teria descoberto isso em dois segundos, mesmo se Ichiko não tivesse me contado. Você tem todos os sintomas. — Pôs os óculos de volta no rosto. — Vou inscrevê-la num programa de reabilitação. Metadona. Você vai continuar sendo viciada, mas pelo menos vai se sentir melhor e não vai morrer. Só que agora, em vez de heroína, você vai ficar viciada em metadona.

— Eu posso largar... — tentou Veronica.

— Por favor, não diga isso — interrompeu Hannah. — Não me obrigue a ouvir esse tipo de coisa. Só quero falar algumas coisas pra você, e queria que você pensasse nelas. É só o que a gente vai conseguir nesta primeira vez, de qualquer forma.

— Está bem — concordou Veronica, colocando as mãos, que tremiam, embaixo das coxas.

— Você é viciada porque não quer lidar com o que acontece dentro de você.

Não é que esteja se matando; você já está morta. — Ela deixou as palavras pairarem no ar por um segundo e depois continuou: — O que você faz para Ichiko?

— Eu sou... — Ela parou antes de dizer “gueixa”, o termo aprovado por Fortunato. — Eu sou uma prostituta.

Hannah sorriu de repente. *Ela poderia ficar bonita com algum esforço*, pensou Veronica. Com maquiagem e a roupa certa. Uma peruca para cobrir aquele corte de cabelo horrível.

— Finalmente, a verdade. Obrigada — disse Hannah. Ela escreveu algumas coisas num pedaço de papel e o entregou a Veronica. — Comece a tomar metadona, e nos vemos amanhã.



Uma van com uma caixa de som passou por ela na Seventh Avenue. A mensagem gravada lembrou-a de que era o dia das eleições e de que ela deveria exercer sua liberdade constitucional. Com certeza a van tinha sido contratada pelos democratas. Todo mundo esperava que Bush fosse ganhar de lavada depois do desastre do partido em Atlanta.

Um homem colocou o corpo para fora da van e disse:

— Ei, garota, você já votou?

Ela mostrou a ele o trabalho da manicure feito na unha do dedo médio da mão direita. O gesto também era direcionado ao sistema político americano. Que tipo de liberdade é essa na qual só se pode votar em políticos?

Ela entrou na fila do lado de fora da clínica, fechando mais o casaco, tanto pela vergonha de estar ali quanto pelo frio. Não sabia o que era pior: estar cercada por um monte de viciados ou ser considerada viciada também. A maioria deles era mulheres negras e garotos brancos de cabelo comprido e mal-lavado.

Veronica, pelo menos, ainda estava na rua. Ichiko tinha dado a ela três opções: se internar num centro de desintoxicação, se encontrar com Hannah ou procurar outro emprego.

A vez dela chegou, e a mulher da janela a entregou um copo de plástico. A metadona estava misturada a uma bebida doce com sabor de laranja. Veronica bebeu e amassou o copo. A prostituta negra atrás dela cambaleou até a janela num

par de saltos absurdamente altos e disse:

— Aí, autoridade, me dá aquele xixi de Jesus.

Veronica jogou o copo na rua e olhou o relógio. Tinha tempo suficiente para atravessar a cidade até a casa de Bergdorf antes do encontro que teria no jantar.



Pelo nome que ele havia usado na reserva do restaurante, Herman Gregg, ela devia ter adivinhado, mas só se deu conta quando o viu chegando.

— Puta merda — exclamou Veronica. A luz baixa do restaurante era suficiente para reconhecê-lo, até para ela. — Senador Hartmann.

Ele deu um meio sorriso.

— Não sou mais senador. Sou só um cidadão normal. Mas acho que você entende o porquê de eu não querer estar sozinho hoje. Você sabe o que dizem sobre políticos e parceiros sexuais questionáveis.

— Não sei — disse Veronica. — O que dizem?

Hartmann deu de ombros e colocou o cardápio na mesa.

— Você está com muita fome?

— Por mim, tudo bem se você quiser subir direto. — Ele já havia dito que reservara um quarto no Hyatt. — Não se sinta na obrigação de me convidar para jantar nem nada, como se fosse um encontro de verdade.

— Por algum motivo, isso não era bem o que eu esperava. Já ouvi falar muito sobre Fortunato e as mulheres maravilhosas dele.

— É, bom, mas Fortunato já era. As coisas caíram um pouco de padrão. Se você não está satisfeito, não precisa continuar.

— Não, não estou reclamando. Acho que você é um pouco mais humana do que eu esperava. E eu meio que gosto disso.

Veronica se levantou.

— Vamos?

No elevador, ele ficou quieto, sem encostar nela nem nada. Só uma mão no cotovelo na hora de sair, para direcioná-la ao quarto. Depois de entrarem, ele trancou a porta e ligou a televisão.

— Não precisamos disso, precisamos? — perguntou Veronica.

— Preciso saber — disse Hartmann. Ele tirou o paletó e o deixou dobrado sobre uma cadeira, desamarrou os sapatos e os colocou simetricamente embaixo. Afrouxou a gravata e se sentou na ponta da cama. Seu cansaço era visível pela curvatura da coluna. — Preciso saber se está tão ruim quanto parece.

Quando Veronica saiu do banheiro, de calcinha e sutiã, ele estava na mesma posição. Bush tinha quase o dobro de votos de Dukakis e Jackson. Era esperado que logo fizessem discursos reconhecendo a derrota. Ela ajudou Hartmann a tirar o resto das roupas, colocou uma camisinha nele e o fez entrar debaixo dos lençóis.

Ele não queria nada demais, só ir direto ao assunto. Enquanto se balançava contra ela, os resultados da eleição continuavam surgindo num fluxo constante: “Texas agora mostra Bush com impressionantes 58% dos votos, e isso só com 37% dos distritos eleitorais.”

Hartmann gozou rapidamente e ficou à beira das lágrimas. Veronica o acariciou nas costas, na altura da lombar, que tinha começado a suar, e fez um som relaxante com a boca. Logo que ele rolou para o lado, um dos repórteres mencionou seu nome, fazendo-o se sentar, culpado.

“Muitos de nós estamos fazendo a mesma pergunta”, continuou o repórter. “Será que Gregg Hartmann teria vencido o Vice-Presidente Bush? Há apenas dois meses e meio Hartmann abdicou da disputa depois de ter perdido a compostura na Convenção Nacional do Partido Democrata, em Atlanta. Essa convenção será lembrada durante muito tempo, não só pelo massacre, mas também como um momento de inflexão no que tange a atitude do país em relação às vítimas do vírus carta selvagem.”

Ela levou a camisinha usada para o banheiro, deu um nó, enrolou num papel higiênico e jogou no lixo. O cheiro de esperma quase a fez vomitar. Depois, se sentou na beira da banheira, lavou-se e escovou os dentes várias vezes, dizendo repetidamente a si mesma que não precisava de uma dose de heroína, pelo menos não ainda.

Só depois das duas da manhã Hartmann desligou a TV. Bush era uma piada, disse Hartmann a Veronica. Sua campanha contra as drogas era a mais pura hipocrisia, considerando o que a CIA havia feito na América Central. Seu gabinete nunca chegaria aos pés dos seus clamores por ética, e no seu governo “mais doce e gentil” não haveria espaço para ases ou curingas.

A questão dos cartas selvagens não significava muito para Veronica. Fortunato, quem a havia tirado das ruas, era um às. Sua mãe havia sido uma das gueixas de Fortunato, e sua intenção era que Veronica fizesse faculdade e tivesse uma profissão de verdade. Mas Veronica virou prostituta. Era dinheiro fácil, e era mais fácil se enxergar assim, como puta. Juntos, Miranda e Fortunato decidiram que, se ela fosse mesmo vender o corpo, que vendesse direito. Fortunato a trouxe de volta ao seu apartamento e tentou, sem sucesso, transformá-la numa de suas mulheres ideais. Ela o amava da mesma forma que alguém ama algo doce e que não é bem desse mundo.

Por intermédio de Fortunato, ela já transara com outros ases e curingas. Nenhum deles parecia muito real para ela também. Não havia tantos assim, não se comparado à quantidade de mães solteiras, mendigos ou idosos, não o suficiente para merecer sua atenção. E não era uma doença transmissível como a aids ou qualquer coisa assim.

Aquele pensamento a assustou. Durante algum tempo, o carta selvagem tinha, *sim*, sido contagioso, e um antigo namorado seu, Croyd Crenson, estava contaminando outras pessoas. Ela havia tido contato com ele, mas, felizmente, nada havia acontecido. E ela não queria pensar no assunto.

Eventualmente, Hartmann dormiu. A pele flácida de sua barriga balançava com seus roncos abafados. Veronica ficou acordada, enumerando as muitas e muitas coisas nas quais ela não queria pensar.



Ela não dormiu nem quando voltou à casa de Ichiko, ao amanhecer. Dessa vez, foi a ideia de ter que ir ver Hannah de novo que a deixou rolando de um lado para o outro com calafrios que subiam da barriga até a cabeça.

Acordou por volta do meio-dia e preparou um café da manhã que não conseguiu comer. Se Ichiko não a tivesse acompanhado até o táxi, ela talvez não conseguisse chegar. Até tentou pedir ao motorista que parasse e a deixasse sair, mas não conseguiu encontrar a voz. Era que nem a escola do convento, quando era mandada para a sala da diretora — a freira mais velha e mais assustadora do mundo.

Ela subiu as escadas até o escritório de Hannah. Não sentia as pernas. Sentou-se no meio do sofá cinza e quadrado da mulher. Hannah usava calça jeans, camisa

social masculina e casaco de lã com fios dourados. Veronica não conseguia tirar os olhos dos fios de ouro.

— Você conseguiu pensar? — perguntou Hannah.

Veronica deu de ombros.

— Eu tenho estado muito ocupada. Não passo muito tempo pensando.

— Ok, vamos começar por aí. Fale um pouco sobre as coisas que você tem feito.

Mesmo sem querer, Veronica se viu falando sobre Hartmann. Hannah pedia mais e mais detalhes. Como ele era pelado? Que gosto ficou em sua boca depois? Parecia que ela estava ligeiramente curiosa. Qual é a sensação quando o pênis dele estava dentro dela?

— Não sei — disse Veronica. — Não senti nada.

— Como assim? Ele estava dentro de você, mas você não conseguia sentir nada? Você teve que perguntar se ele já tinha entrado? — questionou Hannah, e Veronica começou a rir e, logo depois, a chorar.

Ela não entendia como aquilo havia acontecido. Era como se fosse outra pessoa.

— Eu não queria que ele estivesse ali — respondeu. Quem estava falando? — Eu não queria ele dentro de mim. Eu queria que ele me deixasse quieta. — Seu corpo se convulsionou com o choro. — Isso é ridículo. Por que estou chorando? O que está acontecendo comigo?

Hannah se sentou ao lado dela e a abraçou. O cheiro da mulher era de sabonete antibacteriano. Veronica enterrou o rosto nas fibras douradas do casaco, sentindo a maciez dos seios por debaixo. Tudo desmoronou, e ela chorou até não ter mais lágrimas, até se sentir uma esponja torcida.



De pé na fila, Veronica batia o pé nervosamente no chão da calçada. Um dos garotos de cabelo comprido atrás dela cantou uma música sobre injetar droga com uma voz grave e monótona.

— Não achei minha veia — cantou ele, que não parecia perceber que estava fazendo isso em voz alta.

Veronica queria a metadona, queria muito. *O que tinha naquela negócio?* Parou antes que o riso se transformasse naquela outra coisa de novo.

Ela colocou a mão na bolsa e apertou um pedaço de papel dobrado com o telefone de Hannah. Atravessou uma lufada de ar frio e parou um segundo, esfregando as mãos.

— Essas flores são para você — disse Melanie, que estava com um livro de língua russa aberto, lendo enquanto cuidava dos telefones.

Melanie era nova. Ela ainda acreditava no programa de Fortunato, de que eram gueixas, e não prostitutas; de que os homens realmente se importavam se elas falavam várias línguas ou se seriam capazes de discutir teoria crítica pós-moderna. Naquela mesma noite, ela abriria as pernas para um homem que na verdade só se importava com o fato de ela ter um cabelo ruivo bem volumoso e peitos grandes.

— Jerry de novo? — perguntou Veronica.

Ela jogou o casaco no sofá e se largou nele.

— Não sei o que você tem contra ele. É um doce.

— Não tenho nada contra ele. O problema é que eu não tenho nada *para* ele. Ele é um zé-ninguém.

— Um zé-ninguém com uma montanha de dinheiro e que está babando por você. Então, ele marcou com você hoje, a partir das dez.

— Hoje? — Parecia que as paredes estavam se fechando. Ela não conseguia respirar direito. — Não posso.

— Algum encontro que você não registrou no sistema? — Ichiko havia comprado um Macintosh recentemente e digitalizado tudo. A responsabilidade pela atualização do calendário das garotas era delas mesmas, e se uma delas pisasse na bola, a briga era com todas.

— Não, estou doente.

— Mas ele já pagou e tudo mais.

— Será que você não ligaria para ele? Por favor? Eu tenho que ir.

Ela subiu para o quarto, deitou na cama com as roupas que vestia e se aninhou, abraçando um travesseiro. De lá, viu a noite cair na rua e o farol dos carros passando. Liz, sua gata cinza e gorda, pulou na cintura dela e começou a ronronar bem alto.

— Por favor, cala a boca — disse Veronica para a felina.

Liz também a lembrava Fortunato. Veronica sempre foi a dona da gata, mas nunca ligou muito para ela. Foi Fortunato que criou algum tipo de vínculo com a bichana. Liz costumava segui-lo no apartamento dele, chorando, e subia no seu colo sempre que ele se sentava.

Quando Fortunato foi embora para o Japão, a gata parecia ser a única coisa dele que havia ficado para trás.

Liz finalmente se acalmou e passou a roncar suavemente. Veronica não conseguia relaxar, e logo começou a tremer. Não era como o tremor que surgia quando ela precisava de heroína. Aquela parte estava calma. Isso era alguma outra coisa. Ela ficou imaginando se teria relação com a metadona, algum tipo bizarro de alergia. Quanto mais o tempo passava, mais desconectada ela se sentia. Veronica não conseguia parar de tremer. Será que estava morrendo?

Tirou desajeitadamente o telefone do gancho e discou o número de Hannah.

— É a Veronica — disse. — Tem alguma coisa errada.

— Eu sei — respondeu Hannah. — Por que você não vem para cá?

— Ir para aí?

— Para o meu apartamento.

— Não sei se consigo.

— Claro que consegue. Levanta.

Veronica se levantou. Por algum motivo, ela conseguiu.

— Está de pé?

— Sim.

— Ótimo. Anote o endereço.

Alguns minutos depois, Veronica estava num táxi. Olhou para baixo e viu que sua saia evasê de lã estava mais amassada do que nunca. Pegou um espelho na bolsa e viu que o delineador estava todo manchado e que seus olhos estavam vermelhos.

— Não tem jeito — lamentou-se, e as palavras quase engatilharam novamente o fluxo de lágrimas.

Ela sabia que algo estava prestes a acontecer. Não tinha forças para evitar, mas sentia, na boca do estômago, a profundidade do penhasco em que estava prestes a cair.

Hannah morava no terceiro andar de um prédio cuja fachada havia escapado de uma reforma na Park Avenue South. O verniz dos degraus estava gasto, e os patamares eram feitos de concreto cru. Hannah a encontrou na porta do apartamento, e disse:

— Você conseguiu.

Parecia aliviada e feliz em vê-la.

Veronica só conseguiu fazer que sim com a cabeça. O apartamento tinha dois quartos e uma cozinha. Quase não tinha móveis, só esteiras de tatame e almofadas, além de um aparelho de som caro com alto-falantes enormes que ficava no centro da sala. Pendurados numa parede, havia desenhos japoneses feitos com nanquim em molduras de acrílico. A simplicidade do lugar lembrava o apartamento que Veronica havia compartilhado com Fortunato.

— Pode se sentar onde quiser — disse Hannah. — Vou trazer um chá.

O som tocava uma canção instrumental, uma daquelas músicas New Age. Era um violão tocado numa afinação estranha com um monte de percussão. O resto do lugar, assim como a dona dele, sugeria uma serenidade que Veronica não conseguia sentir. Hannah serviu chá numa xícara pequena e grossa, sem asa. O chá era verde e levemente doce.

Ela se sentou de pernas cruzadas no sofá ao lado de Veronica.

— Parece que você não tem dormido muito.

— Estou toda embrulhada por dentro. Talvez seja a metadona.

— Não é a metadona. São três anos de sentimentos tentando sair de você.

— Está frio aqui?

Hannah tocou em sua mão. A tremedeira piorou.

— Não — respondeu Hannah. — Não é a metadona e não é a temperatura. É você mesma. — Ela se inclinou para a frente devagar e beijou Verônica nos lábios.

Foi um beijo gentil, mas não fraternal; cálido, mas sem exigir algo em troca. Veronica tremeu e abraçou o próprio corpo, sentindo como se estivesse lutando para não se afogar.

— Você está me deixando confusa.

— Você já estava confusa. Quando foi a última vez que sentiu prazer ao fazer amor? Quando foi a última vez que se deitou ao lado de alguém e se sentiu

reconfortada? Quando foi a última vez que pensou que tinha o direito de ser feliz? Você não precisa me dizer. Eu já sei.

Ela se levantou e pegou Veronica pela mão. Veronica a seguiu, não para o quarto como esperava, mas para o banheiro. Hannah ligou a água e a despiu, com cuidado, sem tocá-la em nenhuma parte que não precisasse. O banheiro começou a se encher de vapor.

— Entre — disse Hannah, e Veronica entrou na banheira. A água quente lhe deu uma sensação de ardência, e seu rosto se enrubescceu. — Você ainda tem um corpo muito bonito. Tomou bastante cuidado com as agulhas.

Veronica assentiu. A água quente fez com que parasse de tremer e a relaxou. Ela se sentiu como se estivesse drogada. Será que tinha alguma coisa no chá?

Hannah tirou a própria roupa e colocou os óculos na bancada da pia. Tinha um pouco de gordura na cintura, e sua barriga saltou para a frente sem o jeans. A roupa íntima deixou marcas vermelhas em sua cintura e abaixo dos seios. Ainda assim, Hannah parecia bela aos olhos de Veronica, com mamilos claros e pelos discretos entre as pernas. Veronica se viu quase esticando a mão para tocar aquele corpo, mas se controlou, confusa e com vergonha.

Em seguida, Hannah jogou um óleo na banheira. O óleo fez espuma e coloriu o ar com um intenso aroma verde de flores silvestres. Ela se ajoelhou ao lado da banheira e beijou Veronica novamente. Contra sua vontade, a boca de Veronica se abriu, e ela sentiu o sabor do chá de menta no hálito de Hannah.

— O que está fazendo comigo? — sussurrou.

— Seduzindo você — respondeu Hannah. — Se eu fizer alguma coisa que a assuste ou a deixe desconfortável, é só falar.

Ela colocou as mãos nas bochechas de Veronica, e então desceu pelo pescoço e pelos ombros. Veronica fechou os olhos e se segurou na banheira, com a respiração irregular. As mãos pequenas e macias de Hannah desceram até seus seios.

— Ah — disse Veronica.

Ela estava derretendo. Seu corpo inteiro parecia líquido. Não sabia dizer onde ela terminava e onde começava a água da banheira. Dessa vez, quando Hannah a beijou, ela se inclinou e a abraçou com os dois braços.

Quando Hannah a ajudou a ir para a cama, Veronica já não tinha nenhuma vontade própria. Não tinha forças nem inteligência, apenas sensações. Hannah foi

devagar, sem medo e com gentileza. Ela sabia onde tocá-la e quanta pressão aplicar. O primeiro orgasmo foi o mais intenso que Veronica já tinha sentido. Fazia tanto tempo que não sentia algo assim que ela quase não reconhecia a sensação. Outros orgasmos vieram depois. Todos eles se fundiram num contínuo prazer.

No fim, veio o sono.



A luz do sol a acordou. Seus olhos se abriram e viram lençóis verde-escuros. A memória da noite voltou, e ela se sentou rapidamente, cobrindo-se com o lençol. Hannah estava deitada ao seu lado, observando-a.

— O que você fez comigo? O que tinha no chá?

— Nada — disse Hannah. — Nós apenas fizemos amor.

— Isso é muito estranho. Eu tenho que sair daqui.

Procurou suas roupas pelo quarto, evitando levantar da cama nua com Hannah ali.

— Espere — pediu Hannah. Havia uma tranquilidade na voz dela que Veronica achava irresistível. — Eu sei o que tem de errado com você. Eu sou alcoólatra. Vivi bêbada durante dez anos, e agora estou sóbria há seis. Estava casada com um cara que eu odiava, e eu o odiava só porque não queria fazer sexo com ele. Não era culpa dele, eu é que sou assim. Só que não tinha ninguém para me dizer isso.

— O que eu tenho a ver com isso? Está dizendo que eu sou lésbica?

Havia uma toalha no carpete. Ela se enrolou e procurou pelo banheiro. Suas roupas estavam dobradas organizadamente no chão.

— Talvez você não seja gay. — Hannah levantou a voz só o suficiente para Veronica ouvi-la. — Eu acho que você é, mas isso não importa. Você se odeia pelo que está fazendo com o seu corpo, e isso faz com que se sinta indefesa. E se sentir indefeso tem tudo a ver com vício.

Veronica abotoou a blusa de seda e passou a mão pelos vincos da saia.

— Tenho que ir.

— Meu horário das três horas está reservado para você, se quiser conversar

mais.

— Só conversar? Ou você transa com todos os seus pacientes?

Houve um curto e doloroso silêncio.

— Você foi a primeira. Provavelmente era para eu achar que minha ética foi pelo ralo, mas não acho.

Veronica abriu a porta.

— Vou pensar — disse, fechando o cinto do casaco e descendo rápido as escadas.



Jerry estava esperando por ela quando voltou ao edifício de pedra marrom.

— Melanie disse que você estava doente — disse. — Queria ver se precisava de ajuda.

— Não, Jerry. É muito gentil de sua parte e tal, mas não.

— Onde você estava? Em algum encontro?

Veronica balançou a cabeça.

— Fui ao médico, só isso.

Jerry a olhou de cima a baixo e decidiu não repreendê-la. Sentou-se no sofá e viu as flores que havia mandado no dia anterior. Ainda estavam na mesa, ao lado do telefone, e o cartão nem fora aberto.

— Estou desperdiçando meu tempo, não estou?

— Jerry. O que você quer que eu diga? Você não devia ter se apaixonado por uma prostituta. Poxa, o que você queria? Achou que estava entrando num plano de aluguel com opção de compra? — Ela se sentou ao lado dele e pousou a mão em seu rosto. — Você é um cara gentil, Jerry. Deve ter mulheres atrás de você. Mulheres de verdade. É isso que merece. Não uma prostituta porto-riquenha mestiça viciada em drogas.

Viciada em drogas, pensou. Ela tinha dito isso mesmo.

— Mas quem eu quero é você — argumentou Jerry, olhando para o chão.

— Você nem me conhece. Não tem ideia de quem eu sou. Você está tentando resgatar vinte anos em uma noite, e me vê como uma espécie de atalho. Nada

acontece assim tão rápido. Dê um pouco de tempo a si mesmo.

— Podemos nos ver hoje de noite?

— Não. Hoje, não. — Ela pausou e tomou coragem. — Nem hoje, nem nunca.

— *Por quê? Eu amo você.*

— Você não sabe o que é o amor. Você não sabe do que está falando. Você pegou umas ideias românticas idiotas desses filmes que vê e que não têm nada a ver com a vida real. Eu não aguento mais. Não quero ser a única coisa que mantém esse seu mundo de fantasia de pé. Não sou forte o suficiente.

Ela se levantou.

— Veronica, por favor!

Ela nem conseguia olhar para ele. Seu rosto estava todo contorcido, como se tentasse não chorar.

— Desculpe, Jerry. Você vai encontrar alguém. Você vai ver — disse ela, e subiu correndo.



Não era nem meio-dia, mas ela estava bem desperta, pensando claramente. Sentir-se tão bem assim a deixava nervosa. Ela tomou banho, colocou uma calça jeans e um suéter e foi para a cidade buscar sua metadona. *Ok*, pensou, na fila, sentindo o calor do sol de novembro em sua pele. *Você consegue admitir que é viciada. Você consegue admitir que está cansada de se prostituir. O que falta, então?*

Todas as garotas tinham poupanças no nome de Ichiko. Metade do que ganhavam ia para o fundo todo mês e era monitorado cuidadosamente pelo novo computador. Se Veronica desistisse dessa vida, ela poderia pegar o dinheiro para se manter ao menos por alguns anos. E depois? Encontrar algum otário que nem o Jerry, casar e ter filhos?

Ela chegou até a bancada. Um garoto de jaleco branco de laboratório olhou seu cartão e lhe deu a dose. Ela bebeu e jogou o copo numa lata de lixo transbordante. Não era suficiente. Não sentir dor e não sentir vontade não era o suficiente. A heroína era mais que isso, mais do que uma forma de não sentir dor. Era a adrenalina, a onda, era aquele fogo gelado atravessando suas veias como se fosse o amor de Deus.

Veronica pegou uma surrada lista de telefones de dentro da bolsa e começou a

dispar. Deixou duas mensagens em secretárias eletrônicas, mas o terceiro número atendeu.

— Croyd?

— Eu mesmo. Onde você está, querida?

Suas palavras terminavam em cliques abafados. Ela não o via há três meses. Obviamente ele tinha dormido e acordado num corpo distorcido. Não tinha problema. Veronica conseguia olhar além da superfície.

— Chelsea. Quer ficar doidão?



Ele estava perto do East River, no apartamento no qual ela havia passado a noite com ele pela primeira vez, dois anos antes, no Dia do Carta Selvagem, quando o Astrônomo matou Caroline e Fortunato fugiu para o Japão.

Quando ela usava heroína, essas memórias não a incomodavam.

Croyd atendeu a porta. Veronica ficou ali, encarando-o por um longo tempo.

— Eu beijaria você — disse Croyd —, mas tenho medo de machucá-la.

— Tudo bem, eu passo.

O clique que ela ouvia ao telefone era o som de quando ele fechava o bico no fim de cada palavra. Ele media mais de dois metros e seu corpo era coberto de penas. Uma fina membrana juntava seus braços à lateral do seu corpo.

— Você sabe voar? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Sou pesado demais. Decepcionante, não é? Mas eu consigo planar um pouco, tipo mergulhar de uma janela no segundo andar. Então não é totalmente inútil.

Seus olhos eram pretos e brilhantes, e as penas amarrotadas acima deles passavam a impressão de inteligência.

— Talvez esteja perdendo meu tempo — disse ela.

O bico dele se abriu num sorriso.

— As asas podem não funcionar, mas o resto funciona.

Veronica balançou a cabeça.

— Estou com problemas, Croyd. Você tem cocaína?

Eles se sentaram à mesa da cozinha, uma placa de pinheiro com o verniz descascando marcada por queimaduras de cigarro. Veronica cheirou duas carreiras e passou o canudo para Croyd, que cheirou pelos pequenos orifícios pretos existentes na base do bico. Ela limpou o espelho com o dedo indicador e depois esfregou nas gengivas.

— Melhor.

— Tem certeza de que não quer terminar a conversa na cama?

Ela balançou a cabeça.

— Preciso de um amigo agora. Tem umas coisas estranhas acontecendo comigo. Não estou aguentando.

Contou sobre Hannah e sobre quase vomitar depois do seu último “encontro”. Croyd ouviu com atenção. Pelo menos ao que parecia. Quando ela terminou, ele disse:

— Provavelmente é burrice eu dizer isso. Quer dizer, vai contra meu próprio interesse. Mas você não pode ignorar o que sente. Precisa ver essa mulher de novo, à luz do dia, e decidir o que pensa dela. Talvez você seja gay. E daí? Você se importa mesmo com o que um bando de babacas conservadores pensam sobre a sua vida sexual?

— Parece que eu tenho 14 anos. Toda aquela confusão de sentimentos. E eu não consigo dar conta.

— Quer um conselho? Nem tente. Deixe acontecer. Se você tiver algum problema, pode me ligar. — Parecia que a conversa tinha terminado, mas Croyd hesitou, como se tivesse alguma outra coisa a dizer. — Não aconteceu mais nada, né? Quer dizer... Você não teve nenhum sintoma, teve?

Ele estava falando sobre Croyd Tifoide. Ela balançou a cabeça.

— Não. Não tenho nenhum poder, nem nenhuma barbatana nos pés. Não acho que tenha feito nada comigo.

— É que eu... Eu me sinto responsável, só isso.

— Não se preocupe.

Croyd a levou até a porta, e ela lhe deu um abraço forte, apesar do peculiar aroma ácido de suas penas.

Ele pousou as mãos abertas sobre as costas de Veronica.

— Tenho que tomar cuidado. Se eu dobrar muito os dedos, saem umas garras — disse ele, mostrando as garras para ela.

Os olhos dele deixavam transparecer um leve prazer ao olhar para aquilo.

— Até mais, Croyd. Obrigada por tudo.



Ela chegou ao escritório de Hannah pouco antes das quatro.

— Estou atrasada — disse Veronica.

Hannah segurou a porta aberta para ela entrar.

— Não tem problema. Não tem ninguém marcado para hoje à tarde. Que bom que você veio.

Veronica estava agitada por causa da cocaína e do nervosismo, não conseguia ficar sentada. Hannah tomou sua posição normal, na poltrona do outro lado da mesa.

— A metadona está funcionando para você?

— Está — respondeu Veronica. — Está funcionando muito bem. — Ela caminhou para trás do sofá, virou-se e se apoiou nele. — Não, não está funcionando nada bem. Não é suficiente. Eu ainda quero usar. Eu preciso.

— Por quê?

— Por quê? Porra, que pergunta idiota. Porque eu gosto de me sentir bem. Porque quando você usa droga, você não está nem aí para os problemas do mundo...

— Que problemas? — interrompeu Hannah. — Que problemas são esses que não foi você mesma que causou? Você entendeu tudo errado. Acha que consegue controlar o uso de drogas, mas não consegue nem controlar sua própria vida. É exatamente o contrário, mas você ainda não percebeu. Você não tem controle sobre a heroína. Ela é que é sua dona, que controla você. Esse é o primeiro passo do Plano em Doze Etapas. Você precisa admitir que não tem controle sobre o vício. Aí então você aprende que precisa ter responsabilidade pelo resto da vida. Responsabilidade aqui quer dizer “capacidade de resposta”. Não culpar ninguém, não controlar, mas ter responsabilidade. Algo com o que você possa lidar.

Veronica balançou a cabeça.

— É fácil falar. Mas eu não tenho esse tipo de vida. Minha mãe é uma puta acabada que virou minha cafetina agora. Não sei quem meu pai é, e acho que minha mãe também não sabe. Não tenho irmãos a quem recorrer. Aprendi todas aquelas merdas que o Fortunato nos ensinou, mas isso não é exatamente um diploma de faculdade. Não me ajuda em nada a arrumar um emprego bom em lugar algum. Quais as minhas chances? Vou acabar que nem todo mundo do colégio: velha e gorda, divorciada ou casada com alguém que me bate nos fins de semana.

Era difícil de acreditar. Ela havia conseguido sair da onda da cocaína falando.

— Então, o que você quer?

— Uma fuga. Quero que um cara bonitão que tenha um carrão e muito dinheiro venha me pegar e me levar embora para algum lugar.

— E depois?

— Aí a gente vive feliz para sempre.

— Que besteira, Veronica. Você sabe que isso é besteira. Se o que você quer é “um cara”, você poderia ter tido vários. Qual a diferença entre ser dependente de uma droga e de um homem? Não tem diferença alguma, e você sabe disso.

Veronica pensou em Jerry, que a teria levado consigo se ela tivesse deixado.

— Por que você se importa com o que acontece comigo?

Hannah caminhou até a janela e olhou para a rua.

— Quando você entrou aqui, eu me vi em você, há seis anos. Você tem uma espécie de fogo. Uma chama. Sexual, emocional, espiritual. Isso tem sido demais para você sua vida toda. Você teve que usar heroína para impedir que isso a consumisse. — Ela se virou para Veronica e a olhou nos olhos. — Eu quero esse fogo. Eu quero tudo o que você tem. Nós duas, juntas, queimando até que uma consuma a outra.

Veronica não conseguia respirar. Ela se levantou, sentindo o tecido do suéter roçar em seus mamilos, túrgidos. Foi até a porta e a trancou. A pressão do jeans entre suas pernas a estava enlouquecendo. Tirou os sapatos e puxou o suéter pela cabeça.

— Me mostra do que você está falando — disse Veronica.



Aos 15 anos, ela havia se apaixonado por um garoto de 18 de uma gangue mexicana, e transava com ele em toda e qualquer oportunidade: no banco de trás do carro dele, no parque e, uma vez, até na escada da escola. Era sempre rápido e brutal, e depois ela voltava para casa, para seu quarto vazio, onde pensava nele e se masturbava com os dedos, gozando de uma maneira que nunca gozaria com ele.

Desde então, ela já tinha feito sexo com centenas de homens. Nenhum deles a havia feito gozar, nem Fortunato. Ela também tinha se convencido de que o amor viria de algum homem.

Hannah mudou tudo isso. Elas faziam amor cinco ou seis vezes por dia. Era tudo tão igualitário. Tinham as mesmas coisas, as duas. Depois, dormiam uma nos braços da outra. Nas mãos suaves e na língua de Hannah, Veronica encontrou um nível de contentamento que nunca pensou ser possível, com quem quer que fosse.

— Mulher não goza porque há um homem dentro dela — disse Hannah. — Já li livros que diziam isso, e já ouvi que isso é o que acontece com algumas mulheres. Mas nunca conversei com nenhuma delas. Toda mulher com quem eu converso precisa de algo mais.

— Mais — disse Veronica. — Eu quero mais.

Ela só saía do apartamento de Hannah para pegar sua dose diária de metadona. Usava as roupas de Hannah, isso quando usava roupas. Ela fez o que Croyd havia lhe dito para fazer. Parou de lutar e se deixou imergir naquelas sensações: o cheiro e o toque do corpo de Hannah, as comidas exóticas e chás que ela preparava, as longas noites de intimidade física e emocional em que nada era proibido.

Quase nada, na verdade. Veronica se viu falando por horas sobre a infância, o horror da escola católica, a genealogia confusa de suas tias, tios e primos, a hipocrisia da sexualidade católica de meninas adolescentes que pagavam boquetes, mas que sentiam horror ao pensar em perder sua sagrada virgindade.

Hannah, no entanto, segurou-se. Falou da infância, do ex-marido, dos pais. Ela era uma amante com bastante imaginação e entusiasmo, sem medo de nada, e fez Veronica ler sobre vício, feminismo, marxismo, vegetarianismo e tudo que fazia parte de sua vida. Mas ela nunca explicou a transição, os anos que passaram entre estar casada e bêbada e ficar sóbria e trabalhar com terapia.

Havia alguns indícios aqui e ali. Ela havia feito parte de um grupo feminista radical, cujo nome nunca havia mencionado.

— Elas acreditavam num monte de coisas com as quais eu não estava confortável — dizia, e nada mais.

— Que tipo de coisas?

— Coisas que tocavam quem ainda sentia muito ódio e rancor. Coisas que você tem que superar se quiser chegar a qualquer lugar.

Veronica presumiu que ela estivesse falando de violência. Colocar bombas, assassinar ou qualquer outra coisa ilegal. E como Hannah não queria falar sobre o assunto, Veronica deixou o assunto para lá.

Veronica foi a primeira a dizer “eu te amo”.

O dia estava amanhecendo. Estavam deitadas lado a lado, as mãos de uma no meio das pernas da outra, os lábios apenas se tocando. O prazer era tão forte que as palavras saíram sem muito significado. Hannah a abraçou forte e disse:

— Me assusta você dizer isso. As pessoas usam a palavra “amor” como uma arma. Não quero que isso aconteça conosco.

— Eu amo você de qualquer forma, não importa o que você diga. Goste você ou não.

Hannah se afastou o suficiente para poder olhá-la nos olhos.

— Eu amo você também.

— Quero parar com a metadona. Quero ficar limpa.

— Ok.

— Quero começar agora. Hoje.

— Não vai ser fácil. Eu posso passar uns remédios para te ajudar, mas isso vai acabar com você. Tem certeza de que está pronta?

— É isso que eu quero.

— Espere mais uma semana. Precisamos sair um pouco, colocar você de volta no mundo. Se ainda assim você quiser tentar na semana que vem, aí fazemos.

— Acho que é isso que estou tentando dizer. Acho que eu gostaria de fazer isso — disse Veronica. Ela secou os olhos com o guardanapo. Ambas fingiram não ver as lágrimas. — O que eu digo para Ichiko?

— Não sei. O que você acha?

— Você está entrando no modo orientadora de novo.

Hannah deu de ombros, e Veronica continuou:

— Acho que vou dizer a ela que estou indo embora. Que para mim já deu. Mas acho que ela já deve ter chegado a essa conclusão.



De fato, Ichiko já tinha concluído isso.

— Espero que você seja muito feliz — disse, dando um abraço em Veronica.
— Dá pra ver que você vai ser. Tome um dinheiro para facilitar as coisas. — O valor escrito no cheque era mais alto do que Veronica teria qualquer razão para esperar. — Suas economias mais um extra da minha parte.

— Não sei se devo aceitar.

— Aceite — insistiu Ichiko. — As coisas estão mudando. O negócio não é tão bom quanto eu achava que era. Olho as coisas e vejo muito ódio. Eles odeiam curingas e ases. Quando vim para os Estados Unidos, eles me odiavam por eu ser japonesa. O pai de Fortunato teve que nos esconder durante a Guerra do Pacífico, senão teriam nos levado para os campos de concentração. As pessoas ficam com medo e fazem mal umas às outras. As minhas gueixas não ajudam mais com isso. Quando um homem usa uma mulher, isso não faz dele um homem melhor, assim como ter escravos negros não tornava os brancos melhores. No fim das contas, só serviu para gerar mais ódio.

— O que você está dizendo? Vai fechar o negócio?

Ichiko deu de ombros.

— Tenho pensado nisso cada vez mais. Estou muito pressionada. Tem uns gângsteres e uma gente endinheirada que quer pegar o negócio para si. Se eu fechar, eles vão embora e me deixam quieta. Eu tenho dinheiro suficiente. De qualquer forma, quem liga para dinheiro? — Ela empurrou o cheque em direção a Veronica novamente, que dessa vez o aceitou. — Vá, seja feliz, e encontre o amor onde quer que seja.

Veronica subiu e terminou de fazer as malas. Finalmente, percebeu que não poderia mais adiar, então foi até a porta do quarto de sua mãe.

Naquela tarde, Veronica e Hannah tinham ido ver um filme juntas. Ficaram de mãos dadas, como se fossem adolescentes. Depois, enquanto jantavam comida

chinesa, Hannah dissera:

— Acho que você deveria trazer algumas coisas para cá. Roupas etc. O que acha? E a sua gata.

— Quer dizer, para morarmos juntas?

Miranda já sabia da história toda por Ichiko, e o que não tinha ouvido, ela havia entendido sozinha. Miranda pegou as mãos de Veronica e as segurou por um bom tempo sem falar nada. Finalmente, disse:

— Você sabe que não me importo se você está apaixonada por uma mulher e não por um homem. Você sabe que eu estou feliz por estar saindo... daquela vida. Sabe que nunca foi minha intenção que você fizesse isso. — Ela suspirou. — Só tenha cuidado, querida, por favor. Você conhece essa mulher há o quê? Umas duas semanas?

Veronica soltou as mãos e se levantou.

— Mãe, pelo amor de Deus.

— Não quero ser desmancha-prazeres...

— Mas está sendo. É exatamente isso que você está fazendo.

— Só estou dizendo que vocês não se conhecem bem. Quero que dê certo, de verdade, mas pode não dar, então...

— Pode parar — interrompeu Veronica. — Não quero nem ouvir. Será que uma vez na vida você consegue ficar feliz com a minha felicidade? Se não conseguir, então não diga nada. — Ela saiu e bateu a porta, levando suas coisas para o táxi no qual Hannah a esperava.



Voltando para casa, com Liz encolhida de nervoso no colo, Veronica começou a tremer.

— Tudo bem? — perguntou Hannah. — Você tomou a metadona hoje?

— Tomei — disse Veronica. — Não é isso. — Os sintomas, no entanto, eram exatamente os mesmos. Ela estava suando e seu estômago estava embrulhado. — Estou com medo, só isso.

Hannah a abraçou.

— Medo? Medo de quê?

— Tenho a vida inteira pela frente. Ela está lá, esperando. E eu não sei o que fazer com ela.

— Viva — disse Hannah. — Só isso. Um dia de cada vez.



Na tarde seguinte, elas caminharam pela Fifth Avenue, olhando as vitrines. Veronica parou em frente a um tomara que caia azul de lantejoulas na vitrine da Saks.

— Meu Deus. Que lindo.

Hannah pegou seu braço e a levou, sorrindo.

— E muito politicamente incorreto. Isso aí é uma coleira que os homens colocam na gente. Vamos. Melhor depositar logo esse dinheiro no banco antes que vire pó.

Caminharam até o banco Chase Manhattan e entraram. Tinha uma fila única, delimitada por cordas vermelhas de veludo, longe dos caixas. Veronica foi para o fim da fila, que já tinha seis pessoas. Outras duas entraram atrás dela.

— Vou dar uma volta — disse Hannah. — Detesto fila, sinto-me claustrofóbica.

Havia um nervosismo no olhar de Hannah que Veronica nunca havia visto. Ela lembrou o que sua mãe lhe dissera e percebeu o quão pouco, na verdade, ela sabia sobre a mulher por quem estava apaixonada.

— Você está brincando, não é?

— Não. — Seu sorriso tremulava feito uma lâmpada fluorescente com defeito. — Não estou, não. Ela passou pela corda de veludo e saiu caminhando pela parte aberta do lobby. Veronica percebeu que havia um garoto loiro bonito a alguns metros de distância, preenchendo algum formulário no balcão de serviço. Hannah também o viu e se virou para olhá-lo novamente.

Veronica sentiu uma pontada de ciúme. O garoto estava no fim da adolescência, vestido com uma calça cargo cara, um par de mocassim, um suéter com gola V e nada embaixo. Tinha um longo casaco preto casualmente dobrado sobre um de seus braços. O cabelo caía sobre as orelhas e o pescoço e tinha uma barba rala por fazer. Despertava uma sexualidade casual que todos ali percebiam.

Hannah sorriu e fez um meneio de cabeça. Parecia que estava sorrindo para si

mais do que para o garoto. Continuou andando. O homem que estava atrás de Veronica na fila pigarreou alto. Veronica notou que a fila havia andado. Ela voltou a olhar para Hannah bem na hora em que esta cambaleou.

— Hannah...? — chamou Veronica.

Hannah se equilibrou e deu mais alguns passos de forma hesitante. Era como se estivesse usando sapatos com saltos altos demais para ela. Mas Hannah nunca usava salto alto. Ela se virou e olhou para a Veronica.

Tinha algo de errado com seus olhos. Tinha alguma coisa louca neles e em seu sorriso. Veronica olhou a longa fila que se estendia atrás dela. Ela não queria perder o lugar, mas, se tivesse alguma coisa realmente errada... De repente, Hannah saiu correndo.

Ela correu de forma lenta e desengonçada, e pegou o segurança do banco de surpresa. Hannah tinha sacado a arma do coldre dele e estava apontando para a cabeça dele antes que o homem nem sequer pudesse entender o que estava acontecendo.

— Hannah! — gritou Veronica.

A arma clicou na mão de Hannah. O barulho do tiro ricocheteou nas paredes de mármore, e o lugar ficou em silêncio por um segundo. A bala jogou o guarda contra a parede. Seu rosto colapsava ao redor do orifício escuro em sua bochecha. Uma longa mancha vermelha se formou na pedra clara enquanto o corpo tombava no chão.

Veronica tentou pular a corda de veludo, mas seu pé ficou preso. Enquanto ela caía, Hannah se virou em sua direção e atirou de novo. A bala passou uivando acima da cabeça de Veronica. O silêncio deu lugar a gritos de pânico. Um alarme disparou, mas quase não era possível ouvi-lo por causa de todo o barulho. Os clientes, a maioria homens que vestiam ternos escuros, saíram correndo para as portas. Hannah se virou para observar; uma alegria monstruosa despertando em seu rosto.

Veronica conseguiu se levantar e correu até Hannah. Guardas de outros locais do edifício apareceram empunhando armas. Um deles gritou com Veronica:

— Moça, fique abaixada!

Outro guarda atirou contra Hannah, o tiro passando sobre sua cabeça. Hannah disparou na direção dele duas vezes.

A essa altura, Veronica já estava voando. Ela derrubou Hannah e ambas

deslizaram pelo piso encerado. Hannah soltou a arma. Com a força de quem está com medo, Veronica conseguiu prender as mãos de Hannah sobre sua cabeça.

— Sou eu, droga! — gritou ela. — Qual o seu problema?

Do outro lado do saguão, um corpo caiu no chão.

Era o garoto loiro de suéter. Ele parecia atônito, paralisado, como se tivesse tido um derrame. Uma expressão de terror ou algo assim (como uma presença estranha) distorcia sua face. Ao levantar uma das mãos em direção ao rosto, caiu para a frente como um boneco.

Enquanto os guardas pulavam em cima das duas, Veronica viu a luz voltar aos olhos de Hannah. Sua boca se mexeu, mas não se ouviu nenhum som. Dois pares de mãos tiraram Veronica dali. Dois ou mais guardas e um policial apontaram armas para o rosto de Hannah, gritando para ela não se mexer. Poucos segundos depois, ela estava algemada sendo carregada porta afora.

Veronica tentou se soltar, mas os guardas a seguraram ainda mais forte. Ela fez o que pôde para encontrar o garoto loiro na multidão, mas ele tinha sumido.

Ela foi levada para a delegacia numa viatura. Primeiro, só queriam sua versão da história, perguntando-a repetidamente sobre o ocorrido. Veronica respondeu que ela e Hannah moravam juntas, falou sobre a heroína, sobre o cheque que ela estava levando para o banco. Quando perguntaram o que havia acontecido, ela disse que não sabia.

— Não foi a Hannah — afirmou.

— Temos uma dezena de testemunhas dizendo que foi ela.

— Quer dizer, não era ela no corpo dela. É como se estivesse... Não sei... Possuída.

— Possuída? Foi o Diabo que a levou a fazer aquilo?

— *Não sei!*

Ela contou a mesma história várias vezes, até que as palavras perderam o sentido.

Um policial de terno saiu da sombra e perguntou:

— O que você sabe sobre um grupo que se autointitula OMIS?

— Nunca ouvi falar. Posso tomar um copo de água?

— Daqui a pouco. Você sabe dizer o que as iniciais significam?

— Já disse, nunca...

— Organização de Mulheres pela Igualdade Sexual. Reconhece?

— Não, eu...

— Ano passado teve um tumulto na frente de uma clínica de aborto. Os membros da OMIS mandaram cinco manifestantes e um policial para o hospital.

— Bom para eles — desdenhou Verónica.

— O policial morreu. Continua achando engraçado? Ano passado houve sete incidentes nos quais essas mulheres realizaram atos de violência nas ruas. Uma das pessoas que elas prenderam era seu ex-chefe, Fortunato.

— O que isso tem a ver com a Hannah?

— Quase nada. Ela é só a presidente do grupo.

— Como assim? Isso é impossível.

— Você sabe mesmo tudo sobre ela, não é? Há quanto tempo você disse que a conhecia? Dez dias?

— Ela falou que não tinha mais nada a ver com essa gente.

— Você respondeu que não sabia nada sobre a OMIS.

— Ela nunca me disse o nome. Só contou que tinha feito parte de uma organização radical, mas que não concordava com os métodos. E que já tinha saído do grupo há muito tempo.

Um homem baixo, calvo e de óculos disse:

— Ela está falando a verdade, Lou.

Era um ás de baixo grau, um telepata fraco. A polícia contava com o apoio de dez ou quinze ases assim para trabalharem detectando mentiras.

— Que se dane — disse o homem de terno. — Vou liberar você. Mas não quero que fique longe de um telefone por mais de uma hora, para que eu possa sempre encontrá-la. Entendeu?

— Quero falar com ela — disse Verónica.

— Esqueça. A advogada dela já está aqui. Ela não vai falar com mais ninguém.

— Quem é a advogada?

O homem de terno suspirou.

— Bud?

Um dos policiais olhou o arquivo.

— Ela se chama Mundy. — Ele deu um assobio. — Da Latham, Strauss. Um luxo.

— Agora caia fora — disse o homem de terno.

Dois policiais à paisana a levaram para casa e entraram com ela. Eles tinham um mandado, assinado e lacrado. Ela se sentou no chão e esperou enquanto eles reviravam o apartamento de ponta-cabeça. Um deles encontrou os brinquedos eróticos numa gaveta da cama. Levantou umas bolas tailandesas de madeira para o parceiro ver, e então olharam para Veronica.

— Vão se foder! — gritou ela, enrubescida, quase chorando. — Não mexam nisso.

O policial deu de ombros e guardou as bolas. Por fim, foram embora. Veronica os observou cuidadosamente. Não havia nada no apartamento, nenhuma evidência que ligasse Hannah à OMIS.

Imediatamente depois de eles saírem, Veronica ligou para a Latham, Strauss. O serviço de mensagens anotou seu telefone. Ela desligou e ficou caminhando nervosamente de um lado para o outro, colocando desenhos em molduras de acrílico de volta nas paredes, dobrando roupas e colocando-as de volta nas gavetas e limpando os armários. O telefone tocou.

— Veronica? Aqui quem fala é Dyan Mundy.

— Graças a Deus.

— Eu estava prestes a ligar para você quando recebi sua mensagem. Hannah pediu que eu ligasse. Ela queria que você soubesse que está bem, que ninguém a machucou. — A voz da advogada exalava confiança, controle e um tipo de calor artificial. Veronica visualizou uma mulher loira com o cabelo na altura do queixo usando anéis de ouro e três fileiras de pérolas. — Não vou conseguir levar você até ela nesse momento. Ela entende isso, e pediu que lhe dissesse que a ama.

Lágrimas escorreram dos olhos de Veronica.

— O que aconteceu? Ela disse o que aconteceu?

— Ela tentou explicar, mas, sinceramente, a história dela não faz muito sentido. Aparentemente ela teve algum tipo de experiência extracorpórea. Sentiu algum tipo de choque e ficou desorientada. Quando se deu conta, estava no canto em algum lugar. Ela se viu atirar no guarda, como que de longe. Não sei o quanto isso vai funcionar no tribunal. Você sabe se ela já tinha sido tratada por conta de algum distúrbio emocional? Há algum histórico disso na família?

— Não tem problema algum com a Hannah — respondeu Veronica. — Alguém estava no corpo dela quando o guarda foi assassinado. Não foi a Hannah.

— Foi o que ela disse.

— E o garoto loiro?

— Que garoto loiro?

— Quando a Hannah foi... possuída, ou seja lá o que aconteceu, tinha um garoto loiro lá. Ele caiu no chão, como um zumbi. Depois que Hannah voltou para o próprio corpo, não consegui mais achá-lo.

— Não entendo. O que você quer dizer com isso?

— *Não sei!* Mas acho que o garoto tem alguma coisa a ver com isso.

Uma pausa longa.

— Veronica, sei que você está chateada. Mas tem que confiar em mim. Ela está com a melhor firma de advocacia da cidade. Se alguém pode salvá-la, somos nós.



Ela não conseguia dormir. Ficou imaginando Hannah sozinha numa sala úmida, fedorenta e claustrofóbica, sentindo-se aterrorizada. Não tinha o que Veronica pudesse fazer para convencer a polícia (ou até mesmo a advogada de Hannah) do que sabia ser a verdade. De que não fora Hannah que tinha apertado o gatilho.

Ela ligou para todos os números de Croyd, mas não teve sorte. Jerry ajudaria de bom grado, mas o que ele poderia fazer? A firma de advocacia do seu irmão já estava no caso. Mas de que adiantava um grupo de bons advogados contra um saguão de banco cheio de testemunhas? O cheiro de Hannah ainda estava nos lençóis. Isso fez Veronica morrer de saudade. Era como o vício em heroína, rasgando-a por dentro. Não dava mais para ela ficar lá. Colocou o tênis de corrida e saiu.

Era sexta-feira à noite, nove horas. A vida na cidade seguia mesmo sem ela, como sempre. Ela seguiu em direção às luzes e ao barulho da Broadway, odiando todos ao seu redor, querendo se jogar no rio de táxis amarelos que passavam, socá-los e gritar até que todo mundo parasse o que estivesse fazendo e fosse ajudá-lo. Nova York era a melhor cidade do mundo para ser feliz, mas a pior se você estivesse desesperado. A cidade passava por cima dos desamparados,

atropelando-os enquanto soltava nuvens de monóxido de carbono. Passava por cima sem misericórdia, e ainda deixava o lixo para trás.

A vida não tinha sentido sem Hannah. Sem Hannah, ela acabaria voltando ao vício e pagando boquete dentro de um carro por dez dólares. Qualquer outra coisa seria melhor.

Foi então que ela viu a arma. Estava na vitrine de uma loja de penhores, logo atrás de uns violões e uns aparelhos de som. Era cromada, parecia pesada e remetia a poder para ela.

Veronica entrou. O homem do balcão tinha uns 50 anos, mas se portava como se tivesse 22. Assim como ele, Veronica tinha feito muita coisa na vida. Sua peruca não era nem da mesma cor do tufo de cabelo que saía por sobre suas orelhas. Ele usava uma camisa verde de poliéster com figuras de cavalos, uns dez anos fora de moda. A roupa estava desabotoada de propósito para mostrar os pelos do peito e as correntes de ouro.

— Quanto é a arma? — perguntou Veronica.

— O que uma belezura que nem você quer com uma Smith and Wesson calibre 38? — O homem cruzou os braços sobre o peito e se apoiou na parede atrás do balcão. Numa TV acima de seu ombro, dois times de futebol americano se digladiavam.

— Não estou com saco para isso, cara. Quanto é a arma?

O homem balançou a cabeça, sorrindo.

— Isso acontece o tempo todo. Os coroas põem um par de chifres nas novinhas, as novinhas ficam chateadas e já querem sair estourando uns miolos. É isso que a televisão fez com a sociedade. Todo mundo quer matar todo mundo.

— Olha aqui, cara...

O homem se curvou para a frente.

— Não, olha aqui você. A lei diz que eu sou responsável pelo que vendo. Não gostei de você. Não sou obrigado a te vender nada. — Ele ficou em pé de novo e suavizou a voz. — Então seja uma boa menina e volte pro seu coroa em casa.

Naquele momento, Veronica enxergou sua vida como uma sequência de humilhações, todas causadas por homens que achavam que tinham o privilégio de decidir o seu destino.

Desde o pai, que nunca a reconheceu; passando por Fortunato, que lhe dizia como se vestir e como sorrir; por Jerry, que esperava que Veronica o amasse só

porque ele a amava; até o incontável número de homens que haviam se aproveitado dela e ido embora. Ela estava cansada disso. Pela primeira vez, queria ter o poder de Fortunato para entrar na cabeça daquele homem metido e horrroso e esmagá-lo até que virasse geleia.

A luz fluorescente piscou. Isso era para tê-la distraído, mas ela estava focada. As luzes piscaram no ritmo de sua respiração, e Veronica sabia que era ela que estava fazendo aquilo. Sentiu a eletricidade passando pelos fios, fluindo da rede para o seu cérebro. O carta selvagem. Croyd. Estava acontecendo. A imagem da televisão falhou e depois voltou. O ponteiro dos minutos de um grande relógio elétrico próximo à TV parou, e então começou a balançar para um lado e para o outro como se fosse um pêndulo, as luzes piscantes marcando a hora. O homem se virou para ver a TV e depois empalideceu. Ele se sentou rapidamente, cruzando os braços sobre o peito, como se estivesse com frio. Seu rosto ficou salpicado de gotas de suor.

— Você se machucou? — perguntou ela.

— Não sei. — A voz dele estava fraca e mais aguda do que antes.

Ela aparentemente não o havia ferido. Mas, na verdade, não estava nem aí para ele.

— Passa logo a arma.

— Não sei se posso...

— Anda logo!

Ele ajoelhou no chão e se apoiou nas mãos, tentando colocar uma chave num cadeado, depois deslizou a porta da vitrine. Teve que usar ambas as mãos para levantar a arma e colocá-la no balcão. Quando pegou a arma, Veronica se deu conta do que havia acontecido. Por que ela precisava daquilo?

Saiu correndo da loja, acenando para chamar um táxi. Num ímpeto, ela foi à cadeia. O guarda que ficava do lado de fora era ruivo e musculoso e não a deixou seguir adiante. Veronica tentou fazer com o ele o que havia feito na loja de penhores. Nada aconteceu.

Ela sentiu uma onda de pânico. Não tinha ideia do que era o poder e de como funcionava. E se ela não pudesse mais usá-lo logo em seguida? E se, para usá-lo, ela precisasse de algo que estivesse na loja para servir de catalisador?

— Moça, eu já disse. Isto aqui é uma área restrita. Então, você vai embora por conta própria ou eu vou ter que chamar alguém?

O pânico virou desespero, e o desespero virou raiva. De que adiantava esse poder se ela não podia usá-lo para ajudar Hannah? Foi então que, com a raiva, ele voltou. As luzes piscaram, e a música de uma TV dentro da prisão se dissolveu em estática. De repente, ela ouviu os presos gritando. O homem cambaleou e arqueou para a frente, para se apoiar na mesa.

— Meu Deus — disse o homem. — Meu Deus.

— Onde estão as chaves?

— O que você fez comigo, moça? Não consigo nem levantar meus braços.

— As chaves.

O homem se deixou cair na cadeira, soltou as chaves do cinto e as jogou na mesa para Veronica. Atrás dela, a voz de um homem chamou:

— Charlie?

Veronica se concentrou na voz sem nem virar e ouviu o homem caindo no chão. A terceira chave que ela tentou encaixou no painel de controle ao lado da porta de aço da cadeia. O motor começou a girar e a porta deu um coice, mas não abriu. Ela percebeu que ainda estava afetando a eletricidade e tentou relaxar.

Então, a porta deslizou para trás. Havia quatro celas. Em três delas, bêbadas, viciadas e marginais. Na quarta estavam quatro prostitutas negras e Hannah. Todas, exceto Hannah, gritavam pedindo ajuda.

Hannah se enforcara com a calça, amarrada num cano do teto. Seu rosto estava inchado e roxo, a língua para fora da boca. Os olhos, esbugalhados. Um tufo de cabelo havia sido arrancado pelo zíper da calça, e uma gota de sangue ressecado ainda marcava o couro cabeludo. Veronica se lançou contra as barras da cela, seus gritos se perdendo entre as vozes que a cercavam. Ela sentiu alguém puxando as chaves de suas mãos, e uma das prostitutas abriu a cela por dentro. Veronica correu até Hannah e colocou um dos braços ao redor de sua cintura. A outra mão tentava soltar o nó da calça enrolada em volta do pescoço.

Ela se recusou a pensar. Pelo menos, ainda não pensaria agora. Não enquanto ainda houvesse algo que pudesse tentar. Ela deitou Hannah no chão cinza e grudento da cela. Empurrou sua língua inchada para o lado e tirou o vômito de sua garganta com os dedos. Soprou ar em seus pulmões até que ela própria ficasse sem nenhum.

Uma das prostitutas que ficou para trás olhou para Veronica e disse:

— Ela ficou louca antes de morrer. Ficou completamente maluca. Nunca vi

nada assim. Ninguém conseguia nem chegar perto dela.

Veronica fez que sim com a cabeça.

— Eu tentei impedir, mas não teve jeito. Foi uma doideira.

— Obrigada — disse Veronica.

De repente, a cela estava cheia de policiais portando armas. Não havia o que Veronica pudesse fazer, só levar as mãos ao alto e ir com eles.

Ela esperou até que estivesse sozinha com dois detetives para usar seus poderes de novo. Deixou os dois praticamente desmaiados no chão da sala de interrogatório e saiu andando noite afora.

Na rua, faróis, buzinas, rádios a todo volume, gritos. As luzes estavam claras demais, os sons, altos demais, tudo era demais. Dentro dela, a mesma coisa. Sua mente não se acalmava. Hannah era sua vida, a única coisa que importava. Se Hannah tinha morrido, como ela ainda estava viva?

Esse pensamento estava incandescente, muito doloroso para acessar. Pensou que seria melhor já se imaginar morta. Ela observou um ônibus passar rápido ao seu lado e tentou adivinhar qual seria a sensação se as rodas dele ficassem por cima dela.

Então se lembrou do olhar de Hannah no chão do banco, logo que sua consciência voltou. Ela se lembrou da prostituta na cela. Louca e maluca, dissera.

Alguém tinha feito isso com Hannah. Em algum lugar na cidade, tinha alguém que sabia o que havia acontecido e o porquê.

Morta, não, pensou Veronica. Hannah está morta, mas eu não estou. Alguém sabe o porquê.

Aquilo virou um refrão em sua cabeça, um mantra, capaz de levá-la de volta ao apartamento de Hannah. Ela entrou e deitou na cama. Segurou uma das camisas da amada contra o rosto e sentiu o cheiro dela. Liz subiu na cama ao seu lado e começou a ronronar. Elas ficaram juntas, esperando para ver se o sol nasceria de novo.



Sr. Ninguém visita a cidade

Walton Simons

Jerry apertou o botão do interfone e olhou para a câmera de segurança. Uma lufada de vento frio o atingiu, fazendo arder seu rosto e orelhas. Ter comido demais no jantar de Ação de Graças não tinha lhe dado gordura o bastante para o inverno. Ainda estava no começo de dezembro, então ele poderia continuar tentando.

— Quem é? — disse uma voz educada de mulher no interfone.

Jerry a reconheceu: Ichiko.

— Jerry Strauss. Queria conversar com você sobre Veronica. Ou, pelo menos, gostaria de entrar para me aquecer.

Ouviram-se um zumbido e a porta automática se destrancou. Jerry a abriu e entrou no lobby, esfregando as mãos. Uma mulher se sentou num sofá mais baixo. Ela era alta, tinha cabelo castanho e comprido. Seu olhar era distante e o rosto tinha feições suaves. Ela olhava além de Jerry, para a rua atrás dele. Jerry andou até a porta do escritório de Ichiko e bateu.

— Pode entrar.

Ele entrou e se sentou numa cadeira do lado oposto a Ichiko na mesa. O escritório era mais moderno do que Jerry esperava. Havia um computador em cima de um aparador e uma série de monitores que mostrava o lado de fora do prédio e a sala de espera. Jerry só havia visto uma câmera; as outras deviam estar escondidas. Ichiko usava um vestido azul-escuro. Seus olhos mostravam cansaço, mas, mesmo assim, ela abriu um sorriso.

— Obrigado por me receber — disse Jerry. — Eu queria saber se você tem alguma ideia de como encontrar a Veronica, ou pelo menos de como posso falar

com ela.

Ichiko balançou a cabeça negativamente.

— Ela levou tudo embora há algumas semanas. Não me disse nada sobre o que pretendia fazer.

— Você não tem nenhuma ideia?

— Não. — Ichiko apertou as pontas dos dedos umas contra as outras. — Não mesmo. Mas você gostaria de experimentar uma outra companhia?

— Não. Não sei como me meti nessa situação. Não combina comigo. Acho que a Veronica era especial.

— Todas as mulheres são especiais. Homens também, acho. — Ichiko se levantou. — Peço desculpa por não poder ajudá-lo, Sr. Strauss.

— Valia a pena tentar — disse Jerry, enquanto se levantava e dava um passo em direção à porta.

Ichiko olhou para um dos monitores. Uma luz vermelha estava piscando embaixo de um deles. Dois jovens orientais olhavam para a câmera. Um deles pegou uma lata de tinta spray. Ele a levou até a câmera, e a tela ficou escura.

— Droga — reclamou Ichiko. Ela apertou o botão do interfone que a conectava com a sala de espera. — Diane, venha aqui agora.

Jerry ouviu passos do lado de fora. A porta se abriu e quase o acertou. A moça fechou a porta. Sua pele, já bastante pálida, estava branca.

— Estão lá fora — disse ela. — Dois Garças.

— O que está acontecendo? — Jerry se afastou da porta e ficou atrás da mesa com Ichiko e Diane.

— Os Garças Imaculadas, uma gangue de rua — respondeu Ichiko. — Nós nos recusamos a pagar pela proteção deles. Antes, eu costumava ameaçá-los com a volta do meu filho, mas isso já faz muito tempo.

— Fortunato? — perguntou Jerry.

— Não, Papai Noel. — A voz de Diane estava trêmula, mas ainda assim ela lançou um olhar para Jerry que o fez sentir como se tivesse 6 anos de idade.

Jerry olhou para a mesa de Ichiko. Havia uma foto de Fortunato. Ele a pegou e sentou na cadeira, estudando a foto.

— O que você está fazendo? — perguntou Ichiko com uma voz calma e curiosa.

— O melhor que posso — falou Jerry. — Alguma de vocês tem um espelho?

Diane procurou na bolsa e lhe entregou um espelho pequeno. Jerry ficou olhando fixamente para ele e começou a mudar suas feições e o tom de sua pele.

— Meu Deus — exclamou Diane. — Não me admira que Veronica ficasse assustada com você.

Jerry ignorou o comentário e lhe devolveu o espelho. Ele se virou para Ichiko.

— Como estou?

— A testa está um pouco comprida — disse.

Houve uma batida na porta do escritório e depois risadas.

— Diane, deixe eles entrarem — ordenou Jerry, tentando forçar autoridade na voz.

A garota abriu a porta e se afastou. Dois Garças surgiram como raposas entrando num galinheiro. Ao verem Jerry, pararam.

— O que vocês querem? — perguntou ele.

— É pra vocês pagarem! — intimou o maior dos dois.

Ele deu um passo à frente. Jerry se levantou devagar. Ele conseguia ficar um pouco mais alto, mas já estava no limite.

— Cai fora, seu lixo. — Cruzou os braços no que esperava ser uma posição mística. — Sumam daqui os dois ou eu transformo vocês em algo assim.

Jerry relaxou suas feições faciais completamente. Deixou sua mandíbula cair e rolou para fora uma língua azul enorme. Achatou o nariz e alongou as orelhas. A pele de sua testa começou a derreter sobre as sobrancelhas.

Os Garças saíram correndo, batendo um no outro pelo corredor do escritório. Uma arma se soltou e saiu deslizando no chão. Jerry deu a volta na mesa e a pegou. Era fria, azul e pesada. Ele a colocou no casaco.

— Devem estar esperando por mim lá fora — comentou.

— O seu rosto... — disse Diane, com nojo. — Dê um jeito nisso.

Jerry fechou os olhos e deixou sua imagem corporal fazer o rosto voltar ao normal.

— Você me prestou um grande serviço — agradeceu Ichiko. — Se quer mesmo encontrar Veronica, é possível que ela esteja escondida com um grupo chamado OMIS. Mas sugiro contratar um profissional para o caso. Pelo que ouvi, são mulheres perigosas.

— Obrigado. — assentiu Jerry.

Ele olhou para Diane, mas ela desviou o olhar. Assustá-la tinha sido mais divertido do que ele estava disposto a admitir. Soprou-lhe então um beijo e saiu do escritório para o frio das ruas.



Ackroyd ficava atrás de uma mesa entulhada com uma pasta de papel no meio. Seu olho direito estava ligeiramente inchado e roxo.

— Quer uma bebida? — ofereceu ele, enquanto Jerry se sentava. — Está incluída no serviço.

A velha cadeira de metal rangeu quando Jerry se sentou.

— Não — recusou a princípio. — Bem, não quero ser uma visita chata.

Ackroyd abriu uma gaveta e pegou um copo e uma garrafa de uísque. Depois, passou um pano no copo.

— Puro está bom?

— Claro. Um pouco de alegria natalina não faz mal a ninguém. — Jerry precisava da bebida para se acalmar. A pasta era bem grossa. Talvez Veronica tivesse muito mais a esconder do que ele suspeitava. — Não vai beber também?

Ackroyd deu de ombros.

— Estou com um pouco de dor de cabeça hoje.

— Reparei no seu olho. Espero que não tenha acontecido enquanto você estava em serviço, fazendo o trabalho para mim — comentou Jerry, pegando o copo e dando um gole um pouco maior do que o normal.

— O Bairro dos Curingas está cada vez mais complicado. A maioria são limpos querendo arrumar problema. É como se estivéssemos na temporada de caça a pessoas infectadas pelo carta selvagem. — Ele abriu a pasta. — O que nos traz à sua dama, Veronica.

— Ela não é exatamente minha. — Jerry não tinha mais certeza do que Veronica era dele, se ele ainda se importava com isso ou se ela era só mais uma obsessão persistente.

— Tanto faz. Depois que você perdeu o contato com ela, Veronica se envolveu com uma mulher chamada Hannah, que por acaso estava envolvida com

um grupo feminista radical.

— A OMIS — disse Jerry.

— Que ótimo. — Ackroyd mexeu no queixo. — Você já sabia, então. Por que não falou antes? Vai ajudar muito se me contar tudo o que você souber daqui em diante. Mas não ficou claro se houve algo sexual entre Hannah e Veronica. Você ouviu falar do assassinato no banco há pouco tempo?

— Acho que sim. Uma mulher matou um guarda e aí depois se matou na prisão — lembrou Jerry, e imaginou Veronica com outra mulher, o que o fez tomar outro doloroso gole de uísque.

— Essa mulher era a Hannah. Veronica invadiu a prisão e encontrou o corpo. Aparentemente, ela tem o poder de deixar os homens desnorteados. Conheço algumas mulheres assim. Bom, foi assim que ela passou por todos os guardas. Depois disso, sumiu. O boato é de que ela está escondida com os amigos dessa tal Hannah. Eu tentaria me infiltrar na OMIS, mas não tenho muito o perfil físico. Você já havia se sentido desnorteadado perto dela?

— Dessa forma, não. — Jerry expirou devagar. — Se ela tem algum poder, nunca o usou em mim.

— Só por curiosidade. — Ackroyd mexeu cuidadosamente no hematoma sob seus olhos. — Tem rumores de que Hannah estava possuída ou algo assim quando atirou no guarda. Pode não ser nada, mas pode ter sido o poder de um às.

— Então talvez Hannah não tenha cometido suicídio — ponderou Jerry.

O uísque estava fazendo efeito, e ele estava se esforçando para não pensar na cabeça de Veronica no meio das pernas daquela mulher.

— Difícil dizer. Vou ficar atento. — Ackroyd pegou a garrafa. — Clientes que pagam em dinheiro têm direito a uma segunda dose, se quiserem.

— Não, obrigado. Continue procurando Veronica. — Jerry ajeitou os ombros. — Acho que vou começar a investigar o assassinato de Hannah por conta própria. Quem é o policial responsável pela investigação?

— Tenente King, do setor de Homicídios. Não entre no caminho dele. — Ackroyd virou a cabeça de lado. — Eu gosto de você. Por que não deixa o trabalho de detetive comigo? Sou um profissional treinado. Foram anos de estudo pesado na escola de detetives. Semanas, na verdade. Mas o que importa é que eu sei me virar. Você...

— Eu realmente gostaria de fazer isso. Eu descobri sobre a OMIS, não

descobri? — Há semanas que Jerry não se sentia tão centrado. Poderia ser o fato de que tinha um objetivo claro, ou talvez o uísque. — Esse King é muito grande?

— Por volta de 1,80 metro de altura. — Ackroyd lançou um longo e demorado olhar a Jerry. — Eu sei um pouco sobre você. Pode ser que isso não se aplique, mas não é um bom momento para se mostrar publicamente como um carta selvagem.

— O meu não funciona mais, Sr. Ackroyd. Se sabe mesmo sobre mim, deveria saber disso — concluiu Jerry.

— Como preferir. Se eu descobrir algo mais sobre Veronica, aviso. — Ackroyd sorriu com sua boca pequena e dura. — Tenha cuidado.



O escritório não era exatamente o que Jerry esperava. O papel de parede creme e os painéis em tons de madeira aliviavam a carência do Bairro dos Curingas. Mas Pretorius era um advogado inusitado. Era bem-sucedido também; do contrário, Hiram Worchester não teria lhe contratado.

— Sr. Strauss. Obrigado por vir. — Pretorius estendeu-lhe sua grande mão. Jerry a apertou e se sentou. Pretorius passou uma das mãos pelo cabelo branco e se recostou na cadeira, continuando: — Como você sabe, fui contratado para defender Hiram Worchester. E como você esteve com ele no circuito mundial, pensei que poderíamos usá-lo como testemunha abonatória.

— Não posso dizer que conheço bem o Sr. Worchester. Como sabem, eu também estava com problemas na época. O Dr. Tachyon tinha acabado de me livrar do corpo de gorila. Quem o conhecia, dizia que Hiram estava agindo de forma muito estranha, especialmente no Japão. Mas isso é disse--me-disse. — Jerry deu de ombros e virou as palmas das mãos para cima. — Desde então, nas poucas vezes que vi Hiram, ele foi bastante cortês e respeitável. Não sei se isso ajuda.

— Difícil dizer. Às vezes, um caso se constrói aos poucos, com pequenas informações. Pode ser que precisemos do seu testemunho, pode ser que não. — Pretorius ajustou os óculos de armação de metal no rosto. — Você tem planos de viajar no futuro próximo?

— Não — disse Jerry. — Acho que não.

Pretorius assentiu.

— Ótimo. Agradeço pelo seu tempo. Vamos entrar em contato com você se necessário.

— Só por curiosidade, o que vocês vão alegar? Meu irmão é advogado — explicou Jerry. — Ele ficaria decepcionado se eu nem ao menos perguntasse.

— Como cortesia profissional, posso lhe dizer que vamos alegar inocência. — Pretorius respirou fundo. — Inimputabilidade. Não é um argumento que me satisfaça muito, mas esse caso é uma exceção. — Ele riu com um barulho de ronco. — Claro, todos dizem isso.

— Obrigado. Se precisar de mim, me avise. — Jerry levantou e caminhou em direção à porta. Não queria que Pretorius tivesse que levá-lo até lá. Ele sabia sobre sua perna. — E boa sorte.

Pretorius ficou sentado atrás da mesa.

— Obrigado, Sr. Strauss. Vamos precisar de sorte mesmo.



Jerry se apoiou na cerca e olhou para Ellis Island. A balsa de Staten Island era uma das poucas coisas que não haviam mudado desde que ele se transformara em gorila.

Kenneth ficou em silêncio ao seu lado com a gola da camisa virada para cima, protegendo-se do vento gelado que passava pela água e convulsionava a superfície.

— Chegou o inverno — comentou Jerry.

— É. E acho que este vai ser dos piores.

— Já fez suas compras?

— Ainda tenho que embrulhar algumas coisas. E você?

— Por incrível que pareça, já terminei tudo. — Jerry levou as mãos cobertas por luvas até o rosto e soprou, tentando esquentar o nariz. — Espero que Beth goste do que comprei para ela. Não sabia o que dar para uma mulher que já tem tudo.

Kenneth fez uma cara que Jerry não conseguiu entender. Ele não parecia feliz.

— Tenho certeza de que o que você comprou vai agradá-la — disse ele, ainda

olhando para a água.

Jerry esperou um bom tempo antes de falar de novo.

— O fato de mamãe e papai terem criado tanto caso em relação a mim incomodou você?

Kenneth se virou e olhou Jerry nos olhos.

— Na época eu odiei você por aquilo. Eles nunca me deram muita bola, mas morreram tentando fazer você voltar ao normal.

— Nossa — disse Jerry, desviando o olhar.

— Mas isso já passou. Não foi você que fez com que eles me ignorassem. Foram eles que decidiram me ignorar. Eu tinha medo de odiá-los, então odiei você. Eu odiava muita coisa quando eu era mais novo. Essa raiva presunçosa oferece uma perspectiva menos sóbria do mundo. E isso torna a vida menos difícil. Acho que precisamos disso quando somos jovens. — Kenneth colocou a mão no ombro de Jerry e acrescentou: — Mas pode acreditar em mim: estou extremamente feliz de ter você de volta. A sua presença aqui nos faz sentir mais como uma família.

Jerry deu de ombros.

— Se vocês quisessem um filho, teriam tido um. Agora você está preso comigo. Era para *eu* ser seu irmão mais velho, só que me sinto mais como um peso.

Kenneth levantou uma sobrancelha.

— Você sabe que não adianta tentar extrair elogios de um advogado, mesmo que ele seja seu irmão. Mas, em nome dessa sua constante necessidade de ser enaltecido, confesso que você é um acréscimo muito bem-vindo a casa. — Ele fez uma pausa. — E Beth adora você.

Jerry gostaria que Kenneth estivesse tão feliz em dizer aquilo quanto ele estava em ouvir.

— Obrigado. Ela é ótima mesmo. Não sei o que faria sem ela.

— Somos dois.

Jerry se aproximou, e comentou:

— Não sei se ela sabe disso.

— Acho que sabe. O trabalho é importante para mim, mas Beth sempre será o centro da minha vida. Descobri isso quando ela me deixou há alguns anos. —

Kenneth suspirou lentamente; sua respiração se condensou no ar. — Achei que eu era forte, mas descobri que não. Não, não acho que haja qualquer desentendimento nesse quesito mais.

— E por falar em trabalho, como andam as coisas? — perguntou Jerry, e sentiu uma pontada de enjoo.

Kenneth fez uma pausa.

— Não é o que eu esperava quando estava na faculdade de direito. É preciso aceitar muitas coisas com as quais você não concorda. Muito mais do que se pode esperar. Meus clientes têm muito dinheiro. É possível comprar justiça tanto quanto fazer justiça, mas a gente tenta seguir o sistema. Há quinze anos, eu poderia estar defendendo os curingas ali. — disse, apontando.

A balsa estava quase chegando em Ellis Island.

Jerry entendeu que Kenneth não queria falar sobre trabalho. Ele quase nunca queria, na verdade.

— Meu Deus, de uma hora para outra estou me sentindo um lixo — comentou Jerry. Seu estômago estava mais embrulhado do que antes.

Kenneth colocou a mão sobre a boca.

— Eu também. Espero que não seja uma gripe. O Natal não é tempo de ficar doente.

— Amém, irmão — concordou Jerry. — Vamos procurar um lugar para nos sentarmos.



Jerry engoliu com dificuldade. Não tinha certeza se conseguiria se disfarçar bem dessa vez. Ele não sabia que o Tenente King era negro. Mudar a cor da pele e a textura do cabelo não era problema, mas, no fundo, ele sabia que era totalmente branco. E isso seria difícil de esconder.

King sempre demorava mais para almoçar às quintas-feiras. Jerry teria pelo menos meia hora até que o homem que ele estava imitando voltasse. Mordeu o lábio e caminhou até a sala.

Todos se viraram imediatamente para olhá-lo. Muitos estavam lendo livros ou jornais, que foram abaixados e escondidos no mesmo instante. O escritório ganhou vida com o som de dedos batendo nos teclados e o barulho de papel sendo

manipulado. As pessoas tinham medo de King, pelo visto. Isso era bom. Jerry poderia se aproveitar disso. Um homem baixo de óculos o abordou:

— Voltou rápido, senhor — disse o jovem. — Aconteceu alguma coisa?

— Precisa perguntar? — Jerry conseguiu transmitir aspereza. Ele tentou relaxar o suficiente para curtir sua capacidade de intimidação. — Traga o arquivo de Hannah Jorde.

O homem jogou a cabeça para trás como se alguém tivesse enfiado uma abelha em seu nariz.

— Mas...

— Agora. Vou estar no meu escritório.

Jerry se virou e saiu andando. Suas mãos tremiam um pouco. Apesar de certa relutância, Ackroyd tinha descrito a planta do lugar, e Jerry foi andando até o escritório de King. A porta estava fechada. Jerry virou a maçaneta. Trancada.

Ele sentiu um frio na barriga e se apoiou na sólida porta de carvalho. *Merda*, pensou, *e agora?* Ele procurou as chaves no bolso e as pegou. Apertou a ponta do dedo contra a fechadura, fazendo com que sua pele e seus ossos ficassem mais moles, e começou a empurrá-los para dentro. Achou que o osso iria rasgar a pele, mas continuou empurrando. Ele endureceu um pouco o dedo e virou a mão. A tranca girou. Jerry amoleceu de novo o dedo deformado e dolorido e o fez voltar à forma original. A porta abriu.

O escritório não parecia grande o suficiente para um tenente. Jerry se sentou atrás da mesa e observou o lugar. Havia uma pilha de papéis, alguns arquivos e um conjunto de lápis e caneta dourados ganhados após quinze anos de serviço. Recostou-se na enorme cadeira de rodinhas. O homem entrou, colocou o arquivo sobre a mesa e ficou olhando para ele, como se esperando algo.

— Só isso, senhor?

Jerry fez que sim com a cabeça.

— Feche a porta quando sair. E não repasse nenhuma ligação.

— Sim, senhor. — O homem se esgueirou para fora e fechou a porta silenciosamente atrás de si.

O arquivo tinha umas vinte páginas. Havia uma transcrição do interrogatório de Hannah, pelo qual Jerry só passou os olhos. Ela dizia que alguém havia trocado de corpo com ela por tempo suficiente para matar o guarda, e que a polícia achou que era mentira. Nenhum dos lados retrocedeu na conversa, mas

Hannah não parecia histérica ou suicida. Pelo menos não para Jerry. Ele olhou rapidamente as fotos do seu corpo. Mesmo viva, ela não parecia muito bonita. Ele não conseguia entender por que Veronica teria dormido com ela. No fim do arquivo, tinha um retrato-falado com os dizeres “possível suspeito”. O jovem lhe pareceu familiar, mas Jerry não conseguia se recordar de onde o conhecia. Até que lembrou.

— É o David “bom demais para ser verdade”. O menino prodígio de St. John Latham — disse, em voz baixa.

Talvez Deus existisse e Jerry estivesse recebendo um presente atrasado de Natal.



Estava frio do lado de fora e ventava. A rua estava mal iluminada. Jerry afundou as mãos na sua jaqueta *bomber* o mais fundo possível. Ele precisava fazer algo para passar o tempo. Kenneth e Beth estavam abraçados no sofá, e Jerry não queria exatamente assistir às preliminares. Ele achou que seguir David provavelmente não seria nada entediante. Além disso, se David tinha mesmo alguma relação com o assassinato de Hannah, Jerry poderia descobrir e virar o herói da história. Começou a noite se transformando num rapaz bonito, imaginando que David estaria com gente bonita, embora poucas pessoas se encaixassem nessa descrição no Bairro dos Curingas, onde estavam. Jerry tinha comprado um chapéu surrado de um curinga de rosto longo e angular.

David estava uns trinta metros à frente dele, do outro lado da rua. Jerry não queria chegar muito perto. Pelo menos não por enquanto. A semelhança do retrato-falado da polícia com David provavelmente era só uma coincidência. Por outro lado, tudo podia acontecer, sobretudo de madrugada no Bairro dos Curingas.

David reduziu o passo e parou em frente a um beco, virando-se para olhar. Ele parou um segundo e entrou. Jerry atravessou a rua. Uma lufada de ar jogou uma folha do *Grito do Bairro dos Curingas* que estava no chão em seu rosto. Jerry pegou a folha de jornal e a jogou de lado. Então acelerou e entrou no beco. Ouviu passos à sua frente. Imaginou que fossem de David. Ele também ouviu um riso abafado e o que parecia um grito.

A boca de Jerry secou. Não era essa a noite que ele havia planejado ter. Um

deus grego como David deveria estar saindo com mulheres bonitas por aí, ou com rapazes bonitos, pelo menos.

Ao respirar fundo, sua garganta gelou.

Jerry entrou e viu uma luz quando deu a volta num latão de lixo. David estava entrando. Jerry caminhou devagar, tentando aparentar um desinteresse pelo lugar. A entrada parecia ter sido esculpida nos tijolos sujos de lixo de uma das paredes do beco. Um curinga estava de pé à porta, olhando para ele silenciosamente. Sua roupa era de seda preta e cobria por completo seu corpo deformado. Seu sorriso estava especialmente engessado.

Jerry tentou passar por ele para entrar. O curinga o pegou pelos ombros e o girou no sentido oposto.

— Não — disse ele suavemente. — Isto aqui é um clube privado.

Jerry se virou para olhá-lo com um olhar indignado, mas ouviu outro grito vindo de dentro. Ele deu um passo atrás e saiu andando pelo beco. Olhou para o latão de lixo ao passar por ele. Um casaco cinza rasgado caía para fora. Jerry riu. Ele era rico e não estava acostumado a ser barrado em qualquer lugar. Colocou sua jaqueta embaixo de algum saco de lixo menos repugnante, pegou o casaco e o vestiu, tremendo de nojo. No Bairro dos Curingas, até lixo congelado fedia. Jerry se fez ficar feio aumentando as orelhas e o nariz e colocando protuberâncias de pele no rosto. Não tinha como aquele leão de chácara reconhecê-lo agora.

Jerry diminuiu uma de suas pernas e foi mancando pelo beco até chegar na entrada do clube.

Ele estava quase dentro quando o sujeito começou a rir e o puxou para fora. O queixo deformado de Jerry caiu.

— Você achou mesmo que conseguiria entrar aqui com algumas transformações físicas? — O curinga o enxotou. — Como eu disse, nossa clientela é muito especial.

Vai se foder, babaca, pensou Jerry, mas ficou imaginando se o curinga seria capaz de ler seus pensamentos. Ele voltou rapidamente até o latão de lixo para recuperar sua jaqueta e retornou para casa.



A mensagem de Ackroyd ao telefone era curta:

— Acho que você já deve saber disso, mas a advogada de Hannah seria uma tal de Dyan Mundy, da Latham, Strauss. Não descobri mais nada sobre Veronica. Se eu fosse mais grosseiro falaria de dinheiro, mas sei que não isso é problema para você. Mesmo assim...

Jerry estava tentando ser atendido por uma garçonete no seu restaurante preferido de frutos do mar. Como ela não o atendera, ele acabou bebendo várias doses de uísque antes de começar seu linguado. Havia feito um bule de café e tomado metade antes de ir para o escritório de advocacia.

Ele já tinha visto Dyan Mundy algumas vezes e ficado longe dela. A advogada facilmente tinha mais de 1,80 metro de altura, o corpo de uma atleta da Europa Oriental e cabelo castanho penteado para trás. Ela também usava óculos e tinha uma atitude de quem não aturava bobagens. Estava entre uma reunião e outra quando Jerry chegou ao escritório. Sua mesa estava limpa. Havia uma foto de sua família num dos cantos. Ela era tão grande quanto o marido e os dois filhos juntos. Uma fileira de plantas murchas ficava sobre o peitoril da janela.

— O que posso fazer pelo senhor, Sr. Strauss? — Dyan estava um pouco confusa por ele ter pedido para vê-la.

— É sobre o caso de Hannah Jorde — explicou Jerry. — Soube que você era a advogada dela, mesmo que tenha sido por um curto período de tempo.

Dyan recostou-se na cadeira e bateu os dedos na mesa.

— Acho que não faz mal eu contar a você o pouco que sei. Ela foi acusada de homicídio doloso. Falei com ela rapidamente sobre o caso. Estava muito confusa, mas lúcida. Totalmente comprometida com a história de que alguém havia trocado de corpo com ela. O suicídio me surpreendeu. Parecia inconsistente com a atitude geral dela. Acho que é impossível prever esse tipo de coisa.

Jerry fez que sim com a cabeça.

— Você a viu sozinha?

— Sim... Não. David veio junto, a pedido do Sr. Latham. Mas ele ficou enjoado pouco antes de entrarmos na cela e teve que ir embora.

Alguém bateu com força na porta. Ela se abriu antes que Dyan pudesse dizer qualquer coisa. Latham entrou e fechou a porta atrás de si.

— Sra. Mundy, até uma advogada com o seu limitado nível de experiência sabe que não se deve discutir casos assim de maneira tão casual. Acho que o Sr. Strauss só está atrás de fofocas. — Ele olhou para Jerry, reprovando-o. — Tenho

certeza de que a Sra. Mundy tem mais o que fazer e gostaria de que o senhor fosse embora.

Jerry levantou-se.

— Peço desculpa se criei algum problema.

Passou rapidamente por Latham, que fechou a porta. A voz do sujeito parecia uma serra elétrica cortando madeira. A tarde seria longa para Dyan Mundy.



Dragão da neve

William F. Wu

... E *isso* é pelo pai dela, e *isso* pelos seus irmãos (se ela tivesse irmãos), e *isso* era pela sua mãe, e *isso* e mais *isso* pelos seus avós nórdicos...

Embaixo de Ben Choy, na barulhenta e estreita cama coberta de lençóis embolados, os seios fartos e redondos da bela menina branca balançavam de forma rítmica. Seu cabelo loiro-claro estava esparramado sobre o travesseiro molhado de suor. Ela quase fechou os olhos por causa da claridade da lâmpada do teto, enquanto sua respiração ficava mais rápida. Do lado de fora do pequeno quarto, no fim do corredor, alguém deu descarga no banheiro comunitário.

... E *isso* é para cada um dos seus parentes brancos, e *isso* pela KKK, e *isso* é por Leo Barnett, e *isso* é pelo pai de toda menina branca de quem ele gostou. *Isso* era sua vingança contra todos *eles*. *Isso* e *isso* e *isso*.

Mais tarde, não mais ofegante, Ben se sentou e ficou entre as pernas abertas de Sally Swenson. Ela se virou de lado para se apoiar na fina parede amarela cuja tinta descascava. Uma das pernas de Sally estava embaixo da lombar de Ben. Ele esticou as pernas para que ficassem sob o outro joelho dela, penduradas para fora da cama. O lençol já havia caído no chão.

Ela aprumou-se o suficiente para colocar os dois travesseiros de Ben embaixo da cabeça, e olhou para ele com seus grandes olhos azuis que não transpareciam malícia alguma.

— É sempre tão quente assim aqui? — perguntou ela. — Mesmo nesta época do ano?

— É. — Ben olhou para a única janela do quarto.

O gelo irregular do lado de fora fazia com que as luzes da rua lá embaixo

ondulassem. Do lado de dentro, uma fina camada de umidade tinha sido riscada por gotas que desciam até o parapeito.

Ele se virou para olhá-la. O formato do rosto lembrava um coração e ainda brilhava de suor quando ela sorriu discreta e inseguramente. Ela tinha gostado do que ele lhe fizera. *Aquilo* era para o pai dela também, seja lá quem fosse.

— Você não acaba pagando muito mais pelo aquecimento?

— Não. — Ele puxou o pingente do cordão, que tinha escorregado para trás do ombro, de volta para a frente. Era uma moeda chinesa antiga que o avô havia lhe mandado, pendurada por uma corrente que passava pelo buraco quadrado no meio.

— Está incluído no preço do quarto?

— Está. — Aos poucos, Ben levou a mão até a parte interna de sua coxa, e ficou enrolando seus pelos pubianos loiros com um dos dedos. Era loira de verdade. — O quarto é apertado e nojento, mas o dono paga pelo aquecimento. É difícil controlar o aquecedor, então melhor ficar quente demais do que morrer congelado.

— Faz sentido.

Ele olhou atentamente para a pele de sua pelve e da parte de cima de suas coxas. Ela era tão branca que não tinha nenhum vestígio de qualquer bronzado antigo. Talvez nem conseguisse se bronzear.

— O que tem lá embaixo? Estava muito escuro quando a gente entrou.

— Um supermercado.

Ela não se importava em conversar com as pernas abertas. Era realmente branca e de um tom rosado puro e limpo.

— Um supermercado chinês?

— É. — Ele deu de ombros. — Lá tem de tudo, na verdade.

— Você se importa se eu ficar fazendo essas perguntas?

— Não.

— Este quarto não incomoda você? Porque ele é tão pequeno... Não tem nem telefone, tem?

— Eu fico mesmo no Twisted Dragon. Se alguém quiser falar comigo, é só ir lá. Ou ligar. Aqui é só para dormir mesmo.

— Ou para comer umas garotas. — Ela deu uma risadinha, tocando os seios.

— É.

Eles haviam se conhecido poucas horas antes no Twisted Dragon. Ela chegou sozinha, impressionada e curiosa, claramente demonstrando vulnerabilidade. Aquela garota rechonchuda, muito atraente e sem qualquer indício de ser uma carta selvagem havia feito a maioria das cabeças do lugar virarem, mas Ben não tinha qualquer ilusão de que ela fosse inteligente.

Mais uma vítima. Ben, você odeia todas as mulheres? Ou só a si mesmo, mais ainda até?

Ben cerrou os dentes pensando no que disse sua irmã Vivian. Aquela acusação estava ecoando em sua cabeça. Ela havia dito aquilo várias vezes.

— Eu nunca fui a Chinatown — disse Sally, tímida.

— Nem ao Bairro dos Curingas.

Ela balançou a cabeça com um sorriso constrangido. Seus grandes olhos brilhavam.

— E você quer que alguém mostre o lugar a você — completou Ben, com um sorriso cínico.

Agora até o rosto dela estava rosa.

Você gosta de mulheres burras e indefesas, não é? Vivian disse isso um monte de vezes também. Principalmente as peitudas.

— Quero tomar uma bebida.

Ben empurrou a perna de Sally e se levantou. Até o velho piso de madeira de lei era razoavelmente quente. Ele encontrou sua cueca em meio às roupas que haviam sido espalhadas mais cedo pelo chão. Era da Munsingwear, com um compartimento na frente. Ele começou a vestir a roupa. Colocou uma camisa preta de gola rulê sobre uma camisa tipo segunda pele, jeans azul e botas pretas. Depois acrescentou um leve suéter azul. Assim que se arrumou, pegou um pedaço de papel branco enrolado num chumaço de pano do bolso da calça.

Era uma dobradura complicada, que estava praticando mais ultimamente, de um dragão chinês. Satisfeito que ainda estava em boas condições, ele a colocou de volta no bolso e pegou uma escova em cima da pequena mesa que vinha com o quarto. Fez uma pausa quando viu que ela o olhava, sem ter se mexido.

— Quer que eu vá com você? — perguntou ela.

— Se quiser... — respondeu ele, virando o rosto para o pequeno espelho sobre a mesa e penteando o cabelo para trás de novo.

— Quer que eu fique aqui?

— Se quiser...

— Posso dormir aqui hoje?

— Se quiser...

Ele jogou a escova e se ajeitou em sua jaqueta velha de couro marrom com enchimento. ESTILO JETBOY!, dizia o pôster da jaqueta. O dinheiro que Transluz tinha lhe dado por um serviço pagara por isso.

— Por que você sempre usa calça *baggy*? — Ela riu de novo.

Ben tencionou a mandíbula.

— Vou lá para o Twisted Dragon.

Magoada, ela ficou olhando para ele. Apenas seus olhos azuis se moviam enquanto ele caminhava pisando forte.

Ele sabia que sua falta de interesse a magoaria mais do que qualquer rejeição; também não estava nem aí para isso. Não tinha nada de valor naquele quarto que ela pudesse querer levar. Por isso saiu e deixou a porta aberta, sem nem olhar para trás.



Ben parou logo depois de entrar no Twisted Dragon para tirar a neve dos ombros e a jaqueta de couro. A neve caía gentilmente do lado de fora, e o vento não era dos mais frios, mas ele estava tão acostumado com o quarto excessivamente aquecido que a noite parecia mais fria do que na verdade estava. Contudo, as luzes coloridas e brilhantes do Natal colocadas sobre a fachada das lojas e outras decorações nas vitrines de vidro fumê o haviam deixado de mau humor. Era uma data comemorativa dos brancos, e não tinha nada a ver com a sua ancestralidade.

Mas eu gosto do Natal. Vivian sempre retrucava suas objeções da mesma forma, todo ano.

Até no Twisted Dragon estavam tocando versões instrumentais de músicas natalinas ao fundo. Luzes vermelhas e verdes piscavam numa árvore de Natal de plástico de sessenta centímetros de altura. Ele caminhou pelo corredor, distanciando-se da árvore.

— E aí, Dragão?

Ben virou-se novamente.

— Sabe o Christian? Ele quer falar com você.

Dave Yang era baixo mas robusto, um dos membros dos Garças Imaculadas. Estava sempre com um sorriso forçado no rosto e tinha ido atrás de Ben no corredor. Ele apontou para trás com o polegar sobre o ombro.

Ben estudou seu sorriso falso cuidadosamente. Então viu o mercenário inglês, alto, de cabelo loiro-claro que estava sentado numa banqueta no bar. Christian era novo na Sociedade do Punho Sombrio.

— Encontrei ele uma vez só. — Formigando de tensão, Ben seguiu Dave até o bar e olhou para Christian sem dizer nada.

— O que você acha, Sr. Dragão? — disse Christian, levantando uma sobrancelha.

— Bailey's com gelo. — Ben não conseguia relaxar.

O barman fez que sim com a cabeça e se virou para preparar o pedido.

— Você gosta de coisas doces, então. — Christian riu, mostrando as rugas de seu rosto maltratado. — Os mercenários que eu conheço diriam que isso aí é bebida de mulher. Mas não precisa ficar com medo. A gente adapta a velha piada para você: “O que bebe o homem que pode virar tigre, dragão ou qualquer outro animal? O que ele quiser.”

Ben cerrou os dentes. O tom do inglês, no entanto, apesar das palavras suaves, era assustador.

— Então... — continuou Christian. — Já mudou seu nome? É Sr. Dragão ou Sr. Preguiça?

— O que você quer comigo? — quis saber Ben.

— E dizem que os ingleses não têm senso de humor. — Christian bebeu seu drinque e se virou para o Garça Imaculada enquanto girava o uísque com gelo e água no copo. A garrafa de Glenlivet estava no bar atrás dele. — O que você está bebendo? Vinho de ameixa ou algo assim?

— Bourbon e água — respondeu Dave, sorrindo de novo. — Quer me pagar uma dose?

— Um Jim Beam's Choice com água — pediu Christian sobre o ombro. Não quis se certificar de que o barman o teria ouvido. — Você não pode ser tão vago, senão as pessoas vão entregar coisas ruins para você. Então... — Seu tom endureceu. — Precisamos ficar a sós. Pode sair.

Sem tirar os olhos de Christian, Ben viu que o Garça Imaculada foi embora sem dizer nada. Ele odiava ver um homem branco e arrogante presumir que tinha esse tipo de poder em Chinatown. Christian tinha vários Garças, membros de uma gangue de rua de Chinatown, cumprindo suas ordens sem questioná-lo. Seja como for, aquilo mostrou a Ben o poder de Christian. Não era um homem para ser enfrentado num lugar cheio de Garças.

— Sente-se, Dragão. Temos negócios a discutir.

Ben hesitou. Desde que havia se juntado à Sociedade do Punho Sombrio, todas as suas ordens eram dadas por Transluz. Ele nunca tinha trabalhado para outra pessoa.

— Você sabe, não? Eu tenho autoridade na organização coletiva que administra esta parte da cidade.

Ben cerrou os dentes novamente. É possível que Christian estivesse tentando roubá-lo de Transluz, ou poderia ser algum teste de lealdade que Transluz tivesse armado. Considerando que Transluz tinha o poder de ficar invisível, poderia estar sentado no mesmo bar naquele momento, vendo tudo ao que Ben fazia.

Ben deu de ombros e se sentou. Por tique, passou a mão por fora do bolso em que estava sua dobradura de papel e seu canivete. Ele teria que prestar muita atenção no que fazia.

Christian girou a banquetta e colocou o copo sobre a bancada, curvando-se na direção de Ben para falar algo confidencialmente:

— Quero que você leve uma encomenda para Ellis Island. Não comente sobre essa mensagem e essa instrução com ninguém. Entendido?

Ben assentiu, olhando para o bar. Ele havia entendido. Se iria obedecer ou não já era outra questão. Quando o barman trouxe seu drinque, ele o deixou lá, intacto.

— E você vai receber essa encomenda dos Príncipes Demoníacos.

Ben olhou surpreso para ele.

— Você está fazendo negócios com uma gangue de curingas?

— Eles interceptaram um portador da Punho Sombrio e levaram nosso pacote.

— Então você quer que eu dê um jeito na confusão que você arrumou.

— Isso mesmo. — Christian riu em silêncio e passou a mão caçada pelo cabelo loiro. — Nossos amigos imaculados acham que são durões, mas não

passam de uma gangue de adolescentes bem armados. Ouvi dizer que os Príncipes Demoníacos são a maior e mais cruel gangue independente do Bairro dos Curingas.

— É verdade. — Ben sabia que eles só permitiam curingas na gangue e que seu chefe era um cara chamado Lúcifer. Eles cometiam pequenos crimes e vendiam proteção, mas tinham um código de não violência contra curingas.

— Provavelmente nossos soldados amadores poderiam cuidar deles, mas nunca se sabe. Então é melhor você ir.

— O que exatamente devo procurar?

— Um envelope de papel pardo acolchoado com um pó azul dentro de sacos plásticos. — Ele fez um gesto com a mão indicando um tamanho que caberia exatamente nos bolsos da jaqueta de Ben.

Provavelmente era a nova droga sintética chamada arrebate, pensou Ben. *Um atravessador*, disse a voz de Vivian, com nojo.

— Onde estão os Príncipes Demoníacos?

— Isso é problema seu, cara.

— Como eu chego até a Ilha?

— Eu sou sua mãe? Vira um passarinho e sai voando. Isso não é problema meu. Ou um peixe e vá nadando, mas toma cuidado com a poluição.

O estômago de Ben se contraiu com o tom de deboche, mas ele não retrucou.

— Você nem tocou em sua bebida.

— Já terminamos de tratar dos negócios?

— Sim.

Ben deu de ombros e tomou um gole. Ele pensou em algo para dizer que pudesse revelar onde Christian se encaixava nessa história. Talvez assim soubesse sua situação. Mas não conseguiu pensar em nada.

O problema é que ele não sabia exatamente quanto poder Christian realmente tinha. Ben não duvidava de que o sujeito era um dos personagens principais da Sociedade do Punho Sombrio. Claro, ninguém poderia forçar Ben a cumprir as ordens hoje, mas não tinha ideia do que aconteceria caso ele se recusasse.

Christian parecia ter um número infinito de Garças Imaculadas querendo agradá-lo; se ele decidisse eliminar Ben, teria muitos soldados dispostos a fazer isso. Por outro lado, o trabalho de recuperação da carga parecia ruim, também.

Ele finalmente decidiu que obviamente ficaria melhor fazendo o trabalho e ficando atento ao cara novo no futuro. Pelo menos essa parecia a melhor de duas opções ruins.

— Confesso que tenho um certo fascínio pelo seu nome — disse Christian. — Foi você mesmo que escolheu, não?

— Sim. Era um personagem da literatura chinesa. Era ladrão, mas era um cara bom.

— Ah, tipo um Robin Hood amarelo!

Ben deu um pequeno sorriso. Um dos poucos motivos de orgulho que tinha era o conhecimento de sua ancestralidade. Mesmo as pessoas de Chinatown que conviviam com ele não sabiam a origem do seu apelido.

Você não chega nem perto do Dragão Preguiçoso original, disse Vivian, com escárnio. *Você não merece o nome que carrega.*

— Chega de conversa.

Christian bebeu o que restava em seu copo e o colocou sobre o balcão num gesto ruidoso e decidido. Sem dizer mais nenhuma palavra, levantou-se e caminhou vagorosamente até os fundos do lugar, em direção ao estoque e à cozinha.

Ben não conseguiria extrair mais nenhuma informação de Christian naquela noite. Bebeu mais um gole da bebida e deslizou para fora da banqueta, caminhando rumo ao banheiro. Seu rosto e sua garganta estavam quentes por conta da bebida.

Lá, pegou o sabonete da pia suja, enrolou-o em papel higiênico e o colocou num dos bolsos da calça. De posse do reforço, voltou ao bar e vestiu a jaqueta de volta.

Vários Garças Imaculadas olharam para ele de suas cabines e mesas, mas nenhum se mexeu nem disse nada. Como estavam contidos, só observando, sabiam que ele estava prestando algum serviço para Christian. Ben não tinha ideia se estavam gostando disso ou não.

Se não estivessem, talvez acabassem expressando suas opiniões com uma Uzi mais tarde.

Ben saiu e respirou o ar frio e seco enquanto examinava o ambiente. Havia só algumas pessoas à vista, e todas elas mais ao longe, na mesma rua, próximas a casas noturnas. A neve caía gentilmente em grandes flocos. Uma fina camada de

neve cobria a calçada e a rua, ocasionalmente cortada por pegadas ou marcas de pneus.

A neve que caíra bem em frente ao Twisted Dragon já tinha virado água depois de ser pisoteada por muita gente, mas um par de pegadas que parecia acompanhado de uma marca dupla de um carrinho de duas rodas ainda se destacava. O Morsa, que tinha uma banca de jornal na esquina da Hester com a Bowery, devia estar fazendo sua ronda noturna pelos bares do Bairro dos Curingas, anunciando jornais e revistas. Pela aparência das pegadas, ele não estava muito longe, e sempre parava para conversar amigavelmente com seus clientes.

Ben saiu caminhando com rapidez atrás dele.

Ninguém vai salvar você de si mesmo, Ben. A voz de Vivian, graças a Deus, havia saído de sua cabeça enquanto tentava entender Leslie Christian. Agora tinha voltado com um lembrete tão condescendente quanto o próprio Christian. Sua irmã nunca gostava de nada que ele fazia.

— Cala a boca — resmungou ele, enquanto caminhava na calçada deserta.

Ben estava numa saia justa; quanto a isso não havia dúvida. Transluz, com quem ele trabalhava já há algum tempo, estava de um lado. Quem estava do outro lado é que era um mistério.

Saia dessa vida, Ben. Saia agora. Saia correndo. Eles nunca vão descobrir o que aconteceu com você. Vivian já havia dito isso a ele algumas vezes também.

— Não sou covarde — retrucou Ben em voz alta, mas pareceu um choramingo.

Não é covardia. É a coisa mais inteligente a se fazer.

Ben rangeu os dentes e tentou silenciar a voz caminhando mais depressa. Não adiantou.

Se Transluz estiver testando sua lealdade, então ele representa os dois lados, e você vai passar no teste se comunicar a missão para ele imediatamente.

— Óbvio — concordou Bem, rosnando baixo.

Se Christian estiver testando sua lealdade ao Transluz a mando de outra pessoa ou por razões próprias, se você falar com Transluz, não vai passar no teste.

Ben caminhou ainda mais rápido; agora ele estava quase correndo daquela

voz insistente.

Por outro lado, é possível que alguém tenha decidido enviar você para uma missão impossível ou para algum tipo de cilada com o intuito de te eliminar.

A missão poderia ser suicida e comunicá-la a Transluz poderia ser um suicídio, assim como não comunicá-la.

Era possível que Transluz o estivesse observando naquele momento.

Em pânico, Ben girou e olhou ao redor. Transluz podia ficar invisível, mas ele sempre deixaria pegadas na neve. Não havia pegadas seguindo-o desde que saíra do Twisted Dragon.

O som da risada de Vivian ecoava em sua cabeça.

— Cala a boca! — gritou na rua vazia.

Ben agora estava com raiva de si mesmo. Virou-se novamente e marchou depressa, em meio à neve que caía. Ninguém iria assustá-lo. Os Príncipes Demoníacos seriam seu lanchinho da meia-noite. Finalmente viu o Morsa na Praça Chatham, saindo do escritório do *Grito do Bairro dos Curingas* com seu andar de pato. Como sempre, estava de camisa. O Morsa era uma figura rotunda de pele oleosa, de cor azul quase negra, com pouco mais de um metro e meio de altura. Vestia uma camisa havaiana vermelha com aves do paraíso nas cores laranja, azul e verde. Arrastava seu carrinho atrás de si e ia em direção ao Ernie's.

Larga logo isso, Ben. Se você morrer, eu morro também. Ignorando a voz de Vivian em sua cabeça, Ben correu lentamente atrás do Morsa pela neve. Ele não o conhecia bem, mas já haviam conversado algumas vezes. O Morsa era uma fonte inesgotável de piadas e de fofoca. Todo mundo, incluindo Ben, gostava dele.

— Olá — disse Ben, já reduzindo o passo para caminhar ao lado dele. O Morsa só o conhecia como cliente frequente do Twisted Dragon, em sua forma humana.

— Boa noite, Ben — cumprimentou o Morsa, olhando para ele por debaixo de um chapéu *pork pie*. Tufos de cabelo ruivo escapavam. Duas presas acompanhavam a curvatura da boca. — Vendi todos os meus jornais chineses no Twisted Dragon. Será que você se interessaria por algo mais?

— Não se preocupe com isso. Eu nem sei ler chinês. Mas... Ahm... Preciso encontrar uns Príncipes Demoníacos.

— Hum, bom... Não são exatamente meus clientes. Não sei nem se sabem ler.

— Morsa, você sabe de tudo.

— É urgente? Deve ser, visto que você está correndo por aí numa noite de nevasca bem na época das festas de fim de ano.

— Olha, eu não tenho muito dinheiro. Bom, pelo menos agora. Mas eu sempre consigo.

— Eu sou só um cara chato que fala muito. Só estou fazendo meu trabalho. Não precisa me dar dinheiro. — O Morsa fez um agradável meneio de cabeça. — Mas não sei se posso ajudá-lo, Benjamin.

Ben deu de ombros, tentando pensar em algo que poderia oferecer.

— Vi que o Twisted Dragon tem um novo cliente cativo — disse o Morsa, de forma bem-humorada. — Parece ser inglês pelo sotaque.

Era isso que ele queria. Ben hesitou; falar sobre a Sociedade do Punho Sombrio nunca era boa ideia. Mas ele decidiu arriscar. Estava em apuros e não tinha noção de quanto.

— Leslie Christian. Entrou há pouco, mas é um cara importante. Dizem que ele fala por aí que já trabalhou como mercenário no mundo inteiro.

— Senti um tom de crítica na sua voz. — Ben deu de ombros, então o Morsa continuou: — Tentei vender jornais hoje no Hairy's Kitchen, mas o movimento estava ruim. A maioria dos fregueses era analfabeta, acho.

Não, Ben. Você não deve nada ao Christian.

— Obrigado, Morsa. — Ben sorriu e saiu, girando na neve. Morsa seguiu puxando seu carrinho pela calçada, enquanto ele corria na direção oposta.

Ben, pare. Ou eu paro você. De alguma forma, de algum jeito, vou fazer com que você pare com isso. Se não hoje, algum dia. Pare de estragar nossa vida e nossa casa.

Ben já tinha ouvido aquilo antes. Ele corria, descendo as ruas, no frio. Pelo menos por enquanto, a voz havia parado. Na frente do Hairy's Kitchen, Ben diminuiu a velocidade e deixou alguns pedestres passarem. Então olhou para dentro do restaurante através de uma grande janela panorâmica. Oito Príncipes Demoníacos estavam numa extensa mesa redonda ao fundo. Lúcifer não estava. A cabeça do que estava no comando parecia coberta de uvas roxas, exceto por círculos escuros nos olhos e na boca. Ele usava uma jaqueta de couro preta cara. Ao seu lado, um de seus companheiros tinha uma cabeça chata como a de um linguado e enfiava pizza na boca com mãos que pareciam barbatanas cortadas ao

meio.

Havia pratos vazios na mesa. Os curingas membros dessa gangue estavam rindo e zombando uns dos outros. Suas armas (AK-47, Uzis e AR-15) estavam penduradas casualmente atrás de suas cadeiras.

O resto do lugar estava vazio. Até Hairy e seu ajudante tinham ficado na cozinha. Os Príncipes Demoníacos se gabavam do que haviam feito, e ninguém (nem eles) duvidava de que os Punhos Sombrios deviam uma resposta.

Sem reforços, negociar estava fora de questão.

Nas missões que fazia para Transluz, sempre tinha proteção caso desmaiasse. Mas agora estava sozinho. Ben caminhou rapidamente até a esquina, entrou num beco e pegou a dobradura de dragão do bolso da calça.

No beco, parou ao lado de um latão de lixo cuja tampa estava aberta. Desembrulhou cuidadosamente o dragão; vendo que estava em boas condições, deixou-o cair sobre a neve. Agarrou-se na parte de cima do latão e pulou para passar uma perna por sobre ele. Girando, caiu gentilmente sobre uma pilha malcheirosa de papelão, jornais e lixo. Só dava para suportar o fedor por causa do frio. *Tenha cuidado, pelo menos*, disse Vivian, relutante.

Ben se ajeitou até que estivesse deitado de barriga para cima e numa posição razoavelmente confortável. Fechou os olhos e se concentrou na dobradura que estava do lado de fora do latão.

Um segundo depois, já sentia que estava aumentando de tamanho. A dobradura se transformou num réptil enorme, com pele, órgãos e escamas. Ben observou a saída do beco com seus olhos de dragão. Fez seu corpo de doze metros de comprimento, quadrúpede e sem asas caminhar sobre as pernas curtas. Ninguém o viu atravessar o asfalto rachado e frio em direção à calçada.

Quando fez a curva contornando o prédio, pedestres que estavam na calçada se dispersaram. Nem os mais embrutecidos habitantes do Bairro dos Curingas iriam se meter com ele. Suas garras não conseguiriam abrir uma maçaneta, então ele se enrolou e ficou do lado de fora.

Através do vidro, viu o cara de uva subitamente se levantar da cadeira e apontar para ele. Ben se lançou à frente, atravessando a porta com sua cabeça gigante; ele acelerou para descer o corredor, e a parte mais grossa de seu pescoço ficou presa na porta, arrancando-a da parede. Diante dele, os Príncipes Demoníacos pegaram seus rifles e atiraram enquanto procuravam abrigo.

Ben sentiu bala após bala penetrar sua pele, mas o dragão era enorme e muito

rápido, então ele continuou caminhando até bater na mesa. O resto da porta havia ficado preso em seu pescoço, como se fosse uma coleira. Ele fechou a mandíbula duas vezes olhando para os curingas, que estavam chocados. Depois, cortou cada um deles no meio com a boca. Mais balas o atingiram, mas os Príncipes Demoníacos agora corriam em direção à porta, atirando desesperadamente.

Ele deu um bote como se fosse uma cobra gigante, e cortou as pernas do cara de uva com a boca, deixando para trás cotos que escorriam jatos de sangue sobre a mesa destruída. Depois deu outro bote e arrancou a cabeça de peixe do outro curinga. Enquanto cuspiu a cabeça, ouviu passos pesados atravessando a porta.

A dor prejudicava sua visão, mas Ben viu Príncipes Demoníacos passarem apressadamente por uma figura grande vestindo uma capa preta de veludo e um capuz. O intruso — gigante para um humano, mas bem menor do que o dragão de Ben — usava uma máscara de esgrima embaixo de um capuz preto e caminhava irritado em direção a ele.

Era um curinga chamado Estranheza, em sua roupa de inverno.

Ben nunca o havia encontrado antes, mas sabia reconhecer um inimigo. Ele virou o corpo para ficar de frente para o adversário. A dor lancinava em seu longo torso. Ele havia perdido coordenação e o corpo respondia com lentidão. Sua estrutura de réptil era rígida, mas, mesmo assim, as balas haviam separado carne de osso em todo o corpo e ele já não conseguia se movimentar de forma correta.

— Isto aqui é o Bairro dos Curingas — anunciou Estranheza, na mais áspera de suas três vozes. — Você não tem nada o que fazer aqui, seu às. Nem mesmo com uma gangue de rua.

Ben conseguia ver formas se mexendo e mudando por debaixo da capa de veludo preta. Estranheza já tinha sido três pessoas que, agora, estavam fundidas. Seus pedaços constantemente se rearranjavam de forma muito dolorosa. Ben tentou falar, mas de sua garganta só saíram sibilos e rugidos.

— É você, Dragão Preguiçoso? — Estranheza caminhou desajeitadamente até Ben. Ele tinha um braço grande e musculoso e outro delgado e feminino. Ambas as mãos eram masculinas, mas artísticas e sensíveis. — Ouvi falar de você nas ruas. Mas, quem quer que seja, precisa deixar os curingas em paz.

Ben recuperou as forças e se lançou em direção a Estranheza, tentando atacá-lo com a boca. Não conseguiu. Estranheza abraçou a mandíbula cerrada de Ben, apertando-a como um dominador de crocodilos. O braço antes macio e delicado

lentamente ganhava massa. Logo, os dois braços estariam grandes e musculosos. Uma das mãos havia começado a se tornar feminina. Ben tentou se desvencilhar, mas Estranheza segurava sua mandíbula com força.

Ben então rolou, movimentando-se freneticamente. As mesas e cadeiras do lugar foram destruídas. O que restava da porta dismantelou-se e caiu de seu pescoço. Copos, canecas e pratos se quebraram ruidosamente em cacos. Estranheza foi lançado longe, seu enorme corpo somando-se à destruição, um redemoinho de veludo preto manchado com o brilhoso sangue dos Príncipes Demoníacos e de Ben.

Ansiosamente, ele tentou descurvar seu longo corpo enquanto observava Estranheza. Suas pernas curtas se arrastaram com nervosismo por um momento nos escombros enquanto tentava se erguer. Estranheza já havia conseguido se levantar novamente e ia na direção de Ben de forma desajeitada, passando por entre os móveis esmagados.

Estranheza o alcançou novamente logo que Ben sentiu suas garras se firmando ao chão. Ele abriu a boca e mirou as pernas do curinga, mas os músculos enfraquecidos do pescoço estavam feridos. Os dentes de Ben se fecharam com força mordendo o ar, e Estranheza deu outro abraço de ferro em sua boca.

O corpo de dragão de Ben estava morrendo lentamente. Enquanto tentava se contorcer e se agitar para se livrar de Estranheza, sua visão embaçava e seus movimentos eram cada vez mais dolorosos e descontrolados. Estranheza continuou montado nele, mesmo depois de terem se chocado contra uma parede, quebrando divisórias de gesso e vigas de suporte.

Com um espasmo extremamente doloroso que percorreu todo o corpo, Ben conseguiu bater o rabo e derrubá-lo pelos tornozelos. Estranheza caiu com as costas no chão, soltando Ben e esmigalhando ainda mais pratos e copos já quebrados. O dragão abriu a boca e mordeu com força, mas só conseguiu pegar o veludo preto.

Balançou-se para se livrar do tecido e fechou os dedos das garras, tentando se fixar no chão e, mais uma vez, pegar o torso de Estranheza com as presas. Ele estava lento e desajeitado, desorientado e frustrado por não conseguir mover devidamente o enorme corpo como queria. Estranheza, outra vez, envolveu o longo focinho do dragão com os braços, que estavam escorregadios por conta do suor e do sangue. Dessa vez foi Estranheza que, usando uma de suas pernas enormes, empurrou o chão e rolou para o lado.

Ben sentiu um choque de medo enquanto foi virado de barriga para cima pela bruta força de Estranheza; a luz do teto girava, deixando rastros em sua visão. O curinga conseguiu um novo ponto de apoio no chão e se levantou ao seu lado. Sua máscara de esgrima, inexpressiva, parecia zombar dele. Os braços de Estranheza torceram o pescoço do dragão. Ele ouviu um estalo bem alto... e se viu deitado no frio latão do lado de fora, cercado por lixo e restos.

Ben não ousaria atrair a atenção de Estranheza agora. Ele não tinha esculpido o sabão que havia pegado do Twisted Dragon; se Estranheza ou qualquer outra pessoa viesse atrás dele, ele não estaria protegido. Por isso resolveu ficar por lá, esperando e escutando.

Estava bem mais frio agora. A neve caía forte em flocos finos e brancos que desciam do céu escuro em redemoinhos num ritmo infinito, o vento cada vez mais forte. De vez em quando um carro passava na rua sobre a neve derretida, que recomeçava a congelar. Todos estavam em silêncio por causa do massacre.

Pelos murmúrios que ouvia, ele sabia que uma pequena multidão havia se juntado na frente do Hairy's Kitchen. Pelos barulhos de passos e a mudança no tom das vozes, soube quando Estranheza saiu dos escombros e desceu a rua, mergulhando nas profundezas do Bairro dos Curingas. Ben se levantou para sair do latão, desceu até o chão e olhou pela esquina.

A multidão já se dispersava. Agora que o dragão de Ben era só um pedaço de papel e Estranheza fora embora, não havia mais espetáculo.

Verificando a presença dos Príncipes Demoníacos, ele atravessou o arco da porta destruída e caminhou apressadamente pelos escombros até os restos da mesa onde eles estavam. Até então, Hairy e seus funcionários continuavam entocados nos fundos, ou talvez tivessem ido embora do lugar. Ele não pôde deixar de observar os restos mortais dos curingas que ele mesmo despedaçara tão facilmente alguns minutos antes.

Ben pisou num pedaço vermelho-sangue de carne humana e sentiu um embrulho repentino. Para segurar o vômito, olhou para o outro lado. No calor da batalha, em sua forma de dragão, havia lutado desesperadamente, mordendo e golpeando Príncipes Demoníacos com tenacidade. A luta fora necessária e, em sua condição, lutara como um dragão deveria lutar. Mas nesse momento era difícil acreditar que ele próprio era aquela criatura que tinha matado tantas pessoas de forma tão rápida e fácil.

Era você, sim, dizia Vivian, com um plácido rancor. Ben já havia matado

antes em suas formas animais, e ainda o faria novamente. Acontece que, na maioria das vezes, ele não via os corpos depois, após retomar sua forma humana. Por isso, dessa vez o massacre o estava fazendo mal. Instantes antes, não parecia a mesma coisa.

Ele cerrou os dentes humanos e se forçou a continuar procurando. Não sabia se o pacote estava ali; era possível que um dos Príncipes Demoníacos o tivesse consigo ou que eles o tivessem escondido mais cedo. Pode ser que um dos que fugiram o tivesse levado. Enquanto ele procurava, lufadas de vento frio atravessavam o restaurante, fazendo pratos e escombros trepidarem e guardanapos voarem. Depois de procurar sem sucesso em meio a restos de móveis e objetos quebrados, ele voltou ao curinga cuja cabeça parecia um cacho de uvas.

Ben estremeceu e tentou olhar somente para a jaqueta de couro preta enfeitada com zíperes sofisticados e botões prateados, e não para os cotos que sobraram de suas pernas, nem para a poça de sangue formada ao redor. Revistou o curinga e sentiu um volume num bolso grande com fecho de zíper. Com ânsia por conta do cheiro de sangue, vomitou.

Você não tem o direito de ficar enjoado, recriminou Vivian, incriminando-o. *Foi você que fez isso.*

Ben juntou saliva para poder cuspir e limpou as mãos na manga da camisa. Segurando a respiração para não sentir o fedor do sangue, abriu o zíper que fechava o bolso e puxou um envelope pardo acolchoado.

De repente, ouviu uma sirene ao longe, aproximando-se. Era uma resposta um tanto rápida para o Bairro dos Curingas. Até mesmo o Forte das Aberrações tinha que agir quando alguém arranjava uma confusão tão escancarada.

Ben precisava ter certeza, então abriu o envelope e olhou para dentro. O interior estava estufado até o limite com pequenos sacos plásticos cheios de um pó azul e fechados com fita adesiva. Era arrebate, a droga sintética feita no laboratório de Quinn, o Esquimó, um produto dos Punhos Sombrios que era veneno puro.

Um atravessador de drogas, disse Vivian, zombando dele com ódio e desprezo.

Ele fechou o envelope, colocou-o num dos bolsos de sua jaqueta e saiu do Hairy's Kitchen caminhando apressadamente. A tempestade estava piorando.

Ben só se lembrou de Sally Swenson quando chegou no corredor imundo de

seu prédio, quase em frente à sua porta. Na esperança de que ela tivesse mudado de ideia e ido embora, destrancou a porta e entrou no quarto, deparando-se com o aquecimento sufocante. Do pouco de luz que entrava pela porta, viu que seu cabelo loiro permanecia esparramado sobre o travesseiro, exatamente como estava quando ele tinha saído mais cedo. Por causa do calor, no entanto, Sally havia se descoberto, deixando o lençol embolado no pé da cama. Ela respirava vagarosa e profundamente.

— Sally.

Ben se abaixou para acordá-la, mas parou. Até o momento, parecia inofensiva, e ele achava que voltaria bem antes do anoitecer. A última coisa de que precisava era de uma briga com a garota.

Ele acendeu a luminária e encostou a porta sem fechar — como estava empenhada, a forma irregular ajudava a mantê-la no lugar. Depois a fechou. Ele teria que passar a noite com a porta destrancada.

Você ainda pode se livrar disso, tentou Vivian, sem ânimo nem esperança.

— Espero que dê certo — murmurou, ignorando a voz.

Tirou o envelope da jaqueta e o colocou no chão. Despiu-se antes de começar a suar de calor. Nu, pegou o canivete e o sabão que havia roubado do Twisted Dragon.

Ele parou por um instante. Uma criatura de sangue-frio como um dragão estaria vulnerável demais numa noite tão fria como essa. Ele precisava de um animal que tolerasse bem o frio e que pudesse atravessar o rio pelo ar ou pela água, chegar até Ellis Island e segurar o pacote. Também tinha que ser uma criatura que intimidasse qualquer desconhecido que pudesse vir a encontrar — o que era certo que ocorreria numa missão desse tipo.

— Então... — sussurrou ele, mais para ouvir uma voz amigável do que qualquer outra coisa.

E começou. Quando terminou, deixou a escultura de sabão no chão e se deitou ao lado de Sally. A garota nem se mexeu. Ele se cobriu com o lençol, fechou os olhos e se concentrou no urso-polar que esculpiu.

Em poucos segundos, Ben se levantou em suas quatro patas, um urso de considerável tamanho sob uma camada grossa de pelos brancos. Abriu gentilmente a porta com os dentes e caminhou para trás, escancarando-a. Imaginando se conseguiria sair do quarto, pegou o envelope pardo delicadamente com a boca. Então, arrastou todo seu peso e pelos pela porta com dificuldade.

Ouviu a madeira velha estalar quando finalmente conseguiu sair para o corredor.

Embora fosse quase estreito demais, conseguiu se virar no corredor. Colocou o pacote no chão por um instante e puxou a maçaneta até ouvir o clique da fechadura. Satisfeito por seu corpo humano encontrar-se no lugar mais seguro possível, pegou o pacote e desceu. Estava ainda mais frio, e a ventania mais forte que antes. Flocos finos de neve caíam rapidamente, varridos por rajadas de vento. A tempestade havia se transformado numa nevasca que claramente apagara as calçadas da parte baixa de Manhattan. Mesmo assim, Ben estava totalmente confortável em seu novo corpo.

Não era exatamente incomum ver um urso-polar no Bairro dos Curingas. Ben desceu a Canal Street correndo levemente. Os poucos pedestres que ainda procuravam abrigo por conta da nevasca abriram caminho, e esse foi o único tipo de reação que ele causou. Sua maior preocupação era algum delinquente com uma arma poderosa atirar nele só por diversão.

Finalmente, pensou, ao chegar na estação de metrô da Lexington Avenue. Desceu apressadamente as escadas, fugindo do vento. Lá embaixo, passou trotando pela cabine de pagamento e pulou a catraca.

Um policial colocou a mão no coldre, mas era só um reflexo defensivo. Ben foi até a plataforma, abrindo caminho pelo meio de um grupo de pessoas que se surpreendeu com a presença dele. O urso-polar olhou para eles, viu que ninguém estava prestes a pegar uma arma e relaxou.

— É de verdade — se queixou uma moça. — Alguém precisa chamar a polícia. Mas que droga, eu odeio o metrô hoje em dia.

— Aposto que é um ás — comentou um senhor mais velho.

— Parece mais um curinga — arriscou um adolescente, que riu com escárnio.

— Cala a boca, ele vai ouvir você — retrucou a primeira moça.

— Eu sabia que estava frio, mas isso é ridículo — disse outro homem. — O que é aquilo na boca dele?

— Vai lá e pergunta você mesmo — respondeu o adolescente.

Ben os ignorou. Quando o trem parou e as portas se abriram, um grupo de pessoas ficou imóvel, olhando para ele. Então saíram rápido pelas outras portas, e ele pôde embarcar.

Ele teve que se sentar no meio da composição, perto da porta; mesmo assim, bloqueava a passagem. Ninguém mais entrou naquele vagão, e muitos dos que já

estavam nele saíram na mesma parada pelas outras portas. Os demais ficaram encarando-o impassíveis.

Ben ficou aliviado quando o trem começou a andar. Em cada parada do trajeto até a ponta sul de Manhattan, ele olhava para fora imediatamente após as portas se abrirem. As pessoas da plataforma hesitavam ou pegavam outro vagão, ou desistiam do metrô. Não havia muita gente fora de casa naquela hora, especialmente numa noite como aquela.

Finalmente, chegando a Battery Park, ele desembarcou e saiu andando rapidamente. Sabia que seu corpo era longo demais para passar pela catraca de saída, então teria que pular novamente. Depois trotou pela escada e voltou para a tempestade.

No parque, Ben virou o rosto para atravessar o vento e a neve, caminhando em direção à água. Ele entendeu que esse era o ponto mais próximo de Ellis Island ao qual chegaria por terra. Uma balsa de passageiros fazia uma parada lá durante o dia no caminho entre Liberty Island e Caven Point, em Nova Jersey. O vento frio no rio Hudson soprava em seu rosto, em direção à parte alta da baía, e ele teve certeza de que havia escolhido o animal certo. A pelagem farta e a grossa camada de gordura o protegiam bem.

Agora vem a parte divertida, pensou. Colocou o envelope na neve e o pegou de novo, dessa vez guardando-o completamente dentro da boca.

Ben respirou fundo pelo nariz e mergulhou nas águas congelantes. Ele ficou aliviado ao perceber que ainda estava confortável. Na verdade, dava para nadar muito bem batendo as quatro patas e mantendo os olhos e nariz acima da superfície.

Atrás dele, Manhattan emitia um belo brilho espectral de cor branca através da nevasca. Ele não levantou a cabeça para olhar para Nova Jersey e para as outras ilhas, imaginando que precisaria de toda a energia disponível para nadar até Ellis Island. Decidiu focar somente nas luzes da ilha. A correnteza batia em seu rosto, o que dificultava a visão, mas ele conseguiu soprar para fora a água que entrava em seu nariz.

O corpo do urso-polar era bem forte e capaz de percorrer longas distâncias em águas congelantes. Ele continuou nadando na escuridão. Apesar de não ter medido a distância muito bem, estava surpreso de que aquilo não fosse tão cansativo quanto esperava.

Subitamente, contudo, sentiu uma vontade enorme de desistir e dar meia-volta.

Isso o espantou; ele lutou contra aquele sentimento e focou nas luzes à sua frente. A própria água parecia mais densa; as ondas e o vento, mais fortes.

Talvez estivesse ficando cansado, só isso. Tentou estimar o quanto faltava. Talvez fossem várias centenas de metros, mas, talvez, fosse muito mais. Ele se forçou a continuar nadando.

Voltar agora seria enfrentar uma distância ainda maior, disse a si mesmo. Na verdade, não estava nem um pouco cansado. O que havia sentido era um impulso de retornar e ir embora.

Leslie Christian não iria gostar nada daquilo.

Ben bateu as pernas na água ainda mais rápido. De repente, uma onda de medo o atravessou, fazendo-o contrair seus músculos da barriga. O sentimento veio sem pensamento nem lógica; sentiu um pânico genuíno que eriçou seus pelos do pescoço e dos ombros. Continuou nadando, mas as pernas relutavam, enfraquecidas pelo medo.

Sentiu mais uma onda de temor, e parou de nadar. Seu enorme corpo sacolejava nas ondas, não afundando graças aos pelos e à camada de gordura. Ellis Island estava a uma ou duas luzes ao longe, mas nesse momento aquilo o repugnava. Ao olhar através da nevasca, a ilha parecia ficar cada vez mais desfocada e distante dele.

Ben piscou e tirou a água dos olhos, tentando focar a visão. Até a neve que caía parecia estranha. Ele estava desorientado, com medo e queria ir para casa.

Forçou as pernas a voltarem a funcionar em nado cachorrinho. Ao invés de virar, nadou em linha reta. Concentrou-se nas pernas, fazendo com que continuassem o movimento. A ilha e o medo do desconhecido ele encontraria lá. O estranho pânico que havia tomado conta dele ainda existia, mas Ben o ignorava. *Duas pernas de cada vez, empurrando a água*. O mantra preencheu sua mente. Era só isso: *um, dois; um, dois*.

Ele continuou a nadar. A travessia parecia durar para sempre. Finalmente, contudo, entrou num cone de luz brilhante e ousou olhar para cima. Era uma única lâmpada numa das construções da ilha; as outras próximas a essa haviam queimado. Ellis Island era um retângulo com as docas para a balsa de um lado, conferindo a ela o formato de uma ferradura de cavalo. A ilha era menor do que esperava, talvez menor que dois quarteirões.

Agora tinha certeza de que iria conseguir. Diminuiu a velocidade, procurando sinais de vida na ilha. Somente algumas janelas tinham luz dentro, sugerindo a

presença de alguém ali, mas, com aquele tempo, isso não chegava a ser uma surpresa. Nadou até as docas da balsa, ainda observando, até tocar nelas com as patas dianteiras, impulsionando-se para fora da água.

Por instinto, chacoalhou-se e lançou água gelada em todas as direções. Ele se situou e se deu conta de um cheiro desagradável que o lembrava das balsas de lixo, mas o odor ali era mais variado... e pior. Felizmente, o vento forte o soprava para longe da ilha.

Ben apertou os olhos de urso contra os flocos de neve que batiam em seu rosto. O edifício principal tinha, talvez, seis andares de tijolos e rocha calcária, consideravelmente mais largo do que um campo de futebol, da esquerda para a direita, conforme observava. Em cada canto da construção, doze metros acima do telhado, havia torres de observação com domos de cobre de frente para a tempestade. A construção parecia antiga, como se fosse da virada do século XIX, mas Ben não era especialista em arquitetura.

Uma sensação misteriosa de estar sendo observado por trás arrepiou os pelos de sua nuca. Ele se virou, mas não tinha nada ali, só água. A sensação continuou, então olhou para cima, vendo somente a neve que caía em redemoinhos sobre si.

Um movimento à sua esquerda, no entanto, no meio das sombras, atraiu sua atenção. Ele se virou, tenso. Alguém deu um passo receoso à frente.

— O que você quer? — perguntou uma voz feminina.

Ben não esperava que alguém estivesse ali. Além disso, ele não podia falar enquanto estivesse no corpo de urso. Por isso, apenas observou enquanto a mulher dava mais um passo na direção dele. Era bípede e media pelo menos 1,80 metro de altura. Tinha a cara de um furão: nariz preto, cabeça em formato de cunha, orelhas redondas e uma máscara preta ao redor dos olhos sobre o que parecia pele de búfalo. Mais perto do abdômen, os pelos se tornavam cinzentos. E, principalmente, presas curvadas de cinco centímetros desciam da boca.

— Cuidado, Mustelina — disse a voz de um jovem. — Não sei quem é. Nunca vi por aqui.

Ben olhou para ele. Parecia um monte cheio de pelos prateados com altura média para um humano.

— Cala a Boca, Esponja de Aço — respondeu Mustelina. — Um curinga é sempre um curinga. Qual é o seu nome?

Ben balançou a cabeça e tentou dar de ombros, ainda observando os dois com cuidado. Pelo menos ele entendia o que Mustelina fazia ali. Ela tinha um corpo

adequado para aquele clima, quase tanto quanto ele próprio, mas provavelmente se daria melhor no verão quente e úmido de Nova York do que ele enquanto urso. Esponja de Aço também parecia bem aquecido ali.

— E se ele não for curinga? — gritou Esponja de Aço, com uma voz rouca contra o vento. — E se ele for um urso-polar de verdade?

— Dá um tempo. — Ela deu mais um passo em direção a Ben. O vento balançou seus pelos brancos. — Você consegue falar?

Ben balançou a cabeça com cuidado de um lado para o outro, um gesto que Esponja de Aço não poderia negar. Depois apontou a cabeça em direção à porta principal do edifício maior. Sua boca ainda estava totalmente fechada.

— Vamos levar esse urso para Bomba — disse Mustelina decididamente. — Vamos.

Ela caminhou ao longo das docas até a porta principal de forma ágil e saltitante, com a cabeça de lado para evitar o vento.

Ben foi atrás dela, observando Esponja de Aço, que se mantinha afastado conforme se aproximavam da entrada.

Quando chegaram perto do edifício, Ben olhou para as enormes portas com três arcos que iam até o segundo andar. Sobre eles, a neve caía em pássaros de concreto que ladeavam o relevo de uma insígnia. Milhares de pessoas poderiam estar dentro de um prédio desse tamanho.

— Bomba é o chefe aqui — informou Mustelina, abrindo uma porta que parecia pesada.

Um fedor extraordinário chegou ao sensível nariz de urso-polar de Ben. Ele se forçou a entrar, mas seu estômago estava embrulhado. Mustelina e Esponja de Aço o seguiram.

Ben piscou por causa da luz de uma grande sala onde chegaram. Em algum momento do passado, o lugar devia ter sido um saguão. Surpreso, ele parou depois que a porta bateu atrás de si. Estava cara a cara com o curinga mais repulsivo que ele já tinha visto.

Bomba tinha um tamanho monstruoso. Uma montanha de carne de talvez quinze metros de largura e dois metros e meio de altura. O pescoço e a cabeça, bastante normais em aparência, ficavam no topo de tudo. Os ombros e braços também pareciam comuns, mas, sem qualquer utilidade, pendiam nas laterais da enorme massa. Cinco espécies de canos entravam em seu corpo. O fedor vinha de

uma lama resinosa e escura que se acumulava ao seu redor, no chão.

Havia vários curingas ali, com diversos formatos. Alguns estavam quase invisíveis, na sombra dos cantos do recinto. A essa hora, a maioria provavelmente já estava dormindo. Os que estavam ali, viraram-se e olharam para Ben, com desconfiança e hostilidade.

— Bomba — disse Mustelina com uma reverência fervorosa na voz. — Esse curinga veio nadando até aqui para se juntar a nós. Ele não fala.

— É mesmo? — A voz de Bomba parecia um guincho agudo. — Mais um convidado? Seja bem-vindo, amigo. — Bomba olhou para ele de sua enorme altura. Sua expressão facial transparecia uma suspeita maliciosa que sua voz não havia revelado.

Ben meneou a cabeça de urso para cumprimentá-lo, sentindo uma pontada de inquietude. Ele não sabia quase nada sobre aquele lugar.

Mustelina havia dito que Bomba era o chefe ali. Ben gostaria que Leslie Christian tivesse dito a ele exatamente quem deveria receber o pacote com a droga. Se tivesse que se defender, teria que largar a encomenda para conseguir morder.

— Ele não é curinga! — Bomba guinchou. — É algum tipo de às! — Olhou de repente com fúria para Ben. — Mas você não é exatamente dos mais brilhantes, não é?

Ben congelou. Seu coração batia acelerado enquanto ele tentava descobrir como aquela criatura sabia. Talvez a droga fosse para ele.

— É isso mesmo — gritou Bomba alegremente. — O pacote é para mim! Manda para cá!

Ben ficou tenso, olhando para o rosto dele, percebendo que aquele curinga enorme estava lendo sua mente. Os curingas ao redor ficaram ansiosos, com os olhos hostis fixos em Ben, que se moveu para que todos ficassem em seu campo de visão. Pelo que via, poderia se defender, mas uma briga não o ajudaria a cumprir sua missão.

— Fiquem de olho nele — ordenou Bomba com sua voz aguda. — Não o deixem ir embora.

— Posso? — perguntou uma voz masculina com imponência.

Um jovem saiu da sombra com um andar saltitante. Era magro e vibrante, repleto de energia, talvez com 17 anos de idade. Vestia jeans e uma camisa de

gola rulê roxa. Havia uma adolescente baixinha, de cabelo escuro, logo atrás dele.

Ben olhou de Bomba para o garoto e depois de volta para o curinga.

— Ah, sim, claro, David — assentiu Bomba, com um nível de indulgência desnecessário. — Pode verificar. Mas eu já li a mente dele, então já sei.

David caminhou aprumado até Ben. Ele sorria com seus dentes grandes e retilíneos. O rosto era bonito, com a barba por fazer. Seu cabelo loiro estava bagunçado, e uma mecha caía sobre os olhos vermelhos e marejados. Ele estendeu uma das mãos. Ben hesitou, estudando o sorriso confiante que parecia zombar de si mesmo. Sem poder falar e cercado por curingas desconhecidos, não tinha muita opção. Abriu a boca e botou o envelope um pouco para fora, sentindo cheiro de cerveja no hálito de David.

Depois ouviu o barulho de passos e um riso agudo vindo de cima. Ainda sorrindo, David se inclinou para a frente com cuidado e pegou o pacote. Ben olhou para o alto e viu que havia uma galeria de observação no terceiro piso. Todos lá eram sombras.

— Eca — disse David, rindo forçosamente. — Baba de urso-polar.

À primeira vista, ninguém riu, mas logo depois o riso agudo de Bomba perfurou o ar, e os curingas começaram a rir com ele. David não era curinga, no entanto. Nem a menina atrás dele.

— Então você não sabe quem ele é? — perguntou Bomba. — Bem... Eu não vou contar! — E riu mais uma vez de sua própria inteligência.

Ben olhou para a porta. Suas chances de fugir eram quase nulas. Ele nem conseguiria abrir a maçaneta com as patas. David puxou um pacote de pó azul de dentro do envelope, fez um buraco com a ponta do dedo mínimo e ficou olhando com fascínio para a pequena mancha azul sobre a pele.

— E então, David? — Bomba guinchou com impaciência.

— É isso mesmo — disse David, suavemente. — Isto é arrebate. — Ele sorriu de lado, olhando para o dedo, e então se voltou para Bomba. Seus olhos brilhavam. — Vamos dizer que eu queria ter certeza de que ganhamos algo pelo aluguel que pagamos.

— David — reclamou Bomba. — Eu não engano meus amigos. — Ele olhou ao redor e viu uma mulher alta e magra se escondendo nas sombras. — Risadinha, sua linda. Aí está o que eu havia prometido para você. Dê um pouco para ela,

David.

Risadinha surgiu das sombras lentamente. Ela usava roupas largas de inverno e sapatos confortáveis, mas ria enquanto andava. Mesmo assim, a expressão em seu rosto era de tormento e angústia.

— Tudo dá cócegas nela — sussurrou Mustelina para Ben. — Até a sensação da roupa no corpo e o contato com o chão quando ela anda. Toda e qualquer sensação a faz rir, mas ela odeia isso.

— O nome é arrebate — explicou David, estendendo a mão com o pacote. — Começa a fazer efeito quando entra em contato com a pele, e a sensação é mais forte na área de contato.

Risadinha caminhou calmamente até David e enfiou o dedo indicador no buraco do plástico. Ela o retirou de dentro e olhou para ele. A princípio, sorriu de forma tímida. Em seguida, arrancou o saco da mão de David, rindo desesperadamente por causa do contato com o plástico. Ela jogou o pó na palma das mãos e o esfregou no rosto e no pescoço. Risos surgiram de todos os lugares.

— É do Bomba — disse David, preocupado. — E é muito caro.

Bomba riu num tom agudo de prazer, entretido com o espetáculo. Risadinha tinha deixado o saco cair no chão e se despiu do suéter grande e da camiseta azul que usava embaixo. Ela ajoelhou no chão e começou a esfregar avidamente o arrebate em seus braços, ombros, seios e barriga.

— Isso não vai fazer você parar de sentir cócegas — advertiu David. Ele a olhou de lado com evidente prazer, esfregando com delicadeza a mancha azul em seu dedo mínimo contra o polegar. — Mas você vai adorar essa sensação.

Enquanto todos observavam Risadinha, Ben olhou em volta de si com cuidado. Ele não sairia dali sem ajuda.

Risadinha estava totalmente nua, agachada no chão, passando arrebate nas coxas. Ela riu com a sensação, que não parecia mais tortuosa. A expressão em seu rosto passou a ser de um brilho onírico.

Ben ficou observando a mulher com uma sensação de leve horror. Arrebate era uma droga horrível, e ela estava banhada naquilo. Contudo, ele estava numa posição muito complicada para se preocupar com uma estranha.

Bomba estava rindo mais alto do que antes, e seus amigos curingas o imitavam. David estava extasiado assistindo a Risadinha. A jovem mulher que havia entrado atrás dele agora estava ao seu lado, olhando aquela cena com os

belos olhos azuis e uma triste admiração.

— David — chamou ela suavemente, enrolando um cacho de cabelo preto com o dedo. — Quem é o urso-polar?

— Não sei, Sarah. — respondeu David, os olhos ainda brilhavam vendo Risadinha.

— Quero montar nele — comentou Sarah. — Qual será a sensação do arrebate para um urso?

Os sensíveis ouvidos de urso de Ben escutaram aquelas palavras mesmo sobre o amontoado de outras vozes. Ninguém mais havia escutado a mulher. Ben deu um passo para trás, tentando entender o que ela queria dizer com aquilo. Se quisesse uma carona, Ben poderia fazer isso por ela. Mas se quisesse sexo, aí então ela seria muito doida. Ben olhou ao redor rapidamente, tendo a certeza de que era fisicamente mais forte do que qualquer um ali. Mas isso não o ajudava a saber se haveria outros ases ali e de que tipo.

Risadinha estava dançando nua, toda manchada de azul, no meio de um círculo de curingas. Eles batiam palmas ritmicamente, rindo e a incentivando. O resto do pacote de arrebate era passado de um para outro. Bomba piava e ria, agitando seus apêndices atarracados de maneira incontrolável.

De repente, Risadinha viu Ben. Balançando de um lado para o outro, ela caminhou até ele, o sorriso escondido pelo rosto azul. O círculo que a cercava se abriu, mas as palmas continuavam. Ela foi até Ben, dançando e girando.

O círculo se formou novamente, cercando os dois. Alguém começou a gritar junto com as palmas:

— Urso! Urso! Urso!

Risadinha riu e pegou Ben pelas orelhas, dançando de um lado para o outro. David e Sarah agora estavam na frente do círculo, e Ben ainda conseguia escutar o que diziam. O jovem loiro o estudava com olhos úmidos e vermelhos. Então, colocou um braço ao redor de Sarah e deu de ombros:

— Manda ver.

Ben ficou tenso olhando Sarah, pronto para pular e atacar ou recuar, se necessário.

Ela não se mexeu. De repente, a mente de Ben foi tomada por uma força que começou a puxá-lo para fora do urso-polar. Em sua visão, a forma azul e oscilante de Risadinha ficou ondulada e embaçada. As palmas e os gritos de “Urso!” o

solaparam.

Desorientado, ele caminhou para trás, rosnando quase sem querer. Sentia muito calor com aqueles pelos e aquela gordura toda, e não entendia de onde vinha aquela força. O lugar parecia estar girando. A força misteriosa o afastava da visão, da audição e do tato de urso.

Ben estava perdido num borrão de escuridão. Parecia que Sarah estava cada vez mais presente em sua mente. Ele entrou em pânico por não conseguir se manter no corpo de urso e focou novamente em seu formato humano em Chinatown. Ele imaginou seu quarto, sua cama e seu corpo nu na cama ao lado de Sally. Ele se concentrou ainda mais e, por fim, chegou tardiamente atordoado a uma escuridão familiar.



Vivian sentiu a confusão de Ben. Ela estava dormindo no quarto escuro, agradecida pelo raro momento de solidão, mas sua mente a acordou de súbito. Desorientada e ausente, a mente de Ben não conseguia mais controlar o corpo deles. A sensação era intuitiva, mas não confiável.

Instantaneamente, a mente de Vivian despertou. Ansiosamente, ela tentou piscar os olhos do corpo deles, mexer os braços e as pernas e fazer com que fossem só dela, e não dos dois nem só dele. Ela acordou, tomou o controle do corpo deles e sentiu a mudança.

Não doeu exatamente no primeiro momento, mas sua corrente sanguínea se encheu de adrenalina, e o deslocamento de sangue fez sua cabeça, seu peito e sua pelve palpitem. Seus ossos doíam enquanto mudavam de forma e tamanho, sua pelve aumentava e seus ombros e costelas diminuía. Quando a cabeça e o rosto mudaram, ela sentiu uma dor aguda, como a sensação de um elevador que começa a cair subitamente ou uma montanha--russa que inicia uma descida íngreme.

O deslocamento de tecido mole foi menos intenso, mas aconteceu no peito, entre as pernas, no rosto e em todos os músculos. As mudanças físicas cessaram, e ela ficou ali, ofegante, na cama do quarto de Ben. Abriu, então, os olhos. A camada de gelo da janela suavizava o brilho da luz que vinha do lado de fora.

Com cuidado, como sempre fazia quando passava a comandar o corpo deles, levou uma mão até o peito. Seus seios eram pequenos, mas eram seios femininos. Ao mesmo tempo, colocou a outra mão entre as pernas, onde encontrou o que

esperava. Ela era Vivian, como Ben a chamava desde a infância, ou Tienyu, como nomeou a si mesma agora.

Limpou a garganta discretamente. Era sua voz.

Ela conseguia sentir a presença de Ben também. Imaginou que ele provavelmente havia morrido no animal, e que sua mente estaria vagando por conta do choque. Isso o teria feito perder o controle sobre o corpo momentaneamente.

Contudo, por algum tempo, ele passaria a ser o passageiro do corpo, enquanto ela assumiria o comando e faria o que quisesse. Assim como quando era o contrário, ele poderia comunicar pensamentos conscientes diretamente a ela, mas não conseguiriam ler a mente um do outro, a não ser que a mensagem fosse intencional e enviada por vontade própria.

Aparentemente, por ora, Ben não tinha nada a dizer.

Ao seu lado, Sally se virou languidamente para o lado de Vivian. Vivian ficou inerte, sem querer acordá-la. A mão de Sally passou pela sua cintura, mas casualmente escorregou para baixo, entre suas pernas.

Vivian ficou tensa e gentilmente ergueu-se para sair da cama, desvencilhando-se da mão de Sally. Ela tinha esperança de que Sally ainda estivesse dormindo. Contudo, quando Vivian colocou os pés no chão, a mulher levantou o cotovelo.

— Quem é você? — perguntou, com sono. — Onde está Ben?

Vivian se pôs de pé e se afastou da cama.

— Eu sou a irmã do Ben. Ele foi embora.

— Embora? Poxa, mas por que ele não... Ei, o que você estava fazendo na cama comigo?

Vivian ficou parada no quarto quente de Ben, completamente nua, exceto pela moeda da corrente do pescoço. Ficou mexendo nela nervosamente, depois acendeu a luminária.

Sally recuou, fechando os olhos por causa da luz que Vivian acendera, e se sentou na cama.

— Vai embora — disse Vivian.

— O quê? Espera aí, Ben tinha dito que eu poderia passar a noite aqui se quisesse. Que horas são agora?

— Eu mandei você ir embora. — Vivian procurou as roupas de Sally e pegou

seu sutiã, que era grande, da cor de sua pele, e resistente por causa do bojo. — Aqui — disse, jogando-o na direção de Sally.

Sally o tirou do rosto, tentando falar alguma coisa, mas não conseguiu pensar em nada.

Enquanto ela colocava o sutiã, Vivian pegou a cueca de Ben e olhou para ela, fazendo uma nota mental para se lembrar de comprar algo melhor no dia seguinte. Pelo menos Ben tinha mantido o acordo básico deles: a calça jeans era folgada nele, mas ficava justa nela. A segunda pele, a gola rulê e as meias grossas de inverno eram unissex, e ela nunca se importou em não usar sutiã. Já as botas de Ben sempre ficavam um pouco largas nela, mas não muito; os pés deles mudavam pouco quando trocavam, e as meias compensavam a diferença.

O rosto de Sally estava vermelho e tenso de raiva, mas ela não tinha o que dizer. Depois de vestir o sutiã, chutou o lençol e se levantou, ficando de costas para Vivian enquanto terminava de se vestir.

No dia seguinte, Vivian procuraria o administrador do prédio fingindo não saber do paradeiro de Ben. Ela fingiria ser a irmã preocupada com o irmão e cuidaria do aluguel. Pelo que se lembrava, desde que Ben havia alugado o quarto, o administrador não se importava se ela morasse lá, contanto que o aluguel fosse pago no prazo.

Enrolada num cachecol e num casaco de inverno, Sally olhou sobre o ombro.

— Obrigada pela consideração — disparou ela. — Se eu não for assassinada lá fora a uma hora dessas, vou morrer congelada. — Abriu a porta com violência e saiu pisando forte, o cabelo loiro rodopiando.

Vivian reprimiu a pontada de culpa que sentiu. Se Sally já tinha idade suficiente para sair com um cara que conheceu no Twisted Dragon, conseguiria voltar para casa à noite. Ela fechou e trancou a porta, pensando que não poderia culpar o irmão. Sally era muito bonita e, claro, também estava com vontade de transar.

— Diga adeus, Ben — disse Vivian, sussurrando com escárnio.

Adeus, murmurou Ben amargamente em sua mente.



Ninguém sabe o que eu passei

Walton Simons

O tribunal estava lotado de gente. Parecia ter quase o mesmo número de jornalistas presentes na cobertura da posse de Bush duas semanas antes. As outras pessoas eram amigos ou inimigos de Hiram ou só curiosos. Não havia nenhum curinga no recinto, com a notável exceção de Pretorius. Kenneth tinha conseguido um lugar para Jerry.

— Todos de pé.

A juíza entrou e o barulhento tribunal ficou em silêncio. A velha magistrada caminhou até seu lugar e se sentou com calma.

Ela pigarreou.

— No caso “O Povo do Estado de Nova York contra Hiram Worchester”, é do meu entendimento que a promotoria achou devido reduzir a acusação para homicídio culposo. Correto?

O procurador se levantou.

— Sim, Meritíssima.

— E como a defesa se declara? — perguntou a juíza.

Pretorius se levantou.

— Culpado, Meritíssima.

— Vão tentar negociar a pena, como esperado — comentou Kenneth, num tom um pouco mais alto do que os murmúrios do tribunal.

— Sr. Worchester — disse a juíza. — Por favor, levante-se.

Hiram obedeceu, mantendo-se o mais ereto possível para o seu tamanho.

— Dada a sua importância na comunidade e as circunstâncias inusitadas do caso, não vejo sua prisão como um benefício para a sociedade. Portanto, eu o sentencio a cinco anos de condicional. Qualquer uso das suas habilidades como carta selvagem durante esse tempo representará uma violação da condicional. Um indivíduo com um talento único como o seu deveria se envergonhar do fato de ter usado esse talento para tirar uma vida. A sociedade já está cansada dessas tolices. Que o senhor possa se tornar, no futuro, um exemplo positivo para todos. Senão, esse tribunal não será tão condescendente.

Hiram assentiu discretamente e passou a mão sobre uma das sobrancelhas. Pretorius ficou ao seu lado e colocou o braço em volta dele.

As pesadas portas de madeira se abriram no fundo da sala. Um curinga de quatro braços forçou a entrada.

— Assassino! Você não passa de um assassino com grana!

Dois policiais agarraram o curinga, o jogaram no chão e o algemaram.

— Vamos pegar você, Worchester! — gritou o curinga enquanto era arrastado para fora da sala. — Você vai morrer que nem a Crisálida.

— Meu Deus. — Jerry cutucou Kenneth. — Crisálida está morta e foi um acidente. Será que eles não sabem disso? Hiram estava fora de si. Ele já sofreu o suficiente.

— Possivelmente — concordou Kenneth. — Embora quem gostasse da Crisálida talvez tenha uma opinião diferente. Como dizem por aí, pimenta nos olhos dos outros é refresco.

Pretorius e Hiram começaram a atravessar a multidão para chegar à porta. Os repórteres os cercaram como espermatozoides num óvulo não fertilizado.

— Não gostaria de ir ao Bairro dos Curingas hoje — disse Kenneth.

— Nem me fale — assentiu Jerry.



David Butler tinha um Chevrolet velho e surrado. Aquilo já era esquisito o suficiente. Jerry não queria estar no Bairro dos Curingas e certamente não estava feliz com aquilo. O motorista do táxi também não estava. Jerry achava que já era hora de dar uma olhada em David. Tinha conseguido segui-lo algumas vezes desde que ele o despistara naquele clube, e andava extremamente entediado. Um

dia acabou até indo à ópera.

Passaram por um prédio com um grande coração vermelho pintado na parede. Faltavam menos de três semanas para o Dia dos Namorados, e a única pessoa para quem ele gostaria de dar flores ou chocolates era Beth. Aquilo irritaria Kenneth profundamente. Não que qualquer coisa tivesse sido dita, mas ele percebia uma pitada de ressentimento em seu irmão de vez em quando. De qualquer forma, aquela era a menor de suas preocupações no momento. Ele estava seguindo um suspeito de assassinato no Bairro dos Curingas, e o taxímetro estava desligado. Além disso, a neve começava a cair.

Jerry estava quase desistindo e dizendo para o motorista levá-lo para casa quando um veículo no fim da rua explodiu. O carro de David derrapou e parou com dois pneus sobre a calçada. O motorista de Jerry enfiou o pé no freio e bateu num poste. Começou a sair vapor por baixo do capô. Estilhaços do carro em chamas se espalharam sobre o táxi. Um grupo grande de curingas se aproximou, vindo de uma rua lateral. Vários perceberam os carros e apontaram.

— Mas que merda — disse Jerry. — Tire a gente daqui agora.

O taxista virou a chave. Ouvia-se um breve clique e mais nada.

— O carro já era. Vamos ter que correr.

Jerry saiu do táxi pela janela. David já havia abandonado o Chevrolet e estava correndo por uma rua transversal. Os curingas estavam indo em direção a eles. Jerry não conseguia entender o que diziam, mas, pelo tom, não era nada amigável. Correu atrás de David. Alguns curingas aceleraram o passo para interceptá-lo, mas Jerry virou a esquina com uns dez metros de dianteira.

Então, ele começou a se transformar. Engrossou a arcada supraciliar e expandiu um pouco o crânio. Fez crescerem nódulos na parte de trás das articulações dos dedos. Não era muito, mas o suficiente para não ser considerado limpo.

Ainda correndo, David se virou e viu Jerry e os curingas o seguindo. Ele acelerou e começou a se distanciar. Em resposta, Jerry cerrou os dentes e correu mais rápido. O ar frio cortava sua garganta e seu peito, e ele teve que tomar cuidado para que seus sapatos de couro italiano não derrapassem no piso congelado. A neve começou a cair com mais força e a fazer redemoinhos com o vento.

Houve alguns gritos à frente. David virou numa esquina e desapareceu de vista. Jerry correu atrás dele com o que lhe restava de força. Escorregou ao

dobrar a rua e se viu diante de uma multidão. Havia pelo menos duzentos ou trezentos curingas. Vários carros estavam pegando fogo, projetando um brilho cintilante sobre a fachada dos prédios. Um boneco feito com muito enchimento estava sendo jogado de um lado para o outro e rasgado. Um boneco de Worchester, sem dúvida.

Jerry tinha perdido David, mas havia um beco ali por perto. Caminhou até lá e entrou. O lugar estava vazio. Pelo menos assim parecia. Alguns metros à frente uma porta estava entreaberta com as dobradiças soltas. Jerry a empurrou para o lado e entrou. Esperou alguns segundos até que seus olhos se acostumassem com o escuro, mas, mesmo assim, não conseguiu ver muito. Continuou, passando pelo vão de entrada e esforçando-se para ouvir algum movimento, mas só escutou um som de algo pingando ao longe. Após um longo instante, Jerry resolveu sair. Ia abrir a porta quando um grupo de limpos passou. Eram cinco: dois garotos e três garotas. Todos jovens; provavelmente não tinham nem 20 anos. Uma das mulheres tinha o cabelo espetado e escuro; já outra tinha a cabeça raspada. Estavam ao lado de um garoto loiro que obviamente era o líder. David.

A multidão de curingas urrava. Jerry olhou sobre os garotos e viu a turba se abrir. Um curinga de 2,70 metros de altura e pele verde caminhou até o meio da multidão. Era Troll, que carregava Tachyon nos ombros. Alguns gritaram com raiva, mas a maioria dos curingas ficou quieta. Jerry ouviu um rosnado atrás de si. Virou-se e viu um par de olhos verdes observando-o. A distância entre eles era grande demais para que os olhos fossem de um gato. Jerry alongou e afiou os dentes. Se tivesse que lutar, queria ter algum tipo de arma. Uma de suas presas cortou dolorosamente seu lábio inferior.

— Escutem, amigos! — gritou Tachyon. Jerry quase não conseguia entender o que dizia, mas chamar os curingas de amigos era meio presunçoso depois do que havia acontecido com Hartmann em Atlanta. — Entendo a raiva de vocês, mas essa não é a resposta. O incêndio que estão começando aqui vai acabar queimando suas próprias casas e matando sua própria gente. Hiram Worchester não é o inimigo de vocês. O que os curingas precisam combater é a ignorância e o preconceito. E a única forma de derrotá-los é com decência e a dignidade.

— Vamos nos divertir — sussurrou David.

— Voltem para suas casas — continuou Tachyon. — Sirvam de exemplo para os outros, sejam eles curingas, limpos ou ases. — Tachyon levantou os braços em súplica.

As duas garotas de David o abraçaram pelos ombros com força, o que fez seu

corpo estremecer.

Troll riu. Levantou Tachyon pelas costas do seu jaleco e o deixou com os pés balançando. A multidão começou a gritar.

— Troll! — berrou Tachyon. — O que você está fazendo?

Troll o jogou na massa de curingas como se o alienígena estivesse dando uma estrela. Tachyon acabou pousando num monte de corpos enroscados. Jerry o viu se esforçando para levantar.

— Vamos fazer uma fogueira para o Bolão ver lá do Aces High — gritou Troll.

A multidão rugiu, aprovando, e punhos socaram o ar.

Jerry ouviu outro rosnado atrás de si, dessa vez mais perto. Respirou fundo e correu até a porta, dando um encontrão em David e nas duas garotas e derrubando os três na rua. Troll viu a comoção ao longe e olhou diretamente para eles. Seu rosto transparecia o pânico. O curinga gigante cambaleou por um instante e caiu no chão.

A garota com o cabelo espetado ajudou David a se levantar.

— Vamos embora desta merda.

Jerry rolou e viu que a garota careca estava bem em cima dele. Ela levantou a perna para chutar seu rosto. Jerry se esquivou para não ser atingido, mas acabou recebendo um chute no ombro. Para revidar, ele mordeu sua panturrilha, perfurando a calça jeans dela. A garota gritou e puxou a perna, depois se virou e mancou até seus amigos, que batiam em retirada. Jerry cuspiu o sangue e se ergueu com dificuldade. Havia curingas correndo em todas as direções. O número de incêndios aumentava. Troll cambaleou até ficar de pé novamente e caminhou na direção de Tachyon, que estava se protegendo por meio dos curingas cujas mentes ele controlava. Troll abriu caminho entre os takisianos e colocou Tachyon novamente nos ombros. O alienígena o encarou com um olhar questionador e fez um gesto para que continuasse a andar. Troll abriu caminho com os ombros pela multidão, que se dispersava. A clínica era só a alguns quarteirões de distância. Jerry achou que este seria o lugar mais seguro para ir e passou por entre os demais até alcançar o curinga gigante.

Ouviu o som de sirenes chegando de direções diferentes e se aproximando dele. Abriu caminho até sair da multidão e subiu na calçada assim que um carro de polícia apareceu. Uma bala atingiu uma parede de tijolos atrás dele, lançando-lhe pequenos fragmentos de pedra. Jerry não sabia quem tinha atirado, e também

não queria ficar ali para descobrir. Ele entrou numa rua transversal e foi em direção à clínica.



Blaise deixava Jerry nervoso, com medo até. O garoto ruivo ficou na janela durante meia hora assistindo ao motim com um sorriso no rosto. Sirenes, tanto da polícia quanto de ambulâncias, passaram por ali a noite toda. Em determinado momento, Blaise se virou para Jerry e falou:

— Fogo e sangue. Tanto fogo e sangue. É lindo.

Fora esse comentário perverso, Blaise parecia achar que Jerry era invisível. Ele ficava ali em silêncio, dobrando e desdobrando seu talão de cheques.

Eram duas horas da manhã quando Tachyon chegou ao escritório. O lado direito de seu rosto estava machucado e inchado, e o braço bom estava numa tipoia.

— Você devia ter esperado, Jeremiah — disse, sentando cansado na cadeira. — Numa noite assim, dinheiro é uma preocupação menor.

— Não tem nada a ver com dinheiro. — Jerry entregou o cheque. — Mas, de qualquer forma, eu posso dar dinheiro para você. Eu estava fazendo outras coisas por aqui. Como está o Troll, aliás?

— Confuso e com vergonha. Ele não se lembra de ter me jogado. Eu entrei na mente dele e simplesmente tem uma lacuna naquele momento. É como se Troll tivesse desmaiado.

Tachyon tocou sua testa roxa acima do olho e contorceu o rosto com dor. Era o pior momento para um incidente daquele tipo ter acontecido.

— Será que podemos conversar a sós? — Jerry olhou para Blaise.

Com ódio, Blaise devolveu o olhar para Jerry e então para Tachyon, que estava apontando para a porta. O jovem takisiano ficou imóvel por um momento, mas depois saiu indignado do recinto.

Tachyon suspirou.

— Sobre o que você quer conversar?

— O que aconteceu com Troll não foi acidente. Ele não estava no próprio corpo quando arremessou você. Foi outra pessoa. Você chegou a ler as notícias

sobre aquelas pessoas que estavam tendo os corpos trocados? Teve um assalto a um banco...

— Li — interrompeu Tachyon. — Temos uma mãe e uma filha na nossa ala psiquiátrica que dizem que suas mentes foram trocadas por alguém. Você acha que foi isso que aconteceu com Troll?

— Tenho certeza — disse Jerry. — E acho que sei quem está por trás disso também.

— Quem? — perguntou Tachyon com rispidez por conta da exaustão.

— David Butler. Ele trabalha na firma de advocacia do meu irmão, a Latham, Strauss. — Jerry inclinou-se para a frente, ainda sentado na cadeira. — Eu o tenho seguido de vez em quando, e hoje ele estava no motim com alguns amigos.

Tachyon suspirou e fez que sim com a cabeça.

— Um ano atrás, eu mesmo ficaria tentado a intervir, mas já vi que é loucura. Acho que o melhor a fazer é entregar o Sr. Butler para as autoridades. Você não está inventando nada disso, está?

— Claro que não — respondeu Jerry. — Não saio por aí acusando ninguém sem ter certeza. Meu irmão é advogado.

Tachyon apertou o botão do interfone no seu telefone.

— Ligue para o Tenente Maseryk.

Jerry não tinha certeza de que aquela era uma boa ideia, mas Tachyon parecia estar convencido. Que tipo de prisão conseguiria parar David?



Jerry estava num sofá do lado de fora do escritório do irmão. Estava ali, presumivelmente, para almoçar com Kenneth, mas na verdade queria ver a cara de David quando a polícia fosse buscá-lo. Ele pediu a Tachyon que descobrisse quando e onde a prisão ocorreria. Era um preço baixo pela informação que havia oferecido. Ver o jovem deus grego sendo preso lhe daria a alegria de que precisava.

Ele estava folheando uma cópia do livro *Ases*. Havia um parágrafo sobre ele na seção “Onde estão agora?”. Havia uma foto de Jerry em sua forma de gorila e a palavra “aposentado” embaixo. Mal sabiam os autores que aquilo não era verdade.

As portas se abriram e dois detetives entraram. Pelo menos Jerry imaginou que fossem detetives.

— A senhorita poderia pedir para o Sr. David Butler vir nos ver? — perguntou o mais velho dos dois enquanto mostrava o distintivo. — É um assunto policial.

A secretária rapidamente fez uma ligação, e David apareceu em poucos instantes. Ele parou repentinamente e franziu a testa quando viu os policiais, mas logo voltou ao normal.

— David Butler?

— Sim, como posso ajudá-los?

— Gostaríamos de fazer algumas perguntas. — Os policiais caminharam até ele. — Se o senhor não se incomodar.

— Claro que não — respondeu David, tenso. Ele se virou para a secretária. — Diga ao Sr. Latham que talvez eu precise ficar fora a tarde toda.

— Claro — disse ela.

— Vamos? — perguntou David.

Cada um dos detetives ficou de um lado do jovem e eles o acompanharam para fora da sala.

Jerry suspirou. Ele esperava que David fosse esboçar alguma reação, embora não acreditasse que fosse começar a chorar e confessar. De qualquer forma, uma reclamaçãozinha teria sido bom. Com sorte, isso aconteceria mais tarde. Pena que Jerry não estaria lá para ver.



Ele já estava dormindo quando o telefone tocou. Jerry atendeu e bocejou.

— Desculpe. Alô.

— Jeremiah. — Era Tachyon. Sua voz tinha um tom sombrio. — Acho que tenho uma notícia ruim para lhe dar.

Jerry se sentou na cama.

— Não ruim demais, espero. Não sei se eu aguentaria isso.

— David fugiu.

— O quê?! — Jerry acabou gritando sem querer. — Mas como?

— A polícia estava conduzindo o interrogatório e não estava chegando a lugar nenhum, então decidiram chamar um pescador, alguém que consegue ler pensamentos superficiais. — Tachyon fez uma pausa. — David entrou em pânico e trocou de corpo com um dos dois policiais. Depois fez com que esse policial batesse no outro até que ele apagasse, e então voltou para o próprio corpo. O policial desmaiou com o choque. E aí, aparentemente, David simplesmente saiu andando. Ninguém mais o viu desde então.

— Que ótimo, doutor. — Jerry não queria parecer bravo, mas estava. — Obrigado por ligar.

— Desculpe, Jeremiah. Achei que avisá-lo seria o melhor a fazer.

— Eu sei. Tchau. — Jerry desligou e girou seu arquivo rotativo de cartões até encontrar o número de Jay Ackroyd. Talvez Jay conseguisse alguma pista. Do contrário, aquilo não era mais responsabilidade de Jerry.

Jerry se sentou no sofá na sua sala de projeção, massageando o saco. Ele havia assistido à primeira metade de *Jokertown*, mas parou quando Nicholson cortou o nariz. Era deprimente demais. Ele colocou um filme pornô, mas também não estava ajudando muito sua autoestima. Ele até tinha outro, *Curingas e loiras*, mas já era estranho demais para o seu gosto.

Desligou a TV e suspirou. Havia bebido umas doses de uísque, e seu cérebro estava tão leve quanto seu pênis estava duro. Ele pensou em Kenneth e Beth, que estavam no andar de cima e provavelmente transavam que nem coelhos.

— Aproveitem. Não pensem no pobre e velho Jerry. Gozem por mim.

Ele já pensara várias vezes em ir até a porta do quarto deles para ouvir, mas nunca chegou a fazê-lo. Talvez essa noite, quem sabe? Levantou-se, foi até a sala de estar e subiu a escada. Parou no topo e se apoiou no corrimão. Provavelmente era muito bom transar com Beth. Fazia sentido, considerando a personalidade dela. Ela era muito boa em tudo.

Deu mais um passo e se aproximou da porta do quarto deles.

Não, pensou, você não está tão acabado ainda. E isso não é da sua conta. Que vergonha.

Jerry deu meia-volta e caminhou em direção ao banheiro do andar de cima. Tirou a roupa rapidamente e ligou o chuveiro. A água estava tão fria quanto o ar do lado de fora, mas nem isso estava ajudando.



Hoje em dia Clancy não pode nem cantar

Victor Milán

Um homem alto abriu a boca e falou:

— Cuidado. Aqui é perigoso.

Mark Meadows balançava como uma antena de rádio num dia de vento. Sentou-se no capô de uma limusine grande estacionada na frente de uma loja para esperar a tontura passar. A voz era feminina, com leve sotaque asiático, como flocos de gengibre.

Com ele havia uma menina magra e loira, de 12 anos de idade, que o observava de perto, preocupada mas sem medo. Ela já havia visto isso antes.

Ele olhou para os dois lados da rua. A Fitz-James O'Brien Street era a mesma de sempre. Esse pedaço do Village havia ficado mais violento nos últimos anos. Mas o mundo inteiro também. Então as pessoas não se metiam muito com ele.

Ele tinha amigos.

Vocês estão ficando muito nervosos, pensou. Sentia agitações atrás da cabeça, mas nenhuma outra palavra foi dita.

Concluindo que o pai estava bem, a garota começou a balançar como um pêndulo no braço dele, cantando: “Estamos em casa, papai, estamos em casa.” Tinha a voz de uma criança de 4 anos, mas o corpo era de uma menina de 12.

Ele olhou para ela. Uma onda de amor o invadiu como se tivesse ingerido LSD. Puxou-a para perto de si, abraçando a filha, e ficou de pé.

— É, Sprout. Em casa. — Ele abriu a porta que ficava debaixo de um sol sorridente pintado à mão com a legenda ABÓBORA *cósmica* — COMIDA PARA O CORPO, A MENTE & O ESPÍRITO.

Estava fresco lá dentro, e quase escuro. Na primavera, em dias como esse, costumava fazer sol, mas isso era quando a fachada era de vidro, e não de folhas de compensado. O sistema de som estava ligado, sintonizado por um dos funcionários numa estação de música tranquila que costumava tocar New Age, popular entre aquele pessoal que passava a noite assistindo a *Koyaanisqatsi: Uma vida fora de equilíbrio* em fitas VHS. Meio parado demais para o temperamento de Mark, mas, no momento, o que estava tocando era melhor do que o normal: uma música mais recente da Bonnie Raitt com uma batida *ska* suave.

O movimento está bom para o meio da tarde, pensou. Em seguida sentiu um reflexo de culpa, o mesmo que sentia toda vez que pensava em negócios.

Um homem de baixa estatura, nariz grande e pontudo e que vestia uma jaqueta brilhante com a logo de um clube de *striptease* nas costas estava olhando a bancada de vidro, onde costumavam ficar as drogas que o Abóbora vendia, até que o empenho de um promotor público finalmente conseguiu acabar com o lugar. Ele parecia querer flertar com uma das funcionárias de Mark, uma troncuda de cabelo militar que varria o chão atrás do balcão com olhares raivosos e murmurando palavrões. Ela olhou para Mark assim também quando percebeu que o chefe estava ali. Ele era homem; era isso que tinha de errado com ele.

Outras pessoas de tipos ainda menos admiráveis também estavam sentadas em algumas mesas, curvadas sobre programas de corridas e xícaras fumegantes de chá de hibisco. Uma mulher morena e alta estava de pé na prateleira das revistas em quadrinhos, de costas para ele, olhando para uma reedição de um antigo clássico dos Freak Brothers. Aquele mesmo promotor público também havia tentado acabar com eles. Mark colocou uma das mãos atrás da cabeça, onde seu cabelo longo e loiro (mais um loiro-acinzentado do que cor de palha) estava preso num rabo de cavalo por um elástico azul. Os fios estavam apertados demais e repuxavam algumas mechas. Ele tinha cabelo comprido há quase dezenove anos, mas ainda não se acostumara a amarrá-lo daquela forma.

Mark notou que a mulher estava bem-vestida demais para estar explorando o submundo. Normalmente, os clientes que usavam roupas caras davam atenção somente aos pratos da casa com brotos e tofu.

A filha gritou:

— Tia Brenda! — E saiu correndo para dar um abraço na funcionária.

O homem alto abriu um sorriso pesaroso. *Ele* não sabia diferenciar seus funcionários. Ambas o achavam desprezível, de qualquer forma.

A mulher bem-vestida se virou para ele, calmamente, com seus olhos cor de violeta:

— Mark.

Era como se um daqueles jogadores de futebol americano que atormentaram sua adolescência o tivessem bloqueado no campo e arrancado sua bacia.

— Girassol — conseguiu responder ele, embora sua voz denunciase o desconforto.

Ele ouviu o rangido dos tênis da filha no piso de linóleo logo atrás de si. Houve um momento de silêncio que se alongou de forma gradual e agonizante, como um chiclete sendo esticado. Sprout passou correndo e se jogou nos braços da mulher, abraçando-a com toda a força dos finos braços.

— Mamãe.

Um homem com cara de rato saiu da cabine e caminhou até Mark. Ele tinha olhos marejados e negros e um bigode que parecia ter sido coberto de rímel. Mark piscou para ele com muito cuidado, como se seus olhos fossem frágeis e pudessem se quebrar.

O homem menor jogou um envelope com papéis em suas mãos.

— Vejo você no tribunal, parceiro — disse, e saiu porta afora.

Mark olhou os papéis. Despreocupada, sua mente registrou os carimbos oficiais e as palavras “determinar custódia da filha, Sprout”.

Como numa onda violenta, outros clientes vieram das mesas cobertas com um corte de morim quadriculado, empunhando câmeras pretas no rosto de Mark e empurrando-o porta adentro com flashes.

Sua visão se encheu de balões flutuantes de luz. Mark cambaleou para o pequeno banheiro e vomitou na privada bem embaixo de um pôster do Jimi Hendrix. Felizmente, o pôster era plastificado.



Kimberly Anne escorregou para dentro da limusine, olhando a porta da frente do Abóbora com os olhos violeta. Era possível ver, pelos vãos das folhas de compensado da fachada, os flashes dos fotógrafos pipocando como fogos de artifício.

— Pobre Mark — lamentou ela com um suspiro, virando o rosto. O rímel começava a escorrer pela bochecha.

— Isso é realmente necessário?

O outro ocupante do banco traseiro a fitou com olhos tão secos e frios quanto os de um tubarão.

— É — respondeu ele. — Se você realmente quiser ter sua filha de volta.

Ela olhou para baixo e viu uma mão sobre seu colo.

— Mais do que nunca — disse ela, num tom quase inaudível.

— Então deve estar pronta para pagar o preço, Sra. Gooding.



— Meu conselho para você, Dr. Meadows — disse o Dr. Pretorius, curvando-se para trás e estalando suas grandes e calejadas mãos —, é que fique fora de cena por um tempo.

Mark olhou para as mãos do advogado. Elas não eram compatíveis com o restante do corpo, que já tinha uma imagem bastante heterodoxa. Ninguém esperava que um advogado tivesse mãos assim, mesmo um de cabelo comprido, especialmente não com um relógio de ouro repousando acima de um terno cinza-carvão de mil dólares. Aquilo tudo era esquisito. Assim como o escritório de Pretorius, que ficava no segundo andar de um prédio localizado no que os tabloides gostavam de chamar de “as podres profundezas do Bairro dos Curingas”, com as paredes elegantemente cobertas com um papel de parede bege-claro e um revestimento interno castanho. Ou como as estranhas ataduras cheias de pus que pareciam perfurar o nariz de Mark.

Ele não conseguia mais evitar o assunto.

— Mas como assim? — disse, piscando repetidas vezes.

Atrás de sua cadeira, Sprout cantarolava de boca fechada observando um arranjo de insetos num quadro de vidro na parede.

— Você ouviu. Se quiser ficar com sua filha, meu conselho para você, enquanto advogado, é ficar fora de cena por um tempo.

— Não estou entendendo.

— “Meu Deus, você é dos anos 1960” — disse Pretorius, fazendo uma

citação. — Isso não é familiar? Você não viu aquele filme que fizeram sobre a autobiografia do W.E. Kinsella? Não, claro que não; tomar ácido e ficar vendo *2001: Uma odisseia no espaço* três vezes seguidas é mais do seu feitio.

Mark soltou um suspiro, e o advogado continuou:

— Você está me dizendo que não sabe o que “ficar fora de cena” significa? Você sabe, Huey Newton, Patty Hearst e todo aquele pessoal incrível do passado.

Mark olhou ansiosamente para a filha, cujo nariz estava colado no vidro bem na frente de um inseto que parecia um galho de 25 centímetros. Até o momento, ele não tinha reparado no quanto ficava nervoso com insetos.

— Eu sei o que isso significa, cara. Eu só não sei...

Ergueu as mãos, tentando comunicar qualquer coisa que fosse, mas na iluminação do local o gesto parecia indicar que o inseto havia escapado. Fora da sua área, ele nunca conseguia transmitir ideias muito bem.

Pretorius lançou a ele um olhar sério.

— Você não sabe se eu estou falando sério, não é? Mas estou. Muito sério.

Ele deixou sua mão cair sobre uma cópia do *Post* que Jube havia dado a Mark.

— Você tem ideia de quem está enfrentando?

Um dedo batia no retrato de Kimberly Anne que estava sobre o ombro de Sprout.

— Minha ex-esposa — disse Mark. — Ela costumava se chamar Girassol.

— Ela se chama Sra. Gooding agora. É do meu entendimento que ela se casou com um dos sócios da firma de corretagem. — Ele olhou para Mark quase o acusando de algo. — E você sabe quem ela contratou? St. John Latham.

Ele disse o nome como se fosse uma maldição. Sprout se aproximou e colocou a mão sobre a do pai. Ele moveu o braço desajeitadamente para abraçá-la.

— O que esse tal de Latham tem?

— Ele é o melhor. E é um babaca desgraçado.

— Por isso vim falar com você. Você também é muito bom. Se você me ajudar, por que preciso ficar fora de cena?

A boca de Pretorius parecia colada aos dentes.

— Ser bajulado é sempre bom, mesmo que não venha ao caso. — Curvou-se

para a frente, e prosseguiu: — Entenda, doutor: estamos nos anos 1980. Você não odeia essa frase? Nunca achei que nada seria tão chato e burocrático quanto antigamente. Pois é, errado de novo, Pretorius. — Ele levantou a cabeça, como se fosse um pássaro. — Dr. Meadows, você alega ser um ás, certo?

Mark enrubescceu-se.

— Bom...

— O nome Capitão Viajante lhe é familiar?

— Eu... Quer dizer... Sim. — Mark olhou para as próprias mãos. — Era para ser segredo.

— O Capitão Viajante é um dos pilares do Bairro dos Curingas e do mundo dos ases de Nova York. Ele costuma usar máscara?

— É... Não.

— Claro que não. Então temos um ás aparentemente menor e claramente notório cuja... — Pretorius limpou a garganta — ... “identidade secreta” é a de um homem que tem um estilo de vida bastante divergente em tempos em que a norma social dominante é a de que “prego que se destaca é martelado”. St. John Latham fará qualquer coisa para ganhar. *Qualquer coisa*. Você entende agora o quanto você pode estar, digamos, *vulnerável*?

Mark cobriu o rosto com as mãos.

— Não posso... Quer dizer, Girassol não faria isso comigo. A gente... Nós éramos *parceiros*. Nós nos conhecemos em Berkeley, cara. Lembra dos protestos de Kent State?

Sua confusão saiu como um arroubo de reprovação, quase acusação. Ele esperava que Pretorius fosse atacá-lo. Em vez disso, o advogado só meneou sua esplêndida e grisalha cabeça. Seu rabo de cavalo perfeitamente arrumado encheu Mark de inveja e admiração.

— Eu lembro. Manco até hoje por causa da baioneta que um soldado da Guarda Nacional enfiou no meu quadril, além de outros motivos.

Pretorius se recostou no assento e olhou para o teto.

— Radical nos anos 1970; executivo em 1989. Se você soubesse o quanto essa história é comum. Pelo menos não está no Departamento de Combate às Drogas.

— E já que estamos falando do assunto, tenho a impressão de que você não nega qualquer forma de química recreativa.

— Não faz mal a ninguém, cara — disse Mark.

— Pois é. Isso só diz respeito a você, concordo totalmente. Ser judeu em Nuremberg na década de 1930 também não fazia mal a ninguém.

Ele apertou os olhos e balançou a cabeça.

— Doutor, no contexto atual, você é um grande palhaço, e o babaca do St. John Latham vai estraçalhá-lo no tribunal. Então, meu conselho para você é *dar no pé*. Ou se prepare para ver sua vida mudar radicalmente.

Mark fez um gesto de incredulidade e começou a se levantar.

— E mais uma coisa — disse Pretorius.

Mark fez uma pausa. O advogado olhou para Sprout. A menina era tímida, exceto com quem já tivesse intimidade, e ele era intimidador — intimidava o pai dela, pelo menos. Mesmo assim, ela encarou Pretorius, solene e inabalável.

— A pergunta que precisa ser respondida é: o que você quer, Sprout? — perguntou Pretorius. — Você quer morar com sua mãe ou ficar com seu pai?

— Eu... Eu vou respeitar o desejo dela, cara — disse Mark. Foi a coisa mais difícil que ele teve que dizer em toda a vida.

Ela olhou de Pretorius para o pai e de volta para Pretorius.

— Eu estou com saudade da mamãe — falou ela com uma voz precisa, mas infantil. Por um instante, Mark sentiu o mundo caindo debaixo de si. — Mas quero ficar com meu pai.

Pretorius fez que sim com a cabeça, o rosto cerrado.

— Vamos fazer o possível para que você fique. Mas isso... — Ele olhou para Mark — ... vai depender do seu pai.



A pessoa das sete horas chegou pontualmente. Susan — ele tinha quase certeza de que era esse o nome dela — caminhou até a porta e virou a placa para DESCULPE: ESTAMOS FECHADOS. Naquele exato momento, uma mulher tentou abrir a porta pelo lado de fora.

Susan resistiu, encarando-a. Mark deu a volta no balcão enquanto secava as mãos no avental e sentiu o estômago embrulhar aos poucos.

— Tudo bem — disse ele, com a voz rouca. — Ela pode entrar.

Susan virou o olhar para Mark.

— Estou de folga agora, cara.

Mark deu de ombros, impotente. A mulher entrou rapidamente. Ela era alta e chamava atenção. Usava um terninho preto com ombreiras e uma blusa roxa. Seus olhos tinham se tornado mais violeta com o passar dos anos. A blusa os realçava, fazendo com que parecessem enormes e brilhantes.

— Isto é particular, não tem nada a ver com negócios — informou ela para Susan. — Vamos ficar bem.

— Bom, se você acha que vai ficar bem sozinha com *ele* — comentou Susan, torcendo o nariz enquanto lançava um último olhar furioso para Mark e saía caminhando ruidosamente na luz crepuscular do Village.

Kimberly se virou, e logo estava nos braços de Mark. Ele quase caiu. Ficou ali parado por um momento com os braços balançando atrás dela, como se fosse um manequim. Então a abraçou com um fervor adolescente. O corpo dela se derreteu contra o dele, fugazmente, mas ela logo se virou e se desvencilhou dele feito fumaça.

— Você parece estar bem também — disse ela, apontando para a loja.

— Ah, sim. Obrigado. — Ele puxou uma cadeira da mesa. — Não quer se sentar?

Kimberly sorriu e aceitou. Mark foi para trás do balcão e continuou com suas tarefas. Ela acendeu um cigarro e olhou para ele, que não apontou para a placa PULMÕES EM USO: POR FAVOR, NÃO FUME que estava bem atrás dela.

Ela não tinha mais o mesmo charme de quando eles se conheceram. Nem tampouco a aparência desgrenhada por causa da bebida e da depressão em que mergulhou quando o casamento deles foi por água abaixo. Naquela época, em 1981, ela se autodestruíu na primeira audiência de custódia. Atualmente ele achava que a chamavam de “carnuda”, pensou, dando uma olhada de volta para ela enquanto esperava a água ferver, apesar de saber que aquilo havia se tornado um eufemismo para “gorda”. Não era gorda; talvez “voluptuosa” a descrevesse melhor. Ela ficava bem numa calça 46.

Não que isso importasse. Não importava. Ele ainda era tão apaixonado por ela quanto na primeira vez que a vira, há mais de trinta anos, andando de triciclo no loteamento em que moravam no sul da Califórnia.

A luz estava baixa, só com o cintilar das lâmpadas fluorescentes do balcão.

Mark acendeu velas e um incenso de sândalo. Aquelas músicas acústicas tinham ficado no passado. Do toca-fitas saía música de verdade. A música *deles*.

Ele levou uma tigela de cerâmica e, numa bandeja, duas canecas do mesmo conjunto. Quase virou tudo no chão, derramando um chá de ervas bastante cheiroso na toalha quadriculada branca e vermelha enquanto colocava a tigela na mesa. Kimberly ficou sentada observando-o com um sorriso sincero no rosto.

Ele derrubou somente uma pequena quantidade do pálido líquido âmbar enquanto a servia e lhe entregou uma caneca. Ela provou, e seu rosto se acendeu.

— Chá da Celestial Seasonings e a boa e velha Bonnie Raitt. — Ela sorriu. — Muito gentil da sua parte lembrar.

— Como eu poderia esquecer? — murmurou Mark em meio ao vapor que subia da caneca.

Ouviram o barulho da cortina de contas e viram Sprout no escuro, no fundo da loja.

— Pai, estou com fome — começou.

Ela viu a mãe e foi voando de novo. Kimberly a pegou no colo, dizendo:

— Meu amor. Tudo bem, mamãe está aqui.

Mark ficou ali sentado, casualmente fazendo carinho no cabelo liso e longo de sua filha, e se sentiu excluído.

Finalmente, Sprout largou o pescoço de Girassol e escorregou até o chão, sentando de pernas cruzadas no piso de linóleo, recostada nas canelas da mãe, que usava meias longas pretas. Kimberly fez mais cafuné na filha.

— Não quero tirá-la de você, Mark.

A visão dele rodou. Seus olhos marejaram. Sua língua se enrolou.

— Então... Então por que você está fazendo isso? Você disse que eu estava bem.

— É diferente. Eu estava falando de *dinheiro*. — Ela apontou para a loja. — Você acha que é certo uma criança crescer assim? Cercada de obscenidades e cachimbos de haxixe?

— Ela está bem — respondeu Mark, de mau humor. — Ela está feliz. Não está, querida?

Sprout concordou, com os olhos bem abertos e um ar solene. Kimberly balançou a cabeça.

— Mark, estamos nos anos 1980. Você se perdeu na vida. Virou um drogado. Como pode querer criar uma filha, ainda mais uma tão... especial como a Sprout?

Mark ficou imóvel, sua mão se deteve no bolso de sua jaqueta jeans desbotada onde guardava maconha e seda, não no bolso decorado com o símbolo da banda Grateful Dead. Ele percebeu a distância que havia se formado entre os dois.

— Da maneira que a tenho criado — disse ele. — Um dia de cada vez.

— Mark — insistiu ela, ficando de pé. — Parece que você está numa reunião dos Alcoólicos Anônimos.

A fita passou a tocar Buffalo Springfield. Kimberly abraçou Sprout e deu a volta na mesa, aproximando-se dele.

— Famílias deveriam ficar juntas — disse a ex-esposa com a voz rouca em seu ouvido. — Mark, eu queria que...

— O quê? O que você queria?

Mas ela foi embora, deixando-o, e suas últimas palavras ficaram no ar, numa nuvem de Chanel N. 5.



Os bichos de pelúcia formavam um semicírculo na cama e ocupavam prateleiras nas paredes. A luz de uma pequena lâmpada brilhava em seus atenciosos olhos de plástico enquanto a menina conversava com eles.

Mark a observava da entrada do quarto. Ela não havia colocado o tecido xadrez na porta, o que indicava que não queria privacidade total. Falava em voz baixa, inclinando-se para a frente. Ele nunca conseguia entender o que ela dizia nessas situações; para ele, parecia que o tamanho de suas frases e até o tom de sua voz eram mais adultos do que tudo que ela conseguia fazer fora do seu quarto e na presença de qualquer um que não fosse seus brinquedos e bichos de pelúcia. Mas, se ele se intrometesse ou chegasse próximo demais para entender o que estava dizendo, ela se fechava. Era uma parte da vida da qual Sprout o excluía, por mais que ele quisesse desesperadamente ser incluído.

Ele se virou e foi embora, passando descalço pelo cubículo escuro no qual seu colchão ficava no chão e caminhando em direção ao laboratório que tomava a maior parte do apartamento, no segundo andar do Abóbora.

Luzes vermelhas de sinalização lançavam fragmentos luminosos que ricocheteavam intermitentemente nas superfícies de vidro e nos aparelhos. Mark foi Tateando até um painel que ficava embaixo de uma tabela periódica e de um pôster de um show do Destiny em Fillmore, numa distante primavera dos anos 1970, e se sentou. O cheiro de maconha e as camadas de tinta nas quais o pôster estava embebido envolveram-no. Sem perceber, suas bochechas ficaram molhadas.

Ele empurrou um armário sobre rodas, desencostando-o da parede, e desencaixou o painel de MDF do fundo. Dentro do compartimento secreto estavam escondidos vidros com pós de várias cores: azul, laranja, amarelo, cinza, preto e prateado, que giravam sem se misturar. Ele os olhou e passou o dedo por cada um como se passasse um graveto pelas cercas de um portão.

Há muito tempo, um garoto magro, com corte de cabelo militar e calça pescador — que havia acabado de tomar LSD pela primeira vez na vida — entrava sem querer, horrorizado, num beco enquanto fugia de um dos confrontos do People's Park entre a Guarda Nacional e os estudantes, nos sombrios dias que se seguiram aos protestos de Kent State. Momentos depois, um belo e radiante jovem surgiu: um ás para a Revolução. Junto com Tom Douglas, o Rei-Lagarto e o malfadado cantor do Destiny, ele resistiu à Guarda Nacional junto com Operário e salvou o dia. Depois ele curtiu a noite toda, com a ajuda dos estudantes, de Tom Douglas e de uma bela e jovem ativista chamada Girassol. Ele se chamava de Radical.

Na manhã seguinte, Radical desapareceu. Nunca mais foi visto. E um certo nerd estudante de bioquímica saiu cambaleando do beco com estranhos fragmentos de memória na cabeça.

Transformar-se no Radical novamente — se é que ele alguma vez o fora mesmo — era o cálice sagrado de Mark. Só que essa busca não rendeu frutos. O que ele encontrou foram aqueles pós coloridos. Não era o que ele queria, mas poderia ser um começo de aceitação: pelo menos por uma hora, teria o que um escriba egípcio falecido há muito tempo chamava de “personalidade efetiva”.

Ele sentiu algo atrás da cabeça, como vozes de criança num parque distante, e as afastou. Debaixo dos suportes dos vidros, pegou um *bong* rachado e manchado de fumaça. Agora ele precisava de um refúgio mais convencional.

Saiu voando do telhado, atravessando o nevoeiro e a sordidez da cidade, e chegou a um céu azulado crepuscular que escurecia conforme subia. O Village ficava pequeno, engolido pela crosta de cimento de Manhattan, transformado

num dedo cercado de fitas azuis entre Long Island e a orla de Nova Jersey, perdido em redemoinhos de nuvens. As nuvens escondiam o fluxo de lixo da baía para o Atlântico: uma bênção, dado seu atual humor.

Continuou subindo, sentindo o ar esfriar e afinar até se extinguir. Ficou flutuando na escuridão, sem nada entre ele e o olho regenerante e quente do sol.

Esticou-se, sentindo o corpo se encher da energia selvagem do sol, o que dá a vida, o Deus que dá vida. Seu nome agora era Estelar e não precisava de ar nem de comida, só de luz solar. Aquilo lhe bateu como uma droga, apesar de conhecer a agitação da cocaína e a onda da metanfetamina por conta das experiências de Mark Meadows.

Das alturas do Olimpo, via como o ser humano sujava o próprio ninho. Ele queria salvar, alertar, ajudar o mundo a se dar conta do problema por meio de seus poemas e canções. Mas os momentos de liberdade eram poucos, muito poucos...

Ele sentiu a pressão das outras vozes dentro de si, arrastando-o de volta para a Terra, mesmo que só em pensamento, não fisicamente. Meadows tinha um problema, e Estelar sabia que esse curto momento de libertação era a forma encontrada por ele para pedir sua opinião, assim como pediria a opinião dos outros.

Você precisa mudar sua vida, Mark Meadows, pensou. Mas mudar o quê? Se ele pudesse fazer mais, ele queria que Meadows pelo menos se envolvesse mais com o mundo, tomasse partido. Queria que ele parasse de usar drogas. Mas havia uma ironia ali, porque se Mark parasse totalmente, isso significaria o seu fim, o fim de Estelar, vestido com seu collant dourado, flutuando nas alturas.

Ele olhou para o distante formato cinzento da Terra, de aparência fundida. Um vazamento gigantesco de petróleo manchava a costa do Alasca. Mesmo com seus poderes, o que ele poderia fazer? O que poderia fazer para impedir a chuva ácida ou a destruição da Floresta Amazônica?

Em relação à última, ele até já havia tentado algo. Voara até o Brasil com asas de luz e destruíra escavadeiras e acampamentos de trabalhadores com raios de energia, fazendo-os fugir e queimando o rotor de um helicóptero que havia tentado expulsá-lo — apesar de tê-lo pegado antes que caísse e tê-lo ajudado a pousar num banco de areia. Eles mereciam, mas não queria a morte da tripulação pesando em sua alma.

Na verdade, ele havia se envolvido tanto na missão que ficara lá por tempo demais, deixando Mark preso num campo fumegante e devastado no meio da Amazônia, com um regimento inteiro do Exército brasileiro extremamente irritado atrás dele. Mesmo tendo amigos para quem ligar, Mark teve vários problemas para voltar aos Estados Unidos. E acabou ficando tão chateado que não invocou o Estelar por seis meses.

Não adiantou nada, claro. O governo brasileiro pegou dinheiro emprestado do Banco Mundial e comprou máquinas ainda maiores. A destruição continuou, quase sem interrupção.

A verdade é que o mundo não precisa de mais ases, pensou. O mundo não precisa de nós. Não podemos fazer nada de verdade.

Ele olhou para o sol. Sua urrante canção de vida o cegou, inundando--o. Mas apesar de seu êxtase, ele era só uma partícula, uma fagulha, que rapidamente se consumia.

E ele havia se dado conta disso.



Dr. Pretorius se reclinou na cadeira de escritório e cruzou as mãos sobre a barriga grande e dura. Vestia um terno branco. Parecia o Coronel Sanders, do KFC, numa versão mais moderna.

— Então, Dr. Meadows, já tomou sua decisão?

Mark fez que sim com a cabeça e começou a falar. A porta se abriu atrás de Pretorius e as palavras ficaram entaladas em sua garganta. Uma mulher entrou silenciosamente; uma menina, talvez. Parecia mais um efeito especial do que um ser humano. Tinha 1,70 metro de altura, era incrivelmente magra e tinha a pele azul — um azul-esverdeado, na verdade, nos mesmos tons dos corantes que usava para tingir metanfetamina. A temperatura do lugar, que já era fria, caiu perceptivelmente.

— Você não conheceu minha guardiã, conheceu, Dr. Meadows? Deixe--me apresentar-lhe Sibila Azul.

A mulher olhou para ele. Pelo menos virou o rosto em sua direção. Ela era feita de algo tão duro quanto vidro, mas parecia estar constante e subitamente mudando. Parecia ter as maçãs do rosto pronunciadas e o rosto projetado para a

frente, mas era difícil saber. Seu corpo era atenuado como o de um manequim e quase não tinha sexo; apesar de parecer estar nua, os pequenos seios não tinham mamilos e nem parecia ter genitália. A aparência dela era meio alienígena, meio elfa; algo que, enquanto ela olhava para ele com seus olhos vítreos e azuis, mexia com os testículos de Mark.

Ela virou o rosto para Pretorius e o balançou atentamente. Mark ficou com a impressão de que algum tipo de comunicação havia se dado entre eles. O advogado assentiu. Sibila se virou e caminhou até a porta de forma sinuosa e com um gingado não humano. Ela parou, olhou para Mark uma única vez e foi embora.

Pretorius estava olhando para ele.

— Você já decidiu?

Mark estendeu o braço e abraçou a filha.

— Sim, cara. Só tem uma coisa que eu posso fazer.



— Alô! Tem alguém aí? — chamou o Dr. Tachyon, que entrou pela porta cuidadosamente.

Vestia um blazer cor de pêssogo do século XVIII sobre uma camisa cor--de-rosa claro com uma renda na frente de um colete malva. Suas bombachas eram de cetim roxo, presas no joelho com rosetas douradas. As meias eram lilás, e os sapatos, também dourados. Em vez da mão mecânica, seu coto estava coberto por uma renda com uma rosa na ponta.

Ele ficou paralisado. O Abóbora havia sido destruído. As mesas estavam viradas, o balcão, quebrado, a prateleira das revistas, no chão, e os pôsteres psicodélicos das paredes haviam desaparecido. Uma música tocava em algum lugar.

— Pelo amor de Deus! O que aconteceu aqui? Mark! *Mark!*

Do corredor que havia no fundo (e que agora parecia curiosamente sem enfeites com a ausência das cortinas de contas que sempre estiveram ali), surgiu uma figura marcante. Usava calça cáqui esfarrapada, uma camiseta preta da banda Queensrÿche esticada até quase rasgar por um peito desproporcionalmente grande. Sua cabeça era estreita e tinha feições como que esculpidas, quase de um elfo, além de um corpo truncado demais para um ser humano. Ele parecia Jean-

Claude Van Damme, o galã das artes marciais, depois de colocado numa prensa hidráulica e reduzido uns trinta centímetros.

Parou e lançou um sorriso maroto para Tachyon.

— O que temos aqui? O pequeno príncipe — provocou o homem, que tinha um sotaque curioso, semelhante ao da Europa Oriental, como Tachyon.

— O que você fez com Mark? — acusou Tachyon.

A mão de carne e osso do alienígena se moveu em direção à pistola H&K de 9 milímetros que ficava num coldre em sua cintura, na parte de trás de sua calça.

O homem colocou um dos punhos contra a palma da mão e contraiu os músculos. Sua camisa se rasgou.

— Sirvo lealmente e sem limites, como deve um Morakh.

Ser exterminado por ser uma abominação é o que deve acontecer com um Morakh, pensou Tachyon. Ele ia dizer isso, quando uma aparição igualmente extravagante surgiu por detrás da criatura. Vestia um casaco de moletom cinza sem mangas e macacão jeans manchado de tinta pendurado numa armação, como se fosse uma placa de trânsito. O cabelo estava preso junto à cabeça por presilhas e era loiro, mas estava ficando branco. Parecia ser só nariz, pomo-de-adão e cotovelos.

— Doutor! Como está, cara? — disse o espantalho.

Tachyon franziu a testa e perguntou:

— Quem é você?

O homem que acabara de aparecer piscou, como se estivesse prestes a chorar.

— Sou eu, cara. Mark.

Tachyon arregalou os olhos. Um foguete loiro vestindo short jeans zuniu pela porta, grudou bem no meio das costas largas do Morakh, o escalou como um macaco e se sentou com as pernas balançando no seu pescoço de rinoceronte.

— Tio Tachy! — gritou Sprout. — O tio Dirk está me dando uma carona.

— Estou vendo.

Ignorando a expressão carrancuda do Morakh, Tachy se aproximou para beijar a bochecha da menina.

Durg at' Morakh era o não ás mais forte da Terra. Não era nenhum Golden Boy nem Martelo do Harlem, mas era muito mais forte do que qualquer humano normal. Na verdade não era humano, era takisiano, um Morakh, uma máquina de

combate manipulada geneticamente pelos Vayawand, inimigos mortais da Casa de Tachyon, Ilkazam. Ele viera para a Terra com o primo de Tachyon, Zabb, um inimigo mais íntimo.

Agora ele servia a Mark, após ter sido derrotado num combate sem armas pela “amiga” de Mark, a Menina Lua. Ele e Tachyon somente se toleravam, e faziam isso por Mark.

Tachyon pegou seu velho amigo pelo bíceps.

— Mark, o que aconteceu com você, cara?

Mark fez uma cara de dor. Tachyon percebeu que nunca tinha reparado no queixo dele.

— É essa coisa do tribunal — explicou Mark, olhando para a filha. — Os depoimentos começam amanhã. O Dr. Pretorius disse que eu preciso melhorar minha imagem.

Pegando a deixa, Durg deu um tapinha na canela de Sprout e disse:

— Vamos dar uma volta, mocinha.

Ele e a menina saíram. Fazia sol em Fitz-James.

— Dr. Pretorius — repetiu Tachyon com desprezo. Os dois se olharam como se fossem dois cachorros brigando pelo mesmo território. — Ele acha, então, que você tem que desistir, mudar seu estilo de vida e até seu penteado?

Mark deu de ombros, sem esperança.

— Ele diz que se eu desafiar o sistema, vou perder.

— Talvez se você tivesse um advogado mais competente...

— Todos dizem que ele é o melhor. Ele é tipo você, numa versão jurídica.

— Bom... — Tachy coçou o queixo. — Admito que não tenho qualquer razão para achar que o seu destino será julgado devidamente. O que você está fazendo com a loja?

— Pretorius disse que se eu me identificar como dono de uma loja de produtos para o consumo de maconha, vão me destruir. Então estou vendendo tudo. As HQs vão para o Jube. Vou transformar o Abóbora num lugar mais New Age. Ele vai virar um “centro de bem-estar” ou algo assim.

Tachyon fez cara de nojo.

— É, cara, eu sei. Mas, tipo, estamos nos anos 1980, não é?

— Pois é.

Mark se virou e foi até os fundos da loja, onde tinha deixado caixas com coisas que jogaria fora no latão de lixo do beco. Tachyon o seguiu.

— Que música é essa? — perguntou, apontando para um toca-fitas com uma antena feita com um cabide.

— O velho Buffalo Springfield, “Nowadays Clancy Can’t Even Sing”. — Ele passou o dedo no canto do olho. — Sempre me fez chorar essa maldita música.

— Entendo. — Tachy pinçou um lenço de seda da manga do seu coto e secou o suor nas sobrancelhas. — Então Pretorius acha que mudar seu estilo de vida tão tardiamente assim vai impressionar o tribunal? Parece tão infantil e óbvio.

— Ele diz que as aparências contam muito. Olha, a corte decidiu fazer audições públicas no fim, e não somente coletar depoimentos e dossiês como normalmente fazem em casos de custódia. E o Dr. Pretorius falou que o advogado da Gira... da Kimberly está tentando fazer com que a imprensa cubra o julgamento, que eles vão explorar ao extremo essa questão de eu ser um ás e tal. Você sabe como somos famosos hoje em dia. Esse lance de imagem é tipo... Se um motoqueiro mata alguém ou algo assim, eles raspam a barba dele e lhe colocam um terno para o julgamento.

— Mas você não está sendo julgado.

— O doutor diz que estou.

— Hum. Quem vai presidir o julgamento?

— A juíza Mary Conower. — Ele abaixou, pegou uma caixa e sorriu. — Ela é progressista. Tipo, ela apoiou o Dukakis e tal. Não vai deixar que as pessoas que odeiam os ases acabem comigo. Vai?

— Eu me lembro dela da campanha. Até o fim do ano passado eu diria que você tinha razão. Mas agora... já não sei. Parece que não temos muitos amigos por aí.

— Talvez esse seja o motivo para o Dr. Pretorius ter me orientado a sair de cena e não ir ao tribunal. Mas eu sempre achei que os progressistas acreditassem nos direitos das pessoas e tudo mais.

— Muitos de nós acreditamos nisso num determinado momento — comentou Tachyon. Um objeto que estava numa das caixas chamou atenção dele, que deu um bote, como se fosse um falcão. — Mark, não! — exclamou, pegando uma cartela roxa amassada.

Mark continuou segurando a caixa e evitando olhar Tachyon nos olhos.

— Eu tive que entrar na linha. Parei de usar drogas. Pretorius disse que eles iriam me esfaquear se eu não fizesse isso. Eles podem até acionar o procurador público para me prender.

— Girassol faria isso com você?

— O advogado dela faria. Um tal de Latham. Eles chamam o cara de Esturjão ou algo assim.

— Sim, sim. Ele faria isso. Ele faria qualquer coisa. — Ele pegou o chapéu nas mãos. — Mas até isso?

As lágrimas agora escorriam pelo rosto barbeado de Mark.

— Tomei essa decisão sozinho, cara. Os vidros que eu tinha estão acabando, e eu não estou fazendo mais nenhum. Tenho muita coisa a perder, e eu quero ficar com a Sprout. Isso é o mais importante.

— Então o Capitão Viajante...

— Pendurou as chuteiras, cara.



— Você já usou drogas, Dr. Meadows?

Com esforço, Mark forçou a mente a se concentrar no depoimento. Os painéis de carvalho das paredes pareciam esmagá-lo como se ele fosse uma bruxa de Salem. Sua atenção começava a se perder dentro da cabeça.

— Ahm, sim, na década de 1960 — respondeu a St. John Latham.

Pretorius era contra mencionar até mesmo isso. Mas esse novo Mark, o que rompia um casulo de maconha e emergia no fim do século, achava que aí já era demais.

— Nunca mais usou?

— Não.

— Nem tabaco?

Ele esfregou os olhos. Estava ficando com dor de cabeça.

— Eu parei de fumar em 1978, cara.

— E álcool?

— Bebo vinho, às vezes. Mas não sempre.

— Você come chocolate?

— Como.

— Você é bioquímico. É surpreendente que não saiba que todas essas coisas são drogas e que são viciantes, na verdade.

— Eu sei — disse ele, contido.

— Ah. E aspirina? Sim? Antibióticos? Anti-histamínicos?

— Sim, mas eu tenho alergia a penicilina.

— Então você ainda usa drogas, inclusive drogas que geram dependência, apesar de ter negado o mesmo agora.

— Não sabia que você estava se referindo a isso.

— Que outro tipo de drogas você também usa e diz não usar?

Mark olhou para Pretorius. O advogado deu de ombros.

— Nenhuma, cara. Quer dizer... nenhuma.



Quando voltavam do escritório de Latham para o Village, Mark percebia claramente que Sprout estava cansada e com os pés doendo, simplesmente porque ela não estava pulando feito um filhote de cachorro como normalmente fazia quando estava com o pai. A menina estava usando um vestido leve e uma sandália rasteira. Seu cabelo loiro e liso estava preso num rabo de cavalo para afastá-lo do pescoço. Mark coçou a nuca, que lhe pareceu nua na brisa quente (e cheia de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos) daquela tarde de primavera.

Do outro lado da rua, algumas crianças, de bonés de ciclismo e short de lycra, olhavam para Sprout sem disfarçar o interesse. Ela estava entrando na adolescência, e era magra como um varapau. Mas tinha um rosto ingênuo e era surpreendentemente bonita, do tipo que chamava atenção. Como num reflexo, ele puxou a filha para si. *Estou virando um desses pais velhos e caretas*, pensou, afrouxando o colarinho da camisa. Seu pescoço estava vermelho por causa da gravata que agora estava enrolada no bolso do paletó cinza.

Os raios do sol que se punha explodiam como vidro nos para-brisas dos carros e nas vitrines das lojas, enchendo os olhos dos dois com fragmentos cortantes de luz. Mesmo em ruas mais isoladas, o barulho do trânsito era como o

som de uma moto Harley-Davidson explodindo dentro do seu crânio. Cada buzina quase parecia lhe furar os olhos como se fosse uma agulha de aço.

Durante anos, Mark vivera em meio à fumaça da maconha. Ele explorou outras drogas, mas o objetivo era mais realizar experimentos bioquímicos em si mesmo, tal como o que havia causado o aparecimento do Radical e seus “amigos”, subsequentemente. Sua droga preferida era a maconha. Naquela estranha época entre o fim dos anos 1960 e o começo dos 1970 (embora a década de 1960 só tenha terminado com o fim do governo Nixon), aquele era o consolo perfeito para quem já havia aceitado que iria decepcionar todos que esperavam qualquer coisa dele. Especialmente si próprio.

Agora ele ressurgia daquele ninho. Sem a maconha, o mundo era um lugar muito mais surreal. Alguém entrou no Abóbora com o rosto escondido pela aba grande de um chapéu de palha. Mark colocou a mão no bolso do casaco, onde guardava seu minguante estoque de frascos.

Sprout se jogou de braços abertos. Uma figura se ajoelhou e a abraçou. Mark então viu olhos violeta fitando-o por baixo da aba do chapéu.

— Mark — disse Kimberly. — Eu tinha que ver você.



Uma bola atravessou a grama irregular do Central Park como se estivesse quicando sobre as sílabas de um jingle de comercial de cigarro dos anos 1960. Sprout correu atrás dela, saltitante e falante.

— O que seu pai acha disso tudo? — perguntou Mark, com os cotovelos apoiados sobre a toalha de praia que Kimberly havia levado junto com a bola.

— Sobre o quê? — perguntou ela, que não estava ali com o intuito de brigar.

Vestia uma blusa impressionista de algodão e uma calça jeans que parecia ter sido comprada muito recentemente. Tinha o queixo apoiado no joelho e o cabelo distribuído em tranças pelas costas. Parecia tanto com a Girassol de antigamente que ele quase não conseguia respirar. Mark quis responder “sobre o julgamento” e “sobre você vir me ver”, mas as duas frases ficaram presas uma na outra e não saíram, como dois gordos tentando entrar no banheiro ao mesmo tempo. Então ele fez um gesto vago e circular no ar e disse:

— Sobre isto aqui.

— Ele está no Japão a trabalho. Os empresários milionários estão tentando abrir o país para empresas americanas. Cornelius está trabalhando como conselheiro financeiro por lá.

Ela parecia sempre falar de forma muito concisa, mas Mark nunca foi muito bom em perceber essas coisas. Era um dos problemas do casal. Um de muitos.

Estava pensando em algo para dizer quando Girassol — não, Kimberly — pegou seu braço.

— Mark, olha...

Mas a filha deles tinha corrido atrás da bola até o meio da grande toalha de uma família porto-riquenha, quase derrubando uma mulher corpulenta que vestia short verde-limão no caminho. Um homem baixo e magro com o braço todo coberto de tatuagens começou a reclamar. Meia dúzia de crianças se aproximou, incluindo um garoto mal-encarado mais ou menos da mesma idade de Sprout.

— Mark, não vai fazer nada?

Ele olhou para ela, intrigado.

— O quê, cara? Ela está bem.

— Mas aquelas pessoas... Quer dizer, a Sprout deu um encontrão nelas e elas estão chateadas, e com razão.

Ele riu.

— Olha só.

Os porto-riquenhos também estavam rindo. A mulher corpulenta abraçou Sprout. O garoto que parecia durão sorriu e jogou a bola de volta para ela. A menina se virou e voltou correndo morro acima até os pais, graciosa e desajeitada como um filhote de uma semana de vida.

— Está vendo? Ela se dá bem com as pessoas, mesmo que... — Ele parou a frase no meio, como normalmente faziam em relação ao assunto.

Kimberly ainda parecia cética. Mark deu de ombros e, como que por reflexo, bateu o bolso da jaqueta jeans que usava, apesar do calor.

Talvez ele tivesse confiado demais na promessa implícita dos seus “amigos”. Talvez tivesse que se abster daquilo também. Ele não invocava os personagens com tanta frequência mais. De vez em quando sentia aquela pressão teimosa no cérebro, como se houvesse alguém reclamando no fundo do auditório — mesmo que tivesse explicado aos “amigos” o que precisava fazer. Ele achava que a maioria deles aceitara. Mas, eventualmente, os pós acabariam.

Pretorius o mataria se soubesse que ele ainda tinha. O advogado achava que podiam fazer uma vistoria, e os vidros que ainda estavam com ele continham uma variedade de substâncias proibidas maior do que um agente da Agência de Combate às Drogas conseguiria revender em um ano.

Mas o que eu posso fazer? Jogar na privada e dar descarga neles? Aquilo soava como um assassinato.

Os braços de Sprout abraçaram o fino pescoço do pai e eles caíram, os três, rindo e fazendo cócegas uns nos outros. Por um instante, até pareceu que aquilo era a vida real.



O Desfile de Mentirosos, como Pretorius chamava a série de especialistas que ele e Latham levaram para testemunhar, continuou, atravessando a primavera e chegando ao verão. A 28ª Armada ensinou aos estudantes na Praça da Paz Celestial o que o velho Mao dizia repetidamente: de onde vem o poder político. Os seguidores fanáticos de Nur al-Allah atacaram uma passeata pelos direitos dos curingas no Hyde Park, em Londres, com garrafas e tijolos, o que os fez ganhar a admiração de líderes muçulmanos de todo o Oriente.

— A lei secular deve se curvar às leis de Deus — anunciou um professor de Princeton nascido na Palestina. — E essas criaturas são uma abominação aos olhos de Alá.

Um *skinhead* espancou um curinga com um bastão de beisebol até a morte. A mídia se indignou. Quando veio à tona que o chefe de gabinete do Comitê Diretor e Político Democrata do Congresso havia tentado fazer a mesma coisa em 1973, os progressistas disseram que foi “uma grande maldade” e que ele havia sido “jogado às piranhas” quando o cobraram pelo fato. Afinal, ele colaborara para a aprovação de uma lei que ajudava os curingas, e a mulher sobrevivera.

Kimberly entrava e saía da vida de Mark. Toda vez que ele achava que poderia se aproximar, ela se esquivava. Nem se chegava muito, nem ficava muito distante.

As audiências começaram.

Pretorius incluiu algumas testemunhas preciosas a favor de Mark. O Dr. Tachyon, claro, e Jube, o vendedor de jornais; Doughboy, o curinga retardado,

perdeu o controle e começou a chorar copiosamente enquanto relatava a ocasião em que Mark e seus amigos evitaram que ele fosse condenado por assassinato — e, incidentalmente, salvou o planeta do Enxame. Seu testemunho foi corroborado pela lacônica Tenente Pilar Arrupe, do Departamento de Homicídios, que mastigava um palito de dentes em vez do seu habitual *cigarillo*. Pretorius convidou a jornalista Sara Morgenstern, mas ela simplesmente sumiu depois do pesadelo que havia sido a convenção de Atlanta do ano anterior.

Nenhum ás testemunhou a favor de Mark. O público do Aces High andava meio quieto naqueles dias. Além disso, a maioria deles tinha um pouco de vergonha do Capitão Viajante e da sua situação.

Ele simplesmente não era um cara muito estilo anos 1980.



— Dr. Meadows, você é um ás?

— Sim.

— E você se incomodaria em descrever seus poderes?

— Sim.

— Como assim?

— Eu... Quer dizer... Eu me incomodaria, sim.

— Meritíssima, gostaria que ficasse registrado o fato de a testemunha não estar cooperando.

— *Meritíssima...*

— Dr. Pretorius, não precisa gesticular. Você e o Sr. Latham podem se aproximar.

Pretorius sempre achou que as salas do novo Tribunal de Família na esquina da Franklin com a Lafayette seriam tão aconchegantes quanto salas de espera de dentista. As lâmpadas fluorescentes eram fortes demais e faziam seus olhos doerem.

Ele percebeu com desprazer que a mídia havia voltado com tudo enquanto mancava até a mesa da juíza. Após toda a publicidade da fase inicial, na qual Mark fora servido a eles de bandeja, a imprensa perdera o interesse, já que nada importante acontecia há algum tempo.

— O Sr. Meadows está se recusando a responder a uma pergunta fundamental, Meritíssima — disse Latham.

— Ele não pode ser obrigado a responder. *Indiana versus Sr. Miraculous*, 1964. A proteção que a Quinta Emenda confere em relação à autoincriminação se aplica aqui.

De olhos azuis e cabelo loiro num corte chanel, a juíza Mary Conower estava muito bonita e com um ar ingênuo, mal representando sua reputação de durona. Um certo turgor e um discreto ressecamento que tinha na pele davam-lhe a aparência de uma chefe de torcida cuja vida deu errado.

— Não estamos num julgamento penal, doutor — observou ela.

Pretorius pensou em diversas respostas possíveis, mas estava ficando velho demais para passar mais uma noite na delegacia por desacato.

— Então protesto pelo fato de essa linha de questionamento ser irrelevante.

Conower olhou para Latham e levantou uma sobrancelha.

— Isso me parece válido.

— A Sra. Gooding argumenta que o fato de o ex-marido ser um ás representa um risco ao bem-estar da filha — disse Latham.

— Isso é absurdo — exclamou Pretorius.

— Pretendemos demonstrar que não é nem um pouco absurdo, Meritíssima.

— Muito bem — disse Conower. — Você pode tentar demonstrar. Mas a corte não vai obrigar o Dr. Meadows a descrever os poderes que tem.

Latham ficou parado em frente a Mark por um instante, olhando-o com olhos de réptil. Na plateia, alguém tossiu.

— Você tem amigos que são ases, Dr. Meadows?

Mark olhou para Sprout, que estava desenhando num dos cadernos de anotação de Pretorius, para Kimberly, que usava uma roupa como se fosse aparecer na capa da *Forbes*, sem olhar para ele, e finalmente para Pretorius, que suspirou e fez que sim com a cabeça. Então, respondeu:

— Sim.

Latham fez um lento meneio de cabeça, como se aquilo fosse alguma novidade importante. Mark ouviu a imprensa murmurando como cobras no meio das folhas. Eles sentiram que estavam armando contra ele; *ele* sentiu que estavam armando contra ele. Olhou para Pretorius de novo. Pretorius deu de ombros, com um olhar

de “fica firme”.

— Foi sugerido que você é uma espécie de Jimmy Olsen dos ases mais poderosos de Nova York. Isso condiz com a realidade?

Mark tentou evitar olhar para Pretorius de novo. Não queria que Conower pensasse que ele não estava sendo sincero. Esse lance de julgamento era muito mais complicado do que pensava.

Ele se deu conta de que não tinha ideia de como responder à pergunta. Só saberia dizer *não, eu era mais uma espécie de Clark Kent*, o que ele não queria. Ficou vermelho e começou a gaguejar.

— Seria justo dizer então... — continuou Latham, com um discreto sorriso no rosto, como se dissesse a Mark que sua reação tinha sido exatamente a desejada — ... que você tem intimidade com certos ases, incluindo um que se chama Jumpin’ Jack Flash ou J.J. Flash?

— Hum... Sim.

— Você poderia descrever os poderes do Sr. Flash para nós, por favor? Não há por que resguardar isso não é nenhum segredo.

Mark não estava se resguardando. Latham estava sendo injusto e arrogante, o que dificultava a resposta.

— Ah, ele... Ele voa. E ele... tipo... Quer dizer... Ele atira bolas de fogo pelas mãos.

Plasma, seu babaca, disse uma voz na parte de trás de seu crânio. *Eu só finjo que é fogo. Meu Deus, você está fazendo tudo errado.*

Ele olhou para os lados, em pânico com a possibilidade de ter dito algo em voz alta. Mas o público esboçava expressões neutras de quem ainda esperava algo acontecer, e Latham estava voltando de sua mesa com um envelope pardo nas mãos.

— Gostaria de chamar atenção do tribunal — disse o advogado — para esta fotografia do prejuízo causado por esse ás que atira bolas de fogo.

Na plateia, alguém suspirou; outra pessoa teve ânsia de vômito. Latham se movia como um toureiro. Mark sentiu seu estômago embrulhar ao ver a foto 20 por 25 centímetros que ele tinha nas mãos. A julgar pela saia e pela sapatilha, era uma menina não muito mais velha que Sprout.

Mas, da cintura para cima, ela estava carbonizada; uma imagem paralisada com um sorriso terrível.

A ponta da bengala de Pretorius fez o barulho de uma arma, parecendo ter rachado.

— Meritíssima, tenho que protestar da forma mais incisiva possível. O que o advogado acha que está fazendo com esse show de horrores?

— Estou apresentando o caso — afirmou Latham, equilibrado.

— Isso é um absurdo. Meritíssima, essa foto é de uma vítima do ás que a imprensa chamou de Bola de Fogo, um psicopata preso por Mistral na última primavera em Cincinnati. Tenha a relação que tiver com Mark Meadows, J.J. Flash teve tanto a ver com isso quanto você, eu ou o Jetboy. Mostrar isso é irrelevante e prejudicial.

— Está sugerindo que eu posso vir a ser influenciada por evidências irrelevantes ao caso? — perguntou Conower, com um tom suave.

— Estou sugerindo que o Sr. Latham quer que a imprensa julgue o caso. Isso é sensacionalismo puro.

Conower franziu a testa.

— Sr. Latham?

O advogado da contraparte virou as palmas das mãos para cima, como se estivesse surpreso.

— O que eu posso fazer, Meritíssima? Meu oponente afirma que seus poderes de ás são inofensivos. Estou demonstrando o contrário.

— Eu não disse nada disso!

— Talvez dissesse que *os poderes dos ases não matam* pessoas, pessoas *matam* pessoas. Quero demonstrar que esses poderes têm um potencial destrutivo grande demais para serem ignorados com um silogismo barato.

Pretorius sorriu.

— Tenho que admitir, St. John. O senhor realmente não tem limites.

Ele se apoiou na bengala e se virou para a juíza.

— O Sr. Latham está tentando estabelecer uma relação com o caso de atrocidades cuja única conexão com J.J. Flash é o fato de terem sido cometidas por um ás cujos poderes têm a ver com fogo. E mesmo que o Flash tivesse participado do incidente, acusar o Dr. Meadows disso seria uma tentativa de culpa por associação.

— Se o Dr. Meadows tivesse múltiplos contatos com o cartel de Medellín —

disse Latham inocentemente —, a Meritíssima diria que o fato não tem relevância na sua avaliação enquanto pai?

Conower contraiu os lábios até desaparecerem.

— Muito bem, Sr. Latham. Apresente seu argumento. Devo lembrá-lo, Dr. Pretorius, que sou *eu* que avalio se as evidências são válidas ou não.

Mark nunca tinha se sentido tão exposto e humilhado em toda a vida. Aquilo era *pior* do que aqueles sonhos em que ficava nu no meio da Broadway. Em toda sua vida, evitou chamar atenção, pelo menos para si mesmo. Agora aqueles estranhos todos estavam olhando para ele e para Sprout e pensando naquelas fotos horríveis.

Pretorius se afastou da mesa da juíza. Sobre os olhos azuis, suas sobrancelhas estavam eriçadas. Latham se aproximou da cadeira da testemunha como se fosse um membro da Inquisição e estivesse com uma tocha acesa na mão.

Kimberly fitava as unhas. Mark voltou o olhar para Sprout. Quando notou, ela olhou-o nos olhos e sorriu.

Ele queria morrer.



— Precisamos de mais, Sra. Gooding — disse St. John Latham.

— Tipo o quê? Você parece estar conseguindo acabar com meu ex--marido com o que já tem.

Latham se levantou. Ela estava sentada no sofá, se é que sentar era o que fazia naquela placa de madeira escandinava apoiada sobre um quadro cromado. Estava mais é tentando não escorregar e cair no chão de mármore preto. Se o advogado percebeu o tom de sarcasmo que sua voz carregava — colocando Mark e ela do mesmo lado, e ele, do outro —, Latham não deixou transparecer.

— O Dr. Pretorius é um romântico incorrigível. Suas ideias do que são a natureza humana e do que as interações humanas representam são claramente antiquadas. Mas ainda assim não é nenhum idiota. Ele é astuto e conhece a lei. E você também tem alguns pontos vulneráveis.

Ela jogou o cigarro pela metade na bebida e colocou o copo na superfície irregular da mesa de centro.

— Quais?

— Por exemplo, o fato de que perdeu o controle no tribunal durante a primeira audiência para a custódia. Você poderia ter perdido o caso ali. Aquilo não vai ajudá-la agora.

As duas paredes externas que se encontravam no canto da sala de estar dos Gooding eram de vidro. Kimberly olhou pela janela para Manhattan e pensou o quanto aquela vista se parecia com um daqueles quadros em veludo preto. Apartamentos com vistas panorâmicas como aquele sempre pareciam melhores nos filmes, por algum motivo.

— Eu estava sob muita pressão.

— Você também está agora. É inconcebível que Pretorius tente reduzi-la ao que aconteceu durante o depoimento.

Ela olhou para o advogado.

— É isso o que você faria no lugar dele?

Ele ficou em silêncio. Kimberly acendeu outro cigarro e soprou a fumaça em sua direção.

— Ok. O que você tinha em mente?

— Uma demonstração completa dos poderes do seu marido. Ou algum tipo de evidência da conexão entre ele, Flash, a Menina Lua e os outros, já que ele é só tipo um Jimmy Olsen.

Ela semicerrou os olhos.

— O que você está querendo dizer?

— Se seu ex-marido ama tanto a filha quanto diz que ama, caso ele venha a entender que existe uma ameaça real a ela, certamente usaria quaisquer poderes que tenha para protegê-la.

Ela ficou pálida e tensa, como se estivesse prestes a pular e atacar aquele homem. Então se recostou novamente e estudou em detalhe o esmalte das unhas.

— Eu não deveria estar surpresa com o fato de que o senhor é um filho da puta, Sr. Latham. Afinal, é por isso que o contratei. Mas agora me ocorreu que talvez... — ela abaixou a mão e deu um sorriso venenoso e maledicente — ... talvez o senhor seja louco. O senhor quer usar minha filha como isca?

Os olhos de Latham se mantiveram imóveis. Ele nem sequer piscou.

— O que importa é ele entender que algo a ameaça, Sra. Gooding. Estou falando de algo *encenado*. Não haveria nenhum risco real.

Demonstrando tão pouca emoção quanto ele, Kimberly pegou o copo e atirou-o com força mirando a cabeça dele. Latham desviou, e o copo se espatifou na janela. Em Nova York, quem vive em casas de vidro precisa usar materiais resistentes. Está no código de obras.

— Estou pagando você para vencer o caso no tribunal, seu filho da puta. Não para brincar com a vida da minha filha.

No rosto do advogado havia a distante sombra de um sorriso.

— E o que você pensa que é a lei? Não é uma brincadeira com a vida das pessoas?

— Vai embora — ordenou ela. — Sai da minha casa.

— Certamente. — Calmo. Sempre calmo. Exasperante, impermeável, irresistível. — Tudo o que a cliente quiser. Mas pense nisto: nem eu posso conseguir que você fique com sua filha se você não quiser o suficiente, a ponto de fazer sacrifícios.



Sprout apertou forte as mãos dos pais.

— Papai e mamãe, sejam bonzinhos um com o outro — disse ela solenemente. — Lá no tribunal, todo mundo parece que está bravo o tempo todo. Eu fico com medo.

Ela se fechou e começou a fungar.

— Acho que eles vão me tirar de vocês.

A mãe a abraçou com força.

— Querida, nós vamos sempre estar com você. — Ela deu um olhar escondido para Mark. — Um de nós pelo menos. Sempre.

Sprout deixou que Kimberly a deitasse no colchão em meio aos bichos de pelúcia e olhou para cima com os olhos bem abertos.

— Promete?

— Prometo — respondeu a mãe.

— Sim — concordou Mark com a voz embargada. — Um de nós vai sempre estar por perto. Isso nós podemos prometer.

Kimberly bebeu Chianti de um pote de geleia.

— Seu quarto parece tão vazio sem todas aquelas coisas psicodélicas. — Uma meia-lua de ametista refletiu a luz da vela em seus olhos. — Quem poderia imaginar você sem aquele pôster imenso do Tom Marion sobre a sua cama?

Ele deu um sorriso pesaroso.

— A pior parte é esse futon que eu coloquei no lugar do meu colchão velho. Às vezes parece que é a mesma coisa que nada. Eu acordo com os joelhos e os cotovelos doloridos.

Kimberly bebeu o vinho e suspirou. Mark fez um grande esforço para não pensar nos seus seios dentro da fina blusa de algodão. Ele estava solteiro há tempo demais.

— Ah, Mark, o que aconteceu com a gente?

Ele balançou a cabeça. Seus olhos ficaram marejados. Ao longe, sentiu os sons do Flash e do Caminhante Cósmico assistindo à sua vida dos assentos mais baratos de sua mente, como se o quisessem provocar numa plateia de teatro. Era raro que concordassem com qualquer coisa. Ele sentiu compaixão e zelo por parte da Menina Luz, mas nada de Aquarius. Estelar reprovava a situação vagamente. Provavelmente estava com medo de que Mark fosse se divertir. Não era socialmente ativa.

Ela umedeceu os lábios.

— Sei que St. John está sendo extremamente duro com você. Queria que não tivesse que ser assim.

Ele olhou para ela como se seus olhos não estivessem nada molhados, secos por cada lufada de ar. Era estranho, considerando quão perto ele estava de chorar. *Será que implorar ajudaria?*, pensou. *Ah, por favor!*, disse Viajante.

Ela se recostou no travesseiro. Mesmo naquela década, um homem de verdade tinha que ter travesseiros. Por um instante, a mulher quase se deitou ali, uma perna levantada, o cabelo caído nos olhos e sobre os ombros, com um cacho loiro de uma permanente ainda presente. Mark achou que ela nunca estivera tão bonita. Nem quando estava grávida de Sprout e os dois se engalinhavam para fingir que tudo ficaria bem.

Ela suspirou de novo.

— Toda a minha vida eu tive essa sensação de não ter forma — começou.

— Querida, não diga isso, você é *linda* — disse a boca de Mark antes que ele conseguisse frear a si mesmo. Flash e Viajante vaiaram e fizeram ruídos. A

Menina Lua fez uma expressão de dor.

Kimberly o ignorou.

— É como se eu sempre tivesse procurado pontos de referência para me definir: entusiastas, radicais. — Um sorriso. — Você. — Ela colocou o cabelo para trás e deixou a cabeça cair num dos ombros. — Isso faz algum sentido?

Mark fez um som que demonstrava preocupação. Ela sorriu, balançou a cabeça e voltou a falar:

— Depois que nos separamos, eu passei alguns anos fazendo terapia intensa. Acho que você já sabia disso, não? Aí, um dia, decidi que estava na hora de experimentar algo novo, algo completamente diferente de qualquer coisa que eu já tivesse tentado. Fiz a última coisa que poderia pensar em fazer: me tornei uma empresária de sucesso, uma empreendedora determinada. Isso é ou não é estranho? — Ela riu, e continuou: — E eu consegui, Mark. Eu consegui. É o que faço hoje. Eu jogo squash e tenho almoços apressados. Tenho um secretário gostoso, apesar de ele ser gay. Você não tem *ideia* da quantidade de tempo que isso está me fazendo perder, fora os honorários astronômicos do St. John.

Mark olhou para o outro lado e se sentiu egoísta por instintivamente ter pensado no quanto aquele processo estava custando a *ele*, e não era nem um pouco em termos de dinheiro.

— Aí eu conheci o Cornelius. Ele é um homem maravilhoso. Tenho certeza de que você gostaria dele caso se conhecessem. Só que você e ele são... completamente diferentes.

Ela serviu vinho para os dois.

— Uma bela mulher do lar, não? Estou começando a ter a terrível suspeita de que não importa quanto eu pense ser liberta, meu eu interior continua sendo supertradicional. Tipo aquelas esposas perfeitas de comercial de margarina. Não faz essa cara, eu sei que é bobagem, mas eu queria capturar um pouco daquele *espírito*.

Inclinou-se em direção a ele. Doe não poder acariciar seu cabelo.

— Você pode ser o que quiser. Quero que seja feliz.

Ela deu um sorriso de lado.

— Você realmente quer isso, não? Apesar de tudo que está acontecendo?

Ele quis dizer que queria tudo, mas as palavras tentaram sair tão rápido que ficaram presas na garganta. Ela aproximou o rosto do dele. O cabelo sombreava

os dois.

— Lembra aquele cara com quem eu saía no ensino médio? Aquele grandão, loiro, capitão do time de futebol?

Mark fez uma cara de desgosto.

— Lembro.

Ela deu uma risada suave.

— Três semanas depois que ele quebrou o seu nariz, quebrou o meu.

Ela colocou o copo de geleia no chão ao lado do futon e beijou Mark levemente nos lábios.

— Engraçado como as coisas acontecem, não?

Os lábios de Mark estavam dormentes e formigando ao mesmo tempo, como se alguém tivesse dado um soco em sua boca. Ela passou a mão por trás da cabeça dele e a puxou em direção à sua. Ele quase largou o peso nela. Suas bocas se tocaram novamente, e a língua dela deslizou por entre os lábios dele, passando por seus dentes. Mark a agarrou como se estivesse se afogando, segurando-se nela com as mãos, os lábios e a alma.

Dormindo em seu quarto, Sprout chorou.

Ambos se levantaram imediatamente. Mark passou na frente de Kimberly pela porta do seu microscópico quarto. Deitada em seu colchão irregular, Sprout murmurou algo para si mesma, abraçou seu Ursinho Puff, rolou para o outro lado e continuou dormindo. Mark e Kimberly ficaram olhando a filha em silêncio por um instante, quase sem respirar. Kimberly se desvencilhou de Mark, saiu e se sentou no futon de novo. Mark praticamente se derreteu ao seu lado, tentando abraçá-la. Ela estava tensa.

— Desculpe — disse, sem olhar para ele. — Não vai funcionar. Você sabe disso. Eu já tentei, não posso voltar atrás.

— Mas nós podemos ficar juntos. Eu faria qualquer coisa por você... pela Sprout. A gente pode ser tipo uma família de novo.

Ela olhou para ele. Seus olhos brilharam com lágrimas.

— Ah, Mark. Não dá. Você é bicho solto, livre demais.

— E o que tem de errado com a minha liberdade?

— As responsabilidades ocuparam esse lugar.

— Mas eu posso ser o que você quiser. Eu faço qualquer coisa por você. Eu

posso ajudar você a encontrar sua forma, se é disso que você precisa.

Sorrindo com tristeza, ela balançou a cabeça. Levantou-se, olhou para ele e colocou as mãos sobre o rosto.

— Ah, Mark. — E o beijou leve e castamente nos lábios. — Eu te amo, mas você teria que mudar demais.

E então Kimberly foi embora. Mark se ergueu rapidamente, mas os Reeboks dela já estavam fazendo sons abafados escada abaixo. Ele ficou ali no vão da porta por um tempo. Seu coração palpitava. Sentia a palpitação especialmente nos testículos. Sua barriga e a parte interna de suas coxas doíam e tremiam com a tensão e a frustração.

Ele já tinha quase esquecido o que era sentir essa dor por ficar excitado e não ejacular. *Essa merda*, disse J.J. Flash, *tem que acabar*.



— Dr. Pretorius, o que o senhor quer aparecendo aqui no meu tribunal assim?

— Assim, Meritíssima? — disse ele, apontando para a perna direita.

Sua calça, ajustada à perfeição, acabava na altura do joelho. O membro abaixo era preto e verde e tinha verrugas como as de um sapo. Pus saía de mais de uma dúzia de feridas. A juíza Conower torceu o nariz por causa do cheiro.

— Este é o meu carta selvagem. Ele faz de mim um curinga, mas está subindo gradativamente, e, quando chegar ao meu torso, vai me matar. Portanto, acho que eu sou uma Rainha Negra, apesar de o caso ser mais lento que o normal.

— Isso é nojento. O senhor está querendo zombar deste tribunal?

— Estou apenas chamando atenção para os fatos, Meritíssima. Seja o desfiguramento físico de um curinga ou o desfiguramento emocional e mental de pessoas intolerantes que apontam o dedo para os outros por terem sido contaminados com o vírus.

— Estou tentada a indiciá-lo por desacato.

— Isso não vai funcionar — retrucou Pretorius afavelmente. — Não se pode proibir que curingas mostrem seus atributos, a não ser que haja indecência. Essa é a legislação, tanto no nosso estado quanto no âmbito federal. Gostaria que eu mencionasse as leis em questão?

O nariz dela foi repuxado pelas bochechas.

— Não, eu sei quais são.

O advogado se virou então para Kimberly, que estava na plateia, imóvel, como se tivesse acabado de ser esculpida num bloco de gelo.

— Sra. Gooding, a senhora já havia acionado a justiça no passado para demandar a custódia da Sprout. O que houve na primeira vez? — perguntou o Dr. Pretorius.

Os olhos de Kimberly se encheram de ódio. Pretorius exibiu um sorriso discreto. *A boa e velha Elizabeth Taylor. Antes de ser imitada pelo John Belushi, claro.*

— O senhor sabe perfeitamente o que aconteceu — respondeu ela incisivamente.

— Por favor, compartilhe com o tribunal. — Ele fez questão que ela o visse direcionar o olhar para a plateia, repleta de jornalistas. Ele e Mark haviam acordado com a manchete “Advogado do caso da custódia do Capitão Viajante diz que ases, seus poderes e traficantes matam” escrita no jornal em letras garrafais. Queria que ela e Latham soubessem que ele também pretendia alimentar o burburinho da imprensa.

Havia um artigo dizendo que o Presidente Bush, depois de jurar que não o faria durante a campanha, estaria considerando ressuscitar a velha Lei de Registro dos Ases. Não tinha relação nenhuma com a questão no tribunal, claro. Era só um sinal dos tempos.

Ele juntou as mãos.

— Eu estava sob grande pressão naquela época. Tinha o problema da nossa filha, e o casamento com Mark não estava sendo muito fácil para mim.

Touché, pensou ele, *apesar de que isso não vai ser nada bom para você.*

— E o que aconteceu?

— Perdi o controle enquanto depunha.

— A senhora se desmantelou ali, não foi?

Os dentes dela se cerraram como uma guilhotina.

— Eu estava doente naquela época. Não tenho vergonha disso. Deveria? Fui me tratar.

— Com certeza. E, desde então, as circunstâncias mudaram?

— Bom... — disse ela, olhando para Mark, que também a olhava de volta como um filhotinho de cachorro. — Minha vida ficou muito mais estável. Agora eu tenho uma carreira e um marido maravilhoso.

— Então o que está dizendo é que pode oferecer um lar muito mais estável para Sprout do que você podia antes?

Ela olhou para ele com um olhar surpreso e cauteloso.

— Sim.

Ele esperava que Latham fosse protestar só para quebrar o ritmo da sessão de perguntas, ou talvez, especialmente, se não soubesse aonde Pretorius estava querendo chegar. *Você não é tão infalível assim então, não é, seu filho da puta?*

— Então está dizendo que você pode cuidar melhor da sua filha porque tem mais dinheiro? O que está dizendo, então, é que gente rica cuida melhor dos filhos do que gente pobre?

Aquilo *enfim* atçou Latham. Ele pulou da cadeira e levantou a voz ao protestar. Conower batia forte o martelo para tentar restaurar a ordem. Ela iria manter, sem dúvida. Mas ele tinha visto algo diferente nos olhos dela. Ele havia dado o recado. Um tapa na cara progressista dela com a habitual sutileza de uma marreta.

Meu Deus do céu, eu me odeio às vezes.

Depois da pausa para o almoço, Pretorius perguntou:

— Já usou alguma droga ilegal, Sra. Gooding?

— Sim. — Ela foi franca, encarando-o, sem tentar escapar de algo que sabia que ele poderia provar. — Há muito, muito tempo. Era comum. — Deu um meio sorriso. — Nós éramos meio inexperientes.

Ótimo.

— Você já experimentou LSD-25?

Uma pausa, e então a resposta:

— Sim.

— Usava frequentemente?

— Depende da sua definição de “frequentemente”.

— Vou confiar no seu critério, Sra. Gooding.

Ela baixou o olhar.

— Estávamos nos anos 1960. Era o que os jovens faziam. Estávamos experimentando, tentando libertar não só a consciência mas os nossos corpos.

— Chegou a pensar que tipo de dano genético essa experimentação poderia causar? — Ele deixou a informação suspensa no ar por um instante. — Chegou a considerar o bem-estar dos seus futuros filhos, Sra. Gooding?

O tribunal irrompeu em vozes de novo.

Conower anunciou outro recesso. Mark esperava por Pretorius, meio que pulando para cima e para baixo no mesmo lugar, sem sair da horrível cadeira em que estava sentado. O assento havia sido desenhado ergonomicamente para comportar seres humanos médios, mas não funcionava para nenhum indivíduo específico. As orelhas de Mark pareciam feitas de ferro e depois colocadas no micro-ondas.

— Que *merda* foi aquela? — disse rispidamente para Pretorius. — Não há qualquer evidência de que ácido seja teratogênico. Diferentemente do álcool.

— Álcool não é a questão aqui. Eles ainda não estão considerando uma outra Lei Seca, pelo menos não a tempo de sair nos jornais de amanhã. Latham quer que a questão aqui seja o uso de drogas. Então é isso que vamos dar a ele.

Por um momento, Mark só conseguia cuspir de raiva.

— Mas e a verdade? — conseguiu finalmente dizer Mark.

— A verdade? — Pretorius deu uma risada grave e ácida. — Você está num tribunal, meu filho. A verdade não está em questão aqui.

Ele suspirou e se sentou.

— Não ache que os dias dos julgamentos por combate acabaram. Os julgamentos ainda são uma espécie de duelo. A diferença é que os campeões ficaram mais espertos e reescreveram as regras. Hoje lutamos com intimações e jurisprudências em vez de porretes. Não arriscamos a vida, mas colocamos dinheiro em jogo. Ou a vida ou a liberdade dos nossos clientes.

Ele apoiou as mãos no castão de gárgula de sua bengala e continuou:

— Você não gosta do que eu estou fazendo. Eu também não. Mas o meu trabalho é defendê-lo, e eu levo isso a sério. Se eu tiver que chafurdar na merda para ganhar o caso, é isso que farei. Estamos numa época de caça às bruxas. Quem pode questionar isso? Porra, eu também quero. Mas se eu fizer somente isso, você perde sua filha. É por isso que chamam de *sistema*, Mark. Porque, gostemos ou não, é assim que as coisas funcionam. Se desafiá-lo muito

abertamente, ele vai triturá-lo e depois ainda cuspir os seus ossos.



Mark e Kimberly iriam se encontrar naquela noite, uma sexta-feira. Só que ela não apareceu. Ele não ficou surpreso, nem a culpou. Sentiu-se um pouco responsável pela forma com que Pretorius a havia tratado. Envergonhado, até. O que mais o torturava era o fato de não ter impedido o advogado de fazer aquilo.

No sábado, a culpa era grande demais. Mark fechou o centro de bem-estar mais cedo. Tinha uma coisa que queria fazer. Era uma questão que envolvia as vozes em sua cabeça.



Um homem de baixa estatura usando apenas tênis Adidas vermelho, no parapeito do telhado, olhava o trânsito daquele terceiro mundo do Bairro dos Curingas doze andares abaixo. Vestia um moletom vermelho sobre uma camiseta laranja. Seu rosto era estreito e comprido como o de uma raposa, com um nariz proeminente e anguloso e uma curvatura das sobrancelhas que lhe dava um ar sardônico. Seu cabelo ruivo revoava como uma chama naquela brisa fedorenta.

O sujeito abriu uma das mãos à sua frente. Um jato de chamas foi cuspidado da ponta do dedo indicador. Ela se transformou numa bola e pulou de um dedo para o outro. Girou o punho para que a palma da mão ficasse para cima. A chama cresceu até ficar do tamanho de uma bola de beisebol. Por um instante permaneceu ali, queimando, pálida à luz do sol enquanto ele a olhava, fascinado. Depois a bola zuniu com um rugido para cima, cortando a grossa neblina num jorro de fogo que parecia brotar da palma de sua mão.

Ficou olhando a chama se dissipar. Inspirou fundo e suspirou por entre um sorriso torto.

— Porra, já estava na hora — disse, dando um passo à frente para o nada. Deixou-se cair uns cinco metros, o suficiente para ver um rosto assustado numa das janelas. Então endireitou o corpo, posicionou os braços como um nadador que mergulha na piscina no início de uma corrida e decolou. Não precisava alarmar *demais* os cidadãos. Aqueles coitados do Bairro dos Curingas já tinham muitos problemas.

O homem voou para o norte, em direção ao parque. *O Mark realmente fez merda dessa vez*, pensou. Mark não havia tido coragem para se desvencilhar totalmente do passado. Não teve a frieza para jogar fora os vidros que ainda sobravam e ver os seus outros eus descerem pelo ralo.

Graças a Deus. Aquela meia vida que ele e os outros levavam — como espectadores de um filme num cinema cavernoso cujo projetor quebrava toda hora — já era irritante o bastante.

Ele odiava o fato de que só podia existir com a permissão de Mark, de que só sentia o próprio corpo, a própria pele e de que só podia voar e sentir o vento no cabelo por sessenta minutos. Para um homem tão cheio de vida como ele, aquilo era o inferno. E o inferno era um lugar muito frio para ele. Toda aquela vida que rugia no seu interior na forma de fogo precisava ser expressa.

Um helicóptero decolou de um prédio acima dele, à esquerda. O sujeito mudou o ângulo para segui-lo. Quando estava a uns mil metros de distância, disparou na direção do veículo, deixando um rastro de fogo, como um foguete.

Rodopiou, desenhando espirais de fogo laranja que, depois, o helicóptero atravessou. Era um helicóptero de informação de trânsito. Os tripulantes o conheciam; o locutor sorriu e acenou enquanto o assistente apontava uma câmera pequena para ele.

J.J. Flash, o grande astro. Sorriu e acenou também. O rosto do piloto estava pálido. Obviamente nunca havia encontrado Jumpin' Jack antes. Isso também foi bom. Flash tinha uma certa dose de maldade em si e precisava de uma válvula de escape inofensiva. Foi quando se deu conta de para onde estava indo. Sorriu de novo, arditamente. Seu subconsciente sabia o que estava fazendo.



Kimberly Ann Cordayne Meadows Gooding tirou os olhos da revista e olhou para cima. Um homem estava flutuando do lado de fora da janela de sua cobertura, batendo no vidro com um dedo.

Ela levou um susto. Levantou a mão para fechar o robe azul, cobrindo um pouco mais a lingerie lilás. Ele gesticulava para que ela abrisse a janela rapidamente. Kimberly mordeu o lábio e balançou a cabeça.

— Não consigo abrir.

— Merda — disse a boca dele, sem som.

Ele se afastou uns dois metros, abriu a mão com a palma para cima como se estivesse apresentando um convidado num *talk show* e lançou uma chama laranja contra a janela.

Kimberly recuou. Quase gritou. Quase. A janela balançou e derreteu, ganhando um buraco oval. Uma lufada com cheiro de diesel varreu o ambiente. O homem de vermelho entrou.

— Desculpa pela janela. Eu pago o conserto, mas é que tinha que falar com você.

— Meu marido é muito rico — respondeu ela, com a voz embargada.

— Meu nome é J.J. Flash.

— Eu sei quem você é. Vi *Pouso da Peregrina*.

Sem perguntar se poderia se sentar, o sujeito se jogou numa cadeira branca.

— É, e você também viu as fotos que a porra do seu advogado mostrou no tribunal. Uma garota que virou churrasco de um psicopata numa cidade onde eu nunca estive.

Ela olhou para a janela. O vento balançava seu cabelo.

— Talvez você devesse ter feito uma visita ao Sr. Latham.

— Não. É com você que quero falar. Por que está brincando assim com Mark Meadows?

Ela se levantou.

— Como ousa falar assim comigo?

Flash soltou uma risada.

— Corta essa, querida. A vida inteira, desde que vocês se conhecem, tem sido assim. Você provoca e foge. Ele é meio banana, mas merece mais do que isso. — O homem virou a cabeça e ficou, mais do que nunca, parecendo uma raposa. — Ou será que você está só armando contra ele?

Por um instante, as sobrancelhas dela formaram finos arcos de fúria sobre os olhos, que haviam ficado brancos, quase cinzentos. Ela se levantou, deu meia-volta e andou alguns passos. Ele observou suas nádegas roçarem o tecido pesado do robe.

— Mark deve falar muito de si para você — disse ela rudemente.

Um sorriso surgiu no rosto de Flash, que ergueu a mão, na qual dois dedos

estavam grudados.

— Nós somos assim. — Seu sorriso se endureceu. — Responda à pergunta, querida.

Ela ficou ao lado do buraco derretido no vidro.

— Você acha que é fácil para mim?

— Do meu ponto de vista, parece a coisa mais fácil do mundo.

— Eu amo o Mark. De verdade — respondeu ela, com uma voz falha. — Ele é o homem mais gentil que conheço.

— Ou o mais otário. Porque você acha que gentil e fraco são a *mesma* coisa, não é? — Agora ele estava de pé, cara a cara com ela.

Chorando, ela se afastou. Ele a pegou pelo ombro e fez com que o encarasse novamente. Pequenas chamas dançavam em volta do seu punho.

— Muitas mulheres têm medo de si mesmas. Elas aceitam essa baboseira religiosa de que estão inerentemente em pecado, maculadas. Então procuram um homem abusivo, que saiba lhes aplicar as punições que merecem. Que nem aquele babaca que quebrou a nareba do Mark e depois a sua. Você é assim, Sra. Kimberly Perfetinha?

Ela puxou o ar subitamente. Uma fumaça rodopiou, subindo e envolvendo uma de suas narinas. Subitamente, seu robe pegou fogo. Kimberly gritou e tentou fugir. Flash a segurou. Sua mão livre agarrou o tecido sintético e o puxou com surpreendente força. Robe e lingerie foram arrancados.

Ela caiu no chão, de joelhos, chorando compulsivamente de terror. Flash fez um chumaço com a roupa que queimava, quase como se tentasse limpar as mãos com ela. O fogo diminuiu e se apagou. Ele jogou a massa meio derretida num canto e se ajoelhou ao seu lado. Kimberly se segurou nele. Por um momento, J.J. a segurou também, parecendo distraído enquanto acariciava seu cabelo. Depois, ele a afastou.

— Vamos ver se ainda está em forma, enquanto eu posso fazer algo por você.

Ignorando as tardias tentativas dela de demonstrar modéstia e indignação, Flash a olhou. Kimberly não parecia ter se machucado, exceto por uma área que estava vermelha, entre o ombro e o seio esquerdo. Ele colocou uma das mãos sobre o local e foi descendo.

Ela tentou se desvencilhar.

— Mas que diabo você acha que está fazendo?

— Estou sugando sua energia — disse ele, preocupado. — É o mesmo que passar gelo numa queimadura recente. Se eu fizer isso rápido o suficiente, não ficará lesão alguma.

Ela olhou para ele.

— Achei que o seu elemento era o fogo — comentou ela, a voz saindo de algum lugar no meio de sua garganta.

— E é. — Ele colocou a mão em seu seio. Onde encostava, a pele ficava branca e sem qualquer marca. — É um truque que aprendi.

— É muito perigoso ficar perto do senhor, Sr. Flash.

Ele passou o polegar em seu mamilo. Ela suspirou, tensa. O mamilo ficou rígido. Ela o olhava nos olhos; seus lábios estavam molhados.

— Eu não sou um cara dos anos 1980... — disse ele, com rispidez. — Nem Mark. Ele é uma figura gentil dos anos 1960. E eu sou um babaca dos anos 1990.

Kimberly colocou a mão por trás do pescoço de Flash e puxou sua cabeça para baixo.



Num beco, nos fundos de um alto edifício da Park Avenue, Mark Meadows estava sentado com a cabeça entre os joelhos.

Quanto tempo havia durado aquele sonho? Abraçando-a, sentindo o gosto dela, vendo como seus olhos mudavam de cor e como ela jogava o cabelo, apertava e gemia...

Sentiu-se traído. Um voyeur. Um idiota.

Colocou as mãos no rosto e chorou.

Naquela noite, Mark ficou acordado e bebeu uma garrafa de vinho sozinho. Sprout se divertia com um brinquedo de montar. Kimberly não apareceu.

Eventualmente, Mark se sentou no novo piso branco de linóleo que ele e Durg haviam instalado e ajudaram Sprout a montar um avião com uma hélice que girava de verdade. Mas não saiu do chão.



— Estou pronta — disse ela.

Ele olhou-a como uma cobra olha os seus espectadores através do vidro de um zoológico. Sem interesse, sem sequer demonstrar que está vendo.

— Pronta para o quê, Sra. Gooding?

— Para fazer o que for necessário para ficar com ela.

Kimberly ficou ali, o corpo todo tenso, segurando o ar até que ele quase explodisse suas costelas, desafiando-o a perguntar o que a havia feito mudar de ideia.

Ele não lhe deu essa satisfação. Só fez que sim com a cabeça. E ela odiou a segurança dele, tanto quanto desesperadamente precisava disso.



No domingo, a campainha da porta da frente tocou bem quando o sol caía. Mark olhou pelo olho mágico por um longo momento antes de abrir.

Ela estava com os olhos arregalados. Estava enrubescida e parecia sem ar, como se este estivesse congelado. Usava uma bata larga e calça jeans.

— Quer dar um passeio? — perguntou a mulher.

— Quer dizer que depois do que aconteceu no outro dia você ainda acha que pode vir falar comigo?

Ela se afastou milimetricamente. Ficou então na ponta dos pés de sua sofisticada bota de cano baixo e lhe deu um beijo na bochecha.

— Claro que posso, Mark. O que acontece no tribunal deve ficar no tribunal. Vamos.

Ele não se lembraria depois sobre o que conversaram. Tudo o que lembrava era a sensação de que, apesar daquilo tudo, *nessa vez ela realmente poderia voltar*.

Viraram numa esquina e pararam. Duas motos da polícia estavam interrompendo o tráfego. No fim do quarteirão, um prédio soltava chamas pelo ar noturno. Havia carros de bombeiro na frente do edifício lançando jatos de água contra o incêndio. Ele viu a água pulsar em espasmos e parar.

Caminhou em direção ao fogo, desvencilhando-se da mão de Kimberly, que o segurava pela manga da camisa. Sentiu o calor das chamas em seu rosto. No fim

do quarteirão, um grupo de *skinheads* comemorava. Um deles voltava para se juntar aos outros novamente. Atrás dele vinha um oficial dos bombeiros, desajeitado por causa das botas. Mark ficou horrorizado ao perceber que o *skinhead* acabara de cortar a mangueira.

— O que aconteceu, cara? — perguntou ele para alguém.

— Alguém colocou fogo num apartamento antigo. Uma família de imigrantes chineses estava tentando começar uma oficina de costura no terceiro andar — disse, cuspiendo na calçada. — Os chinas pediram, se quer saber. Fizeram o preço do aluguel subir, transformando o imóvel em comercial. O proprietário está envolvido também, com certeza.

Uma fileira de policiais empurrou os *skinheads* para longe. Mark correu e se aproximou.

— Papai! — gritou Sprout.

Ela soltou a mão da mãe e foi atrás dele. Kimberly correu, tentando segurar seu braço.

Havia uma ambulância parada antes do incêndio. Ao lado dela, policiais tentavam impedir o acesso de uma família asiática à área. Um homem e uma mulher estavam brigando com policiais e bombeiros, gritando e gesticulando com seus braços dolorosamente finos. Um sujeito vestido com uma roupa à prova de fogo estava na ponta da escada; o caminhão tentava colocá-lo na posição correta para conseguir entrar por uma janela, mas as chamas o chicoteavam, fazendo-o recuar, apesar de sua vestimenta especial.

Vários outros homens usando a mesma roupa estavam sobre uma poça, na rua, sem os capacetes.

— Você precisa entrar — gritou um homem com o rosto corado que usava um distintivo de comandante no capacete. — Ainda tem uma menininha lá dentro.

— Isso é suicídio. O teto vai cair.

Mark estava mexendo no bolso da jaqueta. Kimberly alcançou Sprout alguns metros antes de a filha alcançar o pai.

— Mark! O que está acontecendo?

Ele balançou a cabeça, ignorando-a. Preto e prateado: não. Amarelo: inútil. Cinza: pior ainda. Na pressa, ele foi jogando os vidros no chão. Suas vidas caindo em arcos reluzentes e se quebrando no asfalto.

— Mark, o que você está fazendo?

Os últimos dois. Um azul e, graças a Deus, um laranja. Ele recolocou o vidro azul no bolso, pôs o conteúdo do laranja na boca e engoliu.

Kimberly o viu cambalear para trás. Então, ele se *transformou*. Seus familiares contornos desajeitados ficaram borrados, cambiaram e se condensaram. Ali, agora, estava um outro homem, com a aparência de um astro de cinema, um nariz semita e um sorriso diabólico. Usava um moletom vermelho sobre uma camiseta laranja.

J.J. Flash fez um gesto com um dedo cumprimentando Kimberly.

— Mais tarde, amorzinho. Toma conta da criança.

Ele saltou e voou.

O homem que estava na escada rezou umas Ave-Marias e se preparou para pular para dentro do prédio pela janela. Em sua mente, estava indo ao encontro da morte. Mas era melhor do que ouvir a garotinha chorando o resto da vida toda vez que fechasse os olhos.

Quando ele pulou, no entanto, alguma coisa o segurou pelo capuz, puxando-o de volta e recolocando-o na escada.

— Estou protegendo você de si mesmo, cara — disse o sujeito que flutuava ao lado. — Melhor deixar essa para os profissionais.

— Jumpin' Jack Flash! — soluçou o bombeiro.

O ás colocou um dedo ao lado do nariz.

— É gás — comentou, entrando como uma flecha no coração do incêndio.

J.J. Flash estava pegando fogo.

Mas sua pele não ficou queimada nem rachou. Seus olhos não derreteram. Seu cabelo nem ficou bagunçado. No meio daquele inferno, ele estava no paraíso. Na verdade, para ele, a sensação de estar em meio ao fogo era a mesma de estar numa banheira de hidromassagem, com duas carreiras de cocaína em cada narina e uma garota rebolando de fio dental pronta para fazer um teste de engolidora de espadas no circo. Aquilo era ótimo.

Ele ainda estava ouvindo a garotinha chorando.

— Onde você está, querida? — gritou.

Ela parecia não ouvir, só berrava, mas era o suficiente. Ele caminhou por um pequeno corredor que parecia ter fogo como papel de parede. Lançou, então, um chama tão quente sobre a parede que o inferno ao seu redor parecia frio. A parede

virou um pó amarelo incandescente.

Ela estava lá, sentada no único metro quadrado do edifício que não estava sob chamas; uma menininha de rabo de cavalo num pijama fumegante coberto de Yodas. Ele caminhou até ela, ajoelhou-se e sorriu.

E então o telhado caiu.

Até os bombeiros se assustaram com os estrondos e o jato de fagulhas que subiu com a coluna de fumaça.

— *Papai!* — gritou Sprout, lançando-se para a frente.

Um policial porto-riquenho de capacete segurou o braço da menina.

— Espera aí, mocinha. Seu pai vai ficar bem. — Mas sua expressão facial denunciava que estava mentindo.



J.J. Flash abraçava a menina e um elefante de pelúcia. Ele suspirou, sentindo as costelas relaxarem.

A menina ainda estava viva, aninhada em seu corpo. Ela não ter queimado os pulmões era um milagre. Flash olhou para cima. Uma parte do prédio ainda poderia desabar sobre eles. Apesar do fogo não machucá-lo, se fosse acertado por uma coluna, poderia morrer. E em breve a menina acabaria respirando aquele ar carbonizado que se juntava ao redor deles como adolescentes num show do de rock.

— Como diria o arcebispo Hooper — provocou ele, grunhindo. — *Mais fogo!* — Ele abraçou a menina e levantou voo.

As chamas tomaram conta de tudo, com um rugido alegre e ávido. J.J. Flash enfiou seu braço abaixo do local.

Não foi o fogo que quase matou o pobre diabo que tentava inutilmente apagar o incêndio com a mangueira do topo da escada. Foi um jato de gás incandescente, cimento e aço vaporizados, tão luminoso quanto o sol e só alguns graus mais frio. Por um instante, o inferno se reduziu a algumas centelhas isoladas.

Um homem saiu voando pelo canal que o jato havia criado. Tinha uma coroa de chamas ao redor dele e da garota que ele abraçava. As chamas eram absorvidas por seu corpo enquanto o homem-fogo pousava suavemente próximo à ansiosa família.

— Aqui está, senhora — disse J.J. Flash, entregando a menina à mãe. — Melhor deixar os médicos cuidarem dela primeiro.

Nesse momento, ele se virou procurando por Sprout em meio à multidão. Todos os alter egos de Mark compartilhavam do seu amor dominante e imperativo pela menina; era inevitável. Além disso, J.J. simplesmente gostava da criança.

— *Madre de Dios* — exclamou o policial porto-riquenho, olhando Flash.

Kimberly Gooding surgiu meio cambaleante. Sua cabeça girava, à procura de explicações. Então ela o viu, imaculado em seu casaco de pele de camelo, mais distante. Ele percebeu que tinha sido visto e fez um meneio de cabeça. Pela primeira vez desde que o havia conhecido, St. John Latham demonstrava algo similar a emoção, uma sensação de... triunfo.

Então se deu conta de que tinha sido uma peça no meio daquilo tudo. Kimberly colocou as mãos no rosto e enfiou, de modo devagar e deliberado, as unhas na pele até sangrar, pouco abaixo dos olhos.



— Sr. Latham — perguntou a juíza Conower, com a voz grave. — Onde está sua cliente?

— Está internada numa clínica privada de saúde mental.

— Qual o estado dela?

Latham fez uma pausa por uma fração de segundo.

— Muito fragilizada, Meritíssima.

— Decerto. Sr. Latham, Dr. Pretorius, por favor, aproximem-se.

O tribunal estava lotado, e Pretorius se esforçava ao máximo para não pensar em pão e circo. Ele olhou para Mark, que estava ao seu lado e usava um blazer sobre as ataduras que haviam sido colocadas no seu tronco. Fosse J.J. Flash ou Mark A. Meadows, as costelas quebradas eram as mesmas. Mark só tinha olhos para a filha, que estava sentada bem no meio, entre os oponentes, em frente à juíza.

— O tribunal se sente obrigado a considerar a Sra. Gooding claramente instável demais para receber a custódia de Sprout Meadows. — Pretorius prendeu a respiração. *Será?* A juíza continuou: — Por outro lado, o seu cliente é um ás. Talvez até vários, com comportamentos extremamente arriscados e

irresponsáveis. Além disso, parece que, apesar de ter testemunhado contrariamente, seu cliente ainda é usuário de drogas perigosas, considerando os testes preliminares recolhidos na rua, ontem, no local do incêndio. Na verdade, ao fim deste processo, o Dr. Meadows será encaminhado à Agência de Combate às Drogas.

“Tendo esses fatos em vista e em sã consciência, também não posso entregar-lhe a custódia da menina. Portanto, declaro que Sprout Meadows está sob a guarda do Estado e determino que seja levada a uma instituição de detenção juvenil até que consiga uma família adotiva.”

Pretorius bateu com a bengala no chão.

— Isso é uma monstruosidade! Você perguntou à menina o que ela deseja? Perguntou?

— Claro que não — disse Conower. — A decisão foi tomada com base nos conselhos de um especialista em bem-estar infantil. Ou o senhor esperava que eu fosse consultar uma menor de idade a respeito de uma questão tão importante, mesmo que a menor em questão seja... especial.

Sprout se levantou.

— Papai! *Papai, não deixa eles me levarem!*

Dando um grito grave, Mark pulou na mesa. Oficiais de justiça com marcas de suor embaixo dos braços pularam nele, puxando-o de volta. Dois homens de terno que estavam recostados na parede do fundo começaram a abrir caminho pelo público que lotava o tribunal. Mark conseguiu colocar uma das mãos no bolso do blazer. A mão saiu com algo que ele levou à boca.

— Parem-no! — gritou a juíza.

— É cianeto!

Outro oficial de justiça corpulento se jogou sobre ele. E *através* dele, chocando-se com a primeira fileira de pessoas, derrubando câmeras e espectadores, além de um refletor. Os outros dois oficiais que seguravam Mark bateram um no outro e rolaram no chão.

Um homem azul brilhante agora estava no lugar de Mark, sobre a mesa. Usava uma capa preta com capuz. Suas reentrâncias pareciam brilhar. Ele mostrou o dedo médio para o tribunal, se enrolou na capa e atravessou a mesa e o chão.



Dr. Pretorius colocou a garrafa de uísque Laiphroaig na mesa e mediu com o próprio olho o quanto havia bebido de uma só vez. *Mais ou menos um quarto*, pensou. *Por aí*. Empurrou a garrafa para Mark, que estava do outro lado.

— A gente fez merda — disse ele, enquanto o proeminente pomo-de--adão de Mark subia e descia.

— Não, doutor — respondeu o ás sem ar, limpando os lábios com o braço. — Não foi culpa sua.

— Porra nenhuma. Eu lhe disse para sair de cena; eu devia ter mantido a estratégia. Agora você é fugitivo e continua sem a menina... Desculpe, eu não precisava ter lembrado disso.

Mark balançou a cabeça.

— Na verdade, eu não tinha esquecido — lamentou, em voz baixa.

Pretorius suspirou.

— Sabe o que fizemos, Mark? Nós aceitamos um meio-termo. Você cortou o cabelo. Eu agi contra a vontade de um cliente porque achei que era para o seu próprio bem. Um hippie de meia-idade e um velho libertário: nós nos vendemos. E para quê? Para fazer essa merda toda.

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos. A porta se abriu, e Sibila Azul entrou e foi fazer uma massagem nos ombros de Mark com seus dedos azuis como gelo.

— O que você vai fazer agora, Mark? — perguntou.

Ele olhou pela janela para a escuridão que cobria o Bairro dos Curingas.

— Tenho que consegui-la de volta — disse. — Mas eu não sei como.

— Talvez eu possa ajudar, Mark. Faço o que for preciso, até mesmo sair de cena. — Ele pinçou a barriga. — Estou ficando mole. Tanto espiritual quanto fisicamente. Acho que ser fugitivo pode me fazer bem. E aqui nos Estados Unidos, este país “mais doce e mais gentil”, acho que é o que terei que fazer, mais cedo ou mais tarde.

Mark não respondeu nada. Só ficou olhando pela janela. Em algum lugar da cidade, além da ferida aberta que era o Bairro dos Curingas, sua filha chorava.



Você é Ninguém até que alguém o ame

Walton Simons

Jerry nunca tinha visto o Aces High tão vazio. Dois terços das mesas estavam vagas, e não havia ninguém que ele reconhecesse. Era uma quietude tensa, quase uma expectativa. Hiram não fora visto em lugar nenhum. Por sorte, isso não afetava o apetite de Jerry.

Ele tinha comido o camarão e as melhores partes de sua salada e estava pronto para traçar o bife. Jay Ackroyd, a quem Jerry tinha pagado, estava mastigando alegremente seu cordeiro, com pausas ocasionais para limpar um ou outro resto de molho do canto da boca com um guardanapo de seda.

— Você não está mais amarrado na Veronica? — perguntou Ackroyd.

— Não. Desisti dessas mulheres destrutivas; foi meu sacrifício da Quaresma. Estou esperançoso de que desta vez largarei esse hábito definitivamente. — Jerry cortou seu bife. Estava deliciosamente rosado e suculento. Olhou para ele por um momento, depois baixou o garfo e a faca e tomou um grande gole de vinho. — Além disso, não gosto mais dela. — Ele tinha ensaiado a mentira por semanas. — E o nosso outro amigo?

— Então... — Ackroyd puxou um arquivo de sua maleta e passou para Jerry. — Aqui está tudo que eu consegui encontrar sobre o Sr. David Butler. A maior parte é o histórico dele. É rico, estudou em boas escolas, é de boa família e tem um bom futuro. Também gosta de se aventurar, mas a maioria dos garotos ricos é assim. Frequenta muitas boates, e provavelmente é bissexual. Mas estamos em Nova York, não é?

Jerry pegou o arquivo e folheou.

— Sabe onde ele está agora?

— Não. — Ackroyd mastigou e engoliu. — Você está virando especialista em pessoas desaparecidas, não?

— Acho que sim. — Jerry não se deu ao trabalho de esconder que estava desapontado. Se não tivesse deixado Tachyon convencê-lo de ir à polícia, podia ter, ele mesmo, pegado David. — Algum palpite?

— Tem algo acontecendo em Ellis Island. Gangues de jovens, alguns curingas perigosos, talvez até algum ás escondido por lá. Eles estão chamando aquilo de Rox. Só adolescentes mesmo para pensar num nome desses. Deve ser um lugar seguro para alguém que está sendo procurado pela polícia, que não vai mais lá. — Jay segurou uma garçonne ao vê-la passar. — Veja se Hiram pode vir nos ver. Fala para ele que é o Jay. Ou então... Me diz que horas você sai. — Ele piscou para ela e lhe passou uma nota de dez.

— Parece que você acabou de receber seu salário — disse Jerry.

— Eu sou sempre assim — falou Jay. — Você está meio desanimado. Melhor ficar alegre, senão vou começar a contar minhas piadinhas ruins.

— Foi mal. Normalmente sou uma companhia melhor. Deve ser o tempo — contemporizou Jerry. Em parte, era verdade. Naquele fim de inverno, o céu tinha ficado cinza por dias a fio. O sol sempre fazia o mundo parecer melhor. Sem ele, mesmo as coisas boas deixavam a desejar. — É só isso?

— Claro que não. Estou trabalhando nesse arquivo há semanas. Uma coisa interessante que descobri é que, em vários casos de saltadores, David Butler sempre tem um bom álibi.

— Isso significa o quê?

Ackroyd parou por um segundo, como que esperando que Jerry respondesse à sua própria pergunta.

— Tem mais de um saltador. Ninguém sabe quantos são.

— Ótimo — disse Jerry. — É exatamente disso que o mundo precisa.

— Tem alguma outra coisa incomodando você? — Ackroyd coçou o queixo. Jerry estava em silêncio. — Vou mandar uma piadinha ruim, hein.

— Está bem. As coisas estão meio tensas em casa. Eu moro com meu irmão e minha cunhada, você sabe. Kenneth parece não gostar que eu passe muito tempo com a mulher dele, mesmo que ele esteja sempre ocupado demais para lhe dar atenção. — Jerry deu de ombros. — Ela não está interessada em mim. Duvido que sairia comigo mesmo que eu fosse o último homem da Terra.

Ackroyd ficou quieto por um momento.

— Vamos esperar que o sol saia logo em breve. Enquanto isso, você pode pensar em morar sozinho. Pode melhorar sua situação. É só uma sugestão.

— Beleza.

Jerry olhou para o outro lado. Hiram saiu do escritório e passou pelas mesas na direção deles. Como sempre, seu terno cor de grafite estava primorosamente ajustado, mas o homem dentro dele não parecia tão bem. Tinha linhas profundas no rosto, especialmente em torno dos olhos.

— Hiram — disse Jay. — Senta aqui com a gente. Come uma sobremesa e toma um drinque. Já estamos enchendo o saco um do outro.

Hiram deu um sorriso tímido e olhou em volta; sua cabeça se movia rápida e desajeitadamente.

— Obrigado... Mesmo... Mas, não. Tenho que botar muita coisa em dia, com tudo o que vem acontecendo. — Ele fez uma pausa. — E talvez não seja uma boa ideia ser visto comigo agora. Vão ser incriminados só por ficarem perto de mim.

— Não estamos preocupados com isso — afirmou Jay. — Na verdade...

Houve um estrondo na cozinha, cuja porta cuspiu fogo. Jerry foi arremessado de sua cadeira e bateu na mesa ao lado. Seu cotovelo se chocou contra uma das pernas do móvel, e uma dor intensa percorreu seu braço. Um turbilhão de fumaça se alastrou pelo salão.

Jerry fez força para se levantar. Jay e Hiram já estavam indo em direção à cozinha. Os clientes que conseguiam se colocar de pé estavam se arrastando para fora do restaurante. Os feridos gemiam e gritavam. Jerry ouviu o barulho de extintores de incêndio na cozinha.

— Liguem os exaustores — ordenou Hiram.

Ele abriu caminho para a cozinha. Jay estava logo atrás dele. Jerry o seguia lentamente, tossindo por causa da fumaça. Atravessou o restaurante e colocou a cabeça para dentro da cozinha. Uma das portas vaivém havia sido arrancada das dobradiças. Hiram estava ajoelhado segurando a cabeça da pessoa.

— Sinto muito — disse o ás. — Sinto muito mesmo.

Jay levantou o amigo.

— Hiram, liga para o Tachyon. Diga que estamos mandando muitos feridos para ele. Faça isso agora.

Hiram assentiu e saiu da cozinha. Jerry deu um passo atrás. Ele pôde ver a dor e a raiva nos olhos de Hiram. Aquilo fez seu sofrimento em relação a Veronica parecer egoísta. Jerry entrou na cozinha.

— Tem algo que eu possa fazer? — perguntou ele a Jay.

— Não, a não ser que seja médico. — Jay apontou o dedo. Houve um estalo. Um homem que gemia desapareceu. Houve mais dois estalos. Jay se ajoelhou perto do último corpo no aposento e balançou a cabeça. — É muito tarde para este aqui.

— Se os outros conseguirem, será por sua causa — disse Jerry.

— Mais por causa do Tachyon — corrigiu Jay, enxugando seus olhos. — Mas você tem que fazer tudo que pode. Não há desculpa para fazer menos.

— Não — disse Jerry, pensando em David. — Não há desculpa mesmo.



Ele podia ter pedido a Kenneth para levar a pasta sobre David para casa, mas isso poderia alertar o irmão sobre suas intenções. Além disso, o arquivo provavelmente estava no escritório de St. John. A Latham, Strauss selecionava bem quem contratava; com sorte haveria alguma pista sobre o paradeiro de David. Poderia ser um ponto de partida.

Abrir a porta do escritório de Latham tinha sido mais difícil do que a do Tenente King, e seu osso do dedo furara a pele dolorosamente. Jerry provou uma gota salgada de sangue e entrou. Ele acendeu o abajur da mesa. A lâmpada fluorescente crepitou e uma luz esverdeada cobriu o móvel. Olhou para o escritório mal-iluminado. Estava opressivamente limpo e sem graça. Sem plantas, sem fotografias pessoais, sem desordem, nada que lhe desse qualquer vida. Jerry tentou as gavetas da mesa, mas estavam trancadas. Ele imaginou que o que ele queria estaria no arquivo, mas a chave provavelmente estaria na mesa.

Jerry atravessou a sala até o armário de arquivos, e então soprou as mãos. O aquecimento estava muito fraco, e mesmo com os vidros duplos, o ar frio ainda entrava. As gavetas estavam trancadas também. Jerry não queria rasgar todos os dedos, mas parecia a única maneira de achar alguma coisa.

De repente, ouviu um barulho e ficou imóvel. Sabia que era uma possibilidade, mas havia confiado na sorte. Após um momento de hesitação,

transformou-se para parecer Latham. *Frio e impessoal*, pensou, tentando fazer com que todo e qualquer sentimento morresse dentro dele. Respirou fundo, apagou o abajur e andou em direção à porta. Se fosse qualquer um que não Latham, tudo daria certo.

Ela o encontrou na porta. Vestia um tomara que caia azul justo. Seu cabelo, cuidadosamente penteado, descia-lhe pelos ombros. Estava tão cheirosa quanto bonita. Depois de um instante, Jerry a reconheceu. Fantasia, ou Asta Lenser. Ela definitivamente não era de se jogar fora. Estava mais para Myrna Loy, na verdade.

Ele quebrou o silêncio, tossindo.

— Como posso ajudá-la?

Ela suspirou. Jerry pensou ter sentido cheiro de vinho em seu hálito. Suas pupilas estavam tão dilatadas que ele não conseguia discernir a cor dos olhos.

— Só estou procurando companhia. Ouvi boatos de que você tem estado, digamos, mais aberto às tentações da carne.

Jerry tentou não parecer empolgado. Além de não ser pego, ele provavelmente ainda iria transar. Mesmo assim, teve que permanecer calmo, ou ela descobriria que não era o verdadeiro Latham.

— Isso até seria possível, mas usar minha casa está fora de questão.

Ela entrelaçou os dedos em sua gravata, enrolando-a graciosamente, e o puxou para a porta do escritório.

— Adoro quando esses boatos sórdidos são verdadeiros.

A cobertura dela era enorme, com pé-direito alto e decoração moderna e cara. Havia menos preto e prata num carro esportivo do que em sua sala de estar. Ela apagou as luzes e tirou os sapatos.

— Vamos ver agora, conselheiro. Quarto número um, dois ou três para você?

— Fantasia colocou um dedo em seus lábios vermelhos por um momento. — Não. Não me diga. Quarto número três. Meus instintos nunca erram.

— Tenho certeza de que será prazeroso.

Jerry estava tendo problemas para se manter no personagem. Ele queria chegar logo ao sexo para que não tivesse mais que conversar.

Fantasia foi caminhando sensualmente até a porta do quarto, então ergueu o queixo e entrou. Jerry tirou o casaco e o jogou na cadeira mais próxima, depois a seguiu. Ela estava de pé ao lado de uma cama grande, tirando o vestido pela

cabeça. Tudo o que usava por baixo era uma calcinha de cetim preto com lacinhas nas laterais. Ela desfez os laços com um toque dramático e deixou a calcinha cair no chão. Então deu uma meia-volta para que ele pudesse vê-la por trás.

Jerry apenas olhou fixamente. O corpo dela era impecável, pelo menos nenhuma imperfeição apareceu à meia-luz. Seus seios eram pequenos, mas ele preferia assim.

— Você tem um corpo todo lindo.

Ela caminhou até ele e começou a desabotoar sua camisa.

— Você sabe, se Kien descobrir sobre isso, nós dois estamos perdidos.

— É mesmo? — Jerry não sabia quem era Kien e, francamente, não se importava. Se alguém os visse, o problema seria de Latham. Agora ele estava decidindo que tamanho fazer seu pênis. Asta abriu o cinto e começou a deslizar as calças para baixo. Rapidamente ele decidiu fazer em si mesmo um modelo de revista pornô. Ela abriu uma cápsula debaixo do nariz dele quando os dois se sentaram, nus, na cama. Jerry virou a cabeça para cima. Seu nariz doeu por um segundo, mas, depois, tudo ficou bem.

— Na verdade, Kien não faria nada com você agora. Ele está muito interessado nas fãs adolescentes.

Jerry imaginou que isso poderia ter algo a ver com David, então arquivou a informação para usar no futuro. Ela encostou a boca na dele. Jerry zumbia de prazer e tudo o que queria fazer era foder. Ela abriu a boca e passou a língua sobre e ao redor da dele. Jerry se deitou e a puxou contra si, passando as mãos sobre sua pele macia. Não sentiu qualquer imperfeição.

Seus beijos eram intensos e agressivos. Ela passou os dedos pelo peito e pela barriga dele, tocando-o delicadamente e, às vezes, cravando-lhe levemente as unhas. Colocou a mão entre suas pernas e passou as unhas na parte de baixo de seu pênis. Apesar do tamanho, Jerry não teve problemas em deixá-lo duro. Ela percorreu os pelos pubianos dele, enrolando-os levemente aqui e ali.

Beliscou a ponta de seu pênis, quase o suficiente para machucá-lo.

— Meu Deus — disse ele.

— Conselheiro, não sabia que você era religioso. — Ela pegou a mão dele e a beijou. — Você tem um toque leve e gostoso, mas imaginei algo mais íntimo. Alguma objeção? — Silêncio. — Já posso chamar minha primeira testemunha.

Asta ficou de pé, com as pernas abertas acima do rosto dele, de frente para

seus pés, e se agachou sobre a sua boca. O cheiro dela exalava o perfume caro que sem dúvida havia colocado na parte interna das coxas. Ele correu a língua para cima e para baixo, separando seus grandes lábios já úmidos. Colocou a língua dentro dela o máximo que pôde; com seu poder, isso significava até o fim.

Fantasia suspirou e olhou para ele. Era a expressão mais sinceramente hedonista que ele já tinha visto.

— Sei que a maior arma do advogado é a boca — comentou ela. — Só não sabia o quão perigoso isso podia ser.

— A maior arma do advogado é a vontade de não perder — corrigiu Jerry. O que quer que ela tivesse colocado em seu nariz estava funcionando, e ele se sentiu poderoso e sob controle.

— Esta é para os vencedores — disse Asta, jogando os cabelos para trás e voltando a se abaixar sobre a boca dele.

Jerry passou levemente a língua por ela, apontou-a e empurrou novamente. Fantasia respirou pesadamente por vários momentos. Em seguida, inclinou-se para a frente e o colocou na boca. O prazer inundou Jerry. Veronica tinha muita técnica no sexo oral, mas não o entusiasmo que Asta havia demonstrado em apenas alguns movimentos. Jerry soltou o ar devagar e colocou a língua no piloto automático. Ela deu uma risada abafada. Não tinha como ficar melhor.



Ele estava quase terminando de ver *À beira do abismo* e de beber sua garrafa de Schnapps de hortelã quando ouviu uma batida na porta.

— Entra — disse ele, parando o filme.

Beth se sentou ao lado dele, censurando a garrafa com o olhar.

— Estou deprimido, então estou bebendo — explicou Jerry. — É uma tradição consagrada pelo tempo.

— Por que você está deprimido?

Jerry pensou por um momento, então contou tudo a ela. Sobre Veronica, sobre o retorno de sua habilidade de carta selvagem e sobre a noite com Fantasia. Omitiu suas suspeitas quanto a David. Ela provavelmente acabaria interpretando como ciúme. Beth ficou o tempo todo com a mão no queixo.

— Sabe o que é engraçado? O sexo com Asta foi o melhor que já tive, talvez

o melhor que vou ter, e isso me deprime. Você sabe por quê? Porque não era para mim. Era para Latham, e eu era apenas um substituto. Ninguém nunca vai querer foder comigo daquele jeito.

— Talvez. Talvez, não. — Beth balançou a cabeça. — Faz muita diferença?

— Claro que faz. Como se mede sucesso hoje em dia? Para os homens, é quanto dinheiro você faz e quantas mulheres querem transar com você. Eu já sou rico, a única área em que posso melhorar é com as mulheres.

— Porra, Jerry, você não precisa seguir essa merda. É você que decide o que é ou não é uma vida útil e feliz. Não deixe que as propagandas ou qualquer outra pessoa definam isso pra você.

Jerry se afastou dela.

— É fácil para você dizer. Você é casada e feliz. Você tem o que quer.

— Sim, porque sei o que eu quero e trabalhei muito para conseguir. Ninguém fez isso por mim.

— Então eu sou preguiçoso, é isso? — Jerry se virou para a TV.

— Você não é preguiçoso, mas é como se tivesse a inteligência emocional de uma criança de 6 anos. Você não enxerga os sentimentos ou necessidades de ninguém, só os seus próprios. E nunca vai se dar bem com as mulheres, pelo menos não enquanto achar que elas são só uma coisa que você pode usar. — Beth fez uma pausa. — Isso me faz pensar sobre o que sente por mim.

— Também estou me perguntando isso agora. — Jerry se virou e olhou para ela. Ele podia ver a dor em seus olhos. A fronteira havia sido cruzada, talvez ele pudesse fazer a oportunidade valer a pena. — Conte todos os meus segredos para você, e tudo o que está fazendo é me criticar. Por que não me deixa sozinho? Vai chupar o pau do Kenneth.

Beth saiu do quarto devagar e fechou a porta silenciosamente atrás dela.

— Sinto muito — disse Jerry, quando teve certeza de que ela não poderia mais ouvir. Tomou outro gole de Schnapps. Bogart não teria feito aquilo. — Meu Deus, ainda por cima estou virando um babaca.

Ele continuou o filme no videocassete. Esperava que Bogie e Baby dissessem o contrário, mas só tinham olhos um para o outro.



Jerry carregou uma pilha de caixas para a van. O ar estava frio e úmido. Faltava pouco para a Páscoa. Ele pensou em comemorar arrancando as cabeças dos coelhos de chocolate com a boca. Mas quem está triste sempre quer estar com alguém... Olhou para a janela do segundo andar, o quarto de Kenneth e Beth. Ela o observou por um instante, depois se virou. Aquele gesto foi doloroso. Jerry sentiu como se algo dentro dele tivesse acabado de morrer.

Kenneth saiu carregando um par de malas. Colocou-as cuidadosamente na parte de trás da van e fechou as portas.

— Você não quer fazer isso de verdade — disse Kenneth. — Tente se redimir. Peça desculpa a Beth, e ela também vai ceder um pouco. Confie em mim, estou falando por experiência.

Jerry olhou com firmeza para o irmão.

— Sabe, minha principal razão para sair é que vocês dois acham que sou muito burro para lidar com a minha própria vida. Isso fica um pouco cansativo depois de um tempo.

— Burro e orgulhoso de ser burro. Isso é o que você é — concluiu Kenneth com raiva, afastando-se. — Faça o que tiver que fazer, então.

Jerry entrou na van e virou a chave. O motor fez um barulho estrondoso e ligou. Eles se arrependeriam muito em breve. Jerry já sabia como se certificar disso.



A névoa que pairava sobre a água filtrava a luz do amanhecer. Jerry se sentou ao volante da lancha, tentando descobrir como ligar o motor. A arma que ele havia tirado do Garça Imaculada estava no bolso. Fez o possível para limpá-la. Não queria que explodisse em sua mão. David se encontrava em Ellis Island, a Rox, e Jerry estava disposto a arriscar a própria vida. Ele iria para a ilha e atiraria em David, morrendo como um herói. Havia um bilhete no seu apartamento explicando tudo, que ele esperava que fosse Beth quem encontrasse.

Jerry ligou o motor. A fumaça subiu borbulhando na popa do barco. Ele soltou as amarras e recuou cuidadosamente. Tinha alugado o barco, afinal não via sentido em comprar um — era uma viagem só de ida mesmo. Assim que saiu das docas, Jerry inverteu a direção do motor e começou a ir para a frente. Girou o volante e apertou o acelerador. O barco de 18 pés saltou pelas ondas em direção

a Ellis Island. Um respingo de água fria lhe salpicou o rosto. Jerry arrependeu-se de não ter tomado um remédio para enjoo. Seu estômago não estava muito bom. Mas isso geralmente acontecia quando sentia medo. Ainda assim, encontrar David tinha que ser mais fácil do que encontrar Beth. Pelo menos, com David, ele tinha chance de ganhar.

Um rebocador o ultrapassou. Jerry seguiu seu rastro em alta velocidade e quicou no assento. Bateu a boca no painel e abriu o lábio.

— Merda — disse. — Será que eu não consigo fazer nada direito? — Ele apontou o nariz da lancha para Ellis Island e apertou o acelerador até o fundo.

A quase um quilômetro da ilha, seu estômago ficou embrulhado e ele sentiu o café da manhã subir pela garganta. Jerry se inclinou e pôs a mão na boca. Seu cérebro faiscou.

O céu parecia mudar de cor, de azul para verde, de verde para roxo. Sentiu como se martelos de ferro estivessem batendo em sua carne. Um espasmo frio no intestino o fez cair. O volante girou para fora de seu alcance e um ruído branco sibilou nos ouvidos. Esticou o braço até alcançar o acelerador e o puxou para trás. Depois, apagou.

Havia um barco da patrulha do porto ao lado do dele quando acordou. Um homem vestindo um poncho amarelo checava seus pulsos. Jerry se sentou lentamente, com os ouvidos zunindo.

— Você está bem? — perguntou o homem.

— Já estive melhor, mas pelo menos estou vivo.

Jerry olhou por cima do ombro. Ele tinha se afastado de Ellis Island.

— Você estava indo para Ellis? Está tudo uma confusão por lá. — O homem sacudiu a cabeça. — Você é louco?

— Não. Sou só um entusiasta. — Era uma referência a *King Kong*, mas ele não sabia se o homem havia entendido.

— Quer que reboque você de volta?

— Sim, obrigado — pediu Jerry. — Se não se importar.

Aquilo obviamente tinha sido uma má ideia, mas é fácil dizer isso depois do fato acontecido.



Os instintos de Jerry o diziam para apostar na cobertura de Latham. Não havia uma lógica especial nisso, mas bons detetives sempre confiam na sua intuição. Pelo menos era o que ele tinha lido e visto nos filmes. Dessa vez, tinha razão.

Um carro parou pouco antes da meia-noite e um jovem saiu. Jerry o reconheceu imediatamente. David tinha um andar arrogante que não mudava nem quando estava sendo procurado. Latham o recebeu na porta. Eles se abraçaram. St. John falava enquanto David ouvia e assentia. A conversa foi breve. Jerry não tinha certeza, mas achou ter visto os dois se beijando rapidamente antes de David descer os degraus caminhando de volta para o carro.

Jerry seguiu David até o Central Park. Ele sabia que era perigoso andar no parque à noite. Mesmo antes, quando era um gorila gigante, isso já era uma má ideia. David estava a cerca de vinte metros à frente dele e andava rápido.

Do outro lado de uma colina arborizada estava o zoológico do Central Park, no qual havia sido a atração principal por mais de vinte anos. Talvez, se ainda fosse um gorila gigante, fosse capaz de pegar David. Em sua forma atual, teria que contar com suas habilidades com uma arma roubada e um pouco de sorte.

Um vento frio arrepiou o cabelo da sua nuca, fazendo-lhe cócegas. Ele tinha conferido a si mesmo uma aparência de durão, colocando cicatrizes no rosto. Jerry sabia que poderia morrer, mas, nesse momento, não havia nada mais em sua vida. Se pudesse fazer algo de bom para o mundo, talvez as pessoas não se lembrassem dele de forma muito ruim. Beth, especialmente.

David saiu do caminho e se embrenhou pelas árvores.

Jerry passou a caminhar devagar, olhando para as sombras em busca de algum sinal de movimento. Quando chegou ao ponto em que David havia desaparecido, parou e andou silenciosamente na direção das árvores. Saiu do caminho num ângulo reto, movimentando-se com cuidado para não fazer barulho. Uma lata de cerveja vazia brilhava ao luar não muito adiante. Jerry deu mais alguns passos e se viu às margens de uma pequena clareira. Colocou a mão dentro do casaco para se certificar de que a arma ainda estava lá. Um braço o pegou por trás, pressionando com força sua traqueia. Ele também sentiu um antebraço contra a nuca. A arma do coldre que tinha no ombro foi arrancada. Ele puxou o ar com força, mas quase nada chegou aos seus pulmões.

— O que temos aqui? — perguntou David, aparecendo na frente de Jerry, que reconheceu a voz dele.

Não havia muita luz e sua visão estava embaçada. Jerry tentou responder, mas

só conseguiu emitir um silvo engasgado.

— Que tal afundar esse cara na lagoa? — sugeriu uma voz jovem e feminina.

— Pode ser que não seja necessário, Molly — disse David, aproximando-se de Jerry. — Nós vamos soltar você por um segundo e você vai me dizer por que estava me seguindo. — David levantou a arma. — E me seguindo com isto, ainda por cima.

Os braços soltaram o pescoço de Jerry, e ele caiu de joelhos, ofegante. Uma simples mentira provavelmente era a melhor opção. Não que importasse.

— Eu... só queria seu... dinheiro.

Vários rapazes riram. David sacudiu a cabeça.

— Você pretendia me roubar? Que babaca de merda, hein. Você não sabe com quem está lidando, rapazinho.

A voz de David era fria, mas ele parecia estranhamente bonito sob aquela luz. Jerry imaginou que era o último rosto que veria.

— Mata logo ele — disse uma rouca voz de mulher. — Eu quebro o pescoço dele, se você não quiser que ninguém suspeite de nada.

Um instante longo e silencioso se passou.

— Acho que não — decretou David. — Ele é muito ralé, não seria divertido. — Pegou o rosto de Jerry com as mãos. — Olha para mim, ladrãozinho. Para você lembrar do meu rosto. Eu vou ser famoso logo. As pessoas vão ter medo de mim. A sua insignificância foi sua salvação hoje. Trata de encontrar um buraco e se enfiar dentro dele. Se qualquer um de nós vir você novamente, você está morto. Entendeu?

Jerry fez que sim com a cabeça. Estava nauseado. Talvez o estivessem apenas enrolando para depois matá-lo de qualquer forma. David tirou a munição da arma de Jerry e o jogou no meio das árvores. Em seguida, bateu com o cabo da arma na cabeça dele, que caiu no chão, com a testa latejando de dor.

— Aqui está sua arma, ladrãozinho — zombou David.

Jerry sentiu a terra em suas costas. Ouviu David e os outros irem embora. Por um momento, ficou deitado ali, ofegante. Depois se esforçou para se sentar e tirou uma folha da boca. Quase morreu. Podia ter morrido. Talvez devesse ter morrido. De repente, morrer como herói não tinha mais apelo. Ele pegou a arma, a recolocou no coldre e cambaleou na direção oposta que David e seus amigos tinham ido. Se sua vida fosse um filme, o roteiro precisava ser reescrito.



Dezesseis velinhas

Stephen Leigh

A três quarteirões de distância do Museu Popular Carta Selvagem, o sino da Igreja de Jesus Cristo Curinga bateu meia-noite.

— Parabéns para nós. Parabéns para nós. Parabéns, querido Estranheza, parabéns para nós!

A voz era desafinada e rachada.

— Olha o presente que eu trouxe para nós — disse a voz.

A máscara de esgrima criava uma certa distância do pesado revólver calibre 38 pousado na mão de Estranheza. Pontos de luz do diorama do Jetboy brilhavam ao longo do cano da arma e refletiam caoticamente na malha de aço da máscara. Como num espectroscópio barato, a interferência separava o desagradável brilho em cores pálidas e fracas.

Evan podia olhar para a arma e fingir que era só uma fantasia, ou algo que viu na TV. Ele quase conseguia imaginar que era outra pessoa que a estava levantando.

Dezesseis anos. Dezesseis anos de dor nessa monstruosidade de corpo, pensou Evan com sua voz interior.

Evan, não faça isso. Era a voz de Patti. Ela era Subdominante por ora. A eterna dor de Estranheza, naquele momento, para ela, era um pouco mais suave. Estou pedindo para você largar a posição. Eu fico com Estranheza para você até que o John esteja pronto para assumir. Você vira Passivo e descansa.

Evan a ignorou. Lá embaixo, ela conseguia ouvir John, a terceira personalidade do trio que compunha Estranheza. John estava na posição de

Passivo, nas profundezas daquela mente bizarramente costurada, onde a agonia de Estranheza era uma distante marola. A personalidade passiva conseguia ouvir, mas não falar. O Passivo podia compartilhar sua torrente de pensamentos com os demais ou bloqueá-las deles; os outros podiam ouvir ou não, se quisessem. O fato de John não fazer esforço algum para esconder seus sentimentos falava mais alto do que qualquer pensamento dos outros.

... maldito filho da puta que não aguenta dor diferente de mim não tem a mínima coragem todo sensível e artístico Patti pode gostar mas eu estou cansado dessa reclamação toda sobre a dor dói pra todos nós não só para ele se não consegue enxergar o poder que temos juntos...

Não, John, disse Evan a John lá embaixo. Não enxergo esse poder, e eu não estou nem aí. Quero ficar sozinho. Sozinho. Eu amo vocês dois, mas ficar trancado aqui...

Evan interrompeu. Estranheza estava chorando por causa das correntes emocionais inferiores. Evan levantou o braço esquerdo de Estranheza. Era quase todo de John, embora o dedo mindinho parecesse o de Patti e o dedão tivesse a cor de café com leite de Evan. A mão resistiu a ele. Patti tentava retirá-lo da posição de Dominante e tomar conta do corpo. Evan concentrou sua vontade. A mão se levantou e jogou para trás o capuz pesado de Estranheza, que gemeu, os dedos dobrados dolorosamente, com tendões cruzados e excessivamente esticados, levantando em seguida a máscara de esgrima.

O ar condicionado tocou seu rosto com a suavidade de uma pluma, mas ele sentiu dor, como sentia com tudo. O frescor lhe pareceu água gelada num dente careado. Sem a máscara, o revólver na outra mão de Estranheza parecia muito visível, ao mesmo tempo sinistro e atraente. Tinha cheiro de óleo, pólvora e violência.



Três horas depois de fechar, o museu do Bairro dos Curingas estava em silêncio, exceto pelo que se passava na cabeça de Estranheza, e escuro, a não ser em frente ao diorama do Jetboy, pontilhado por holofotes com gelatinas de cores diferentes. Na cena, Jetboy estava no meio de uma luta. Evan havia feito a maior parte do trabalho com cera da exposição, aproveitando as poucas horas em que era o Dominante e nas quais as duas mãos de Estranheza eram suas. Apesar de Patti e

John insistirem que era tudo psicológico, Evan não conseguia trabalhar com as mãos dos outros dois. Não tinham a sensibilidade necessária.

Eram raros os momentos em que Evan quase conseguia ignorar por completo a transformação contínua de Estranheza na qual partes e pedaços dos três corpos unidos iam e voltavam. Ele quase acreditava que era uma pessoa só de novo.

Só, Patti ecoou, solidariamente. *Eu sei, Evan. Nós todos preferiríamos que fosse assim, mas não tem como.*

Evan abriu a boca de Estranheza. Os lábios eram finos e ásperos: os de John. Evan colocou o cano do calibre 38 na boca de John e fez com que ela se fechasse. O metal polido da arma tinha um sabor forte.

Evan ficou imaginando qual seria a sensação de apertar o gatilho.

— Estranheza-Evan...

A voz era suave e vinha de trás de Estranheza. Evan a ignorou e se esforçou para curvar o dedo médio de Estranheza ao redor do dedo indicador. Ele só precisaria de uma pequena fração da força total de Estranheza. Só uma mínima parcela. Com um movimento sutil, Evan encontraria o fim e a solidão.

Evan, eu amo você. Não importa o que aconteça, lembre-se disso. Eu amo você; John, também.

— Evan, acho que essa arma aí é minha. Eu comprei para podermos nos proteger, não para isso.

... não consegue nem puxar o gatilho, não consegue nem fazer a única coisa que ele realmente quer fazer...

Evan chorou de soluçar. A boca de Estranheza se abriu. A mão que segurava a arma caiu para o lado do seu enorme corpo.

Estranheza se virou e ficou de frente para Charles Dutton, na arcada do salão onde o Jetboy estava. Evan sabia o que Estranheza estava vendo: as bochechas deformadas, a colcha de retalhos e o rosto *encaroçado* que era parte Evan, parte Patti e parte John. A pele se movia como um tecido sobre uma massa de larvas alvoroçadas. Seu rosto mudava mesmo enquanto ele se olhava; porções dele emergiam e derretiam em meio à pele pastosa e flácida. O único elemento que dava unidade à criatura era o fato de que absolutamente todas aquelas partes entrecortadas e sobrepostas eram retorcidas e esticadas e sofriam com a tortura daquela constante e vagarosa transformação.

Dutton nem piscou. Também tinha que ver sua própria cara no espelho todo

dia.

— Dutton — grunhiu Estranheza. Até a voz era áspera e rachada, como a de um monstro de um filme tosco. — Dói tanto.

Evan sentia que as bochechas disformes da criatura estavam molhadas. A mão esquerda (totalmente de Patti agora) se levantou e secou as lágrimas.

— Eu sei — disse o dono do museu. — Eu sei e entendo. Mas não acredito que você realmente ache que essa é a solução. Será que você poderia devolver a minha arma?

O cadavérico curinga estendeu a mão.

Estranheza olhou para a arma mais uma vez. Evan hesitou, mexendo com o controle dos poderosos músculos que não paravam de mudar. Ainda poderia levantar a arma, apontá-la para a horrível e deformada têmpera da criatura e apertar o gatilho. Ele poderia. Patti tentou forçá-lo a entregar o revólver para Dutton. Evan continuou segurando-o. Dutton deu de ombros.

— Vi o diorama de Atlanta hoje — comentou ele. — Um trabalho excelente, especialmente o que você fez com o Hartmann. Gostei das mãos até mais que do rosto, o modo que os dedos seguraram o pódio apesar de toda a carnificina atrás dele. Esse detalhe dá uma tensão para a cena como um todo.

A mão que era de Patti teve um espasmo involuntário. Um cotovelo rasgou o peito de Estranheza, lacerando músculos e tocando a frente da capa antes de imergir novamente.

— Eles quebraram o cara — declarou lentamente a voz de Estranheza num rangido. — Conspiraram contra ele. Não foi culpa do senador. Ele queria ajudar. Ele se importava, mas era... frágil, e sabiam disso. Fizeram o que puderam para quebrá-lo.

— Quem, Evan?

— *Não sei!* — O braço musculoso de Estranheza fez um movimento amplo. Dutton deu um pequeno passo para trás. O impacto daquela mão podia matar. — Barnett, talvez. Aquele traidor do Tachyon, com certeza.

— Talvez uma conspiração organizada pelos direitistas que odeiam os curingas. Não sei. Mas foram eles que derrubaram o senador.

A arma tocou a coxa de Estranheza de novo. Dutton viu.

— Não tem nada além de dor, Dutton — continuou Evan. — A vida de todo curinga é uma escuridão infinita e amarga. O Bairro dos Curingas sangra

constantemente, e não tem nada nem ninguém que possa curar essas feridas. Eu... Nós... odiamos isso.

— Você é um dos poucos que fez algo de bom, Evan. Você, Patti e John.

Estranheza deu uma risada curta e irônica.

— É. Fizemos *muita* coisa boa. — O cano da arma reluziu quando Estranheza começou a levantá-la novamente, baixando-a depois mais uma vez.

— A Patti e o John também querem isso?

Estranheza bufou, fazendo uma massa de muco sair de uma de suas narinas e cair sobre sua bochecha.

— John é um mártir. É como se ele quase tivesse prazer com o fato de Estranheza sofrer, porque isso nos torna uma figura nobre. Grande merda. E Patti... — A voz amaciou, e a boca quase pareceu sorrir por um momento. — A Patti tem muita fé. Talvez Tachyon um dia encontre uma cura enquanto sabota os curingas que ele diz amar. Talvez o vírus entre em remissão. Talvez haja uma segunda epidemia, como a de Croyd, que nos separe.

Estranheza pareceu rir, mas, pelo som, não estava se divertindo. A arma bateu no tecido pesado que cobria a coxa dele.

— É tudo uma grande besteira, Dutton. Sabe qual é o problema? Não existe final feliz no Bairro dos Curingas. Nenhum sequer.

Estranheza estremeceu. A enorme e deformada criatura colocou o capuz sobre a cabeça antes de se abaixar para pegar a máscara de esgrima. Colocou-a de volta no rosto e olhou para o diorama do Jetboy.

— Tudo começou aqui. Era para os *heróis* vencerem. Que vergonha. Que vergonha terrível.

Estranheza percebeu a presença da arma mais uma vez. Sua mão ergueu-se e ele a colocou contra a máscara de esgrima.

— Não terminei a estátua de Hartmann — disse Evan.

— Ele pode esperar. Uma fonte entrou em contato comigo para dizer que tem a roupa que Carnifex usou naquela noite. Isso se eu puder comprar... — Dutton deu de ombros.

— Você é um sádico, Dutton.

Dutton quase sorriu.

— O público também.

— Sádico e cínico — completou Estranheza, com a voz mais aguda e menos rouca.

A mão que segurava a arma tremeu e apontou a coronha para a frente.

— Charles...

Dutton a pegou com sua mão magra e a colocou no bolso do paletó.

— Obrigado, Patti — disse. — Onde está o Evan?

— Passivo — respondeu Estranheza. — Vamos deixá-lo lá por alguns dias, se pudermos. Ele está cansado, Charles, muito cansado. — Arcos se formaram nas costas de Estranheza e um gemido suave soou por detrás da máscara. Estranheza suspirou. — *Todos* estamos cansados. Mas obrigado por escutar e ajudar.

— Não queria perder meu artista.

Estranheza deu uma risada seca e rouca.

— Eu sei. E acho que está na hora de ir. Evan provavelmente não volta por um tempo.

Sombras passaram pela capa preta quando Estranheza se virava para ir embora.

— Patti?

A malha de aço brilhou; a cabeça se virou para Dutton, mas ficaram em silêncio. Estranheza fez um movimento súbito para ir embora. Dutton ficou olhando enquanto ela/eles/a coisa (Dutton nunca sabia direito como se referir a Estranheza) fechava a porta dos fundos. O curinga olhou para trás, vendo a exposição do Jetboy que brilhava no escuro.

— Eles estão certos — disse a Jetboy. — Era para você ter vencido, mas você estragou tudo.

Dutton apagou as luzes da exposição deslizando a mão rudemente e voltou para o escritório.



Colocou a arma no cofre do museu.

Era uma noite fria de maio. A pesada capa preta de veludo de Estranheza batia nos tornozelos e lhe dava conforto. Uma frente fria tinha varrido a umidade do fim da primavera e a poluição para o mar.

O ar estava seco e cristalino. Patti conseguia ver as luzes das torres de Manhattan por entre os prédios velhos, mais baixos e muito mais sujos do Bairro dos Curingas.

No dia 14 de maio de 1973, a noite também estava, a seu modo, muito bonita.

Patti suspirava com o orgasmo, os olhos fechados.

— Isso... — sussurrou Evan no seu ouvido.

John ria de satisfação, mais embaixo. Quando o longo e arrepiante clímax passou, Patti abraçou os dois, puxando-os para perto de si.

— Nossa, vocês são ótimos.

Então, rindo, jogou Evan para o lado e pulou da cama. Nua, caminhou pelo quarto e escancarou a porta da varanda. A brisa levantou seu cabelo com um aroma quente e doce da chuva que lavava a cidade. Vinte andares abaixo, Nova York era uma paisagem luminosa e barulhenta. Patti abriu os braços e deixou a noite e seus elementos a dominarem, feliz. Gotículas brilhavam como cristais em seu cabelo e na sua pele.

— Meu Deus, Patti, alguém pode ver a gente aqui.

Também nu, John foi até ela e a abraçou. Evan os acariciou ao passar e foi até a grade da varanda.

— É maravilhoso — disse ele. — Não importa se alguém nos vir, John. Estamos felizes.

Evan sorriu para os dois. Eles se uniram num longo abraço triplo, beijando-se e trocando carícias, enquanto a chuva os molhava. Quando sentiram que estava na hora, voltaram para dentro e fizeram amor novamente...

Naquela noite foram dormir, mas nunca acordaram. Não inteiramente. Quem abriu os olhos no dia 15 foi Estranheza. Estranheza, o horrível. Estranheza, a forma que o carta selvagem encontrou para zombar do relacionamento deles. Estranheza, o torturador. Nunca mais existiriam a assistente social Patti, o artista negro em ascensão Evan e o jovem e feroz advogado John. Como milhares de curingas antes deles, desapareceram nos meandros do Bairro dos Curingas.

Estranheza olhou para os pináculos de concreto de Manhattan e gemeu, tanto pela memória quanto pela dor que sentia.

Pelo menos, no Bairro dos Curingas, é difícil sentir pena de si mesmo quando todo dia se vê horrores diferentes e pessoas desamparadas. O corpo de Estranheza é tão forte quanto o dos ases, pensou John.

Besteira. Você está racionalizando uma bobagem. Evan gritou lá de baixo. *Dói muito, dói muito...*

Descanse, sugeriu Patti a Evan.

Descanse enquanto puder. Logo vamos precisar que você seja o Dominante, zombou John. Não estou racionalizando. É verdade. Estranheza pode ajudar mesmo no Bairro dos Curingas.

John parecia gostar especialmente do papel de justiceiro. Estranheza, o protetor dos curingas, o braço direito e forte de Hartmann. A derrota de Hartmann ainda doía. John, particularmente, palpitava de amargor. Mas John era forte; Evan, não. Patti mandou pensamentos para ele, lá embaixo.

Entendo, Evan. John entende também, quando ele consegue parar para pensar. Nós entendemos. Entendemos mesmo. Nós amamos você, Evan.

Obrigado. Também amo você, Patti.

Evan poderia ter falado somente para Patti, mas se manteve deliberadamente aberto aos dois.

John ficou mal-humorado; Patti sabia que ele havia notado a indelicadeza de Evan.

Ele tem um jeito bem esquisito de demonstrar carinho, não é?

John, por favor... Evan precisa descansar mais do que nós. Tenha um pouco de compaixão.

Compaixão? Ele quase matou a gente. Eu não estou pronto para morrer, Patti. Estou me lixando para a dor.

Evan também não quer morrer. Se quisesse, teria puxado o gatilho. Eu não teria conseguido impedi-lo, John. Aquilo foi um gesto, um pedido de ajuda. Ele quer se libertar disso. Dezesseis anos é tempo demais para ficar em qualquer lugar de onde você não pode sair. Não posso culpá-lo por se sentir assim.

Hoje ele me odeia, Patti, disse John.

Não, contemporizou Patti.

Mas ela só disse isso. John riu com desprezo.

— *Sabe, ignorando o fato de que somos três, dá para dizer que somos namorados* — comentou John numa noite em que estavam deitados no sofá bebericando Cabernet. — *Nós não fazemos trocas de casal, não transamos com outras pessoas. Nesse nosso triângulo, somos tão monogâmicos e*

conservadores quanto um casal tradicional.

— Está reclamando, John? — Patti zombou dele, passando o dedo pela parte superior de sua coxa enquanto observava para ver sua reação. — Está ficando cansado de nós?

John suspirou, e os três riram.

— Não — disse. — Acho que isso nunca vai acontecer.

Ok, talvez “ódio” seja uma palavra forte demais, pensou John. Mas ele não me ama nem gosta mais de mim. E isso já tem bastante tempo. Não é verdade, Evan?

Não, seu egoísta. Continuo querendo você, mas quero ficar sozinho também, respondeu Evan.

Então houve um silêncio sepulcral.

John, desculpe, desculpe...

Isso poderia ter acontecido de qualquer forma, disse Patti aos dois. Mesmo sem Estranheza. Aquele tempo era diferente. A moral era diferente.

Com certeza. Mas de Estranheza não é possível se divorciar, não é?

Mais um motivo pelo qual precisamos de empatia e compreensão. Todos nós.

Você sempre foi mesmo uma santa, não é, Patti?

Vai se foder, John.

Bem que eu gostaria, Patti. Como eu gostaria.



O Bairro dos Curingas sempre foi um lugar mais noturno. Um pouco depois da meia-noite as ruas principais do bairro ainda estavam movimentadas. A escuridão escondia ou amplificava as deformidades, dependendo da necessidade. A noite era a melhor das máscaras.

Nos últimos meses, poucos limpos tinham visitado o lugar. Turismo, ali, quando havia, era algo a ser feito de dia. As ruas estavam se tornando perigosas demais.

De noite, deixavam o bairro para lá, como se fosse um pesadelo a ser esquecido. Mesmo assim, naquela hora, os moradores locais ainda estavam nas

ruas, e Estranheza decidiu passear por vários becos. John gostava de ser uma figura pública e de ser respeitado — e até adulado — pelos curingas. Patti, não. Patti até poderia perdoar o egoísmo de John — já que, para ele, aquilo diminuía a dor que sentiam —, mas ela não queria aquilo para si, especialmente não naquela noite.

Eles estavam a poucos quarteirões do Crystal Palace, no beco em que a pele de Gimli havia inexplicavelmente sido encontrada. Estranheza olhou para o concreto manchado onde o corpo de Tom Miller estava: mais uma morte, mais um ato de violência sem nome. Patti estava certa de que Gimli tinha sido assassinado por um ás. Evan pensou que, talvez, Gimli fosse uma das primeiras vítimas do surto de Croyd. Sempre cético, John achava que talvez tivesse sido morto a mando de Hartmann. *Já foi tarde*, acrescentou John como contraponto ao que Patti havia pensado.

Estranheza continuou andando e mancando, porque uma de suas pernas — que parecia ser principalmente de Patti — estava ligada ao quadril por um ângulo estranho. Movê-la doía demais. Estranheza gemeu e seguiu adiante.

— Porra, cara. Ela é só um brinquedo. Não vale o tempo.

— É, mas deve ser bem apertadinha, não?

As vozes pararam assim que Estranheza virou a esquina, entrando em mais um beco. Eram três garotos. Nenhum deles parecia ter mais do que 16 ou 17 anos, e usavam roupas de couro encardidas. Um ainda era pré-adolescente e tinha cara de criança; outro, um rosto manchado e cheio de cravos e espinhas. Mas foi o garoto do meio que fez Estranheza hesitar por um momento. Ele era alto e tinha a pele clara. Sob o couro rasgado e a calça jeans suja, seu corpo era o de um lutador, magro e musculoso. Sua beleza era animalesca, com olhos intensos e claros parcialmente escondidos sob mechas loiras. Era quase bonito, até que Estranheza notou que seus olhos estavam vermelhos e que ele estava muito inquieto. Estava excitado, drogado e era perigoso.

A moça que Estranheza conhecia como Barbie estava chorando no chão, entre os três. Era uma mulher de formas perfeitas com feições de adulto, mas que devia ter uns sessenta centímetros de altura. Ela parecia estar sempre sorrindo. Quando viu Estranheza, sua boca formou um sorriso incongruente, mas seus olhos azul-escuros pediam ajuda.

Uma sensação de raiva atravessou John; Patti sentiu seu calor.

— Ei! — gritou Estranheza, cerrando os punhos enormes. — Deixem ela em

paz.

— Porra — disse o garoto das espinhas. — Vai deixar um merda de um curinga falar com a gente assim, David? Talvez isso possa ser divertido também, hein? Ele é grande o suficiente? Talvez seja forte também.

O líder — David — estava com as mãos na cintura e olhou para Estranheza. Patti sentiu que John estava tentando assumir o controle.

Só coloca eles para correr. Dá só um chega pra lá neles antes que queiram fazer alguma coisa.

Patti não precisava de muito encorajamento. Estranheza grunhiu, correndo em direção ao trio. Subitamente, a gangue apontou suas lâminas para o curinga. Vendo as facas, Estranheza gritou e arrancou uma placa de PROIBIDO ESTACIONAR do asfalto. Girou o poste como se fosse um chicote, produzindo um som grave ao atravessar o ar.

O ataque de Estranheza não foi nada sutil. Seu corpo enorme se chocou contra a gangue como um caminhão desgovernado. A placa acertou Espinhento e o jogou contra a parede; ao girar a placa novamente, pegou os outros dois nas costas.

— Saia daqui! Agora! — gritou Estranheza para Barbie.

A curinga, que mais parecia uma boneca, teve dificuldade para se levantar. Ela correu, cambaleando em seus pequenos passos.

Estranheza girou novamente, procurando David. Imaginava que, se conseguisse acabar com o líder, os outros desertariam. Então, a grande criatura se lançou sobre o garoto de olhar malicioso.

Mas foi tarde demais. O corpo de David tombou, como se tivesse sido golpeado. Espinhento o pegou antes que batesse no chão.

Patti?

No mesmo instante, John e Evan sentiram a presença de Patti sendo arrancada de Estranheza. No lugar dela, surgiu alguém frio, sinistro e pretensioso: David. Por um segundo, ele entrou na posição de Dominante e comemorou. Até que sentiu a dor.

Estranheza deu um grito alto, longo e doloroso. Deixou cair a placa e o poste amassado no chão, com um estrondo.

John e Evan tiveram dezesseis anos para se familiarizarem com o esquisito labirinto neural da mente coletiva de Estranheza. Sabiam muito bem a agonia que tomava o intruso. A resposta deles foi quase instintiva: John enviou sua vontade

para o lugar alto que eles consideravam o Dominante, deslocando o ego assustado de David, que berrava.

Mãos agarraram Estranheza, e uma lâmina rasgou o tecido de sua capa: era Espinhento atacando depois de ter se recuperado do golpe sofrido. Concentrado em sua luta interior, Estranheza soltou um uivo de dor e jogou o garoto para o lado de novo. As vozes realmente pareciam distantes.

— Droga, alguma coisa aconteceu, cara. O David está *gritando*. Porra!

— Merda. Deu errado, alguma coisa deu errado.

Espinhento pegou a manga da camisa de Estranheza, que grunhiu e girou, ouvindo um corpo cair no concreto.

— Essa porra é muito forte! Pega o corpo do David. Vamos voltar para a Rox. John e Evan sabiam que algo de errado havia acontecido.

Patti!, gritaram juntos. A fúria sentida deu a John energia mental suficiente para tirar David do controle da mente de Estranheza.

Enquanto John atirava o saltador das plataformas mentais de Estranheza, Evan tentava subir de Passivo para Subdominante, o que era mais difícil. David sentiu que estava perdendo o controle; e conforme a dor de Estranheza se tornava mais distante, sua vontade começou a se afirmar de novo.

Por um momento, enquanto se moviam, tanto a mente de Evan quanto a de David ficaram totalmente abertas uma para a outra, num limbo entre o Passivo e o Subdominante. Evan conheceu David ali, e odiou o que viu. Ele sentia que o saltador fuçava suas emoções, seus pensamentos, suas memórias. A sensação de estar sendo violado deu a Evan o poder de atirar David para baixo de novo.

Evan gritou com David, se jogando para cima e lançando o saltador para a posição de Passivo.

John?

Estou com Estranheza, Evan. Não deixa esse filho da puta sair lá de baixo, do Passivo.

Estranheza olhou para os lados.

— Merda. Merda!

Os garotos tinham ido embora. Estranheza nem conseguia ouvir barulhos de passos. Era provável que a batalha interior tivesse durado alguns minutos, mas era impossível determinar.

Patti?, chamou Evan com a voz suave, ainda esperançosa, para a matriz de Estranheza.

Ele não obteve resposta, só uma risada debochada vinda do Passivo.

Estranheza deu um grito sofrido na escuridão do beco.



Ela não sentia dor. Foi a primeira coisa que percebeu. Durante dezesseis anos, havia sentido dor constantemente. Durante dezesseis anos, sofreu com uma agonia desesperadora por causa dos ligamentos que mudavam de lugar, dos músculos esticados até o limite e dos ossos que se arrastavam uns nos outros naquela prisão que era o corpo de Estranheza. Agora, ela não sentia nenhuma dor. E estava sozinha.

Havia seis ou sete garotos — limpos, até onde ela pôde ver — num quarto imundo com ela. Mas estava sozinha; apenas ela num único corpo.

Os outros estavam discutindo, mas ela não prestava atenção ao que diziam.

— Ei, cara, você está descrevendo Estranheza. Foi Estranheza que levou o David. Perdemos ele, cara.

— Tá de brincadeira, Molly?

— Brincadeira? Ele com certeza não conseguiu controlar aquela criatura filha da puta, né?

— Se perdermos o David, isso aqui vai virar um deus nos acuda. Algumas pessoas vão gostar. Você sabe disso, Molly. Na verdade, aposto que você está pensando exatamente nisso.

Ouviu-se um riso áspero, passos e uma porta batendo.

As vozes estavam do lado de fora. Não havia nenhuma voz na cabeça de Patti.

Evan? John? Sem resposta. Só o silêncio e os seus próprios pensamentos.

Patti levou as mãos até o rosto e se deleitou.

— Porra, não era para ela conseguir fazer *isso*.

Espinheiro olhou para ela com uma expressão que transitava entre o medo e o ódio. Patti o ignorou, concentrando-se em suas mãos, balançando os dedos e virando-os para ver os calos.

Não eram as mãos que ela lembrava ter no começo dos anos 1970. Mas

também não eram a colcha de retalhos marmorizada e empelotada que eram os braços de Estranheza. Os dedos eram longos, e tinha sujeira embaixo das unhas roídas. As pontas dos dedos da mão esquerda eram calejadas e duras, o que dizia a ela que o saltador tocava violão, pois certa vez Patti já tivera calos parecidos.

Ela sentia o fedor do seu próprio suor e a calça jeans rasgada nos joelhos apertando sua virilha. Olhou para baixo e viu o volume de um pênis. Conseguiu senti-lo, sentir que era parte dela. Conseguiu até mexê-lo.

Patti se assustou e riu daquilo, mas sua voz era grossa e muito masculina.

— Qual é o problema, seus babacas? — disse ela, com uma coragem que não sentia. — Não estavam esperando que eu acordasse?

Ela ouviu as novidades. Tudo o que havia acontecido naquela noite levava à mesma conclusão: os garotos eram saltadores. Todas as vítimas dos saltadores diziam a mesma coisa: durante a transferência, elas ficaram em coma. Patti presumiu que os companheiros dos saltadores tomavam conta dos seus corpos até que eles retornassem. Certamente, a transferência era um choque horrível para a vítima; sem dúvida era isso que as deixava inconscientes.

Patti tinha sentido um pouco do choque, mas estava acostumada a habitar um corpo estranho; a sensação de sua consciência mudar de lugar não era nova. Por isso, ela se recuperou com rapidez e sabia exatamente onde estava. Apesar da jornada até ali ter-lhe parecido uma fantasia (a criatura em forma de globo e gelatinosa na qual estiveram era real?), ela sabia exatamente para onde a tinham levado.

Ellis Island, mais conhecida como Rox.

Ter se dado conta disso a deixou concentrada. Dependendo de quem falava, a Rox era um refúgio onde os curingas ajudavam uns aos outros ou uma ferida aberta, purulenta e perigosa onde os piores contaminados pelo carta selvagem se reuniam.

VOCÊ TEM QUE MORRER PARA IR PARA A ROX! Patti tinha visto isso pichado em cores gritantes nas paredes do Bairro dos Curingas. **MANDEM AS MASSAS OPRIMIDAS PARA NÓS! PRECISAMOS DE COMIDA!** Slogans relacionados ao lugar haviam aparecido às centenas nos últimos meses. Pelo que ela ouvira, morrer era comum ali, e morria-se das mais variadas formas. Os corpos chegavam ao continente boiando. Em Nova Jersey ou na baía.

Patti não estava mais feliz. Fosse um refúgio ou o inferno, a Rox tinha cheiro de lixo, merda e corrupção.

Meus amores...

Ela estava sozinha. Aquilo era o pior de tudo.

O lugar onde se encontrava era como um casebre, tão ruim ou pior do que os que ela havia visto quando era assistente social: paredes de chapas de alumínio que pareciam ter sido feitas com toldos velhos, um piso de concreto, uma única lâmpada pendurada numa extensão elétrica velha. A porta era uma folha de compensado empenada com uma maçaneta de corda. Patti estava sentada num móvel: uma poltrona reclinável de couro artificial preto rasgado, sujo e com inúmeras manchas.

Tentou ficar de pé. Apesar da imundície, da falta de cuidado, do mau hálito e da sujeira nos pulmões, além de um resto de onda de crack, ele tinha um belo corpo: esguio, vigoroso e magro. Mesmo assim, levantar-se representava um certo esforço. Seus joelhos balançaram e ela se sentou de novo, rapidamente. Patti se forçou a sorrir, de um jeito tão pretensioso e arrogante quanto o cara parecia ser.

Os garotos estavam dos dois lados da saída, com as caras amarradas. Eram três; parecia que os outros tinham ido embora. Ela reconheceu um que estava com David antes: Espinhento. Ele estava com uma marca vermelha enorme na perna e seu nariz havia sangrado; feridas provocadas pela luta com Estranheza. O rosto e os braços estavam totalmente arranhados, e o lado esquerdo da cabeça estava inchado e tinha uma cor diferente. Ao lado dele, de pé, uma garota magra e bonita que parecia ter no máximo 13 anos, com seios ainda florescendo por baixo da camiseta regata que usava. Ela olhava para Patti de olhos arregalados. Seu rosto era redondo, e a garota tinha uma fragilidade atraente. Espinhento estava com o braço em volta dela. Os dedos dele resvalaram em seu mamilo direito, e ela fez uma cara feia para ele, desvencilhando-se. Continuou observando Patti de forma estranha.

A última integrante do grupo era uma mulher jovem com o rosto fechado, as mãos na cintura sobre uma camiseta suja. Pelo jeito que Espinhento olhava para ela, ficava óbvio que era seu subordinado.

— Quem é você, porra? — perguntou a mulher.

Patti concluiu que não queria que soubessem que ela era uma mulher.

— Sou parte de Estranheza — respondeu, finalmente. — Pode me chamar de... Pat. — Ela riu com um tom de escárnio, ouvindo a tensão que o som revelava.

Ah, Evan, uma pena que não era você o Dominante. Você teria que aturar ser branco, mas pelo menos estaria no sexo certo. E teria escapado de Estranheza.

Ela quase ficou surpresa com o fato de que não teve nenhuma resposta em sua cabeça.

Estou sozinha. Meu Deus, que estranho.

— Molly, temos que contar para o Bomba — disse Espinhento.

— Ainda não. Ainda não, cara. Talvez o David volte. — Ela não parecia muito satisfeita com a hipótese, mas deu de ombros. — Ele sabe aonde fomos, não sabe? Ele vai vir aqui.

Patti se levantou de novo e, dessa vez, ficou de pé. Espinhento piscou várias vezes, fazendo uma cara feia para ela enquanto segurava, com a mão direita, um pedaço de cano de ferro.

— Nós devíamos ter amarrado ele, Mol. David vai ficar puto se a gente ferrar com seu corpo.

— Por que você acha que David vai voltar? — perguntou Patti.

Meu Deus, que voz encorpada. Qualquer político daria tudo para ter essa voz. O que você acha, John? Então pensou: Tenho que parar com isso. Não tem ninguém aqui.

— Olha só, eu tenho dois amigos no corpo de Estranheza, seus babacas: para mim parecia que *eles* estavam ganhando quando vocês saíram correndo, não o David.

Era um blefe. Patti tinha observado a luta pelo controle de Estranheza depois da transferência. Não havia ninguém na posição de Dominante; Estranheza havia simplesmente ficado ali parado, fora de controle. Os garotos saíram correndo com ela antes que qualquer um tivesse vencido a luta. Patti não tinha dúvida de que John era forte o suficiente para virar Dominante rapidamente, já o pobre Evan...

Ela não sabia o que podia ter acontecido. Se David tivesse vencido, Estranheza já estaria no Bairro dos Curingas, talvez, fazendo coisas que ela preferia nem imaginar.

Não tem nada que você possa fazer a respeito disso. Só tente ficar viva, e tente sair daqui.

— Ele vai voltar, e você fica aqui até isso acontecer — disse Espinhento,

nervoso, lambendo os lábios e pedindo a confirmação de Molly com os olhos. A garota ao lado dele ainda estava olhando fixamente para Patti, em silêncio. — Você não conhece o David. Ele sempre consegue o que quer. Ele é forte, tem meios de conseguir as coisas. E você, você está na Rox. Não passa de um pedaço de carne aqui.

— David não sabe no que se meteu ao entrar em Estranheza — blefou Patti. — Pode ser que nunca consiga sair de lá. E eu realmente gosto deste corpo.

Espinhento olhou para Molly. A outra garota também olhou.

— O que foi? — perguntou Patti. — Qual é o problema?

Molly deu de ombros, mas Espinhento abriu a boca.

— Ele nunca ficou fora do corpo por mais do que algumas horas. Ninguém sabe muito bem o que acontece se você ficar no corpo de outra pessoa durante muito tempo.

— Talvez Bomba saiba — disse Espinhento.

Molly zombou do garoto cheio de acne.

— E por que caralho você acha isso? Acha que Bomba transfere?

— Ele consegue ler a mente dos outros.

Molly zombou ainda mais.

— Isso não tem nada a ver com o Bomba.

— Tudo aqui na Rox tem a ver com ele — insistiu Espinhento.

O garoto fungou e limpou o nariz com as costas do braço. Meleca e sangue se misturaram na sua bochecha.

Molly suspirou.

— Está bem. Talvez seja bom mesmo contar para o Bomba o que está acontecendo. Mas ele provavelmente já sabe. Você cuida disso?

Espinhento fechou a cara.

— Merda — disse. — Claro. Eu e a Kelly ficamos aqui e tomamos conta de tudo.

Kelly não desviou o intenso olhar de Patti. A cor de seus olhos era uma mistura de azul e cinza, e continuavam arregalados.

— *Viu que ela está olhando para você? — sussurrou jocosamente para Evan, rindo por conta do vinho. A festa que John havia organizado para*

arrecadar fundos para a primeira campanha de Gregg Hartmann ao Senado era um redemoinho de ruídos ao redor deles. — Aquela ali, com cara de tristeza e com maquiagem em excesso, no canto, perto da sua escultura. Não tira os olhos de você desde que chegou.

— Meu Deus, Patti, você tem a mente muito suja. Aquela é a filha dos Salchow. Ela ainda está no ensino médio. Vendi dois quadros para o pai dela mês passado.

— Eu já tive a idade dela. Se aquilo não é paixonite de adolescente, não sei o que é. Eu também tive a minha. Os hormônios ferram com a cabeça. Que tal, hein, Evan? Ela tem cara de inexperiente, mas é jovem, rica e acho que toparia uma aventura. Branca e curiosa para saber como seria estar com um cara negro e grande como você.

— Patti...

Patti riu e beijou Evan. A garota quase demonstrou raiva ao se virar para ir embora...

Patti abriu um meio sorriso para Kelly. A garota parecia assustada; então, devagar, por trás de Espinhento, ela sorriu de volta, quase com vergonha.

Tenho que sair daqui. Tenho que encontrar John e Evan.

Naquele momento, Patti descobriu como fugir. Ela odiava o fato de saber como fazê-lo, mas sabia.



Você quer ir embora eu sei que quer eu posso sentir e consigo isso para você eu tenho como fazer isso mas tem que ser logo e eu posso levar você para a Rox mas tem que ser RÁPIDO...

Eles estavam em frente ao Museu Popular Carta Selvagem. Havia um cartaz grampeado num mural de avisos próximo à porta, um desenho extravagante de uma exposição sobre a Síria. Um Senador Hartmann de cera gesticulava para os outros recuarem. Seu blazer estava ensanguentado por causa de uma ferida a bala. Guardas armados com Uzis olhavam para o palco onde Kahina havia cortado a garganta do irmão, Nur al-Allah. Braun brilhava sob um holofote de luz dourada; Carnifex reluzia em sua roupa branca; Tachyon levava as mãos à cabeça e se encolhia no chão.

John não tinha muita certeza de como eles haviam chegado lá. Durante boa parte da última hora, caminharam sem destino pelas ruas do Bairro dos Curingas, tentando encontrar aqueles garotos e se dando conta, aos poucos, de que aquilo não daria em nada.

Seus punhos se fecharam e relaxaram; a mão direita era de Evan, e a esquerda, de John. Não havia nenhuma parte de Patti na superfície de Estranheza. Era como se seu corpo tivesse ficado mais vagaroso desde que perderam sua presença.

Temos que encontrá-la, John. David disse que eles devem tê-la levado para a Rox. Ele diz que precisamos encontrá-la rapidamente. Ele está com medo; dá para sentir. Está com medo do que pode acontecer se ficar fora do corpo durante muito tempo. Patti pode ficar presa lá, disse Evan.

Eu não consigo escutá-lo, Evan. A gente empurrou o cara lá para baixo, no Passivo. Ele está fechado no porão com a porta trancada. Não conseguimos escutar nem um pio do filho da puta, comentou John.

Não conte a ele Evan eu posso tirar você daqui e libertar você me ajude a sair daqui rápido eu entendo você entendo você... David transmitia seu apelo constante e desesperadamente.

Evan sabia da verdade. John já estava se cansando; Evan sabia que só a sua vontade não seria capaz de manter David lá embaixo se John saísse do Dominante. O saltador também sabia disso. Desde que a transferência acontecera, Evan escutava David. Constantemente. Na posição de Subdominante, o eterno purgatório de Estranheza inundou a alma de Evan novamente, e aquelas palavras prometiam uma salvação.

Você quer sair daqui, eu sei. Sim, David conhecia os pontos fracos de Evan. Ele sabia muito bem como fazer com que Evan continuasse ouvindo.

O corpo de Estranheza tremeu violentamente; eles viram o braço direito ficar mais curto e mudar de cor. A dor foi a pior que John e Evan já haviam sentido, como se eles estivessem sentindo também a parte de Patti daquela agonia. As mãos se fecharam de dor, as unhas enfiadas nas palmas. Quando se abriu, a mão era uma mistura malhada das mãos de John e Evan.

Por quanto tempo você consegue ficar como Dominante? Evan estava ofegante com a transformação. *John, a única coisa que impedia que enlouquecêssemos era a possibilidade de descermos até o Passivo para descansar. Até o Subdominante é doloroso demais. John... por favor...*

Vou colocar alguém aqui que vocês odeiam... Alguém que nem você nem John suportariam e aí vão ficar com ele sem a Patti e sem a mínima chance de sair a não ser que vocês me ajudem AGORA...

Patti está na Rox, disse Evan. Na Rox. Meu Deus...

Nós não temos plano nenhum. Não sabemos o que vamos encontrar nem o que vamos fazer quando a encontrarmos.

Vamos para lá logo. Agora, John. Antes que seja tarde demais.

Estranheza gemeu. A dor aumentou ainda mais com uma nova mudança no corpo. A criatura gritou, abraçando o hidrante que ficava na frente do museu e o arrancando, como se isso pudesse amenizar aquela tortura. A parte de cima do hidrante cedeu, provocando um som metálico agudo. A água saiu como um canhão, criando uma fonte de dois andares de altura, que encharcou a capa preta e transformou o meio-fio numa corredeira de lixo. Uma cascata se formou na frente do museu.

David riu e sussurrou para Evan:

Quando chegarmos lá eu resolvo para você eu posso te dar o corpo que você quiser mas você tem que me ajudar...



— *Qual é a sensação de ser um homem?*

— *O quê?*

Patti beijou Evan e o puxou mais para dentro de si com as mãos, abraçando suas costas com as pernas. Ao lado dos dois, John dormia e roncava.

— *Você sabe... — insistiu ela, rindo. — Penetrar ao invés de ser penetrado. Sentir o calor de uma mulher envolvendo seu pau. Ejacular. Ter um orgasmo rápido e curto, e não um longo!*

— *É nisso que você anda pensando? — Evan fingiu ter se ofendido, e Patti deu um tapa em suas nádegas, rolando-o de lado para ficar sobre ele. Ela passou o dedo pelos pequenos cachos de pelos em seu peito escuro. — Então você quer ser homem, viril e dominador.*

— *Para entregar meu cérebro a um pau. — retrucou ela. — Ah, Evan, vamos lá! Você nunca imaginou como seria ser mulher? — Evan tentou ignorar, mas ela balançou a cabeça e disse: — Poxa, admita!*

— Ok — disse ele. — Talvez um pouco. Mas isso não tem como acontecer, tem?

Agora, tinha.

Mexer um braço era um êxtase. Sentir a barba malfeita no rosto era uma glória. O toque da calça jeans nas pernas era um afago. A cerveja morna que Espinhento deu a ela era um deleite gastronômico. Apesar de preocupada com John e Evan e do medo que sentia da Rox, era inevitável que Patti estivesse admirada com a maravilha que era estar naquele corpo. Ela havia esquecido como era *bom*. Não importava que ali ela fosse homem ou, provavelmente, viciada em crack ou coisa pior; estava livre, podia caminhar sozinha sem sentir qualquer outra pessoa dentro dela.

Esse corpo é procurado pela polícia de Nova York, e isso talvez nem seja o pior. E se ele tiver aids? E se o carta selvagem fez coisas que nem ele saiba? E se tiver sífilis ou câncer? E o sexo? E se depois de algumas experiências você descobrir que só sente atração por homens? E John e Evan, presos em Estranheza com aquele moleque?

Mas os problemas não mudaram sua sensação. Ela estava *ali*, no corpo ainda adolescente de David, e Patti tinha que admitir que gostava daquilo. Ela deu outro gole, saboreando a bebida, o aroma do lúpulo e o gosto da levedura.

Kelly continuava observando-a, sempre, enquanto Espinhento permanecia preocupado, próximo à porta.

— Por que você fica olhando para mim? — perguntou Patti, sua voz encorpada e grave a alegrou.

Espinhento respondeu por ela.

— A Kelly? Ela é nova. Tem tesão no David, mas ele ainda não a comeu. Ela está louca para chupá-lo. Ou para trepar com ele.

Kelly girou e meteu um dedo na cara de Espinhento.

— Cala a boca, ouviu? Você está puto porque não quero dar para você.

Espinhento riu.

— Porra, que mentira. Você com certeza abriria as pernas para mim para perder a virgindade. Só entra no grupo se puder transferir, e você só pode transferir depois de transar com o Prime, e pode ser que isso demore um pouco para acontecer, porque ele não vem muito aqui. Então não vem com essa de virgem tímida. Talvez não dê para ser com o Prime, Kelly. Você está perdendo

tempo esperando pelo David. Ele pode transar com quem quiser. Ele não precisa de você. Eu serviria perfeitamente.

— Eu não quero só um pau — rebateu Kelly. Ela se aconchegou no chão perto de Patti, abraçando os joelhos. Espinhento ria alto na entrada do recinto arruinado. — Filho da puta — murmurou a menina, seu rosto vermelho de raiva e vergonha.

Eu já tive a idade dela... Já estive na mesma situação.

— Sinto muito — disse Patti com uma voz suave a Kelly. Era verdade. A garota agradeceu com os olhos, e Patti tentou sorrir de novo. No entanto, as palavras de Espinhento haviam causado nela outras reações também. *Qual é a sensação de ser um homem?*, tinha perguntado a Evan muito tempo atrás. Ela sabia parte da resposta. Sentiu um calor, e a calça ficou mais apertada. — Você é muito bonita — completou com uma voz branda, para que somente Kelly pudesse ouvir.

Patti odiava o que iria fazer. Ela sussurrou para que Espinhento não escutasse:

— Kelly, eu posso dar o que você precisa do David, se é isso que quer.

— Você não é o David — respondeu a outra, mas sem raiva.

— Não — admitiu Patti. — Mas talvez, quando David voltar, seu corpo se lembre...

— Você era muito feio. Eu vi Estranheza uma vez no Bairro dos Curingas. Ninguém transaria com você daquele jeito.

— *Você é uma mulher linda, Patricia — disse John.*

Fazia um ano da primeira vez que eles fizeram amor a três. Era o “aniversário” deles, como brincavam. Evan tinha feito um bolo. John decorara o apartamento com balões e papel crepom. Colocaram um chapéu bobo na cabeça dela e uma taça de champanhe em sua mão assim que ela chegou.

— *Você é maravilhosa. Não consigo imaginar amar qualquer outra pessoa, e sei que Evan sente a mesma coisa. Nós dois temos muita sorte.*

Patti fez que sim com a cabeça, lutando contra o sentimento que fazia seus olhos lacrimejarem. Ela sentia o olhar de Kelly sobre ela.

— É... — disse Patti. — Faz muito tempo. Muito tempo.

Kelly estendeu a mão e tocou a de Patti/David. Seu olhar tinha uma suavidade, uma empatia que fez com que Patti gostasse da menina apesar da aparência durona que tentava manter. Ela sorriu para Patti, que sorriu de volta, estranhando a

sensação de estar no rosto de David.

— Ok — sussurrou Kelly. — Talvez...

Kelly ficou de pé e caminhou até a porta improvisada. Falou com Espinhento num sussurro mais forte.

— Eu não vou embora, não — respondeu ele, em voz alta.

— Para onde você iria? Estamos na Rox, babaca. Você pode ficar do lado de fora, se quiser.

— Quem sabe eu fico para assistir.

— Você pode ficar batendo uma do lado de fora. — Kelly o empurrou, abrindo a porta.

Espinhento bufou. Ele fez um gesto para Patti lhe mostrando o cano que tinha nas mãos.

— Vou ficar bem aqui. Se colocar a cabeça para fora, corto ela. — Ele desviou o olhar de Patti para Kelly, riu de novo, e saiu.

Kelly não olhou para ela por um longo tempo. Ficou ao lado da placa de compensado que servia de porta, olhando para o lado. Então pareceu suspirar.

Foi Patti quem tomou a iniciativa. Abriu os braços e abraçou Kelly. Era estranho ser tão mais alta assim. Patti sentia Kelly, os seios da garota pressionados contra o peito de David, o cheiro do cabelo e o toque da cintura dela em seu corpo. Kelly colocou as mãos ao redor da cabeça de Patti e a puxou para perto.

Elas se beijaram, suave e experimentalmente, então Kelly abriu a boca.

Muito estranho...

Patti sentiu seu corpo (o de David) responder. Ela se inclinou na direção de Kelly, puxando-a para mais perto de si. Sentiu uma ereção espontânea que clamava para ser liberta.

Ah, Evan, que coisa mais estranha...

— É tão urgente. — Ela suspirou. — Tão impaciente.

— O quê? — perguntou Kelly.

— Nada. — Patti a abraçou de novo.

Havia uma certa insistência na sua excitação, diferente de qualquer coisa que ela já tivesse sentido. Talvez fosse o fato de que há anos não sentia desejo sexual. Talvez ela até já tivesse se esquecido de como era, mas isso parecia mais volátil

e perigoso. Não tinha nada a ver com Kelly. Patti nunca tivera muito desejo por mulheres, apesar de ter tido algumas poucas experiências. Estremeceu, interrompendo o abraço. Levantou a cabeça, afastando-se dos lábios de Kelly, e a segurou à distância dos braços. Tirou a blusa da garota pela cabeça e desabotoou sua calça jeans. *Ela é atraente*, pensou Patti clinicamente. *Muito bonita, de uma maneira jovial*. Patti a tocou com delicadeza, depois com mais paixão. Suas mãos deslizaram dos seios de Kelly para os pelos que tinha entre as pernas. Kelly fechou os olhos.

Foram se abaixando juntas. As pernas de Kelly envolviam Patti. Suas mãos tentavam abrir o zíper da calça e colocar para fora a estranha massa túrgida que latejava lá dentro.

Segurar-se era muito, muito mais difícil do que Patti imaginava que seria. Os lábios e as mãos de Kelly eram insistentes; ela sentia o calor emanado de ambos. Patti *queria* aquilo, queria mergulhar sua ereção no calor úmido da garota.

— Desculpa — sussurrou ela.

Levantando-se, bateu violentamente com o punho de David no queixo de Kelly. Seu novo corpo era muito forte. Kelly grunhiu; os olhos se fecharam e o sangue escorreu pelos lábios cortados. As pernas e braços ficaram moles. Patti ficou de pé e foi chamar Espinhento, que estava do lado de fora.

— Ei, cara! Não quer se juntar a nós?

A porta se abriu. Espinhento colocou a cabeça para dentro e viu o corpo nu de Kelly de pernas abertas no chão. Ficou pasmo.

Patti acertou o garoto na parte de trás da cabeça com as duas mãos. Espinhento cambaleou e se inclinou para a frente, e Patti o golpeou de novo no rosto com o joelho. Ela ouviu o barulho do nariz se quebrando.

Espinhento caiu, e Patti puxou a corda que servia de maçaneta, abrindo a porta.

Ela saiu para a escuridão da Rox.



Ellis Island estava a uns quatrocentos metros dos estaleiros de Nova Jersey e a pouco mais de um quilômetro e meio de Battery Park, na ponta sul da ilha de Manhattan.

No entanto, não era possível chegar até Ellis saindo de qualquer um desses lugares. Certamente alguns já haviam tentado e até conseguido, mas invariavelmente eram limpos curiosos, e qualquer limpo que fosse para a Rox seria maltratado, violentado e, às vezes, morto. As autoridades passavam o controle de Ellis Island de uma para a outra como uma batata quente, do Serviço Nacional de Parques para as autoridades de Nova Jersey, para a polícia da cidade de Nova York, que já tinha desistido de controlar a ilha de fato há meses.

Mesmo assim, barcos de patrulha interceptavam qualquer um que tentasse ir para a ilha, fosse nadando ou de barco. As autoridades podiam até não conseguir fechar a Rox, mas podiam controlar — e controlariam — o trânsito entre a ilha e qualquer outro lugar.

Quem ia para a Rox sabia que, para chegar lá com segurança, era preciso falar com Barqueiro, e só era possível encontrá-lo no East River, onde a extremidade do Bairro dos Curingas tocava a água.

Estranheza já ouvia as ondas batendo contra os pilares do putrefato cais. Colocaram um lampião de querosene no fim que fazia um silvo, como um assobio. O filamento brilhava erraticamente com a brisa do rio.

Do lado de dentro, David reclamou com Evan, impedindo que John o ouvisse:

Qualquer corpo que você quiser cara qualquer um mesmo é só apontar que é seu você vai ficar finalmente livre é só me ajudar a chegar na Rox mas tem que ser rápido rápido rápido...

Não estou vendo nada, comentou John.

Quando estava como Dominante, a voz de John normalmente era poderosa, mas agora estava fraca. Ainda assim, abafava a voz de David na ininterrupta tentativa de persuasão.

Talvez Dutton estivesse errado, Evan.

David sussurrou somente para Evan:

Não se engane Barqueiro vai nos levar para a Rox que é para onde eles devem tê-la levado...

Barqueiro vai vir. Tenha paciência, disse Evan a John, mesmo sabendo que era impossível. De uma forma ou de outra, tinham que arrumar uma solução rapidamente. Ficar na posição de Dominante era exaustivo, e John só tinha estado como Passivo no dia anterior. Já havia sido difícil o suficiente para Evan virar o Subdominante sem descansar. John não conseguiria ficar lá por muito mais tempo.

Quando chegasse a hora, Evan teria que ser o Dominante; se ele não conseguisse ficar, David assumiria o lugar. E se isso acontecesse, colocariam tudo a perder.

John tinha consciência disso também, e ficou com raiva de Evan.

Como ter paciência? Só Deus sabe o que pode ter acontecido com Patti. Se ela estiver machucada, juro que mato todos eles.

Ela não está machucada, John. Está no corpo de David, e eles vão tomar conta do corpo. Depois pensou: *E se ela quiser ficar?*

John não havia nem considerado essa possibilidade. Evan ouviu portas mentais se batendo. *Não. Patti não iria querer isso.* Houve o barulho de uma bota passando na madeira e uma respiração no escuro. Estranheza se virou rapidamente, e sua pesada capa fez um redemoinho. Quatro jovens apareceram de trás de uma pilha de caixas. Saltadores. Um deles tinha um cabelo laranja e vermelho bem-arrumado; segurava um taco de beisebol de alumínio. Outro girava uma corrente devagar ao lado. Os demais tinham canivetes.

— O que vocês querem? — perguntou Estranheza, grunhindo.

— David? — tentou Correntes.

Estranheza deu uma risada que soou mais como um rugido.

— David não está aqui — disse a áspera voz, seguindo a frase com uma nova risada amarga. — Melhor irem embora antes que alguém se machuque.

Correntes olhou para Ruivo, que deu de ombros.

— David está ali há três ou quatro horas — disse o primeiro.

— Isso é muito tempo, não é? — Ruivo sorriu. Ele não tinha alguns dentes. — É quase tão ruim quanto transferir uma barra de sabão, não é? — Gargalhou.

Lá embaixo, no Passivo, David foi tomado pela raiva.

Pode ser que a Molly tenha mandado eles ou será que vieram sozinhos ela pode estar querendo que eu suma para sempre se for isso eu vou matar ela...

— Ei, cara, o David consegue me ouvir? — perguntou Ruivo para Estranheza, batendo a ponta do bastão contra a palma de mão mais uma vez.

— Por quê?

— Porque tenho que falar algumas coisas para ele. Coisas que ele gostaria de saber.

— Então fale.

Ruivo sorriu.

— Diz ao David que ele não precisa ir à Rox, cara. Nós vamos cuidar bem do corpo dele. — Um choque atravessou Estranheza. Por um momento, não sentiram nada. — A gente veio para cuidar do resto, beleza? Só para se certificar.

Após fazer aquilo, Ruivo saltou para a frente, girando o taco como que tentando lançar uma bola de beisebol para fora do estádio. Ele acertou em cheio um lado da cabeça de Estranheza, que cambaleou e quase caiu. A dor era tanta que era como se uma lança em chamas o tivesse atingido. Estranheza gritou, a garganta rasgando com o som. O controle de John sobre a criatura ficou mais fraco, mas nem Evan nem David puderam tirar vantagem disso. A fúria de John tomou conta por completo. Enquanto Ruivo levantava o bastão novamente para acertá-lo mais uma vez, os outros três se aproximaram. Estranheza fazia força para se levantar. Uma de suas mãos pegou o bastão quando ele descia para acertá-lo; Estranheza o rodou, tirando-o da mão de Ruivo. O pulso do garoto se quebrou, e ele soltou um uivo de dor.

Agora era a vez de Estranheza girar o bastão, fazendo um claro e sinistro som enquanto atravessava o ar. Ruivo só se salvou porque se encolheu no chão. Correntes fez um arco perigoso com os elos de aço de sua correia; Estranheza o pegou e puxou, catapultando Correntes para uma pilha de caixas. O saltador não se mexeu mais.

A essa altura, os outros dois já haviam fugido. Ruivo, que tinha a mão na cintura, mancava atrás deles. Estranheza gritou de novo e jogou o bastão para acertá-lo. O objeto caiu no chão em meio à escuridão.

Ela está morta! Eles mataram a Patti!, gritou John por dentro, espumando de raiva.

Não!, gritou Evan. *Não! Não acredito nisso. Deve ser um blefe para nos enganar. John, por favor!*

Um barulho suave na água interrompeu a discussão. Um vulto brilhante emergiu das águas imundas do cais, adornado com um pneu careca, dois sacos de lixo verdes e uma fralda usada. Exceto pelo lixo preso em seu corpo, a criatura era quase bonita. Era uma esfera oca e gelatinosa de uns dois metros e meio de diâmetro, quase transparente, exceto por faixas musculares translúcidas. Ondas de luz passavam por seu corpo de água-viva, brilhando nas cores verde-claro, amarelo e azul. Próximas ao topo, dois olhos e uma boca que pareciam de um ser humano. Ela balançava com as pequenas ondas.

Barqueiro.

— Passagem — grasnou.

Evan? A raiva de John ainda não havia diminuído. Ela só estava mais impassível e perigosa.

Precisam encontrar... David parecia assustado, desnortado, aterrorizado.

John, disse Evan a ele. *A gente só vai saber se for.*

Estranheza pegou duas sacolas de supermercado que estavam próximas ao lampião. Aproximando-se do Barqueiro, eles mostraram ao curinga que estavam cheias de produtos e enlatados.

— Ok — disse Barqueiro. — Coloquem aí dentro.

Estranheza enfiou as sacolas entre os músculos da criatura, através da sua pele gelatinosa. A pele era fria e úmida e cedia sob pressão, esticando até se abrir e permitir que eles colocassem as sacolas no “pisso” gélido do curinga. Por baixo do fundo plano, era possível ver centenas de cílios se movendo.

— Você quer ir para a Rox? Tem certeza? — perguntou Barqueiro.

— Sim.

— Então entre. — Barqueiro parou e soltou ar por um respiradouro no topo da esfera e afundou na água. — Você está com David.

— Como sabe? — indagou Estranheza, soltando um grunhido.

— Eu sinto a presença da alma negra e miserável dessa criança. Entrem. — Barqueiro não disse mais nada.

Estranheza deu um passo à frente, penetrando no corpo do curinga e odiando a sensação da pele grudada e molhada da criatura. Sentou-se dentro dela, que foi afundando nas águas do East River. No fundo lamacento e cheio de lixo do rio, Barqueiro começou a percorrer seu longo caminho, e Estranheza viu os cílios levantando nuvens escuras.

Silenciosos e discretos, foram para o sudeste na direção da baía e de Ellis Island.



O movimento trazia-lhe euforia. Correr... Ah, correr...

O vento, a respiração ofegante no peito, o coração latejante e a alegria quase a fizeram esquecer que um grogue Espinhento dava gritos de alerta atrás dela e

que precisava evitar os olhares dos barracos da Rox.

Quase.

Antes de fazer parte de Estranheza, Patti devorava romances da era vitoriana passados nas áreas pobres de Londres, com moradores sem-teto e aquela sensação peculiar e suja de realismo. A Rox causava a mesma sensação dickensiana de depressão, aquelas sombras do *chiaroscuro*, mas a realidade dali era mais amarga. Moradias improvisadas se amontoavam como fungos entre os prédios decadentes de Ellis Island; as vielas eram lamacentas e imundas, cheias de marcas profundas de pneus.

Dickens no inferno.

Naquele começo de manhã, as vielas estavam praticamente vazias. Os poucos habitantes que ela viu a disseram que a Rox era uma espécie de Bairro dos Curingas destilado, reduzido à sua essência mais crua e amarga. Os curingas que Patti encontrou por lá eram os mais deformados, no limite do que pode ser chamado de humano.

— Para onde você está indo, Pat? Não há onde se esconder — gritavam Espinhento e Kelly atrás dela, as vozes ecoando entre os barracos.

Os dois não ficaram desmaiados quase tempo algum.

Culpa sua. São só garotos; você quis pegar leve com eles. Patti escutava os saltadores a perseguindo. Ela virou à esquerda após ver as luzes de Manhattan e o seu brilho na água através de dois prédios com ângulos inusitados. Alguns focos de luz foram apontados para perto dela; Espinhento e Kelly continuavam a xingá-la.

Dobrando a esquina, ela deu um encontrão em alguém cuja pele parecia um veludo molhado. Ela viu olhos amarelos e facetados.

— Desculpe — disse ela, correndo para longe, as mãos pingando com o que quer que fosse aquilo que a pele expelia.

Duas cabeças que se uniam num pescoço de touro apareceram, curiosas, numa janela próxima. Alguma coisa sem pernas atravessou a viela na frente dela, deixando um aroma de lavanda que subitamente ficava amargo e azedo. Uma voz soltou um rugido na escuridão entre duas construções, mas as palavras eram incompreensíveis e inacreditavelmente arrastadas.

Patti soltou um grito ao sentir seu bíceps sendo segurado por trás. A mão que a prendia estava presa num braço que se esticava como se fosse caramelo. Tinha

garras como as de um cachorro, mas era inegavelmente humana. O braço se esticou até ficar tão fino como um lápis, fazendo-a virar de lado. A mão a soltou, o que a fez girar e quase cair com o susto.

Patti não olhou para trás para ver o que ou quem havia tentado pará-la; continuou correndo.

Anos antes, ela estivera em Ellis Island. Lembrava-se de uma pequena ilha em formato de U com um cais no meio. O prédio da administração ocupava todo um lado do local; os prédios onde ficavam os imigrantes ilegais presos ocupavam o outro. Patti via o prédio da administração no extremo oposto. Ela sentia o cheiro da baía. O corpo de David começava a ficar ofegante devido ao esforço, mas ela parecia ter conseguido abrir distância dos outros.

Chegou a uma área aberta, procurando um barco a remo, um bote, qualquer coisa. Se precisasse, tentaria nadar. Ela nadava bem, e esse corpo era mais forte do que o dela jamais fora. Manhattan e Nova Jersey estavam a uma distância dolorosamente pequena.

— Bomba mandou perguntar o que você ganha sendo capturada pela polícia, Patti.

Patti parou. Uma silhueta apareceu entre ela e a baía. Ela franziu a testa. Parecia uma barata, mas era bípede, do tamanho de uma pessoa. Havia outras duas com ele; eram curingas e estavam armados com o que parecia ser uma espingarda e um rifle de caça de baixo calibre. O homem-barata ergueu um walkie-talkie de plástico.

— Bomba mandou que eu viesse buscar você.

Ofegantes, Kelly e Espinhento apareceram das sombras dos prédios.

— Ei! — gritou Espinhento.

Patti correu. Havia espaço. Talvez o curinga tipo inseto não pudesse se mover tão rapidamente. Talvez os tiros das armas não a acertassem. Talvez ela conseguisse mergulhar na água e fugir.

Talvez.

O rádio da barata pareceu crepitar.

— Bomba diz que esta época do ano a água ainda é muito fria. Você vai sentir câibra e se afogar antes da metade do caminho. Ele diz que tem uma sugestão para você.

Espinhento e Kelly estavam muito próximos. Ela tinha que tomar alguma

atitude agora.

— Bomba não faria nada contra curingas, Patti. Ele disse para você não esquecer que pediu para Evan não desperdiçar a vida *dele*. — A voz da barata era quase um suspiro, com um toque de uma estranha tristeza.

Aquelas palavras foram como uma ferida mortal. Patti inspirou, quase chorando. Era tarde demais. Espinhento agarrou seu braço abruptamente; Kelly, vestida apenas com um calça jeans, bloqueava o caminho de Patti incriminando-a com os olhos, magoados e frios.

— Esse problema é dos saltadores, Kafka — afirmou Espinhento grosseiramente para o homem-barata.

Os dois curingas que estavam com Kafka deram um passo à frente, ameaçando o garoto e Kelly, mas Kafka fez um gesto com a mão para que recuassem.

— Não é mais — respondeu Kafka num tom suave e quase tímido. — Bomba vai falar com ela. Você quer continuar a morar na Rox? Então pense bem no que vai fazer aqui. Vocês são locatários; só estão aqui porque pagam a Bomba pelo privilégio.

— O Bomba não manda na gente — rebateu o saltador de forma intimidadora. Kafka só esperou. A mão de Espinhento caiu para o lado.

O que parecia um sorriso atravessou o rosto sob a carapaça.

— Ótimo. Não precisamos desse tipo de indelicadeza. Por favor... podem me acompanhar — disse Kafka.

Os guardas tomaram posições de escolta ao redor de Patti e dos outros. Kafka fez um meneio de cabeça. Andando rapidamente à frente deles com um ruído que parecia um farfalhar, guiou-os até o prédio da administração. E até Bomba.

A ROX NÃO AFUNDA; BOMBA CONTINUA. A GRANDE MURALHA DO BOMBA. Patti já havia visto *todas* essas pichações também.

Sua primeira impressão foi de que Bomba parecia mais uma montanha de sujeira ou massa de pão crua na qual alguma criança levada tinha colocado uns palitos de dente. Ele *preenchia* o vasto saguão do edifício de administração. Apoios improvisados de aço pontilhavam o piso encurvado; tubos de concreto penetravam a monstruosa massa de carne como se fossem acessos intravenosos gigantescos. Seu tamanho era quase grande demais para entender; os lados continuavam por corredores escuros. A cabeça era como uma verruga quase perdida naquele corpo enorme. Os ombros e braços eram quase estruturas

vestigiais; finos como palitos e curtos demais, perdidos nas montanhas de carne. Bomba não podia se mover nem ser movido.

E ainda tinha o fedor. Era como se Patti tivesse caído de cabeça dentro de uma fossa. Ela quase vomitou.

Os olhos de Bomba eram pretos e pareciam entretidos.

— Uma montanha de massa crua — disse ele. Sua voz era fina, como a de um pré-adolescente, e as palavras saíram atropeladas. O que ele disse a surpreendeu. — É uma definição mais gentil do que costumo ouvir por aí, Patti. Mas você sempre se considerou uma mulher compreensiva.

— Essa porra é *mulher*? — Espinhento riu atrás dela. — Ei, Kelly, você quase perdeu a virgindade com uma garota.

Kafka fez um gesto. Um dos guardas bateu de forma casual e rápida com a coronha da espingarda na barriga do garoto, que gemeu e vomitou ruidosamente no chão de azulejos.

— Silêncio quando o Governador está falando — disse Kafka gentilmente.

Espinhento cuspiu.

— Vai se foder, sua barata.

Kafka olhou para Bomba, que fez outro gesto. O guarda bateu em Espinhento de novo, fazendo-o cair de joelhos na poça do próprio vômito.

Bomba observava os gestos de violência com uma postura voraz. Suas mãos absurdamente pequenas se fechavam e tremiam enquanto ele sorria.

— Sim, eu *sei* que ele é só uma criança, mas é uma criança violenta e perigosa — ponderou Bomba. Todos ouviram Patti suspirar, pois Bomba havia, mais uma vez, dito o que ela acabara de pensar. — E, aliás, ele não é tão mais jovem assim do que eu.

Bomba não parava de falar, nem sequer interrompia o que dizia para respirar. Seu monólogo se desdobrava como um trem sem freios.

— Alguns precisam se lembrar de quem controla as coisas aqui. A Rox ainda é anárquica demais. Não há um rumo muito bem definido, porque há pouca liderança de fato. Temos muito potencial, quase ilimitado, e poder de verdade. O grupo de David é só um exemplo, apesar de ser muito selvagem e inconsequente. Mas estou aqui há menos de um ano.

O discurso continuou sem interrupções na voz aguda de Bomba. Ele falava de forma rápida, num volume alto, praticamente impedindo que Patti interrompesse

sua torrente de palavras.

— O que...

— Quero de você? — interrompeu ele, completando seus pensamentos. — Isso é muito simples. Estranheza. Eu quero Estranheza.

— Não sei onde ele está.

Os olhos de Bomba se fecharam.

— Eu sei. Ele está muito perto. Está vindo para cá agora. — Seus olhos se abriram novamente, e ele sorriu para Patti. — Imagens tão infantis essas na sua mente — comentou. — O nobre resgate. O final feliz. Mas seu pensamento para por aí, não é? Você não pensou no que acontece depois. Pois eu pensei. A força de Estranheza seria útil para mim. Não é essencial, saiba disso, mas eu poderia fazer bom proveito dela. Estranheza vem sendo um bom amigo do Bairro dos Curingas há anos. Sou muito grato, isso faz com que sejamos irmãos.

— Duvido.

Ele fez que sim com a cabeça, porém mais para os pensamentos de Patti do que para as palavras.

— Aqui na Rox, curingas ajudam curingas, se possível. Fazemos o melhor que podemos por quem quase foi destruído pelo carta selvagem.

— Doa a quem doer.

O rosto de Bomba ficou sério.

— Se um limpo ou um ás se machucar no meio do caminho, não estou nem aí. Que se fodam. Se for necessário, até incentivo. Tenho meus sonhos de fazer a Rox crescer. Só temos esta pequena ilha, 27 míseros acres construídos sobre o lastro de um navio abandonado. A ilha está ficando cheia muito rápido. Tenho pretensões sobre uma ilha maior.

Bomba respirou, e Patti mergulhou no curto espaço de tempo que se abriu.

— Nova York? Impossível.

— Nada é impossível. Nem um pouco. Derramar sangue dos limpos agora vai impedir que muito sangue curinga seja derramado no futuro.

Patti viu que os presentes estavam ouvindo atentamente. Ao seu lado, Kafka estava extasiado com as palavras.

Bomba continuou:

— As represálias serão brutais. Mas sonho com isso toda noite, Patti. E esses

sonhos me dizem que, no futuro, os limpos colherão os frutos do seu próprio ódio e preconceito. Para realizar esse sonho, preciso de mais do que curingas e gangues de rua. Já temos alguns ases desertores e curingas com bons poderes aqui. Mas precisamos de mais. Sei que você tem simpatia pela causa, mesmo que discorde dos métodos.

Ele não a deixava falar, e desfilava sua bravata.

— É, Patti, eu escuto seus pensamentos. “Estranheza é diferente.” Vocês não passam de seguidores da lei. Ajudaram o Hartmann, não ajudaram? E acha que ninguém gostaria de passar pela dor que é ser o Estranheza. — Bomba sorriu, mas sem humor. — Não precisam passar. David, cujo corpo você está habitando no momento, e seus saltadores podem transferir pessoas para dentro e para fora, não é mesmo?

— Então por que você já não fez isso? Por que você não sai disso? — Patti fez um gesto para a massa infinita que se estendia pelos corredores.

Sua cabeça era mínima em relação ao corpo, e sua expressão se fechou. Ele não precisava dizer nada para que Patti soubesse que já havia tentado, sem conseguir. O rosto de Bomba se cobriu com a memória da raiva. Quando falou, sua voz estava áspera:

— Sei que uma pessoa pode entrar em Estranheza e o corpo ainda funcionar. Talvez dois possam sair ou até os três. Talvez, não. Talvez pelo menos um dos componentes originais precise sempre existir na mente de Estranheza. Não sei. Mas vou descobrir. Vou descobrir do jeito que for.

John, Evan, o que faço agora? O silêncio em sua mente zombava dela, e Patti sentiu medo e solidão. O isolamento era mais doloroso do que qualquer coisa que ela se lembrava de sentir em Estranheza.

Bomba parou por um instante. Em meio ao silêncio, um som suave e prolongado — como o de alguém rolando por um colchão de água meio vazio — reverberou pelo saguão. Uma massa gélida e escura saiu de poros distribuídos por todo o corpo dele, que tremulou ao redor dos grandes tubos que o empalavam. A massa viscosa rolou pelos seus flancos, deixando manchas marrons que se acumulavam em volta. Patti viu que os azulejos perto da enorme criatura estavam encardidos.

Ela sentiu um cheiro horrível mais uma vez: cheiro de esgoto concentrado. Patti quase vomitou; ao seu redor, Kafka e os outros lutavam para permanecer estoicos. Curingas de máscaras correram para remover a sujeira, colocando-a

com pás em carrinhos. Outros limpavam os flancos de Bomba.

— Eles chamam isto de bomba de merda — explicou ele a Patti, respondendo à pergunta que ela tinha em sua mente. — Um corpo tão grande como o meu demanda uma ingestão à altura. O carta selvagem facilitou o processo, pois posso digerir qualquer coisa orgânica. Qualquer mesmo. Kafka simplificou as coisas para mim: esses tubos me ligam diretamente ao sistema de esgoto da Rox. Mesmo assim, todo corpo, não importa o quão eficiente, precisa excretar os dejetos.

Patti não conseguiu esconder seus pensamentos.

— Você está com nojo — disse ele em sua voz de tenor infantil. — Não fique. É o que o carta selvagem fez comigo. É culpa minha que este corpo demande tanto e que eu precise engolir a merda de todo mundo e cuspir os restos? — A voz havia ficado estridente. Ele olhou para Patti. — Sim, estou preso, preso como você estava em Estranheza. E não preciso da sua pena, ouviu? Pode tratar de engolir sua pena!

Patti segurou a raiva e levantou o queixo, desafiando o curinga.

— Não vamos dar Estranheza a você. Nem eu, nem John, nem Evan. Não para isso que você quer.

— Isso nós vamos ver, não vamos? Talvez não precisemos de nenhum de vocês. É melhor ajudar, ou nós os forcemos a isso — acrescentou Bomba, rindo várias vezes.

— Não vou ajudar — respondeu Patti categoricamente. — Nenhum de nós vai.

Mais uma vez, as pálpebras de Bomba piscaram sobre pupilas acetinadas.

— *David* é a chave, não você. Ele só está interessado em si mesmo, mas eu posso convencê-lo. Pelo que percebo de John, parece que ele gostaria de finalmente comandar as coisas, além de poder meter a porrada em alguns limpos. Evan... Bom, talvez seus amigos estejam interessados. Além disso, David e o pessoal dele são os fornecedores de arrebate.

— Não sei...

— Mostre para ela — ordenou Bomba, fazendo um gesto para um dos guardas.

O guarda deu um passo à frente. Na cara de cachorro dele, Patti notou que os lábios, as gengivas e as narinas estavam azuis. O curinga tirou do bolso um pequeno canivete. Ele abriu a lâmina, e Patti involuntariamente deu um passo

atrás. O curinga a ignorou, no entanto. Com o braço esquerdo esticado, enfiou a lâmina no antebraço até o punho e rapidamente a tirou. O sangue vazou lentamente da ferida profunda.

O curinga sorriu. Ele deitou a cabeça para trás e riu.

Patti tomou um susto.

— O arrebate faz com que *qualquer* sensação seja boa — explicou Bomba, enquanto Patti observava o curinga. — Você pode arrancar fora sua mão e a sensação vai ser de um orgasmo maravilhoso. Toda sensação se transforma em êxtase, pelo menos por um tempo. Com o uso prolongado, infelizmente, a droga acaba anestesiando toda e qualquer sensação, até que é difícil sentir outra coisa, o que não é exatamente um problema para um curinga, não é? Imagina a dor de Estranheza transformada num prazer quase sexual. Imagina tudo tranquilo de modo que não se sinta nada. Você gostaria de algo assim? Se não você, será que John e Evan gostariam?

Bomba riu e deu um sorriso sombrio ao ver a expressão no rosto de Patti.

— Você está pensando nisso também. Evan quer acabar com essa história, e eu posso libertá-lo de uma forma ou outra. Tem tanta certeza do que disse antes, Patti? É, eu achei que não.

Evan...

— Você está apavorada, não está, Patti? Você odeia a ideia de se separar dos seus amantes. Fica esperando uma resposta, mas não tem ninguém do outro lado. Só que você gosta de estar sozinha também, não é? E está imaginando se agora consegue voltar a fazer parte de Estranheza de novo. Também está imaginando se não deveria fazer todo o possível para ficar no corpo de David. Bom, vou dizer logo para você que não vai dar. Eu preciso do David. Eu não sou mau, Patti. Não quero causar qualquer mal a você. Na verdade, tenho até um presente. Kafka?

Kafka balançou a cabeça positivamente. Correu para uma sala anexa e voltou empurrando uma cadeira de rodas. Sentada nela estava uma adolescente de cabelo escuro, bem bonita, de olhos abertos. Mas quando Patti olhou para ela, foi como olhar para um cadáver. Não havia nada por trás dos olhos, nada mesmo. O corpo respirava, mas quem quer que tivesse habitado aquela casca não estava mais lá. Espinhento olhou por cima dos ombros de Patti; Kelly soltou um gemido de reconhecimento.

— Eu estava guardando isso para uma situação assim — disse Bomba. — A garota se transferiu para um urso-polar, que, no fim das contas, era um sabão

animado. Uma pena. Mas ela nos deixou um corpo vazio.

Patti olhou para o corpo e para Bomba. Ela tentou evitar pensar, para que sua mente ficasse tão vazia quando a da menina à sua frente. Assim, o curinga não poderia ler seus pensamentos. Mas ele riu.

Evan, John... Me desculpem, mas...

— Muito tentador, não é? Nossos saltadores poderiam fazer isso para você. Muito rapidamente! E pronto, você seria mulher de novo. Sozinha. E jovem. Não seria tão velha quanto é.

— Não sou velha. Só tenho 40 anos.

Bomba riu.

— Você se ofende muito facilmente. Pense nisso, Patti. Podemos resolver tudo agora. Eu ajudo você; você me ajuda. Pense no assunto.



Do lado de fora do corpo leitoso e translúcido do Barqueiro, via-se o fundo verde da baía.

John, tem ossos ali! Gente morta...

Lá embaixo, David só riu. John não respondeu.

Estranheza gemeu. John não tinha dado muita atenção a Barqueiro ou à viagem até Ellis Island, concentrando-se na luta interior e na dor.

Evan sentia que John estava se cansando rapidamente. Nenhuma parte do corpo de Estranheza agora parecia ser de Patti. Seu corpo submergiu, e a parte que ficou parecia doer mais do que antes, como se os dois recebessem a dose de sofrimento que antes era destinada a ela. As fronteiras entre Dominante, Subdominante e Passivo estavam ficando cada vez mais fracas e tênues. Pior, como que por consequência do processo de transferência, partes da memória de David flutuavam livremente.

Matar é melhor do que crack cara imagina todos os limpos correndo e gritando pela Times Square...

Evan, é isso que ele quer fazer com a gente. Não podemos deixá-lo comandar Estranheza.

Evan não estava escutando John, mas David.

Eu posso te libertar Evan te libertar e você estaria livre de Estranheza eu posso mesmo...

O que ele está dizendo para você, Evan? Ele está tentando me bloquear, mas os escudos estão caindo também. Eu quase consigo escutá-lo.

David se intrometeu de novo com sua zombaria.

Com o padre eu fiz assim peguei a arma que ele tinha na mesa e fiz uma das freiras se ajoelhar e chupar o pau dele até ele gozar dentro da boca aí eu fiz a outra colocar o cano da arma na boca como se fosse um pau “goza também” eu disse só que quando ela gozou ela explodiu a cabeça e aí eu me transferi para outro corpo quando a polícia arrombou a porta...

Mais do mesmo lixo. John, você precisa ouvir o que eu estou dizendo. E se Patti não quiser mais voltar? E aí, John? Não podemos manter David lá embaixo para sempre. Quando ele for o Dominante, vai nos usar para fazer algo terrível, e aí vai se transferir para outro corpo. Ele vai nos deixar aqui com outra pessoa, alguém que vai odiar Estranheza, alguém que não conhecemos, que não amamos ou que nem gostamos.

Com aquela ideia em mente, a atenção da criatura se voltou para o mundo externo. Barqueiro atravessava o cemitério submerso. Muitos dos corpos ainda estavam com parte da roupa e traços de pele e carne. Os peixes nadavam por entre as costelas dos cadáveres, mordendo; enguias entravam e saíam das órbitas dos olhos e das mandíbulas, como se fossem línguas obscenas.

Alguma coisa ou alguém estava empurrando Estranheza contra a parede fria e úmida no interior do Barqueiro. A pele das costas estava se esticando, enquanto Barqueiro continuava lentamente o trajeto. Uma mão invisível estava pressionando o peito de Estranheza, impedindo que eles seguissem adiante, apesar de o Barqueiro continuar se arrastando. Estranheza lutou, mas debilmente, e a coisa não os largava.

O Muro de Bomba o Muro de Bomba..., choramingou David lá de baixo, do Passivo.

É você, Evan. É você.

Além da pressão física, Evan também sentia uma espécie de cansaço mental. Ele não *queria* mais ir para a Rox. Aquela missão era inútil. Mesmo que Patti estivesse viva, era inútil. Não tinha nada que pudessem fazer lá. John tentou forçar a passagem pela barreira invisível, mas Evan só observava da posição de Subdominante.

— Pare! — gritou a voz rachada de Estranheza.

Barqueiro não deu atenção.

Droga, Evan. Me ajuda!

A pele do Barqueiro estava começando a ficar fina demais. Os esqueletos do lado de fora sorriam para eles, esperando.

Talvez isso seja melhor, John. Acabar logo com tudo.

Não não não por favor Evan eu tiro você daqui eu tiro...

Você ainda quer nos matar, não é, Evan? É isso que você está dizendo, não é?

Estranheza lutou, deu um passo à frente, mas quase não fez diferença. A parte de trás de sua capa estava fria e úmida. A pele do Barqueiro se dilatou perigosamente ao redor deles.

Você quase não está conseguindo nos manter juntos, John. Não vou conseguir manter David lá embaixo quando você cair. Ele é forte e, dessa vez, ele já vai estar esperando a dor. E ele sabe que, quando for demais para ele, simplesmente poderá se transferir.

Quando chegarmos na Rox, ele volta para o próprio corpo, Evan, e Patti volta para nós.

Eu faço a iniciação de Estranheza aí todos vocês se tornam saltadores e podem sair...

Isso é justo John? Você é tão possessivo ao ponto de querer puni-la assim quando ela finalmente se liberta? O que é melhor, deixar esse filho da puta livre ou fazer o sacrifício? Patti pode ficar livre e arrastamos o cara conosco. O que é melhor, John?

Eu sou o Dominante. Com isso, a vontade ressurgiu, fraca. Estranheza conseguiu dar dois passos atrás até o centro do Barqueiro. O frio diminuiu. Fico como Dominante até encontrarmos Patti, sentenciou John.

E aí? O que acontece depois? Já faz dezesseis anos, John. É muito tempo.

John eu ajudo você também só não deixa ele nos matar... O pânico de David liberava adrenalina.

Estranheza gritava enquanto John os forçava para a frente de novo, tentando manter o ritmo lento do Barqueiro. Os peixes deslizavam pela água, fugindo do seu banquete sombrio, incomodados pelo movimento dentro do corpo do curinga

em forma de bote.

De repente, eles atravessaram. Estranheza tropeçou e caiu com o fim da resistência. Do lado de fora, os esqueletos ficaram para trás; mais à frente, havia um planalto lamacento submerso cheio de algas e o começo da subida. Barqueiro contornou montanhas de lastro de navio, Estranheza arfou e a agonia da mudança corporal da criatura atravessou seus três membros. David tentou subir, sair da posição de Passivo mais uma vez; por pouco John não conseguiu mantê-lo lá.

Ele não disse nada a Evan, e Evan não disse nada a ele. Barqueiro fez um chiado. Bolhas começaram a subir ao redor deles e o corpo começou a emergir junto até um píer de concreto sujo de ferrugem. John forçou Estranheza a se levantar e atravessou a pele do Barqueiro com raiva, odiando a sensação úmida e gelada que ela oferecia. Havia degraus corroídos de aço afixados ao quebra-mar de concreto. Estranheza se lançou para fora do curinga e subiu até o topo.



Um círculo de curingas fortemente armados o esperava. Estranheza uivou de frustração.

— Que mente interessante — comentou Bomba, mas seu pequeno rosto demonstrava dor e introspecção. — A dor o torna desagradável até para mim. Mesmo assim, a complexidade de uma consciência compartilhada é fascinante.

— Onde está Patti? — perguntou Estranheza com a voz rouca, que soava ligeiramente mais definida do que um sussurro.

A maior parte da concentração de John estava sendo utilizada para se manter na posição de Dominante, opondo-se à insistência mental de David. Estranheza olhou para os guardas (que estavam bem longe) e depois para Bomba, medindo distâncias enquanto a capa se movimentava por causa das intensas transformações que o corpo fazia. Bomba riu.

— Vão matá-lo antes que chegue à metade do caminho, mas você já entendeu isso, não é, John? É John, não é? — Bomba balançou a cabeça. — Você deveria relaxar por enquanto, John. É com David que quero falar.

— Não! — Estranheza tentou gritar, mas soou mais como um grunhido. — Não até vermos Patti.

— Não acho que isso seja uma boa ideia.

Estamos num impasse, John. Não entendeu ainda?

Você desiste rápido demais. O ego de John enfraquecia a cada instante, e seu controle sobre o Dominante começava a se desintegrar. O desespero invadiu seus pensamentos. Estranheza deu um suspiro trêmulo.

Por baixo, ambos subiam, e David sussurrou, mas só para Evan: *Olha todos esses corpos você pode ter o que quiser não precisa bancar o herói é só me deixar controlar Estranheza e eu liberto você eu prometo só não nos deixe morrer...*

— Bom, vamos ver. — disse Estranheza. — Vamos ver quanto perto eu consigo chegar de você. Ou você nos mata ou você morre. Na verdade, não importa. Ficamos ou com o que eu quero ou com o que Evan quer. Você perde *de qualquer forma*.

Bomba suspirou.

— Que desperdício. — Então, fez um gesto com sua minúscula mão. — Não queria tirar essa carta da manga tão rápido, mas acho que não vai ter jeito. Tragam-na — ordenou Bomba, e depois fez que sim com a cabeça para Estranheza. — Você precisa entender a situação. David está me ouvindo?

A máscara de esgrima sob o capuz assentiu.

— Ótimo. É importante que ele ouça. David, mesmo que você já possa fazer isso, não se transfira ainda. Ah, aqui está ela... — De alguma forma, quando pensavam em Patti sozinha num corpo único, imaginavam ela como costumava ser: os cachos castanho-escuros descendo pelos ombros, com a saia jeans que gostava tanto e uma blusa de algodão cru. Mas a pessoa que agora viam vestia uma calça jeans surrada e tinha o cabelo loiro e desgrenhado.

— John? Evan? — chamou ele (ou ela?) numa voz grave. — Amo vocês dois. Estou com saudade.

Patti disse as palavras e soube que eram verdadeiras, pois seus olhos lacrimejaram. Atrás dela, pneus se arrastaram contra os azulejos, produzindo um guincho agudo. Ela olhou e viu um curinga empurrando uma cadeira de rodas com o corpo de uma jovem saltadora. A isca. A tentação.

É seu. Pode ser seu. Essa noção a rasgava por dentro. Ela olhou para Estranheza, lembrando-se da dor, do sofrimento e da sensação de estar presa.

— Patti — interpelou Bomba, e o olhar dela se virou relutantemente para ele. — Preciso saber. Agora. Você vai cooperar comigo? Faça por você. Faça por

todos os curingas. Faça pelo arrebate. Me ajude.

Patti olhou de novo para a jovem, aquele corpo maravilhoso e vazio. Ela também olhou para Estranheza, e sabia que John e Evan já desconfiavam do que ela estava pensando. Discretamente, ela viu a máscara de esgrima fazer que sim, como se a perdoassem. *Pode ir*, ela quase conseguia ouvir John e Evan dizendo. *Nós entendemos*.

Patti estendeu a mão e acariciou o rosto da garota com anseio e melancolia. Sua pele era macia. Ela sabia que lembraria daquela maciez para sempre.

Então se virou, tentando lembrar de tudo, tentando compactar aqueles poucos segundos da sensação de estar sozinha e de ser uma pessoa só. Finalmente, balançou a cabeça.

— Não — respondeu a Bomba, não se importando que o corpo de David estivesse chorando abertamente agora. — Eu odeio Estranheza, mas amo Evan e John. Você quer usá-lo como uma arma, só que não posso compactuar com isso. Prefiro voltar e ficar com os meus amantes de novo, como era antes.

“Prefiro voltar e ficar com os meus amantes de novo, como era antes.” As palavras de Patti chocaram todos. Evan sentiu que aquilo havia afrouxado o pouco controle que tinha.

Estranheza gritou.

Subitamente, tudo dentro do curinga se tornou fluido. As barreiras mentais desmoronaram e viraram pó.

John?

Não estou mais no controle, Evan. Você precisa...

A pessoa no corpo de David estava correndo em direção a eles, e seus braços abraçavam Estranheza sem se importar que o corpo estivesse em mutação. Estranheza ficou ali, com os braços no ar, sem saber se respondia ao abraço ou não.

Evan, abrace David...

Estou tentando, John.

Por um momento, Evan controlou Estranheza enquanto Patti (ou David?) olhava para a máscara de esgrima.

— Meu Deus, Patti... — gemeu a criatura. — Nós amamos tanto você...

— Evan? Eu me sinto tão sozinha aqui fora. Tenho saudade de vocês, Evan e

John. Quero voltar. — Ela estava chorando, agarrando-se a Estranheza cada vez com mais força. As poderosas mãos malhadas do curinga finalmente a abraçaram também.

— Mas você está livre — disse Estranheza, a voz arrastada e confusa. — Não entendo.

Segura ele, Evan, segura ele.

Agora, Evan. Deixa eu assumir o controle de Estranheza, insistiu David. A vontade de David quebrou a fraca resistência de Evan. Rindo, David passou por ele e tomou a posição de Dominante. Imediatamente, a criatura grunhiu com o impacto da dor no jovem. Contudo, dessa vez, preparado para a tortura, David conseguiu manter o controle.

Evan não fez nada. Nada. Deixou David tomar posse de Estranheza sem impor nenhuma resistência.

Você fez uma promessa, disse ele a David. *Lembre-se do que prometeu.*

Evan, seu filho da puta.

— Puta que o pariu, Bomba, isto dói muito!

— David! — Bomba parecia contente. — Ótimo. Já que você tomou o controle de Estranheza, posso falar mais. — Ele olhou para Patti, que lutava para se livrar das mãos de Estranheza agora. — Se eu fosse você, continuaria segurando ela. Odiaria ver Patti tentando machucar essa criatura, que é o que ela está considerando agora.

Patti xingou Bomba, olhando diretamente para ele.

Estranheza agarrou Patti ainda mais forte.

— Diga logo, Bomba. Sei que não é muito o seu estilo, mas não vou ficar aqui por muito tempo.

Bomba sorriu.

— Vou resumir, então. Está na hora de nos organizarmos. Está na hora de os saltadores ajudarem a Rox.

Estranheza riu e grunhiu com outra mudança ocorrida no seu corpo.

— É o que você estava dizendo para Patti. Mas e daí? Vai aumentar o aluguel?

Bomba deu de ombros, que se ergueram em seu imenso corpo.

— Imagino que tenhamos um certo número de curingas que gostariam de ser

ases, especialmente aqui da Rox. Com algumas transferências triplas... Imagina o que uma dúzia de curingas poderia fazer?

— Especialmente se você puder dar as ordens.

— Exato. — Bomba sorriu.

Evan, você não pode permitir que isso aconteça.

Evan ignorou os clamores de John.

David, você prometeu.

Qual foi, cara? Eu cumprio minhas promessas. Não se preocupe.

Então pode se transferir. Eu fico na posição de Dominante.

Patti lutava contra a força inexorável dos braços de Estranheza, mordendo e arranhando inutilmente.

— Vamos conversar, Bomba — disse Estranheza. — Talvez você esteja certo. Talvez esteja na hora de nos organizarmos melhor. Mas daqui a pouco, depois que eu voltar para o meu corpo.

— E Estranheza? — interrompeu Kafka, preocupado.

— Concordo com meu conselheiro, David — disse Bomba. — Achei que Patti poderia nos ajudar a controlá-lo. Talvez Estranheza simplesmente seja perigoso demais.

Evan?

Preciso de um corpo, David, como você prometeu.

— Vai ficar tudo bem — disse David a eles. — Não se preocupem com Estranheza.

Dentro de Estranheza, houve um momento de vazio sinistro.

... Evan!...

E então Patti voltou, surpresa e descendo quase que imediatamente para a posição do Passivo, enquanto John tentava desesperadamente uma última vez se tornar Dominante.

Evan o jogou com desprezo para baixo. Os olhos de David se fecharam. Quando se abriram, o que viram foi Estranheza e o rosto escondido pela capa.

— Ei, cara. Você pode me soltar agora — disse David.

John? Patti? Amo vocês. Desculpem.

Evan...

Nós sabemos disso...

Estranheza levantou as mãos. Uma delas era de Patti, a outra, de John. Num movimento rápido, pegaram a cabeça de David pelos dois lados.

Estranheza a girou com toda a sua força. O estalo do pescoço quebrando foi muito alto. Estranheza deixou o corpo do garoto cair no chão. Abriu as mãos, distantes do corpo, fechando os olhos pela última vez, esperando a ordem de Bomba e as balas que rasgariam o corpo compartilhado.

Adeus, Patti e John. Amo vocês.

Mas nada aconteceu.

Bomba olhava para o corpo de David. Kafka olhava para o Governador. As armas dos guardas estavam apontadas para Estranheza e prontas para atirar.

Bomba só deu um suspiro.

— David era fundamental. Ele estava disposto a me ouvir e compartilhava do meu sonho. Se vocês fossem Golden Boy, Peregrina ou qualquer ás, eu nem hesitaria — comentou, sem tirar os olhos do corpo de David. — Mas não Estranheza; não pessoas que conhecem a dor de ser um curinga.

A pequena cabeça pousada sobre o corpo fechou os olhos. Ele estremeceu, e mais da massa negra saiu de seu corpo. Havia um cheiro forte de decadência no recinto.

— Vão embora — ordenou Bomba raivosamente. — Vão embora antes que eu mude de ideia.



Dutton finalmente abriu a porta de incêndio e observou a alvorada no Bairro dos Curingas. O crânio sem nariz bocejou. Ele apertou o cinto do seu roupão de seda.

— Estranheza. — Ele soava aliviado. — Estava preocupado. Liguei para algumas pessoas. Achei que...

— Viemos trabalhar.

— Evan? — Dutton olhou para as mãos de Estranheza. Tinham cor de chocolate e dedos longos. Dutton se afastou da porta e deixou a criatura de capa entrar, fechando a porta atrás de si. O museu tinha uma aura sinistra após o amanhecer.

— São seis horas da manhã. O que aconteceu? Onde está Patti?

— Está aqui. Passiva no momento. John está conosco também. Acabou, Charles. Nós... Eu... estava errado. Queríamos contar isso a você.

— Como assim, errado?

— Sobre acabar com tudo. Talvez as coisas deem certo mesmo de vez em quando. O líder da gangue dos saltadores está morto, Charles. — Por trás da máscara, Estranheza deu uma risada alta e encorpada. A vivacidade soou muito estranha para Dutton. — Isso não resolve tudo. Talvez não resolva quase nada — continuou. — Mas é uma pequena mudança, e para melhor. Algumas atrocidades a menos pelas quais os limpos não irão nos culpar, uma desculpa a menos que terão para oprimir as pessoas afetadas pelo carta selvagem.

— E vocês? E Estranheza?

— Ainda dói. Mas um de nós ficou livre, pelo menos por algum tempo. Podemos reter esse pensamento e esperar que, talvez, um dia, tudo mude.

Estranheza suspirou.

Sua forma mudava constantemente sob a capa.

— Você tem bolo, Charles? — perguntaram. — É nosso aniversário.



Eu me chamo Ninguém

Walton Simons

Jerry subiu os degraus de pedra da Igreja de Santo Inácio de Loyola. Não entrava numa igreja há mais de trinta anos. Seus pais o haviam criado de acordo com a tradição religiosa deles, a episcopal, mas o deixaram parar de frequentar a igreja quando começou a dormir nos cultos. David, no entanto, havia crescido dentro do catolicismo. Pelo menos a igreja tinha um aspecto do fim da Renascença que era menos austero do que o gótico.

Jerry entrou e se sentou atrás de Kenneth e Beth. Eles não o reconheceriam, pois estava com a aparência de um velho, com a pele flácida, as costas encurvadas e o cabelo grisalho. Ele esperava ouvir Beth comentando que sentia falta dele, mas o casal ficou em silêncio durante a homenagem póstuma a David. Jerry queria se levantar e dizer a todos que, pelos padrões de qualquer um ali, sobretudo dos católicos devotos, o homem pelo qual estavam enlutados era ruim. Que David estava por trás dos crimes perpetrados pelos saltadores e que merecia exatamente o que havia acontecido. Ele quis, mas não o fez. Primeiro, se Deus existisse, ele/ela não gostaria muito daquilo. Segundo, Jerry não tinha nenhuma prova. Isso o chateava bastante. Todos aqueles meses de trabalho de detetive, e não conseguira nada concreto para apresentar. Ninguém, exceto Tachyon, jamais saberia que ele tinha encontrado David, e Tachyon era bom em guardar segredos.

Jerry olhou para St. John Latham mais à frente. O advogado colocou a mão na boca e tossiu. Havia uma tensão em seu pescoço e uma palidez no rosto. Ele estava respirando de maneira uniforme, mas forçada. Latham balançou a cabeça, depois colocou a mão no bolso do casaco, retirou um lenço e enxugou os olhos. Jerry queria se curvar sobre o banco para fazer com que Kenneth e Beth olhassem para Latham. Eles não acreditariam naquelas lágrimas tanto quanto Jerry. St. John

era o verdadeiro homem de gelo.

Latham ergueu-se do banco e foi para o fundo da igreja. Beth e Kenneth ainda estavam focados no padre. Jerry mancou atrás de Latham pelo corredor central da igreja, caminhando lentamente para não sair do personagem, mas quando entrou no saguão o perdeu de vista.

Um garoto estava parado na porta do banheiro dos homens. Vestia um terno preto novo e tinha espinhas em todo o rosto. Jerry tentou entrar no sanitário, ofegante.

— Foi mal, meu velho — disse o garoto quando Jerry se aproximou da porta.
— Está ocupado.

— Meus remédios — explicou Jerry, começando a tremer. — Eu vou morrer.

O garoto fez uma cara infeliz.

— Ah, tudo bem, mas não demora.

Jerry ouviu um homem soluçando numa das cabines. Não precisava ver o rosto para saber quem era. Latham estava chorando como se tivesse perdido o próprio filho. Jerry abriu a torneira para lavar as mãos. O choro diminuiu. Depois de alguns instantes, a pessoa lá dentro assoou o nariz. Jerry fechou a água e pegou uma toalha. Latham saiu da cabine.

— Ele era um bom rapaz — comentou Jerry.

— Sim, muito bom mesmo.

Latham abriu a torneira e jogou água no rosto. Seus olhos estavam completamente vermelhos. E foi embora do banheiro antes que Jerry pudesse dizer qualquer outra coisa.

Jerry conseguiu sair a tempo de vê-lo deixando o local com o garoto da porta.

Definitivamente havia alguma coisa ali.



Jerry saboreava a última mordida do seu pato à Pequim, mastigando lentamente. Tinha que afrouxar um pouco o cinto. Estava ficando apertado de novo.

— Meu Deus, que delícia — disse ele.

Kenneth assentiu.

— Ah, sim, estou feliz por você não ter desistido no último minuto.

— Não é com você que estou bravo. — Jerry tomou um gole de seu chá e pegou seu biscoito da sorte.

— Você gosta de estar zangado com ela? — perguntou Kenneth com a voz neutra, sem qualquer tom de crítica.

— Não sei. Só acho que ela pegou pesado comigo sem necessidade. Não preciso disso agora.

Jerry abriu seu biscoito e tirou um papel. Parou por um momento para ler sua sorte.

— O que diz? — quis saber o irmão.

— “Você vai superar muitas dificuldades.” Não sei se gostei, isso quer dizer que vou ter que lidar com elas.

— Olhando pelo lado positivo, talvez isso signifique que você e Beth vão se resolver. Isso com certeza iria me fazer feliz.

Kenneth leu sua sorte e franziu a testa.

— E a sua? “Um monte de garotas vai bater à sua porta”? — perguntou Jerry.

— “Homens bons têm poucos inimigos; homens implacáveis não tem nenhum.”

Jerry fez uma careta.

— Sorte dos anos 1980. Conquiste o que é seu e elimine qualquer um que entrar no caminho. Muito estimulante.

Kenneth pagou a conta e os dois saíram para as ruas lotadas de Chinatown. O ar da primavera tinha um frescor que nem o cheiro de lixo estragava.

— Vamos caminhar um pouco — disse Kenneth, andando em direção à Canal Street.

— Tudo bem por mim. — Jerry deu um tapinha na barriga. — Preciso me exercitar um pouco ou vou acabar perdendo meu físico de jovem.

— Beth me contou que ligou para você na semana passada. Disse que você ficou desconversando, mas prometeu que retornaria logo. — Kenneth se virou e olhou para Jerry. — Ficou desconversando mesmo?

— Sim, ela ligou. E sim, quando eu me sentir bem, vou ligar de volta. — Jerry sabia que era bobaquice evitá-la, mas estava com vontade de deixar a cunhada sem resposta por um tempo. Ele realmente queria vê-la sofrendo um pouco. — Não quero mais falar sobre isso. E os Knicks, hein?

— O que quer que diga a ela, não minta. Ela odeia mentiras. — Kenneth olhou para o relógio. — Talvez dê tempo de comer uma sobremesa.

— Tempo é algo que eu tenho de sobra...

Jerry ouviu disparos vindos de dentro de um dos edifícios e se encolheu. Kenneth o puxou para o chão enquanto três garotos com máscaras de esquí e jaquetas de cetim azul saíram de uma loja de antiguidades. Todos os três empunhavam armas. Eles pararam em frente a Jerry e Kenneth. Jerry viu a frieza de dois olhos castanhos se encontrarem com os seus. A arma do garoto girou e passou por ele. Outro garoto disse algo em chinês. O grupo correu pela rua e entrou num beco. Jerry reconheceu o pássaro na parte de trás de suas jaquetas.

— Garças.

Ergueu-se e ajudou Kenneth a se levantar. Alguém gemeu dentro da loja de antiguidades.

— O que você disse? — Kenneth olhou com dureza para o irmão.

— Garças Imaculadas. São uma gangue de rua. Eu vi um especial de TV sobre eles. — Jerry sorriu. — Nada como um pequeno caos para nos deixar empolgados. Devemos chamar a polícia ou algo assim?

— Com certeza alguém já chamou. Não lembro de nenhum especial de TV sobre essa gangue. — Kenneth recomeçou a andar com Jerry pela rua. — Olha, ouvi rumores de que você estava fazendo trabalhos de detetive. Certas pessoas levam isso muito para o lado pessoal. Então, se isso é verdade mesmo, aconselho você a parar. Agora mesmo.

Jerry não imaginava como Kenneth tinha descoberto. Beth não falaria, mesmo que estivesse zangada. Talvez alguém tivesse contado ao irmão sobre Jerry ter contratado Ackroyd. Mas ele estava investigando David, e David tinha morrido. Então, decidiu jogar verde.

— Quem é Kien?

Kenneth empalideceu.

— Então, é verdade. Você não quer saber, Jerry. Latham é muito mais perigoso do que pode imaginar. Ele está perdendo o controle, é melhor ficar fora dessa. — Kenneth olhou para o relógio de novo. — Preciso ir para casa.

— Latham tem algo contra você, né? — Jerry não imaginaria seu irmão tão assustado por qualquer outra razão.

— Vamos apenas dizer que a situação está equilibrada, mas muito

precariamente. — Kenneth agarrou Jerry pelo cotovelo. — Não perturbe o equilíbrio. A vida de todos nós estaria em risco.

Uma viatura da polícia virou a esquina guinchando, sacolejando pela rua com a sirene ligada.

— Vai para casa, Kenneth. Não se preocupe comigo, vou ficar e contar aos policiais o que eu vi aqui.

Jerry memorizaria as caras e os números dos crachás dos policiais. Isso poderia ser útil mais tarde.

Kenneth olhou para o irmão, resignado e preocupado.

— Se cuida. Caso você se meta em algum problema, é claro que eu tentarei ajudar, mas talvez não consiga safá-lo desta vez.

— Eu sei. Diga a Beth que ligo para ela em algum momento. — Jerry acenou para o irmão. — E não se preocupe comigo, sou mais forte do que pareço.

Kenneth acenou sem energia, com a mão na altura da cintura, e se virou. Começou a chuveirar. Jerry caminhou em direção ao carro da polícia. Se Latham estivesse pressionando sua família, Jerry acharia algo e o pressionaria de volta, raivosamente. O ronco de um trovão ecoou no céu ao longe.



Jerry se sentou no saguão, lendo a seção de esportes do *Times*. Ele mudou os olhos e cabelo para castanho e escureceu a pele. Sua estrutura óssea era mais espessa. Os Knicks definitivamente iriam passar para a fase eliminatória. Contanto que não perdessem na primeira rodada, especialmente para o rival Boston, ele poderia aceitar o que viesse.

Até o momento não havia descoberto nada sobre Latham. St. John nem sequer tinha ficha policial, então obviamente era tão bom quanto Kenneth dissera. Poderia também se transformar nele e tentar descobrir algo. Se achasse qualquer coisa, passaria para o irmão. Dessa forma, se Latham decidisse aumentar a aposta, Kenneth poderia pagar para ver.

O elevador apitou suavemente. Latham saiu do carro, sozinho. Jerry dobrou cuidadosamente o jornal, levantou-se e seguiu-o até a rua.

Estava quente e um brisa soprava lá fora. O céu de Manhattan estava limpo. As calçadas, infelizmente, não. Latham caminhava rapidamente, e Jerry teve que

se apressar e dar pequenos encontros para mantê-lo à vista. O advogado cruzou a rua na esquina, pulando para fora do asfalto no instante em que o sinal começou a piscar. Jerry empurrou a multidão, mas antes que pudesse atravessar, o tráfego surgiu à sua frente.

Jerry estava parado na esquina, saltando para cima e para baixo nos dedos dos pés. Latham entrou num Cadillac preto que estava parado numa área proibida. Havia dois rapazes no banco da frente e uma menina na parte de trás. A moça tinha cabelo negro espetado e parecia vagamente familiar, mas, a essa distância, a maioria das pessoas pareceria. Ela colocou os braços ao redor do seu pescoço e o beijou. Eles ainda se acariciavam quando o sinal abriu e o Cadillac saltou para a rua, sumindo antes que Jerry pudesse ver o número da placa.

Ele se transformou de volta no banheiro do primeiro andar. Ninguém notou que a pessoa que entrou não se parecia com a que saiu. Ninguém nunca reparava. Isso era uma coisa boa sobre Nova York. Olhou-se no espelho ao sair.

— Me chame apenas de Sr. Ninguém — disse ele.

O nome parecia mais apropriado do que devia.



Tachyon estava dando algum tipo de bronca em Blaise. O garoto parecia um pit-bull que tinha acabado de tomar uma surra do dono, louco e pronto para se vingar.

— Agora não, Jeremiah — disse Tachyon. — Discussão de família.

Blaise olhou para Jerry com desdém.

— Sim, não era para você estar aqui.

Tachyon estendeu a mão boa e agarrou Blaise pelo queixo.

— Já chega. Peça desculpa ao Sr. Strauss.

Blaise ajeitou a mandíbula e olhou para o avô, odiando-o em silêncio.

— Nos vemos outra hora — respondeu Jerry, recuando.

Tachyon soltou Blaise e balançou a cabeça, desculpando-se.

— Em breve, espero. Você me pegou numa hora ruim.

Jube, o Morsa, estava de pé junto ao meio-fio quando Jerry saiu da clínica. Sua camisa havaiana estampada contrastava com o cinza do Bairro dos Curingas.

— Você sabe qual o cúmulo do jogador de basquete? — perguntou o Morsa.

— Não — respondeu Jerry.

— Jogar a bola na sexta e acertar no sábado. — Jube sorriu sob suas presas.
— Quer um *Grito*?

Jerry balançou a cabeça quando viu a manchete “Dois incidentes com saltadores”. Ele esteve tão ocupado espionando Latham que não tinha prestado atenção ao que acontecia no mundo.

— Claro. — Ele pegou a carteira e deu a Jube uma nota de vinte. — Pode ficar com o troco. O que você sabe sobre esses saltadores?

Jube deu de ombros.

— Nada que não esteja no jornal. Não houve nenhum incidente por um bom tempo. Eu pensei que talvez tivéssemos acabado com esses garotos.

— Eu também — disse Jerry.

— Tem certeza de que não quer seu troco? — O Morsa ainda não tinha guardado a nota.

— Não. Só me avise se você ouvir mais alguma coisa. Sei onde encontrá-lo.
— Jerry levantou o braço quando um táxi virou a esquina.

— Eu aviso. Você já ouviu aquela do taxista curinga?

— Não. — Jerry tinha a sensação de que teria que ouvir a piada de qualquer maneira.



O triângulo do Diabo

Melinda M. Snodgrass

Os dedos dela, quentes e um pouco secos, estavam entrelaçados nos dele. A cada subida e descida do cavalo, eles se separavam momentaneamente. Pele deslizando pela pele. Havia um momento em que ficavam lado a lado, alinhados, equilibrados por um instante, sem recuo.

Tachyon entreabriu os olhos e observou as luzes coloridas do carrossel rodopiarem ao seu redor. A música estava um pouco mais rápida e aguda do que devia e tinha um som metálico. Mas era, de fato, uma valsa.

Nos seus sonhos, eles dançavam.

Virou a cabeça com cuidado e, naquela comunicação sem palavras que haviam desenvolvido desde que se conheceram, ela também se virou para ele. Os ossos do rosto dela eram ressaltados pelas luzes do parque de Coney Island. O tapa-olho era uma marca sombria em sua face linda e única. Era uma deformidade, mas honrável. Uma ferida de batalha. Até em Takis ela seria tentada a manter a cicatriz e não colocar um olho falso.

A música ficou mais lenta, e o impetuoso movimento dos cavalos começou a ser reduzido a um triste e desajeitado suspiro, até parar. Sem pensar, Tachy acariciou o pescoço do cavalo. Sua mão artificial bateu na madeira do cavalo do carrossel, produzindo um som oco e feio.

A violência da reação lhe era familiar demais. Seu estômago se embrulhou, e ele se sentiu nauseado, como se fosse uma dor física. Cody levou as mãos ao rosto, e não havia qualquer gentileza no gesto.

— Pare logo com isso! Você perdeu a mão. Ele poderia ter matado você. Eu perdi um olho. A bala podia ter estourado a minha cabeça. Se você é inteligente

mesmo, deveria estar feliz simplesmente por ainda ter a porra da sua *vida*.

— Desculpe, normalmente eu não fico reclamando assim.

— Fica, sim. — Ela sorriu para amenizar a alfinetada. — Você sempre sofre com o que não pode mudar. O passado está morto, e o futuro ainda não chegou. O melhor que podemos fazer é viver o momento, Tachyon.

Eles começaram a caminhar. No ar, o cheiro de gordura, fritura e algodão-doce. O céu era um branco leitoso difuso, cujas nuvens altas refletiam as luzes de Nova York. Gritos anunciavam as atrações baratas e espalhafatosas.

— Venham ver Tiny Tina, o menor cavalo do mundo!

— Três bolas por um dólar. Derrube as garrafas e o prêmio é seu.

Berros vinham dos barulhentos brinquedos decorados com néon, rasgando a noite. O que simulava uma queda do ar parecia um lírio exótico em contraste com o céu noturno. Pequenos vultos se lançavam em direção ao chão, sendo salvos por um paraquedas. Havia algo maternal e grotesco naquela estrutura gigante soltando paraquedas como se fossem sementes.

Tachyon teve que se forçar a parar de olhar para o brinquedo e perguntou:

— Para onde disseram que estavam indo?

— Para o Zipper — disse Cody. — Terrível.

— Eles são só meninos.

O casal parou na entrada do brinquedo. Um rock tocava nas caixas de som e estourava seus ouvidos; a linha de baixo fazia o chão vibrar. As pequenas cabines se abriam e cuspiam passageiros cambaleantes como se fossem ervilhas de uma vagem. Blaise estava com o braço ao redor de Chris. O garoto humano estava tonto, mas Blaise, com seus cabelos quase escarlate por causa das luzes, estava totalmente sob controle. Havia uma aura selvagem em seus olhos escuros e seus dentes brilhavam.

— E aí? Gostou? — perguntou Blaise.

— Porra... Foi ótimo — respondeu Chris.

Tachyon e Cody trocaram olhares por conta do linguajar do garoto, que estranhamente iniciou a frase com um palavrão.

Meninos que estão virando homens, pensou Tachyon. *Que transição difícil*.

— Chris está com quantos anos? Treze? — perguntou.

— Sim — disse Cody.

— Aos 13, eu estava saindo dos alojamentos femininos.

— Isso é que é desencontro. Logo quando um garoto quer ficar perto das garotas, é tirado de lá. — disse, estudando o filho adolescente que trocava socos dolorosos com Blaise. — Por outro lado, considerando os hormônios da idade, talvez seja bom mantê-los separados até que os meninos aprendam alguma coisa sobre biologia humana.

— Existem brinquedos para isso.

— O quê?!

Ele capturou o pensamento sexualmente ultrajante que ela teve.

— Não esse tipo de brinquedo. Brinquedos vivos.

— Pior ainda.

Ela caminhou até o filho, e Tachyon mordeu o lábio inferior. Era uma mulher forte com uma personalidade forte. Será que seu comentário leviano a havia ofendido? Será que fez com que achasse que ele pensava nela como um brinquedo? Ele correu até os três pensando em como consertar as coisas.

Os garotos estavam passando um na frente do outro, tentando chamar atenção de Cody. Blaise dançou, andando para trás e balançando a cintura, de alguma forma sem acertar ninguém que passava.

Talvez ele tenha um poder de telepatia maior do que eu achava que tivesse, pensou Tachyon, estudando seu vulto magro. Aos 14 anos de idade, Blaise tinha quase oito centímetros a mais que o avô, e já mostrava sinais de que teria os ombros de um jogador de futebol americano e a cintura fina de um verdadeiro atleta.

E você está se divertindo à beça com ele nas suas aulas de caratê. Uma voz inquietante o lembrou. Tachyon não se preocupou. Blaise estava muito melhor desde que Cody entrara na vida deles. Tirando o fato de que o relacionamento do dois era casto, tinha todas as qualidades de um casamento. Cody alternadamente dava broncas e cuidava do neto. Blaise adorava. O interesse dela pelo garoto havia suavizado sua atitude intempestiva. Na verdade, fazia meses que Tachy não sentia medo do neto.

— Cody — chamou Blaise. — Você quer que eu ganhe um bicho de pelúcia para você? — Virou a cabeça em direção à barraca do tiro.

Tachyon se juntou a eles. Ele sorriu para Cody.

— Talvez seja melhor confiar em mim. Faço isso há mais tempo que ele.

Blaise franziu a testa, e Tachy sentiu vergonha. Empinar-se todo e bufar na frente do neto de 14 anos. Quem estava competindo com quem?

A mulher fungou.

— Obrigada, rapazes, mas eu consigo fazer isso sozinha. Ela deslizou levemente os dedos pelos cachos do topo da cabeça. Tachy sentiu como se alguém tivesse trocado seus pulmões por pedra. Ficou difícil respirar.

— Que tal uma competição? — perguntou Blaise com os olhos brilhando.

Os três seguiram Cody até a barraca e colocaram o dinheiro no balcão. Cody já sentia o peso da arma. Tachy levantou o rifle. Era para canhotos. Apesar dos antigos treinos três vezes por semana no clube de tiro, ele tinha muito que reaprender.

O rapaz da barraca ligou a máquina, e uma fila de ursos bravos começou a circular na parede do fundo. Blaise e Chris dispararam. Blaise foi melhor que o garoto humano, mas nenhum conseguiu obter os pontos necessários para continuar. Blaise jogou o rifle no balcão e se afastou, murmurando impropérios em francês.

Tachyon e Cody caminharam até o balcão e começaram a atirar. O rapaz que controlava a máquina ficou boquiaberto com a habilidade dos dois. Os ursos caíam de quatro no chão e eram levados para fora. Os números cresciam. As bochechas de Chris ficaram vermelhas de empolgação. Ele se posicionou à esquerda da mãe. Blaise olhava para as costas de Tachyon soltando fogo pelos olhos.

O avô já havia errado dois tiros. Cody, só um. Mais um e ele estaria desclassificado. O alienígena mirou, prendeu a respiração, firmou o rifle e apertou o gatilho. O urso, convencido, permaneceu de pé desafiadora-mente. Parecia zombar dele ao fazer a curva. Tachyon baixou o rifle. Cody continuou atirando. Demorou mais uns cinco minutos até que ela errasse três disparos.

O rapaz da barraca desceu um tigre branco envolto numa fita e o entregou para Cody. Tachy ganhou um Roger Rabbit como prêmio de consolação.

O homem e a mulher, com os garotos a reboque, voltaram para o corredor central do parque, colorido pelas luzes.

— Não tem vergonha, não? — Tachyon a repreendeu enquanto esperavam Blaise e Chris comprar algodão-doce.

— De quê?

— De destruir o meu ego takisiano.

— Takisiano uma ova. Seu ego *masculino*. — Ela olhou para ele com um olhar irônico. — Onde está o prêmio que você iria ganhar para a moça indefesa? — zombou.

— Seja legal comigo, eu só tenho uma mão.

— E eu só tenho um olho. Quem tem a melhor desculpa?

Mas Tachyon já havia enjoado da brincadeira. Estava revivendo um pesadelo. *Sangue e fragmentos ósseos pulverizados no ar. Dor e agonia!*

A bochecha quente de Cody tocava a dele. Seu braço era um apoio bem-vindo.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Lembranças — disse ele, forçosamente. — Temos memórias mais claras do que as de vocês, humanos. É a nossa maldição. — Ele passou pela testa o dedo, que ficou molhado. — Ah, que ótimo. Desculpa, já está passando.

Ela esticou o braço e tomou sua prótese nas mãos.

— Você se lembra da dor...? — No meio do caminho, sua voz transformou a afirmativa numa pergunta.

— Como se tivesse acontecido ontem.

— Ah, meu Deus. Sinto muito.

Seus lábios tocaram as bochechas dele enquanto sussurravam as palavras. A respiração quente de Cody aqueceu a pele fria de Tachyon, que subitamente se viu cercado pelos braços dela. Desde aquele dia na clínica, eles nunca haviam feito nada além de tocar as mãos um do outro. Agora os braços dela estavam ao redor dele mais uma vez. Suas coxas o tocavam discretamente, e ele teve uma ereção.

Ao mesmo tempo, murmuraram pedidos de desculpa e outras futilidades e se separaram. Cody foi pegar os meninos. Tachyon saiu para procurar um banheiro.

— Encontro vocês no carro — avisou ele aos outros enquanto saía procurando água fria para jogar no rosto e um mictório para tentar se aliviar.



Roger Rabbit estava esparramado no sofá do escritório. A luminária articulada lançava luz num tom quase excessivamente amarelo pela vastidão de papéis sobre sua mesa. O resto do ambiente estava escuro. Tachyon esfregou os olhos, pegou a

caneta-tinteiro e laboriosamente desenhou sua assinatura na parte de baixo da página de um pedido de financiamento. Sua prótese segurava a parte de cima do papel.

A maioria das fontes financeiras havia secado após o que ocorrera durante a Convenção Nacional do Partido Democrata, em julho do ano anterior. Nesse pedido, ele requisitava quinze mil dólares para a Sociedade Franco-Americana de Nova York. Quinze mil dólares seriam suficientes para manter a Clínica Blythe van Renssaeler funcionando por cerca de duas horas e 27 minutos, mas vários milhares de dólares juntos salvariam a vida de vários curingas.

Tachyon ouviu o barulho característico de um salto alto passando no corredor, do lado de fora do escritório. A porta se abriu, e Cody apareceu, iluminada pelas lâmpadas fluorescentes do lado de fora.

— O que você está fazendo aqui? São duas horas da manhã.

— E por que você está aqui, senhora cirurgiã?

— Tenho que ver alguns pacientes.

— Eu também.

— Não vale a pena se matar por causa disso aí — retrucou ela, apontando a papelada. Atravessou o escritório até a mesa. — Nós curamos ou enterramos gente, mas isso aí... — pegou um punhado de papel, amassou e jogou na lata do lixo — ... nós tratamos de outra forma.

— Cody, comporte-se. — Tachyon pegou o papel amassado da lixeira.

Ela se sentou com uma das coxas sobre a mesa. A boca de Tachyon secou. No parque de diversões, ela havia usado jeans, mas agora, inexplicavelmente, estava de saia. Sua pose permitia que Tachyon visse boa parte de sua coxa, e ele estava observando tudo.

Cody notou os olhares dele e sorriu. Com o tapa-olhos e a cicatriz, o sorriso lhe conferia um visual predatório. Mas sensual também. Caramba, como ela era sexy.

— Você ficou de pau duro no parque, não ficou? — perguntou ela casualmente. — Isso me fez perceber o que pensa de mim.

Depois de quase digerir o próprio estômago, Tachy forçou sua voz a ficar no mesmo tom objetivo que ela havia usado.

— Cody, trabalhamos juntos há quase um ano. Sinceramente, estou surpreso com minha paciência, e não posso exatamente ser culpado pelo meu corpo.

— Sou profissional. Soldada, médica, chefe de cirurgia.

— E mulher — acrescentou ele com candura.

— E você tem desejo por mim.

— Estaria mentindo se negasse. — Ele pegou sua prótese de mão e colocou sobre o coto no braço direito. — Será que você me deseja também?

— Não sei. Tenho medo de ficar muito próxima de você.

— Por quê?

— Você já esteve com muitas mulheres. Não quero ser só mais uma.

— Do jeito que você fala, parece que sou mimado e negligente.

— E é. De várias maneiras, você só usou todas essas mulheres.

— Já que está sendo tão honesta comigo, acho que deve saber que venho sendo incrivelmente paciente com você. Estou disposto a esperar...

Ela deslizou pela mesa.

— É porque eu valho a pena — interrompeu.

— Porra, Cody. Eu quero você!

— Vai ser difícil. Até que tire a catraca da sua casa, não estou interessada. Se eu entrar no seu quarto, quero ser a única.

— O que você está me pedindo?

— Compromisso. É importante para mim. Serei a companheira mais leal que você vai ter na vida, Tachyon. Mas, se me trair, eu mato você. Tem certeza de que, mesmo assim, quer que eu entre pela porta do seu quarto?

— Não sei. Você me assusta... um pouco.

— Ótimo. Só vale a pena se você ficar assustado.

Ela se inclinou rapidamente e o beijou.

— Por que isso? — perguntou Tachyon.

— Por ser homem o suficiente para admitir que nós, mulheres, é que na verdade somos o sexo mais perigoso.

Ele passou os dedos pelo cabelo.

— Você está me confundindo.

— Ótimo.

A porta se fechou suavemente atrás dela.



Figuras pequenas e vestidas espalhafatosamente passaram num caleidoscópio de cores. A coronha do rifle deslizava em sua bochecha. *Ela* o olhava com candura por trás. Ele apertou o gatilho repetidamente e as balas vazaram do cano de sua arma como raios de luz. Pequenos Tachyons se estilhaçavam e morriam.

O rapaz da barraca o presenteou com um brinquedo *gigante*. Ele se virou para vê-la. Sua expressão de orgulho e amor o aqueceu. Ela estendeu a mão e o tocou na bochecha. Baixou o zíper da calça dele e colocou seu pênis para fora. Ele sentiu o calor de seus lábios ao redor do pau. Seu coração se apertou até virar uma pequena e densa bola.

Seu esperma se espalhou, quente e grudento, pela barriga. Blaise se sentou na cama, respirando sufregamente.

Cody, Cody, Cody.



Cody estava saindo quando Blaise e Chris chegaram no apartamento. Ela beijou Chris na bochecha, levantou o boné dos Dodgers de Blaise e ajeitou o cabelo dele. Um calor o atravessou, e ele a encarou com olhos quentes e sugestivos. Blaise percebeu com satisfação que ela se virou rapidamente para pegar sua bolsa e sua mala.

— Ok, bandidagem, estou indo para o hospital. Tem um bolo de chocolate em cima da mesa e Coca-Cola na geladeira. Não quero desculpa nenhuma para não estudarem. Esse açúcar todo deve ser suficiente para alimentá-los até semana que vem.

— Beleza, mãe — disse Chris.

— Blaise, tudo bem? — quis saber Cody, com uma das mãos na maçaneta. — Você está olhando para mim como um garotinho com prisão de ventre.

O sangue correu para suas bochechas, e suas fantasias se acabaram. Seu pênis subitamente ficou totalmente flácido.

— Tudo bem — murmurou.

Ela saiu, mas seu perfume ainda estava no cabelo dele.

Chris já estava na cozinha devorando duas fatias enormes de bolo de chocolate.

— Álgebra — disse quando Blaise entrou. — Você entende de matemática? E por que preciso aprender isso?

— Talvez você não precise, mas eu preciso. É o primeiro passo para entrar em cálculo e trigonometria, e você tem que saber os três para astronavegação. Tem uma nave que vai ser minha um dia. Preciso saber como pilotá-la.

— Que legal — exclamou Chris com a boca cheia. — Uma nave espacial e um avô alienígena.

— Não é tão legal assim.

Chris ficou boquiaberto.

— Você só pode estar brincando. O que pode ser melhor do que isso?

— A vida que eu tinha antes. — Blaise retirou o glacê com cuidado e o esmagou com o garfo. — Não tinha escola, não tinha dever de casa e não tinha que arrumar o quarto. Meu pai que fazia isso. Meu tio Claude dizia que eu era importante demais para ser perturbado por coisas mundanas.

— Você tem pai? — perguntou Chris, honestamente impressionado.

— Claro.

— E onde ele está?

— Numa prisão, na França.

— Como assim?

— Ele é terrorista. Foi Tachyon que o mandou para lá.

— Que bom.

— Por quê? — perguntou Blaise.

— Porque... bom... porque...

— Chris, é *maneiro* ser terrorista.

— É?

— Você está sempre fugindo. Sempre mudando de casa. Senhas, encontros com traficantes de armas à noite, à beira de um rio. Sempre um passo à frente dos outros idiotas. Você está sempre à margem do povo. Eles têm que ir para o trabalho e ir à escola. A gente via os artistas em Montmartre, comia doces nos cafés em Rive Gauche. Passeava pelos museus, e ele me falou tudo sobre os

pintores, a nossa história. “*Vive la France!*”, ele dizia. Aí ria e me abraçava.

— Quem?

— Tio Claude.

— Ele era terrorista também?

— Era.

— O que aconteceu com ele? Também está preso, que nem o seu pai?

Blaise continuou no mesmo tom:

— Não, morreu. — O garoto esmagou o bolo com o garfo e observou o glacê vazando entre os dentes. — Acho que foi meu avô quem o matou.

— *Blaise!* — Chris tinha os olhos bem abertos e chocolate em volta da boca. Aquilo fazia com que ele parecesse absurdamente jovem e realmente ridículo.

— Sua mãe gosta de mim, de verdade — disse Blaise, mudando de assunto rapidamente. Ele estava cansado do passado. Pensar naquilo o deixava triste. E com raiva.

— Hein?

A falta de compreensão do garoto mais novo enfurecia Blaise. Pegando Chris pelo cabelo, ele puxou para trás a cabeça do menino humano.

— Ela me quer! Ela está apaixonada por mim!

— Você está maluco — gritou Chris. — Você é só um garoto. Que nem eu. É como se você fosse meu irmão. Só que não me dá muita *vontade* de ser seu irmão quando diz essas maluquices.

— Nunca vamos ser irmãos. — O tom de Blaise era seco, perigosamente racional. — Para sermos irmãos, Cody e meu avô...

— É possível.

Blaise foi para cima de Chris de novo, colocando as mãos finas e longas ao redor da garganta do menino, mas sem fazer pressão.

— Não — disse com suavidade. — Isso *não* vai acontecer.

Ele soltou Chris e saiu do apartamento.



— Tachyon, temos que conversar.

O alienígena tirou os olhos do microscópio. Piscou para limpar a umidade dos olhos causada pelo excesso de concentração. A agitação dela o havia preocupado, apesar do tom e da expressão calmos.

— Cody.

Ele estendeu sua mão artificial. Ela colocou a mão no seu antebraço, onde a prótese e a pele se encontram.

— O que houve com o Chris? — perguntou Tachyon.

— Merda — disse ela, mordendo o lábio. — Por que isso aconteceu?

Com humildade, ele respondeu:

— Eu não me esforço para ler seus pensamentos. Eles simplesmente estão aí, bem na minha frente.

— Eu sou dona de mim mesma, Tachyon — alertou.

— Eu sei. — Ele dobrou a perna e colocou o tornozelo sobre o joelho. — Agora me conte o que aconteceu.

— Estou preocupada com meu filho, e a razão da minha preocupação é o Blaise.

Tachyon tinha consciência de que sua expressão facial demonstrava receio. Ele mexeu no mecanismo de foco do microscópio. *Você pode esconder de si mesmo, mas o mundo percebe*, disse uma voz baixa, zombeteira.

O takisiano se preparou para o pior. Cody continuou:

— Blaise deixou Chris muito assustado ontem.

— Ele controlou a mente do garoto?

— Não, mas quase apertou o pescoço dele. E ainda fez uns comentários loucos a meu respeito. — Cody fez um gesto de preocupação. — Agora parece uma idiotice, mas eu vi que Chris estava realmente com medo.

— Blaise é muito... errático às vezes. Mas, desde que você chegou, tenho visto uma melhora nele. Você vem sendo a mãe que meu neto nunca teve. E ele quer agradar você. Tenho visto menos raiva nele...

— Não é a raiva que me preocupa. Tem uma frieza nele quase desumana.

— Bom, ele não é humano. Um quarto dele é takisiano.

— Isso é besteira. Você sabe disso. Geneticamente, humanos e takisianos são idênticos. Talvez vocês sejam os nossos astronautas antigos, não sei. Mas isso não é relevante. O importante é que...

Ela hesitou.

— Pode falar, Cody.

— Tachy, ele precisa de ajuda.

— Mas eu o estou ajudando.

— Não. Você está sendo o problema.

Ele se levantou e se afastou da verdade que a afirmativa continha. Girou nos seus calcanhares para ficar de frente para ela novamente.

— Você precisa entender o que ele passou. Os horrores que viu e que teve que aguentar. — Tachy tentava se eximir com nervosismo. Percebeu o que fazia e se forçou a parar. — Ele passou a infância com uma célula revolucionária violenta em Paris. No ano passado, foi hospedeiro de uma criatura odiosa. Teve sua primeira experiência sexual sob o domínio dessa criatura. Controlou a mente de um curinga e forçou o desgraçado a *literalmente* se despedaçar.

As mãos de Cody seguraram a dele. O alienígena olhou para cima, para o único olho dela, feroz e escuro.

— Tachyon, eu quero ser compreensiva. Isso tudo é muito triste, mas não altera o fato principal, mais relevante e perigoso. Blaise é um sociopata e talvez até psicótico. As pessoas ao redor dele vão continuar se machucando.

— Estou disposto a arriscar.

— Tudo bem, então! Mas você não tem o direito de arriscar a vida dos outros.

— O que eu posso fazer? Você acha mesmo que ele vai se sujeitar a fazer análise com os poderes mentais que tem?

Um pensamento novo e preocupante emergiu. Ele o viu aparecer momentaneamente no rosto dela. Ficou preocupado e chegou a perder o ar. Tachyon se deu conta de que eram as emoções dela que estava sentindo. Ela temia por ele.

— Tachyon, você consegue controlá-lo, não consegue?

— Por enquanto, sim.

— Como assim, “por enquanto”?

— Ele fica mais poderoso conforme cresce. Tenho me mantido em estado de alerta constantemente.

— E esse estado de alerta é difícil de ser...

— Quebrado?

— Sim.

— Extremamente — disse ele, suavizando a voz.

— Tenho medo disso.

— Não tenha medo. Eu posso protegê-la. — Tachyon sentiu a maciez do cabelo dela ao penteá-lo para trás com as pontas dos dedos.

— Não preciso da sua proteção — rebateu ela bruscamente.

Surpreso, ele pulou para trás.

— Não quis ofender. Presumi que você me protegeria também — gaguejou, recuando.

A luz da militância se apagou no olho da mulher.

— Mas que merda!

— O que foi?

— É tão difícil ficar contra você.

— Por que precisa ficar contra mim?

— Você é sedutor demais. Eloquente demais. Polido. Atencioso. *Não vou...*

Ela se virou e saiu do laboratório como se os fantasmas de todos os seus ancestrais a estivessem perseguindo.



O forte sol de junho penetrou o triste interior do Museu Popular do Bairro dos Curingas e fez partículas de poeira começarem a flutuar. Blaise gostava daquilo. *Será que elas estavam ali o tempo todo, imaginou, esperando no escuro que ele chegasse? Ou sua chegada que as havia criado?*

Será que as outras pessoas têm esse tipo de pensamento?, pensou ao passar pela parte dos Monstruosos Bebês Curingas e pelo diorama de Jetboy. Cody estava em frente ao boneco de cera de Tachyon. Blaise sentiu uma onda de irritação atravessar o corpo.

A mulher conscientemente mexeu o sorvete de limão com a colher e levou um pouco à boca.

— Ele parece tão jovem. — Blaise a escutou dizer.

— Não está muito diferente de agora — disse Dutton, dono do museu.

O curinga estava atrás dela, com as mãos escondidas na capa. Seu capuz estava aberto, para trás, revelando a cara de morte. Blaise ficou imaginando se ele estava tentando chocar Cody ou se aquilo significava que ela era muito bem-vinda.

— Não, é só impressão — respondeu ela. — Quando olho para ele, vejo todos os 43 anos desenhados no rosto.

— Você gosta dele — sugeriu Dutton.

— Sou fascinada por ele — corrigiu Cody, acrescentando: — É o rosto de um santo dissoluto.

— Vou deixá-la a sós para contemplar o rosto de alguém de quem gosta... Quer dizer, alguém por quem você tem fascinação.

— Que belo uso da língua — comentou Cody secamente enquanto Dutton voltava para seu escritório.

As pedras faziam pressão contra sua coxa. Blaise fez uma concha com a mão para esconder o volume e interceptou Cody quando ela caminhava em direção ao diorama dedicado à Síria.

— Oi, Cody.

— Meu Deus, Blaise. Você me assustou.

Ela havia colocado a mão sobre o decote. Ele conseguia ver onde o bronzeado dela terminava e onde começava a pele branca de seus seios. Havia notado que ela estava usando uma fina corrente de ouro. Ele gostava de como aquilo destacava o dourado de sua pele. Talvez ela não gostasse de pedras coloridas. Será que ela não gostava? *Meu Deus, eu amo tanto você!*

Mas o que ele disse, num tom impulsivo e nervoso, foi:

— Tenho uma coisa para você.

Colocou a mão no bolso. O couro flexível produzia uma sensação suave em sua mão. Ele abriu as cordas de uma pequena sacola. Pôs as pedras preciosas no console do diorama, fazendo um ruído de vidro. Esmeraldas se juntaram perto do botão que controlava Sayyid. Um diamante deslizou ruidosamente para a borda do console, mas Cody fez um movimento automático impedindo que caísse. Ela segurou a pedra, fechando a mão com força. Lentamente, ergueu-a até a altura do olho e cuidadosamente a abriu, com medo do que havia nela.

Blaise franziu a testa por causa do arco-íris formado e mordeu o lábio

inferior. As safiras quase pareciam falsificadas por serem tão azuis. Os rubis não eram ruins, mas o topázio era o melhor. O garoto pegou um topázio dourado do tamanho de um ovo de passarinho e o colocou no peito de Cody. Havia um nervosismo ali. Blaise gostava daquilo.

— Essa fica melhor em você. Sei que é só semipreciosa, mas...

— *Onde* você conseguiu essas pedras?

A voz dela era áspera, inquisidora, não o murmúrio excitado e ofegante que ele esperava. Blaise recuou sentindo seu estômago queimar.

— Não se *questiona* um presente, só se aceita.

As pedras chacoalharam quando Cody começou a juntá-las. Ela arrancou o saco de couro das mãos dele e começou a enfiar tudo lá dentro de volta.

— Blaise, você está muito enrascado agora. Diga onde conseguiu essas pedras. Talvez possamos resolver de alguma forma sem seu avô descobrir. Você é menor e...

— Cody! São para você!

— Eu não quero, Blaise. Não quero nada roubado.

— Eu só queria fazê-la feliz — disse Blaise.

— Mas conseguiu exatamente o contrário.

— Cody... — A voz dele tinha um tom queixoso. — Eu te amo.

Ela passou a mão macia na cabeça dele, os dedos afagando a parte curta do corte militar.

— Todo garoto se sente assim. Eu fiquei perdidamente apaixonada pelo meu professor de história no ensino médio. Acontece com todo mundo quando começamos a perceber que existe uma diferença entre meninos e meninas. Quando somos adolescentes, é tudo tão inseguro. Aí a gente acaba se apaixonando por alguém mais velho, dando sentido a um mundo cheio de incertezas.

— *Não fala comigo nesse tom, como se soubesse tudo da vida.*

— Não estou querendo parecer superior. Estou tentando mostrar que me importo com você, que entendo, mas que o meu entendimento não significa permissão.

Seu poder estava pressionando o crânio. Seu corpo inteiro era apenas uma imensa dor sob pressão. Ele queria explodir.

— Eu amo você. — As palavras quase saíram apertadas pelos seus dentes

cerrados.

— Mas eu não te amo.

— Eu posso fazer você me amar.

Foi a primeira vez que ele viu uma reação nela. Uma nota de alerta em seu único olho. Contudo, seu tom de voz era seco e frio quando falou:

— Isso não é amor, Blaise, é estupro.

O braço dele fez um movimento amplo e descontrolado.

— É ele! É *ele*, não é?

— Do que você está falando?

— Sou melhor do que ele. Sou mais jovem, mais forte. Posso dar *tudo* a você. Qualquer coisa que queira. Posso levá-la para qualquer lugar.

Ele começou a andar de um lado para o outro, dando passos longos e inquietos que cruzavam o beco. Cody estava imóvel, pois aquilo tudo era assustador.

— Qualquer lugar do mundo — continuou ele. — Do mundo inteiro. E eu gosto do Chris. Ele pode vir com a gente. Mas você não quer *ele* pegando em você. Você não quer aquele coto roçando nos seus peitos ou se esfregando na...

O impacto foi tão inesperado que travou as palavras em sua garganta e o desequilibrou. Cody lentamente abaixou a mão. Blaise ainda sentia o rosto quente e formigando pela bofetada. A pressão de todos os gestos de carinho, xingamentos a Tachyon e demonstrações de proeza reprimidos se acumulavam em seu peito como carros numa estrada engarrafada.

— Agora você vai escutar, e vai escutar direitinho! Eu deixei que continuasse agindo dessa forma extremamente idiota e imatura por causa do meu respeito e amor pelo seu avô, e considerando o fato de que você ainda é jovem e estúpido.

Cada uma das palavras o atingiu como um chicote. Blaise se retorcia com o escárnio da voz rouca e profunda de Cody. Seu amor decantou até se tornar um piche oleoso e amargo no fundo da garganta.

Cody continuou:

— Não tenho tempo para isso, nem paciência. Em algum lugar... — seu braço fez um grande círculo no ar — ... tem uma linda jovem que ainda está aprendendo a provar teoremas geométricos, ou a cortar tecido para um vestido, ou a jogar tênis. Um dia vocês vão se encontrar e serão muito felizes juntos. Só que essa

garota não sou eu. — Ela levantou a bolsa com as pedras e olhou para ele, séria.
— Agora, me diga onde foi que conseguiu isto e eu vejo se consigo evitar que você vá para o reformatório. E não direi nada para o seu avô. Não vou contar nada se me ajudar a devolver essas pedras para o dono.

— *Eu odeio você!*

Um meio sorriso zombeteiro apareceu nos lábios da mulher, que se curvaram.

— Achei que você me amava.

Ele se afastou, e ergueu a mão.

— Vou... mostrar... para você.

O boneco de cera de Tachyon estava no lado oposto dele. Blaise girou e deu um chute, de costas. A cabeça da estátua saiu voando e quicou no chão. Depois, rápida e metodicamente, o garoto a despedaçou com vários chutes. Dutton saiu correndo do escritório.

— Ei!

Sua voz se dissipou no ar quando olhou de Blaise para Cody, que estava tão imóvel quanto as figuras de cera que a cercavam.

— Vou... mostrar... para você — repetiu Blaise, e saiu do museu pisando firme.



— Era para ter sido bobo e melodramático. Bom, *de fato* foi bobo e melodramático, mas, para falar a verdade, eu quase me borrei de medo.

Tachyon colocou um copo em suas mãos, dobrando seus dedos ao redor.

— Aí ele chutou o boneco de cera até se despedaçar. — Cody tomou um longo gole do conhaque.

Tachyon voltou para o bar e fez um drinque para si mesmo.

— Tem certeza de que você não está exagerando nem um pouco? — perguntou.

— Tenho!

Ele levantou as mãos.

— Ok, tudo bem.

Cody tirou uma sacola de sua bolsa e a jogou na mesa de centro. A sacola fez um som estridente ao cair.

— Eu sei muito bem que não estou exagerando.

Tachy balançou a sacola sobre a mesa, revelando seu conteúdo. Ele olhou embasbacado para as pedras multicoloridas que brilhavam sobre a luva cor de vinho dele. Suas sobrancelhas se levantaram, curiosas.

— Eu liguei para a polícia e fingi que era jornalista — contou Cody. — Ninguém denunciou qualquer roubo de joias.

— Vou cuidar dele — disse Tachyon. — Você não precisa mais ter medo.

Cody se sentou com ele no sofá.

— Tachyon, seu idiota. Não estou preocupada comigo. Estou preocupada com você. O que eu vi no rosto de Blaise era... — Ela se interrompeu e mordeu o lábio inferior. Tachyon tentou refazer sua expressão, pois sentiu que ela parecia um animal ferido. — Ele odeia você.

Ali estava: a verdade, nua, feia e suja. A verdade que ele vinha escondendo há mais de um ano.

O ombro dela estava próximo. Ele pousou a cabeça nele. Cody o abraçou.

— O que vou fazer?

— Não sei.



O vômito de uma sombra. Uma criança no escuro. Seguindo. Observando. Blaise girou, os lábios retraídos num rosnado. Eles recuaram. Por um instante pensou em usar seus poderes e coagir um deles. Sua mente rodava em busca de uma resposta. *Quem é você? O que você quer?* Mas uma coisa que sua vida com Tachyon o havia ensinado era a ter cuidado. Eles eram muitos. Ele poderia dar conta de oito, ou talvez até de dez, mas o número deles acabaria por derrotá-lo.

Blaise entrou numa lanchonete. Comprou um sanduíche e um café. Cody havia ficado com as pedras. Maldita. Mas talvez não tivesse problema. Afinal, ele as havia dado a ela. Que ficasse com as pedras e pensasse no que tinha rejeitado. Logo ela pagaria o preço.

Dinheiro era melhor do que pedras preciosas. Ele havia controlado a mente

do motorista de uma limusine e do passageiro que nela estava vestido elegantemente. Com isso, conseguira mil dólares. Podia viver um bom tempo com esse dinheiro, mas teria se dado melhor com as pedras.

O sanduíche de peru estava seco. O pão formava uma massa empapada e grande no fundo de sua boca. Blaise a engoliu e ficou imaginando se o curinga gordo que vendia jornais e revistas por acaso encontrara uma fortuna em pedras preciosas. Talvez devesse ir até o apartamento de Jube e obrigá-lo a revelar a verdade?

Um vulto magro deslizou pelo banco que estava ao seu lado. Blaise ficou tenso. Ele estudou a mulher pelo canto do olho. Não se importou em deslizar uma das mãos para o revólver calibre 38 que tinha na cintura. Contudo, seus poderes mentais poderiam dominá-la mais rapidamente do que a arma.

A garota era jovem. Tinha 15 ou 16 anos, com o cabelo espetado e multicolorido. Usava uma calça jeans azul deliberadamente rasgada e tênis de cano alto desamarrado.

— Eu tenho observado você.

— Eu sei. Algum motivo em especial?

— Parece que você precisa de um lugar para ir.

— Eu posso ir para vários lugares — disse Blaise.

A garota estourou uma bola de chiclete.

— O que vai fazer quando sair daqui?

— Vou cuidar de mim mesmo.

— Você acha que consegue?

— Eu sei que consigo. — Havia algo no rosto dele que fez com que a garota se inclinasse no banco o máximo possível.

— Não estou dizendo que não consiga — declarou, estendendo a mão. Blaise percebeu que ela havia roído as cutículas. — Molly Bolt.

Blaise ignorou a mão estendida.

— O que você quer?

Ela recolheu a mão, deslizando o polegar pelas pontas dos outros dedos como se estivesse surpresa em descobrir que, na extremidade do seu braço, havia dedos.

— Vamos lá. Você precisa de um lugar para ir. Você precisa de uma equipe...

De gente para cuidar das coisas... Venha até o píer onze no East River. Nós encontraremos você.

O café frio tinha um gosto oleoso.

— Vou pensar.

— Ok.

Ela foi embora tão rápido quanto havia aparecido. Subitamente, o homem de terno que estava sentado uma mesa depois dele se levantou, abriu o zíper da calça, colocou o pau para fora e mijou na própria perna.

Blaise foi embora. A comida não era boa o suficiente. E ele perdera o apetite ao perceber com quem — ou melhor, com o *que* — estava lidando.

Saltadores. Saltadores estavam atrás dele.



— Dá para você parar de se preocupar? Vai logo. Vai para Washington e volta com o seu financiamento. A mamãe aqui precisa de um novo centro de tratamento com laser.

A ligação estava ruim no carro. Parecia que Cody estava ligando do meio de uma tempestade de raios. Tachyon imaginou como estaria: o cabelo penteado para trás, a mão num dos bolsos do jaleco e a perna balançando porque queria voltar a atender os pacientes. Por um instante, ele se sentiu menos preocupado e amedrontado por Blaise, e riu.

— Está rindo de quê? — A voz de Cody demonstrava desconfiança.

— De você. Seu pé está batendo no chão quantas vezes por segundo?

— É que você está me *interrompendo*.

— Aproveite. Eu valho a pena.

Ele deu uma risada curta por ter devolvido suas palavras.

— Prove, então — disse Cody. — Vá para Washington e faça um lobby forte — acrescentou. — É uma pena o que aconteceu com o Senador Hartmann. Ele era meio louco, mas pelo menos estava do nosso lado.

Tachyon sentiu uma dor agonizante na mão perdida quando lembrou o toque da serra do assassino, que havia sido enviado para matar o Senador Gregg Hartmann, candidato à Presidência pelo Partido Democrata. Ele fora candidato

por um dia, pelo menos, até que Tachyon destruiu as ambições de Hartmann para todo o sempre. Mas Cody não sabia, nem poderia saber, de nada disso.

— Tachy, você está aí?

— Sim, sim. Desculpa. Cuide-se. Vejo você na segunda. — Ele ia desligar, mas acrescentou apressadamente: — Por favor, pelo amor de Deus. Tenha cuidado. Seja cautelosa.

A resposta foi somente um ruído. Ela ouviu? Será que havia entendido? Tachyon olhou pela janela da limusine cinza para a cidade como se estivesse num navio cheio de pedras preciosas brilhantes que navegava rumo ao horizonte. Blaise estava lá, em algum lugar.

Teve um arrepio com o pensamento.



Troll apoiava seus 2,70 metros de altura no balcão da recepção enquanto conversava com Pé de Galinha quando Blaise entrou. O curinga se levantou abruptamente. Seu rosto se contorceu, demonstrando surpresa e preocupação. Parecia que placas tectônicas estavam se mexendo em sua face.

— Blaise, seu avô ficou muito preocupado. Por onde você andou? Eu deveria é dar uma surra em você. — disse Troll, e se virou subitamente, abaixou a cabeça e correu em direção à parede oposta a toda velocidade. Chocou-se contra ela, como uma bala de canhão numa fortaleza, e caiu.

Pé de Galinha soltou um grito rasgado e correu, atravessando a porta dupla que levava até a emergência. Blaise continuou andando, com a testa franzida e as mãos no fundo dos bolsos.

Cody não estava em seu consultório. Ela também não estava na sala de cirurgia. Finn estava. Ele gritou por trás da máscara, falando que a sala estava esterilizada e caminhou até Blaise. O garoto não mexeu com a mente de Finn. Ele meio que gostava do centauro com tamanho de pônei.

Cody estava no necrotério. O que parecia ser uma vespa enorme estava na mesa. Blaise ficou olhando enquanto ela abria o peito do curinga e investigava os pulmões. A mulher então falou num pequeno gravador. Sua voz era baixa, por isso ele não conseguia entender o que dizia, só percebia o timbre suave e ligeiramente áspero, como se fosse um pequeno riacho. Aquilo o fez estremecer, mas não sabia

se de ódio ou de desejo.

Subitamente, Cody levantou a cabeça e olhou diretamente para ele, do outro lado da pequena janela que havia na porta do necrotério. Blaise deu um pulo, odiando o fato de ter se desequilibrado assim por causa dela. Abriu a pesada porta com raiva, mas não recuou com sua furiosa entrada. Aquilo também o deixou irado.

— Olá, Blaise. Você se divertiu semana passada?

— Vim por dois motivos. Minhas pedras preciosas e você.

Ela deu um sorriso torto com um certo ar de desprezo.

— O seu problema, meu filho, é que você sempre achou que era mais do que realmente é.

— Eu posso *fazer* você me amar — gritou Blaise.

— Não. Você só pode me fazer odiar você. Amor é algo que se conquista.

Cody continuava imóvel. Uma coluna de gelo e escuridão. Blaise passou os olhos por aquela forma magra e alta. Notou que tinha a mão no bolso do jaleco. O bisturi brilhou entre seus dedos. Ele sorriu.

— Cody, você é muito burra — disse Blaise com a voz suave.

O bisturi caiu da mão de Cody.

— Estou cagando para o que *você acha*.

O jaleco caiu com um ruído no chão de linóleo.

— Porque eu posso...

A blusa caiu sobre o jaleco no chão.

— ... *fazer* você...

Ela tirou a própria saia.

— ... me amar.

Se tivesse acertado em cheio, o golpe poderia ter destruído um rim. Mas as aulas de caratê de Blaise o fizeram perceber o golpe uma fração de segundo antes. O jovem girou, fugindo do chute de Tachyon, e pegou o avô pelo tornozelo. Tachyon bateu com o queixo no chão e sua cabeça rodou; sentiu o gosto do sangue quando seus dentes se fecharam sobre a língua. Ele rolou para o lado. Piscou, consternado, enquanto a bota de Blaise pisava com força no local onde sua cabeça estivera um segundo antes. Tachyon se levantou. Blaise correu em direção a ele, e o avô se protegeu com a mão artificial. Os dedos não se esticavam, mas,

mesmo assim, conseguiu que a prótese de plástico rígido atingisse satisfatoriamente o plexo solar do adolescente.

O neto fez um som como o de um freio pneumático quebrado. Logo que Blaise perdeu o controle mental sobre ela, Cody pegou seu material de cirurgia.

— Dá para parar com essa babaquice de machão? — gritou ela. — Controla a mente dele!

Por um instante, Tachyon ficou distraído pela imagem de Cody completamente nua pegando o retrator cirúrgico como uma espécie de Hipólito moderno.

A primeira regra de um combate é nunca, nunca, nunca se distrair. Blaise bateu com a palma da mão em seu rosto. Com um terrível som, a cartilagem do nariz de Tachy se soltou, e o sangue desceu como uma fonte por seu peito, formando um babador vermelho em seu blazer pêssego.

O takisiano levantou as mãos com atraso para se defender. Ele e Blaise começaram a circular um ao redor do outro. Tachyon começou seu ataque mental, atingindo a superfície lisa dos escudos de Blaise. Desferiu outro golpe e uma fina teia de rachaduras apareceu na estrutura. Nesse ritmo, ele demoraria até terça-feira da semana seguinte para derrubá-la. E Tachy não tinha tanto tempo.

O excesso de bebida e a escassez de exercício estavam fazendo efeito. Ele estava ofegante como um porco. Blaise acertou-lhe no corpo, o que ressuscitou a lembrança de quando havia quebrado as costelas no ano anterior.

Subitamente, Cody chegou. Com um giro ágil do retrator cirúrgico, deu uma pancada forte na parte de trás da cabeça de Blaise. Ele cambaleou, mas a mulher congelou por um segundo, e então começou a caminhar, mecanicamente, em direção a Tachyon.

— Sabe, *grand-père*... — Blaise tinha um sorriso animalesco no rosto. — Eu consigo controlá-la e me defender de você ao mesmo tempo. Tanto mental quanto fisicamente.

As habilidades coercitivas de Blaise eram as mais poderosas que Tachyon já havia enfrentado, mas era tudo força bruta. As sutilezas superiores das artes mentais iam além. Com desdém, o experiente alienígena lutou para soltar Cody de Blaise, colocando-se entre o adolescente e a mulher. Seus escudos mentais a cercaram como num abraço.

Cody estava enfurecida. Seus pensamentos escapavam como faíscas de um fusível em curto.

Merda merda merda. Homens. Malditos homens. Eu sou uma porra de uma peteca. Não sou brinquedo! Me soltem!

Não posso. Não devo. Tachyon enviou a ela em pensamento. *Me ajude,* implorou ele.

Tachyon lambeu sangue do próprio lábio superior e tomou três duros golpes de Blaise. Sua mão artificial se fechou ao redor do braço do neto, um pouco acima do cotovelo. A mão podia fazer pressão suficiente para amassar um copo de metal. Seus efeitos sobre o tecido humano também eram bem satisfatórios. Blaise gritou, e as narinas de Tachyon se abriram com um prazer selvagem enquanto ele socava diversas vezes o rosto do garoto.

Você vai tocar nela? Não! Só eu! Ela é minha! Minha! MINHA!

Blaise tentou chutá-lo nos testículos, mas Tachy foi mais rápido. O garoto acabou golpeando a coxa de Tachyon. O avô respondeu fechando as duas mãos e batendo nos testículos do garoto como se as mãos fossem um martelo. Um grito atravessou o necrotério.

Tachyon sentiu que o controle mental de Blaise estava tentando penetrar seus escudos, mas o adolescente estava sentindo muita dor, desorientado com o ódio e o desejo interrompido para desafiar o poder de Tachy.

Um par de mãos segurou seus ombros.

— Pare com isso! Pare com isso! Você vai matá-lo!

Tachy rosnou, ignorou-a e continuou com a agradável atividade de reduzir seu inimigo a uma polpa de carne ensanguentada. As mãos foram embora. Tachy ouviu o barulho dos pés de Cody correndo sobre o ladrilho.

Que agonia! O formaldeído que caiu nos cortes de sua pele e em seus olhos parecia ácido. Tanto Tachy quanto Blaise tombaram para trás. Finalmente ele se deu conta do que acontecia. A sede de sangue e de matar. Ele estava em vias de *assassinar* o próprio neto. Aterrorizado, Tachyon cambaleou para trás, escorregou no sangue e caiu no chão. Blaise, cujo rosto era uma máscara de sangue, rosnou para Tachyon enquanto segurava o braço ferido:

— Você está *morto*!

Blaise caminhou até a porta. Abriu-a com força e saiu correndo do necrotério. Tachyon tentou se desvencilhar do medo que o havia dominado e se esforçou para se levantar.

— Para onde você está indo? — gritou Cody.

— Preciso... alcançá-lo. Pedir desculpa. Ajudá-lo.

— Agora é tarde demais!

Tachy cambaleou até a porta, mas a dor do nariz quebrado o deixou tonto. O alienígena enviou um sinal telepático para Troll e ficou impressionado com o fato de o curinga de 2,70 metros de altura ter aparecido somente um segundo depois.

— Doutor, você está bem? — perguntou o guarda.

— Claro que ele não está bem — respondeu Cody.

Troll abriu e fechou a boca várias vezes enquanto observava a chefe de cirurgia completamente nua.

— Blaise — murmurou Tachy pelos lábios cortados que rapidamente ficavam cada vez mais inchados.

— Ele fugiu que nem gato escaldado — informou Troll, acrescentando pesarosamente: — Peço desculpa por ter demorado a chegar, mas eu desmaiei.

— Me ajude a levar o Dr. Tachyon para a emergência — ordenou Cody. — Temos que consertar esse nariz.

— Vista uma roupa — requisitou Tachyon.

— Qual é o problema? Nunca viu uma mulher nua antes?

— Não quero que o mundo inteiro veja a minha mulher.

Sua mulher? Sua mulher?

Tachy saiu dos pensamentos ácidos de Cody.

— Escapuliu — murmurou o takisiano. — Ahh! O que você está usando? — Algodão e talas entupiram seu nariz. Sua garganta arranhava, pois lutava para respirar pela boca. — Uma pá de cavar trincheira?

— Para de frescura! — A sonda bateu na bandeja de aço produzindo um som metálico. — Você vai precisar de um nariz novo. Tem alguma preferência?

— Que tal um igual ao que eu tinha?

— Nunca desperdice uma oportunidade de ouro.

— Por que eu mudaria? — Ele ficou irritado com o fato de ela não gostar do seu nariz.

— Era meio longo demais — comentou Cody calmamente.

— Era aristocrático.

— Era uma nareba enorme.

Tachy absorveu a crítica e admitiu, relutantemente:

— Minha tatatatataravó sempre odiou meu nariz.

— Então me dê um pouco de liberdade criativa.

— Tudo bem.

Cody trabalhou em silêncio durante alguns minutos. Depois, um pouco rouca, perguntou:

— Como você soube?

— Estávamos na metade do caminho para o aeroporto de Tomlin quando me dei conta de que havia esquecido o formulário para o financiamento.

— O da HEW? — interrompeu ela.

— Sim.

— Estou com ele. Peguei sem querer quando estava no seu escritório hoje de tarde. Desculpa.

— Desculpa? Você deve agradecer aos ancestrais que a protegem. Não diminua esse tipo de presente. Mas Riggs começou a voltar e, mais ou menos na altura da Fifth Avenue, ouvi você gritando que nem louca. Riggs fez todo o possível e, por conta disso, tivemos escolta policial até chegarmos na clínica.

— Bom... obrigada. — Ela fez um pequeno ajuste, e Tachy suspirou de dor. — Parece que está virando hábito você me salvar.

— Não há de quê.

— Não gosto disso. Estou acostumada a cuidar de mim mesma.

— Sei que faria o mesmo por mim — disse Tachy gentilmente.

Cody soltou um longo suspiro, como se demonstrasse arrependimento pela emoção que levou à resposta.

— É, acho que sim.



A garota havia voltado. Blaise finalmente resolveu dar meia-volta e abrir a boca para falar com ela.

— Por que caralho está me seguindo?

— Parece que você está procurando um lugar para ir. — O ângulo em que o cigarro dela pendia da boca parecia zombar dele.

— Não preciso de você.

— Posso mostrar uma coisa de que vai gostar — disse Molly Bolt.

Blaise sorriu.

— Você é muito magra, feia e baixinha. Duvido que sua boceta seja maneira.

O rosto da garota se fechou como uma série de portas.

— Você é muito burro mesmo. Está bem, vamos mostrar assim mesmo.

Ele sentiu a pressão de uma mente. Depois, sentiu a pressão de duas, três e de outras mentes mais, que desesperadamente tentavam fazer *alguma coisa* com ele. A máscara de durona de Molly estava começando a cair. Blaise sorriu para ela. Ele usou seus poderes sobre aqueles que o observavam. E dominou Molly por último. Era um requinte deixá-la por último. Blaise mandou todos os oito garotos saírem do beco e ficarem lado a lado, empertigados junto ao seu líder. Os olhos de Molly se encheram de raiva.

— Você é o quê? — sussurrou uma menina cujo cabelo era quase branco de tão loiro. As mechas formavam uma nuvem brilhante em frente ao rosto.

Blaise pensou por um bom tempo na pergunta, que merecia muita consideração. Finalmente, respondeu:

— Não humano.

Blaise revistou Molly Bolt e pegou um maço de cigarros. Acendeu um e deu uma longa tragada.

— O que você queria me mostrar?

— Leia a minha mente — cuspiu Molly.

Blaise ficou irritado com o fato de não ter conseguido. Tachyon conseguiria. Isso o deixou ainda mais furioso.

— O que você vai fazer com a gente? — perguntou Molly.

— Vendê-los como decoração de jardim — respondeu, soltando uma risada que soou como um relincho.

— Deixa a gente ir embora... por favor — pediu a menina loira.

— Não vão mais mexer comigo?

— Eu juro — respondeu Molly, que agora implorava. — Precisamos de você.

Agora eu sei o porquê.

— O que você ia me mostrar?

— Deixa a gente ir embora.

Blaise os soltou. A verdade é que ele estava forçando seus poderes mentais, como uma corda de violão esticada demais. Contudo, os humanos não chegaram a perceber.

Molly passou a mão pelas pontas do cabelo multicolorido e caminhou até a entrada do beco. Naquele momento, na hora do rush, as calçadas estavam cheias de humanidade. O sol mergulhava como um saco vermelho e inchado num mar de fumaça marrom e verde. Nos cânions formados pelos prédios já era noite.

— Escolha uma — disse Molly.

— Uma o quê? — perguntou Blaise.

— Uma pessoa — disse um garoto magro cujo rosto parecia um criadouro de cravos.

— Para quê? — perguntou Blaise.

Ele odiava perguntar qualquer coisa. Ficava se sentindo um burro.

— Para humilhar — respondeu a adolescente loira em sua voz macia de menina.

— Ou para matar — ofereceu outro membro da gangue.

Blaise olhou para a multidão. Ouviu o barulho da buzina dos carros, o ruído das centenas de pneus passando pelo asfalto irregular da Broadway.

— Rápido — instigou Molly Bolt.

Blaise a ignorou. Eventualmente ele viu o que queria. Uma cabeça cuidadosamente penteada, de cabelo ruivo; um homem, usando terno. Não era alto demais, mas era muito magro.

Blaise apontou com a cabeça.

— Aquele ali.

— E o que faremos com ele? — perguntou Molly.

— Matem-no.



— Estou bem. Só quebrei o nariz. Não preciso ficar de cama.
Cody o ignorou e dobrou o edredom.
— Preciso ir para Washington.
Ela o despiu do blazer coberto de sangue.
— Tenho que encontrar Blaise.
E desabotoou sua camisa.
— Decida-se — disse Cody. — Blaise ou Washington?
Tachy pensou.
— Washington.
— Ok. Você pega um voo hoje à noite. Dita já marcou sua passagem.
— Droga — disse, enraivecida. — Não fique administrando a minha vida.
Cody empurrou a camisa dele para retirá-la dos ombros.
— Alguém precisa administrar. — Ela apontou para as calças dele. — Você termina. Vou pegar um pouco de água para lhe dar um analgésico.
É inútil discutir com uma parede. Tachy docilmente tirou a calça e a cueca e entrou debaixo dos lençóis. Cody voltou com um copo e uma compressa de gelo. Ele engoliu os comprimidos obedientemente.
— Desculpa — disse o alienígena baixinho.
— Por que você está pedindo desculpa agora?
— Por ter controlado sua mente. Eu sei o quanto você valoriza sua independência, mas eu não poderia tê-la protegido tão bem se...
— Eu sei o porquê. Vamos esquecer o assunto, ok?
— Mesmo assim, fiquei envergonhado. Cody, entenda e não me rejeite. O fato de eu defendê-la não significa que eu a esteja diminuindo.
— Eu sei.
— Talvez pareça um pouco possessivo, mas é porque eu ainda acho que...
— Tachyon, cala a porra dessa boca.
— Mas é que eu não quero que você fique nervosa...
— Sabe qual é o problema? É que você fala demais!



Preta, oleosa. A água realmente parecia nojenta. E o cheiro...

Blaise engoliu em seco. Queria que seu cotovelo não doesse tanto. Na baía, um barco-patrolha da polícia passou, procurando com holofotes qualquer coisa nas águas agitadas.

Espinhento (Blaise havia descoberto que seu nome era Kent) colocou sacolas com compras de supermercado no fim do píer. Molly ajoelhou e acendeu um lampião a querosene.

— Por que o lampião? — perguntou Blaise.

Molly não respondeu, pois as águas escuras se mexeram e *algo* emergiu.

— Merda!

— Tudo bem, é o Barqueiro.

Kent enfiou as sacolas de compras para dentro da criatura através da pele quase transparente. O nojo inicial de Blaise estava passando. Era só uma outra versão da *Baby*, a espaçonave viva de Tachyon. Blaise deu um passo em direção ao Barqueiro. Molly o segurou, colocando a mão no seu peito.

— Quanto você quer isso? — questionou ela, com firmeza.

Blaise se lembrou. *Gritos estridentes. O contraponto das sirenes. O pequeno ruivo recostado à parede da lavanderia vomitando sangue no boné do taxista.*

— O suficiente para fazer qualquer coisa para conseguir.

— Então você tem que confiar em nós. Você precisa *ser* um de nós.

— E se eu não fizer isso?

— Você não pode nos obrigar a dar o poder para você — disse a garota loira.

— Você só pode nos assustar até um certo ponto.

Blaise olhou para ela.

— Você tem medo de mim?

— Tenho.

A simplicidade e a honestidade o impressionaram. Blaise olhou para ela de novo. Esbelta, algumas espinhas no queixo, mas, fora isso, perfeita. Olhos de fauno, mas de um tom de cinza esfumado, e um círculo escuro envolvendo a íris. O cabelo claro chegava à cintura e balançava suavemente com a brisa do rio.

— O que eu tenho que fazer? — perguntou Blaise, voltando o olhar para Molly.

— Morrer.

— Hein?

— Metaforicamente — explicou Kent.

— Não fode.

— Estou falando sério — disse Molly. Ela levantou uma corrente comprida com uma alga na ponta. — Você vai atrás do Barqueiro. A gente fica com a outra ponta — explicou, balançando a corrente. — Em algum momento vamos puxar você para dentro.

— Em algum momento. — As palavras giraram várias vezes na boca de Blaise.

— Você tem que confiar que vamos puxá-lo para dentro antes que seja tarde demais — disse a loira.

— Qual é o seu nome? — quis saber Blaise abruptamente.

Ela ficou surpresa com a pergunta e respondeu sem pensar.

— Kelly.

— Parem de enrolar — interrompeu Molly. — Você tem coragem ou vai fugir?

— Quero ver você dizer isso depois dessa baboseira terminar — avisou Blaise. — E posso perguntar qual é o objetivo disso?

— Você precisa morrer para viver conosco — respondeu um garoto.

— Ótimo — murmurou Blaise. — Que estupidez.

— Está dentro ou fora, queridinho? — perguntou Molly com a voz suave.

Tachyon vomitando sangue. Cody com os olhos abertos de terror e desejo. Seu corpo quente debaixo do seu. Uma espuma vermelha em seus lábios enquanto os dedos apertavam seu pescoço com força.

Blaise mostrou as mãos. As algemas se fecharam em seus punhos. Blaise olhou para Barqueiro. Os dois olhos do curinga o observavam, curiosos, fechando-se numa piscada lenta. Blaise riu de ansiedade. Seria divertido.

Eles haviam prendido um lastro de mergulhador na cintura dele e trocaram seus tênis por botas de chumbo. Barqueiro deslizou para dentro da água, e o garoto afundou como uma pedra ao seu lado.

Blaise se concentrou nos milhares de cílios que impulsionavam Barqueiro pelo fundo lamacento das águas. Quanto tempo ele duraria? Quanto tempo até que

os últimos resquícios de ar deixassem seus doloridos pulmões e aquelas águas imundas os invadissem?

O corpo do Barqueiro produzia um brilho esverdeado nas águas escuras. De vez em quando, algum peixe esbarrava no garoto e saía nadando assustado. Seus pés se enrolaram, e Blaise caiu de joelhos. Ele quase... quase inalou água. Um de seus pés tinha ficado preso nas costelas apodrecidas de um corpo. A corrente deu um puxão, as algemas afundando em seus pulsos. Blaise cambaleou e ficou de pé, apressando-se para acompanhar Barqueiro.

Seus ouvidos crepitaram, e seus pulmões pareciam queimar. Os olhos de Blaise mantinham desesperadamente a atenção na corrente. Ele notou como as faixas musculares do Barqueiro se fechavam ao redor dos elos de metal da corrente. Ficou tentado a controlar a mente de Molly, mas resistiu ao impulso.

Não! Ele *morreria* antes.

Cada vez mais parecia que isso aconteceria. Blaise levantou as mãos e as colocou sobre o nariz e a boca. De repente, a corrente se retesou, e ele começou a ser puxado em direção ao corpo brilhante do Barqueiro. Ele encostou no curinga e começou a se agitar desesperadamente. A pele da criatura parecia de borracha e começou lentamente a se abrir. Tanto Blaise quanto a água entraram no viscoso corpo do curinga.

Kelly o puxou para fora da água, que lentamente pingava do corpo do Barqueiro no chão. Ar. Ele engoliu o ar, saboreou e se deleitou com a adrenalina e a onda que preenchiam seus pulmões esfomeados. Molly tirou as algemas. Eles comemoravam, riam. Ele havia sido capturado no abraço deles. Um animal de dez cabeças e vinte braços que o abraçava e acariciava. Blaise se deu conta de que estava chorando, embora não conseguisse entender por quê. Mas aparentemente não havia problema, pois vários dos saltadores também choravam.

Blaise percebeu uma barreira mental, que falava de terror, morte, perda, solidão. Ele a bloqueou. Os saltadores estavam inquietos e nervosos. Molly os acalmou com um murmúrio suave e constante.

— Falta pouco. Quase lá.

— Que porra é essa? — perguntou Blaise.

— Bomba. — Foi a sucinta resposta.

Kent ficou de pé de repente. Ele estava sussurrando algo enquanto andava arrastando os pés. Blaise o segurou pelo pulso e forçou que se sentasse ao seu lado.

— Senta! Você aguenta. É só um poder mental. Bem fraquinho, aliás.

Os saltadores o olhavam, impressionados. Exceto Molly. Ela estava com raiva.

— Por isso que o Prime queria você — disse Kelly em voz baixa.

— Quem é esse Prime?

— Um dia você vai descobrir, talvez — respondeu Molly de forma breve.

Barqueiro deu uma sacolejada, como se todos os seus milhares de cílios tivessem empurrado o leito lamacento do rio. Estavam subindo. Como uma cascata, a água caía das costas do curinga. Eles haviam chegado.

Em terra firme, Blaise cruzou os braços na frente do peito e olhou para Ellis Island. As árvores se espalhavam pela ilha como espetos nas costas de um dinossauro. Sob a folhagem, à sombra, prédios enormes cobertos com torres de observação e domos sofisticados. Aquilo lembrou Blaise das histórias que Tachyon contava a ele. Reinos perdidos que existiam somente nas nuvens. Palácios intrincados que convidavam homens a explorar seus tesouros e salões apenas para morrerem com o nascer do sol.

Mas aquilo não era nenhum palácio. Não dava para viver ali. Pelo menos é o que parecia a Blaise. No escuro, eles o haviam levado para o principal centro de imigração. Agora estavam num dos salões anexos. Havia berços e vinte ou trinta sacos de dormir. Alguns estavam enrolados como lagartas sonolentas contra as paredes, ou abertos sobre os ladrilhos manchados e quebrados. Papéis de doces, sacos de salgadinhos amassados e latas de salsicha formavam montes de lixo nos cantos.

Uma camada de tinta verde-acinzentada estava descascando das paredes de madeira como uma queimadura velha de sol. Bem acima, janelas imundas quase não indicavam a presença de uma lua crescente. Algumas estavam quebradas; os cacos de vidro pareciam presas irregulares numa mandíbula petrificada.

— Escolha um lugar — disse Molly com um gesto amplo e gracioso do braço.

— Eu ganho um saco de dormir também? — perguntou Blaise.

— Você pode dividir o meu comigo — ofereceu Kelly, escorando-o. — Até a gente conseguir um para você — acrescentou ela rapidamente, murchando com o olhar frio de Blaise.

— Melhor dormir, queridinho — disse Molly. — Você vai precisar estar descansado.

Blaise se virou devagar e olhou para ela.

— Nunca... mais... me chame... de “queridinho”.

Com as mãos no quadril e os cotovelos para fora, Molly zombou dele num tom musical.

— Senão o quê?

— Senão eu mato você.

O tom grave de Blaise deixou a garota embasbacada. Ela percebeu que havia muitos saltadores observando-a, os olhos brilhando como uma alcateia em caça, prontos para a próxima luta. Molly jogou a cabeça para trás e riu.

— Você pode tentar, queri... — A palavra ficou pela metade.

Ela deu meia-volta e saiu.

— Aprendeu rápido. Gosto disso nas mulheres.

Os rapazes riram. As garotas ficaram desconfortáveis e trocaram olhares.

É, Blaise havia decidido, *isso era divertido, sim*.



As luzes projetavam efeitos interessantes em seu rosto. Às vezes, elas pareciam tão imóveis quanto uma estátua de mármore. Outras vezes, porém, eram suaves e vulneráveis.

Tachy apertou a mala contra o peito. Estremeceu quando o ônibus freou e guinchou feito um porco morrendo.

— Isso foi totalmente desnecessário. Riggs podia ter me trazido de carro.

— Eu queria vir — disse Cody.

Ela dirigia com tanta calma quanto fazia outras coisas. Não se esforçava além da conta, as mãos tocando apenas levemente o volante, fazendo pequenos movimentos com os pulsos enquanto costurava o trânsito.

— Queria me certificar de que você entraria no avião — continuou.

Tachy obrigou a si mesmo a parar de contemplar as mãos de Cody.

— Não vou desmaiar por causa de um nariz quebrado.

— Não é a sua saúde que me preocupa.

— Obrigado — disse Tachyon num tom irônico que ela captou. Cody virou a

cabeça para olhar melhor para ele com seu único olho. — Você devia estar dirigindo? — perguntou subitamente.

— Tarde demais para se preocupar com isso. E, quanto ao avião, eu estava com medo de você enfiar na cabeça que tinha que procurar Blaise. Mas, francamente, conseguir o financiamento para a clínica é muito mais importante.

— Você é muito fria quando quer.

— Não, eu só sei quando abandonar o navio.

Os carros à frente frearam e as luzes vermelhas na traseira sublinharam veemente a resposta de Tachy:

— Não acho que ele é um navio para ser abandonado.

— Então você é um idiota delirante.

Tachyon levou as mãos ao rosto.

— Está bem. Eu não *quero* achar isso.

Cody pisou no acelerador, e eles subiram zunindo a rampa sob a placa EMBARQUE.

— Melhor assim. Meu Deus, Tachyon, talvez em vinte ou trinta anos eu consiga tirar essa culpa e essa síndrome de coitado de você. E talvez você também aprenda quando calar a boca.

— Que bom que sou maduro o suficiente para ficar aqui ouvindo um catálogo dos meus defeitos.

Cody olhou a forma diminuta de Tachyon.

— Seu ego é grande o suficiente para lidar com isso.

— Fiquei bastante empolgado.

— Com o quê?

— Com o fato de você querer dedicar a vida a reclamar da minha mente, do meu corpo e do meu espírito.

O cinto de segurança quase cortou Tachy ao meio quando Cody meteu o pé no freio na frente do terminal.

— Não acho que eu tenha dito exatamente isso.

— Estava implícito.

Tachy usou a prótese para abrir a porta. Cody pegou duas malas grandes do porta-malas.

— Vai ficar fora por quanto tempo? — perguntou ela.

— Três dias.

— Você tem bagagem suficiente aqui para um cruzeiro ao redor do mundo.

— Querida, as pessoas precisam se vestir.

Ele sorria incansavelmente, mas, por dentro, a sensação era de que seu coração estava um caco. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ele murmurou um palavrão.

Cody colocou as mãos em seus ombros.

— O que foi? Algum problema?

— Não sei. Não é nada. — Tachy balançou a cabeça. — De repente fiquei muito, muito infeliz.

Ela olhou para ele por um momento e depois lhe deu um beijo leve no canto da boca. Tachyon olhou para a mulher com espanto.

— Sorria para mim, garoto — pediu ela, com um sorriso torto.

Tachyon extravasou:

— Cody, venha comigo para Washington.

— O quê? Você está maluco. Não tenho passagem, não tenho mala. E meu filho? — Ela parou para respirar. — E quem vai administrar a clínica?

Algumas pessoas passavam de lado por eles, que bloqueavam as portas automáticas na entrada do terminal.

— Por favor, estou com medo do que pode acontecer com você.

— Eu grito se precisar de ajuda.

— Vou estar longe demais para poder ajudar.

— Você está delirando. Devem ser os analgésicos.

— Cody, ele quer nos machucar.

— Você quer ou não quer que eu chame a polícia e peça para procurarem Blaise?

— Não. — Tachy olhou sério para ela. — Porque se encontrarem ele, certamente terei que matá-lo.



Quando se está nu, vestindo apenas um manto vermelho que obviamente foi roubado de alguém do coro da igreja episcopal, você se sente um babaca total.

Além disso, o nervosismo estava provocando em Blaise a maior ereção que ele já tinha tido o prazer de sentir. Ou talvez ele tivesse aliviado todo o tesão em grandes velas pretas e em cantos de monastérios tibetanos, imaginou ironicamente enquanto Molly o levava para o salão escuro e cheio de eco. Molly sorriu ao dar uma rápida olhada em seu pau que agressivamente se forçava por entre as dobras da roupa.

— Você vai se sair muito bem — murmurou ela, como se fosse para si mesma, mas com a intenção de que Blaise a ouvisse.

Ele não respondeu. Podia aturar aquilo e qualquer coisa que viesse. A recompensa era boa demais para ser perdida por causa de um ataque de birra.

Havia saltadores encostados na paredes. Blaise os contou rapidamente. Quarenta e dois. Mas muitos deles não eram saltadores de fato. Era impossível se transferir até ser iniciado. A maioria, como Kelly, ainda estava esperando. Blaise percebeu que dois terços eram garotos. Por quê? Aquilo afetava os homens mais fortemente do que as mulheres? Como é que alguém se torna um saltador?

Havia um pentagrama verde-claro pintado no chão de ladrilhos manchados. Outros símbolos de ocultismo também estavam nas paredes. A suástica nazista, o olhar maldoso de uma cabeça de bode, o número 666. O salão enorme era iluminado por vinte velas pretas que só faziam a escuridão se refugiar nos cantos do teto, onde pareciam ficar penduradas como uma ninhada de morcegos.

Sobre o centro do pentagrama havia uma mesa baixa. Se aquilo pretendia ser um altar, era de uma altura estranha. Além disso, os três travesseiros vermelhos de cetim sobre a superfície preta e polida tornavam impossível que aquele fosse um local de sacrifícios.

Molly pegou o pulso esquerdo de Blaise e o fez dar três voltas ao redor do pentagrama. No ponto mais oriental possível, pisaram sobre a figura. Os saltadores produziram um uivo ondulante. Blaise teve que se segurar para não rir. Então, do meio da escuridão, a voz de um homem perguntou:

— Quem vem para ser feito?

— Só um, Prime — disse Molly.

— Ele tem valor?

— É corajoso, confiável.

— Ele servirá?

Molly deu uma pequena cotovelada em Blaise.

— Servirei — respondeu o garoto.

Aparentemente, era a resposta certa.

Molly fez um sinal, e Kent se apressou para retirar dele o manto. Estavam todos lhe olhando. Especialmente Kelly. Blaise passou a mão pelo peito. Notou que estava começando a ter pelos. Ele já era um homem. Sabia exatamente o momento em que acontecera. Havia entrado criança no necrotério e saído homem.

— Deite sobre a mesa — sussurrou Molly. — Com a barriga para baixo.

Ele retardou o máximo possível o momento em que suas nádegas nuas ficariam agressivamente empinadas para cima.

Paciência. Paciência.

Tachyon vomitando até a morte no capô da limusine. Não, melhor ainda: no colo de Cody.

Mãos secas tocaram suas ancas, e Blaise quase se descontrolou.

Não precisava ser gênio para entender o que iria acontecer. A mão abriu suas nádegas.

Ah, mas eu vou me vingar de você, vovô!

Uma dor lancinante lhe preencheu quando o homem entrou fundo dentro dele.

Pareceu demorar uma eternidade. Quando terminou, Blaise se levantou da mesa, o corpo rígido. Havia sangue em suas nádegas e pernas.

O homem gesticulou amplamente, o que fez a manga do seu roupão balançar.

— Vamos. Pegue qualquer um. Troque com eles. Para você, isso vai ser moleza.

Isso, rosnou Blaise internamente, e tentou se transferir para o homem.

Nada aconteceu. Por trás da máscara, os olhos do homem brilharam. Sua boca se torceu num sorriso.

— Você é um belo de um filho da puta — disse o Prime. — *Tentando foder comigo? Esquece, não pode se transferir para mim.*

— E alguém pode matar você? — perguntou Blaise docemente.

Ele ouviu Molly suspirar atrás de si.

— Ah, sim, mas sem mim não haverá mais saltadores. Melhor não dar um tiro

no próprio pé só porque está ressentido, Blaise.

A bainha do manto voou próxima aos pés quando o Prime girou e se voltou para as sombras. Blaise virou para os outros saltadores. Eles olharam para ele. Pareciam cardeais com suas roupas vermelhas.

— Vamos lá. Vamos brincar — disse Molly.

E então Blaise se lançou. Parecia estar saindo de sua pele como uma espécie de fogo líquido. Acabou no corpo de Kent. Olhou para o mundo a partir de novos olhos. Olhou para baixo e examinou o polegar longo da mão direita e os calos nas pontas dos dedos. *Será que o corpo se lembraria de como se tocava violão?* Ele passou a avaliar outras sensações, como o cheiro de Kent, que lhe pareceu *estranho*. Blaise olhou para o outro lado do salão, para o seu próprio corpo. Molly e Kelly estavam se aproveitando dele. Ele... Não, droga! Kent. Kent parecia consciente em seu corpo, mas congelado, numa espécie de fuga dissociativa.

Blaise voltou para o próprio corpo e se afastou das mãos de Kelly, que o apalpavam. Ergueu-se. Um riso rouco atravessou o espaço, penetrando no escuro. Os saltadores ficaram olhando em silêncio, chocados.

Blaise jogou a cabeça para trás e gritou como uma alma penada.

— Ah, Tachyon! Você vai se arrepender de não ter morrido *antes*!



Ninguém em casa

Walton Simons

Kenneth estava atrasado. O Central Park fervia no calor de agosto. A maioria dos animais do zoológico estava tirando um cochilo. Jerry se sentou em frente à jaula de mais de vinte metros de altura na qual havia ficado quando era um gorila gigante. Um pombo solitário caminhou até ele balançando a cabeça. Jerry o enxotou.

Ele sentiu uma mão forte em seu ombro.

— Sou eu — disse Kenneth, sentando-se ao seu lado. — Estou atrasado, desculpa.

— O que aconteceu? Você estava com uma voz muito misteriosa ao telefone.

Kenneth concordou.

— É o Latham. Acho que ele está ficando maluco. Está mais envolvido do que podemos imaginar. Há anos que ele tem sido uma figura central na Sociedade do Punho Sombrio, que inclui desde marginais como os Garças Imaculadas e os Lobisomens até empresários de respeito. Latham está metido nisso até o pescoço.

— Mas ele tem alguma coisa contra você, não é? — Jerry se inclinou para a frente.

Ele estava tentando descobrir alguma coisa contra Latham havia meses, mas só conseguira alguns relatos interessantes sobre o seu tempo no Vietnã.

Kenneth olhou para o outro lado.

— Eu não quero que Beth saiba de algumas coisas. Sobre outras mulheres. Nós melhoramos tanto desde aquela época em que quase nos divorciamos... Não quero pôr meu casamento em risco. Latham tem provas bem concretas. Uma das

mulheres com quem eu saía estava trabalhando para ele. — Ele se virou para o irmão. — Você sabe que isso fica entre nós, né?

— Claro — disse Jerry. — Quem é Kien?

— É melhor que você não saiba, mas acho que vai descobrir.

— Como assim? — Jerry limpou o suor da testa.

— Latham sabe que eu tenho uma informação contra ele, e quer trocar isso pelo que tem sobre mim. — Kenneth balançou a cabeça. — Mas eu conheço St. John há muito tempo. Ele ainda assim vai guardar alguma coisa para me manter na linha.

— O que você vai fazer, então?

— Vou dar o meu arquivo sobre Latham para você, caso aceite. Ele me fez algumas ameaças recentemente. Não quero esconder em casa e correr o risco de ele sair invadindo tudo. Beth poderia acabar machucada. Assim posso dizer que não estou com mais nada. Ele vai suspeitar de que está tudo com você, claro.

Jerry deu de ombros.

— Ninguém nascido e criado em Nova York ficaria com medo de um valentão rico de Boston. — Jerry parou por um instante. — É, talvez ele me deixe um pouco nervoso, sim.

— O que é bom, porque ele é muito perigoso. — Kenneth olhou nos olhos do irmão. — Tem certeza de que não se importa?

— Não. Olha só isso. — Jerry apontou para a jaula dos chimpanzés. Um dos macacos estava no alto da árvore, jogando suas fezes num chimpanzé do chão. — Vamos fazer isso com Latham em breve.

— Por mim, se ficar tudo calmo de novo, já está bom.

— Vamos chegar lá — respondeu Jerry, colocando a mão no ombro do irmão.

— Obrigado — disse Kenneth, abrindo a mala. — Agora vamos falar sobre o que você vai fazer em relação ao seu compromisso com as autoridades da cidade na semana que vem.

— Ok.

Jerry suspirou e olhou de novo para a jaula dos chimpanzés. Às vezes, o mundo também joga merda em você.



Jerry se sentou num sofá laranja e surrado, remexendo-se de um lado para o outro. O dia estava quente, e suas pernas suadas grudavam na almofada. Exceto pelo barulho que os dedos do secretário faziam no teclado e pelas vozes abafadas dentro dos escritórios, a sala de espera estava silenciosa. Jerry também ouvia a respiração de uma mulher curinga com quem ele dividia o sofá.

Kenneth o instruíra sobre o que assinar e o que dizer. O irmão até se ofereceu para ir junto, como seu representante legal, mas Jerry recusou. Estava na hora de começar a cuidar de algumas coisas sozinho. Ainda assim, sua garganta estava seca. As várias vezes que havia ido até o bebedouro não tinham adiantado nada. Autoridades municipais causavam esse tipo de tensão. Especialmente em Nova York.

Virou-se para a curinga, que era normal exceto pela mandíbula e pela boca grotescas, excessivamente musculosas.

— Você assinou? — perguntou ele.

Ela deu de ombros.

— E eu tinha escolha? — A voz dela era suave. Falar parecia algo estranho.

— Sempre temos — respondeu ele, endireitando os ombros. — Eu não vou assinar.

A curinga fez que sim com a cabeça, mas não ficou impressionada.

— Você é um ás?

— Já fui, mas não sou mais. — Jerry teve que praticar muito para mentir assim. — Lembra daquele gorila gigante do Central Park?

— Lembro. Ele foi levado embora para fazer um filme ou alguma coisa assim, não?

— Isso. Era eu. — Jerry sentiu um calafrio subir pela espinha. — O Dr. Tachyon me curou, mas não tenho mais meus poderes.

— Que pena — comentou ela.

— Na verdade, não tem problema. Assim, o governo me deixa em paz. Por que estão interessados em você?

A mulher sorriu mostrando duas fileiras de dentes enormes que pareciam mármore polido.

— Fui classificada como curinga tipo dois.

— O que é isso?

— Qualquer curinga que não seja só feio, eu acho. Meus dentes e minha mandíbula são bem fortes. Posso morder quase qualquer coisa. — Ela olhou ao redor da sala, supostamente procurando algo para demonstrar.

— Tudo bem, acredito em você. — Jerry desgrudou as pernas do sofá. — Qual é o seu nome?

— Susan. E o seu?

— Há muito tempo, me chamavam de Projecionista.

Ela olhou para ele com um olhar vago, demonstrando educadamente que não o conhecia.

— Não é da sua época, imagino. Hoje em dia não sou ninguém. As pessoas me chamam de Jerry.

— Os nomes normais são os melhores — comentou Susan.

A porta do escritório se abriu, do lado oposto em que estavam. Um homem de terno acompanhava um curinga de seis pernas visivelmente abalado até a saída.

— Sr. Strauss?

Jerry fez um gesto com a cabeça e se levantou.

O homem deixou que entrasse na frente. Estava na meia-idade e ligeiramente acima do peso. O pouco cabelo que tinha era grisalho. Seus olhos, castanhos. Ele apertou a mão de Jerry, que retribuiu o aperto com força. O homem segurou ainda mais firme.

— Sente-se, Sr. Strauss. Meu nome é William Karnes.

Jerry se sentou. Karnes se recostou na cadeira que estava atrás de uma organizada mesa. Colocou um dedo na boca e abriu um arquivo.

— Vejo que o senhor não assinou os formulários 15, 16 e 17. Por que, Sr. Strauss?

— Porque meu carta selvagem não está mais ativo — explicou Jerry. — Portanto, não entendo porque eu estaria sujeito ao alistamento compulsório no caso de emergência nacional. Acho que o outro dizia que precisaria notificar seu escritório caso fizesse uma viagem longa. Isso me pareceu desnecessário.

Karnes coçou a ponta do nariz de batata.

— O governo tem seus motivos, Sr. Strauss. Se o senhor não colaborar agora, pode ter várias inconveniências no futuro. O senhor ouviu os rumores de que o Congresso está se mexendo para colocar em vigor novamente a velha Lei de

Controle de Poderes Exóticos?

Jerry respirou fundo. Ele não queria que Karnes o irritasse. Kenneth o havia aconselhado sobre isso.

— Sim, tenho me mantido atualizado. Mas, como expliquei, não tenho mais o vírus carta selvagem, exceto no sentido mais técnico do termo. Acho que o senhor tem um relatório do meu médico que comprova isso.

Karnes olhou para Jerry.

— Sim, do Dr. Tachyon. Não dá para dar muita credibilidade ao relatório. Se o senhor estiver disposto a se submeter a alguns testes realizados pela nossa equipe, posso vir a concordar. Mas não damos muita bola para charlatões alienígenas por aqui.

Jerry sentiu o sangue ferver.

— Não acho que eu tenha nada mais a dizer ao senhor, Sr. Karnes. — disse, levantando-se.

— Sente-se, senhor. — Karnes apontou para a cadeira. — Posso arrumar mais problemas para o senhor do que imagina. Tenho um trabalho a fazer e ninguém do seu tipo vai me impedir.

Jerry sentiu algo endurecer dentro de si.

— É mesmo? Bom, então deixe-me esclarecer uma coisa, Sr. Karnes. O senhor é um burocrata de baixo escalão muito pretensioso. E eu sou um multimilionário com muitos amigos poderosos. Se eu fosse o senhor, teria muito cuidado com quem ameaça. Se estiver com sorte, posso ir atrás do senhor somente com advogados. Você está se sentindo sortudo, seu bosta? — provocou Jerry, concluindo com uma citação de um filme policial que tinha visto recentemente. — Karnes abriu a boca e logo a fechou. — Não encha o meu saco, então.

Jerry saiu do escritório, batendo a porta. Caminhou até Susan, que ainda sofria sentada no sofá.

— Ele é um babaca. Não confie nele.

— Não confio em limpos — respondeu Susan. — Não mais. Não consigo conviver com eles.

Jerry colocou a mão sobre a dela.

— Ok. Boa sorte, então.

Susan sorriu. Não era um sorriso bonito. Talvez ela comesse um pedaço da mesa de Karnes. Provavelmente, não. Esse era o tipo de coisa que só acontecia em filmes.



Jerry se sentou na cama para lustrar a arma. Ele a havia comprado e lido alguns livros sobre manutenção. Se era para ter uma pistola, precisava cuidar bem dela. Já estava praticando tiro há algumas semanas, e não achava mais estranho ter uma daquelas na mão.

Houve uma batida forte na porta do apartamento. Jerry colocou a arma numa das gavetas da cômoda, embaixo de algumas camisetas. Viu um homem de meia-idade que usava uniforme de manutenção pelo olho mágico e abriu a porta.

— Vim fazer o gesso — disse o homem, sorrindo.

— Ok. Pode entrar.

Fechou a porta e levou o homem até onde seu cofre havia sido instalado. Só precisava de gesso, tinta e alguma coisa para colocar na frente dele.

O homem caminhou até a parede e a observou.

— Belo cofre — elogiou ele. — Mesmo que o prédio pegue fogo, qualquer coisa que esteja aí dentro vai se safar. É isso aí. Embora eu odeie ter que trabalhar no aniversário de morte do Rei. Vou beber algumas cervejas depois em homenagem. Você é fã dele?

— Não sei se sei do que você está falando — confessou Jerry.

— Elvis, o Rei. Ele morreu exatamente há doze anos. Lembro bem daquele verão. Foi na época do segundo blecaute. Você lembra?

— Não. Mas eu estava aqui na época do primeiro. — Na verdade, Jerry o causara. Só não estava disposto a contar a história toda para o cara. — Eu gostava do Elvis quando era mais jovem.

— Não pode parar de gostar dele porque ficou mais velho. Não pode ser esse tipo de fã. Escuto Elvis toda noite antes de dormir com minha esposa. Tudo fica muito mais empolgante.

— Vou ver TV enquanto você trabalha, ok? — disse Jerry.

O homem deu de ombros.

— Tudo bem. É você que gasta uma fortuna para morar aqui. — Ele abriu uma tela sobre o carpete na frente da parede e selecionou algumas espátulas.

Jerry pegou o controle remoto e colocou no canal local de notícias.

“... aparentemente os saltadores cometeram mais um crime”, dizia a reportagem. “Um mímico alega que alguém entrou em seu corpo enquanto fazia uma apresentação no Central Park, retirando suas roupas e inserindo um crisântemo em seu ânus. O saltador depois teria desfilado com o mímico pelo parque fazendo gestos obscenos para os transeuntes.”

— Meu Deus — comentou o homem. — Já são três em duas semanas. — Quando é que a polícia vai fazer alguma coisa para valer contra esses saltadores babacas?

— Talvez estejam com medo — respondeu Jerry.

— Isso que eu não entendo. É muito triste ver a polícia de Nova York incapaz de lidar com uns garotos arrogantes. Mesmo que sejam ases.

— Você gosta dos ases? — Jerry virou-se da TV para o homem.

— Claro que não. Não suporto. Por mim, iriam todos para a prisão. — Ele apontou a espátula cheia de gesso para Jerry. — É o que deviam ter feito com o gordão, mesmo que ele só tivesse matado um curinga.

— Toda história tem dois lados — rebateu Jerry.

— Pois é, mas os limites estão sendo estabelecidos. Se você gosta de ases ou curingas, está procurando confusão. E um cara novo que nem você não precisa disso.

Jerry pensou em dizer ao homem que provavelmente eles tinham a mesma idade, mas isso o deixaria curioso. Então, desligou a TV e pegou uma edição da *Cosmopolitan*. Estava se esforçando para entender as mulheres, mas sem muito sucesso. Talvez a coluna de Irma Kurtz pudesse ajudá-lo.



Kenneth iria almoçar com o irmão, mas, dessa vez, era Jerry o atrasado. O trânsito estava totalmente parado na Third Avenue. Ele tinha pagado o taxista e subido a cidade caminhando. Depois de dois quarteirões, sua camisa estava encharcada de suor. Havia começado o percurso num passo rápido, mas as calçadas estavam cheias, e ele teve que seguir o ritmo dos demais pedestres.

O irmão não tinha dito isso explicitamente, mas Jerry desconfiava de que ele lhe entregaria o material sobre Latham, porque comentara várias vezes que o encontro não poderia ser cancelado. Isso tinha que significar alguma coisa. Kenneth não desperdiçava palavras.

Ele já estava no quarteirão do restaurante quando sentiu uma câimbra na perna. Jerry se apoiou na parede e massageou a panturrilha. A dor começou a diminuir depois de um ou dois minutos. Todos olharam para ele e balançaram a cabeça. Abaixou-se e puxou o dedão do pé para cima, alongando o músculo. A dor diminuiu. Continuou, então, mancando até o restaurante. Mais à frente, viu três pessoas entrarem. Eram jovens, bem-vestidos, mas as roupas não se encaixavam bem neles. Pareciam crianças brincando de usar a roupa dos pais. Jerry só os viu por um instante, mas os rostos eram familiares. Uma das garotas usava peruca. Jerry tinha algumas, por isso as reconhecia a quilômetros de distância. Tentou usar a perna ruim, mas sentiu câimbra de novo. Ele começou a pular, descendo a rua. Conseguiu voltar a andar quando entrou no restaurante. Sua perna estava extremamente dolorida, mas não tinha nada que pudesse fazer a respeito. Sentiu o ar frio de dentro do restaurante em suas costas suadas, além do cheiro de chucrute e *schnitzel*.

O trio tinha se sentado numa bancada. A menina de peruca e o garoto seguravam a outra menina, que parecia ter desmaiado. Alguém passou, esbarrando nele. Jerry viu o irmão saindo do restaurante.

— Kenneth?

Não obteve resposta. Jerry saiu mancando atrás dele. Agarrou-o quando chegavam na calçada e tentou virá-lo. Sem olhar, Kenneth deu uma cotovelada no peito de Jerry, derrubando-o para trás. O ás caiu na calçada, arranhando as mãos, e Kenneth continuou andando em direção aos carros.

— Não! — gritou Jerry gritou, esforçando-se para levantar.

Kenneth se virou, parecendo desorientado, assim como a garota de dentro do restaurante. Ele girou a cabeça rapidamente ao ouvir o som de pneus derrapando. O carro deslizou, e o para-lama do lado direito acertou Kenneth, arremessando-o. Kenneth gritou. Jerry ouviu o som de vidro quebrando. Seu irmão bateu num carro que estava estacionado e caiu na rua. Jerry correu, esquecendo a dor da perna. Escorria sangue do nariz e da boca de Kenneth. Seu corpo estava dobrado de uma maneira que só seria possível se sua coluna estivesse quebrada. Jerry se ajoelhou ao seu lado.

— Kenneth, sou eu. Não tente se mexer. — Ele se virou para a multidão, que se aglomerava: — Chamem uma ambulância!

— Jerry... — A voz de Kenneth soava diferente por causa do sangue que tinha na garganta. — Foram eles. Fizeram troca de corpos. Muito... estranho. — Ele fechou os olhos e os reabriu. — Dói muito. Só pode ter sido... o Latham. Diga a Beth... — Kenneth estremeceu e ficou imóvel.

— Não — murmurou Jerry.

Ele segurou a mão do irmão um instante. Depois ficou de pé e viu o trio desaparecer, virando a esquina. O garoto tinha um envelope grande nas mãos. Jerry deu alguns passos, que doeram muito, e parou.

— Não.

Alguém pegou Jerry pelos ombros e o levou de volta para o restaurante. Ele percebeu que o estavam consolando, mas não conseguiu compreender as palavras.

As pessoas o colocaram sentado. O garçom pôs um copo de água e uma dose de uísque na frente dele.

— Espere aqui até a polícia chegar, senhor. Se quiser qualquer coisa, é só pedir.

Jerry bebeu o uísque sem sentir nada e fechou as mãos. Por debaixo da descrença e da dor, algo frio crescia dentro dele. Algo com que ele teria que lidar mais cedo ou mais tarde.

Pensou em Beth e se recostou na cadeira. Ela não estava preparada para isso, não podia estar. Ele a vinha tratando mal há muito tempo, e não poderia consolá-la de verdade agora. Mas certamente tentaria.

Então ouviu sirenes se aproximando. Levantou a mão para pedir outra bebida, mas pensou melhor e dispensou o garçom. Não era hora para aquilo.



Eles estavam sozinhos no sofá. Depois do funeral, Jerry despachou os amigos e parentes para fora da casa o mais rápido possível sem ser mal--educado. Beth havia se segurado bem, mas ele sabia que ela precisaria chorar em breve.

— Sei que não tivemos tempo de conversar ainda, mas eu queria pedir desculpa pelo que tenho feito nos últimos meses. Sei que a magoei e que você não merecia. — Jerry fungou. Beth não era a única que iria chorar em breve. — Estou

muito arrependido. Se você me der mais uma chance, nunca mais vou decepcioná-la. — Ele colocou a mão no ombro dela, sem jeito.

Beth pôs a mão sobre a dele e o olhou nos olhos.

— Jerry, não importa. Sei que você não tem esse ódio todo. Às vezes, essas coisas simplesmente acontecem. O importante é que está aqui para me ajudar agora. — Ela deslizou pelo sofá e apoiou a cabeça no peito dele. — Preciso de gente em quem possa confiar, gente com quem eu possa ser eu mesma.

Jerry colocou o braço em volta dela. Ele não viu quem começou a chorar primeiro. Os dois se abraçaram. Quando terminaram, ele foi buscar uma caixa de lenços. Assoaram o nariz juntos, e Beth conseguiu sorrir.

— Eu amo você, irmãzinha — disse ele. — Às vezes, não consigo demonstrar muito bem. Mas estou trabalhando nisso. E tentando beber menos também.

Ela fez que sim com a cabeça e secou os olhos.

— Estou orgulhosa de você.

— Você vai ficar aqui? — perguntou Jerry, com medo da resposta.

— Meu irmão disse que me receberia por um tempo. Não vou a Chicago há anos. De qualquer forma, estou devendo uma visita a ele

Jerry assentiu. Ele olhou para ela, mas parecia que Beth já tinha partido.

— Talvez seja melhor para você mesmo.

Ela pegou a mão dele.

— Vai ser por pouco tempo. Eu vou voltar.

— Estarei esperando.



O aeroporto de Tomlin estava lotado. Muita gente ainda estava de férias, e parecia que todo mundo tentava entrar ou sair de Nova York ao mesmo tempo. Ele se sentou ao lado de Beth em cadeiras de plástico. Ela abraçou a pequena mala de mão cinza e viu, pelas paredes de vidro, os aviões taxiando. Estava em silêncio. Ele não conseguia nem imaginar como a cunhada se sentia. Por mais terrível que sua dor fosse, a dela era pior.

“Voo da companhia Eastern, número 178 com destino a Chicago e conexões em St. Louis e Atlanta...”, começou a dizer uma voz suave pelos alto-falantes.

Beth ficou de pé e pescou o cartão de embarque dentro da bolsa. Colocou a mala no chão e deu um forte abraço em Jerry. Ele sabia que iria chorar de novo, mas pensou que, se começasse, Beth choraria também. E ela não precisava estar em frangalhos quando entrasse no avião.

— Tchau, irmãozinho. Volto logo, eu acho. Só preciso sair daqui um pouco. Dou notícias.

Jerry pegou a mala e colocou o braço em volta de Beth, guiando-a para a entrada do embarque.

— Meu Deus, como vou sentir sua falta. Você é tudo que eu tenho.

— Isso não é verdade, e eu não estou indo embora para sempre.

Beth lhe deu um beijo na bochecha. Jerry entregou a mala a ela.

— Ligue quando chegar.

— Pode deixar. Obrigada.

Beth se virou e deu o cartão de embarque para o atendente. Ele o pegou e sorriu. E logo ela partiu.

Jerry se sentou e olhou para o avião através da parede de vidro. Esfregou os olhos e tentou pensar em sua música preferida. Nada lhe veio à mente. Ficou ali até perder o avião de vista.



A batida do coração morto

John J. Miller

— Sssão ordenssss do General, Transluz — sibilou Vermis com sua língua de trinta centímetros caindo de forma repugnante por sobre o queixo, os olhos tão inexpressivos quanto um par de abotoaduras presas nas mangas de uma camisa velha e barata.

— Desde quando tenho que ser revistado para ver o velho? — perguntou Philip Cunningham ao leal segurança curinga de Kien.

— Desssde que o general deu essssa ordem. — O olhar de Vermis era implacável.

Cunningham soltou seu melhor suspiro magoado.

— Tudo bem — disse ele, erguendo as mãos com boa vontade, enquanto Vermis o apalpava.

Mas o sorriso e o ar indiferente ocultavam um repentino mal-estar que atravessava a mente de Cunningham. *Ele sabe, pensou. De alguma forma, aquele filho da puta descobriu sobre o Novo Dia. Foi por isso que me chamou para vir aqui.*

Vermis resmungou, recuando.

— Ok — disse ele, quase de má vontade. — Pode entrar.

Cunningham hesitou. Estava certo de que Kien estaria irritado atrás da porta fechada do escritório. Irritado e vingativo, pronto para confrontá-lo sabendo do esquema que teria colocado Cunningham em seu lugar como chefe do Punhos Sombrios. Cunningham se perguntou quem o havia traído, mas decidiu se preocupar com isso mais tarde. Agora tinha algo mais básico em mente:

sobrevivência.

Poderia tentar fugir, ou tentar colocar a responsabilidade sobre o Novo Dia em alguém. No Brecha, talvez. Ou no Feiticeiro. Talvez fosse melhor.

Endireitou os ombros e abriu a porta do escritório de Kien. O local era silencioso e mal-iluminado. A única luz vinha de um abajur no canto da mesa de Kien. A atmosfera era escura e sepulcral. Caixas de vidro guardavam antiguidades orientais fabulosamente caras; eram como as oferendas que se colocavam no caixão.

— Você queria me ver? — perguntou Cunningham ao entrar na sala. Ele parou, franzindo a testa. — Kien?

A figura sombria sentada atrás da enorme mesa de madeira de lei estava na penumbra. Cunningham avançou cautelosamente e, então, subitamente se deu conta de que os Punhos Sombrios teriam um novo mestre muito mais cedo do que ele mesmo esperava.

Kien estava morto.

Se é que realmente era Kien sentado atrás da mesa. Cunningham se aproximou aos poucos, descrente, perguntando-se se seu chefe estava fazendo alguma espécie de brincadeira macabra. Mas 1^o de abril ainda estava longe, e Kien não era do tipo de pregar peças. O corpo atrás do móvel estava sem cabeça, embora Cunningham pudesse identificar Kien por causa da meia mão tombada descuidadamente sobre o fino pó azul espalhado pela mesa. E Kien não era o único morto na sala. O guarda-costas dele estava preso ao tampo da mesa com o abridor de cartas de platina de Kien, o que estragava o acabamento da madeira.

Cunningham se inclinou com cuidado sobre o móvel, movendo o abajur para jogar um pouco mais de luz sobre o corpo. Mantendo-se cuidadosamente afastado do pó azul polvilhado no tampo da mesa, que tinha se misturado com uma enorme quantidade de sangue coagulado, aproximou-se devagar e colocou dois dedos nas costas da mão inteira de Kien. Sua pele ainda estava morna e maleável. As pontas dos dedos estavam manchadas de azul, e na parte da frente da camisa ensanguentada havia mais pó grudado.

— Arrebate — disse Cunningham para si mesmo, afastando-se.

O pó azul que aumentava o prazer de qualquer coisa tinha sido fabricado nos laboratórios da Punho Sombrio. Transformava o alimento num manjar dos deuses; um simples toque virava um orgasmo. Também tinha alguns efeitos colaterais

infelizes. *De certa forma, pensou, o fato de Kien usar seus próprios produtos era uma espécie de justiça irônica que raramente se via nos programas de televisão ruins.*

Cunningham não se considerava careta, mas era antiquado em relação à escolha das drogas que usava. Ficava longe das novidades mais perigosas, com a noção muitas vezes correta de que não usaria qualquer tipo de química até que ficasse provado que era relativamente segura por inúmeros outros usuários. Ele era inteligente demais para servir de cobaia humana.

Fato era que Cunningham poderia ter jurado que Kien tinha uma atitude mais conservadora em relação às drogas. Quando Kien recitava *Kubla Khan*, de Samuel Taylor Coleridge, ocasionalmente se entregava a um cachimbo de ópio, que tinha uma longa história de aceitação na cultura chinesa. Mas era só isso. Não usava outras drogas e não bebia muito. Foi uma surpresa descobrir que Kien era um viciado.

Ou será que era?

Cunningham observou cuidadosamente a cena do crime. Por que Kien mataria seu próprio guarda-costas? E, se ele não o tinha matado, quem teria?

A mesma pessoa que tinha levado a cabeça de Kien como lembrança. Mas por que roubar a cabeça de um homem morto?

Para manter as memórias que estavam no cérebro de Kien longe de Miolo. Possivelmente. Se fosse o caso, era um trabalho interno. Fora da Sociedade do Punho Sombrio, não se conhecia a habilidade única que Miolo tinha de acessar memórias em cérebros mortos.

Cunningham puxou o abridor de cartas do peito do curinga batráquio, depois o deixou de lado. Havia uma pequena caixa envolta num elegante embrulho na ponta da mesa. Na caixa, lia-se estampado o nome EMPÓRIO DE ANTIGUIDADES LIN, uma loja cara de antiguidades que fazia parte do império comercial de Kien. Além de importar antiguidades asiáticas, Lin também era um ponto de venda de drogas de classe alta, onde sua clientela endinheirada podia comprar qualquer coisa, de maconha a heroína. Até arrebate.

Cunningham colocou o corpo do curinga na caixa. Ele podia estar morto, mas isso não significava que não pudesse ser interrogado. Não enquanto Miolo estivesse disponível.

Cunningham deu uma longa e cuidadosa olhada no cômodo. Não havia janelas, e a única porta levava à antessala guardada por Vermis. Ele suspirou. Parecia um

caso clássico de mistério dos livros de detetive. Pena que ele nunca tinha lido Agatha Christie.

Só que a porta do escritório não estava trancada. De repente, ela abriu e Vermis enfiou a cabeça, dizendo:

— Dessscul... — E parou antes que saísse a primeira palavra.

Leslie Christian estava atrás de Vermis. Cunningham não gostava do ás britânico que aparecera do nada no ano anterior e, de alguma forma, se infiltrara na Sociedade do Punho Sombrio como confidente pessoal de Kien. Era um filho da puta presunçoso e arrogante que fedia a segredos desagradáveis.

Os dois olharam da porta para a cena dentro do escritório de Kien. Em seguida, Christian disse laconicamente:

— Então, finalmente fez sua jogada, meu velho?

Após um instante de silêncio, Vermis uivou de raiva quando as palavras de Christian penetraram seu cérebro atordoado. O curinga correu para a sala, sua longa língua chicoteando para a frente e para trás, as presas à mostra pingando veneno.

Vermis não era muito inteligente, mas era firmemente leal a seu mestre. Quando colocava uma ideia na cabeça, a tendência era que ela não saísse mais de lá. E agora ele tinha a noção, cuidadosamente plantada por Christian, de que Cunningham matara Kien. Cunningham sabia que não poderia discutir o problema com o curinga, que estava insanamente perturbado.

Então, desapareceu. O desaparecimento tornava Cunningham tão cego quanto invisível, mas a prática havia aperfeiçoado os outros sentidos. Ele puxou uma imagem do escritório de Kien para a sua mente e deu a volta numa cristaleira que continha uma seleção de potes de rapé delicadamente incrustados e esmaltados. Saiu do caminho de Vermis e foi até a porta.

Porém, os gritos furiosos de Vermis se aproximavam. Rapidamente. Cunningham se abaixou e ouviu um estrondo quando Vermis se atirou. Por pouco ele não o acertou, batendo na frente da vitrine. Irado, o curinga se arrastou por fragmentos de vidro quebrado e pedaços de antiguidades inestimáveis, seguindo a trilha deixada por Cunningham, apesar de sua total invisibilidade.

Que porra é essa?, pensou Cunningham, e então sentiu em seu rosto a carícia úmida da língua ultrassensível de Vermis. *Esse filho da puta consegue me farejar.* E Vermis o encontrou.

Ele se esquivou enquanto o curinga tentava agarrá-lo, uma de suas mãos presa à camisa de Cunningham. Vermis puxou-o para perto. Cunningham podia imaginar a boca larga e aberta, com dentes afiados e um fio de saliva escorrendo como a baba de um cachorro louco.

Ele não era páreo, Cunningham sabia, para a força de Vermis ampliada pelo carta selvagem. Reapareceu e viu Vermis morder ferozmente o ar. Levantou o joelho direito, acertando o curinga com firmeza entre as pernas.

Vermis gritou, e Cunningham se afastou olhando rapidamente pela sala. O canalha do Christian havia desaparecido, fechando a porta do escritório. Pendurado em cruz na parede perto da porta havia um par de punhais cerimoniais antigos, com cabos incrustados de pérolas, rubis e esmeraldas. Cunningham correu pela sala, amaldiçoando Vermis em voz baixa enquanto o curinga mancava atrás dele. Arrancou as adagas dos suportes da parede. Sentiu a respiração quente de Vermis na nuca e desapareceu novamente, levando os punhais com ele para a invisibilidade.

Vermis o acertou, jogando-o com força contra a parede. O ar saiu dos pulmões de Cunningham como uma explosão, e ele se virou, desferindo golpes com ambas as adagas. Mas as armas, antiguidades centenárias, só serviam para decoração. Uma resvalou inofensivamente no antebraço de Vermis, enquanto a outra quebrou em suas costelas.

Cunningham queria xingar, mas não conseguia recuperar o fôlego. Vermis pegou seu rosto com uma das suas mãos desumanamente fortes, as garras fazendo sulcos nas bochechas de Cunningham. Um dos dedos chegou aos lábios de Cunningham, que o mordeu com força.

Ele sentiu gosto de sangue na boca enquanto Vermis gritava e instintivamente se afastava. Com os pulmões se esforçando para conseguir inalar ar, Cunningham cambaleou ao redor do escritório até onde se lembrava de haver uma arma mais eficaz: o abridor de cartas que ele tinha colocado ao lado do abajur na mesa de Kien. Reapareceu apenas quando bateu na escrivaninha. A dor subiu pelos joelhos, que tinham ido de encontro à quina do móvel. Depois, escorregou pela mistura fedorenta e pegajosa de sangue coagulado e pó azul. Então, deslizou sobre a superfície polida da mesa, caindo na cadeira e no cadáver frio de Kien. De alguma forma, ele conseguiu pegar o abridor de cartas enquanto escorregava.

Vermis o seguiu, saltando sobre a mesa com garras estendidas e presas gotejantes. Cunningham estendeu a mão direita, segurando o abridor de cartas, enquanto Vermis bateu nele, lançando-o ao chão junto com a cadeira e o cadáver

de Kien.

Cunningham ficou atordoado pelo duplo impacto de colidir com Vermis e se esborrachar no chão. Demorou um instante até perceber que ainda segurava o abridor de cartas e que algo molhado e pegajoso escorria pela mão. O objeto, percebeu finalmente, tinha penetrado a garganta de Vermis, subindo pela boca do curinga até o cérebro. O sangue pulsava espesso e quente.

Cunningham ficou deitado ali um tempo, respirando a nuvem de pó azul rodopiante. Era bom estar vivo.



A cadeira de Kien era confortável. Macia e aveludada, girava silenciosamente e suas rodinhas estavam bem lubrificadas. Cunningham rodopiou nela algumas vezes, sabendo que tinha que ir embora e que Christian poderia retornar a qualquer momento com um esquadrão. Contudo, de certa forma, ele simplesmente não podia deixar de saborear o triunfo sobre seu ex-chefe. Parou de girar com a cadeira, repousando um pé no cadáver sem cabeça de Kien e, o outro, no corpo de Vermis.

Então, ser o chefe dos Punhos Sombrios era assim: uma mistura inebriante de poder e domínio, temperada pela expectativa das doces riquezas por vir. Naturalmente, Cunningham percebeu, parte da fantasia havia sido causada pelo arrebate que respirava. Tinha que começar a se mexer. Não podia se dar ao luxo de ser pego sonhando.

Esticou a mão com cautela, tomando cuidado para não levantar mais o fino pó azul que tinha se assentado de volta ao tampo da mesa, e pegou o telefone que estava pendurado na borda do móvel. Discou.

— Transluz — disse ele ao telefone. — Preciso falar com Feiticeiro.

Cantarolou enquanto esperava que seu parceiro de conspiração, o chefe da gangue dos Lobisomens, atendesse. Feiticeiro era alto e forte; ninguém, nem mesmo Cunningham, sabia que forma sua aparência de curinga tinha tomado. Ele sempre usava uma máscara. A tradição dos Lobisomens de usar máscara, inclusive, começou com ele. Seus seguidores o imitavam, usando qualquer máscara de celebridade que ele escolhesse usar, pelo tempo que fosse.

— Aqui é o Feiticeiro.

A voz do líder dos Lobisomens era grave e sem emoção, embora houvesse algo temerário nela. Na opinião de Cunningham, os lobisomens eram principalmente um bando de curingas que tinham a ilusão de serem durões. Feiticeiro, porém, era realmente perigoso. Até mesmo seu poder de ás, que ele próprio chamava de “desejo de morte”, era assustadoramente letal.

Feiticeiro simplesmente desejava que alguém morresse, e, dentro de 24 horas, seu desejo se realizava. Às vezes, o coração da vítima parava ou um vaso sanguíneo estourava em seu cérebro. Às vezes, suas vítimas estavam no lugar errado na hora errada e um táxi desembestado fazia o trabalho. Uma vez, uma das vítimas de Feiticeiro tinha tido o azar cósmico de ser perfurada entre os olhos por um micrometeorito. Ninguém sabia como ele fazia isso, mas seu desejo de morte nunca falhava. Era preciso ter cuidado com ele.

— O Novo Dia começou — disse Cunningham a ele, o arrebate acrescentando exuberância à sua voz. — Agora.

— Já? — perguntou Feiticeiro, pensativo. — Não estava programado até a próxima semana. Ninguém está posicionado...

— Temos que agir agora — interrompeu Cunningham, contando a Feiticeiro sobre a morte de Kien. — Não sei quem fez isso ou por quê, mas Christian deve estar envolvido de alguma forma — concluiu. — Ele apareceu aqui muito convenientemente e saiu depois de ter jogado Vermis em mim.

— Por que ele queria Kien morto? — perguntou Feiticeiro.

— Não sei — admitiu Cunningham. — Mas vamos descobrir quando o pegarmos. Agora temos que agir, e rápido. Ele já tentou me matar uma vez. Acho que ele pode trazer Sui Ma na próxima.

Feiticeiro fez um som profundo com a garganta, e Cunningham sabia que tinha jogado a carta certa. Mesmo que ambas as gangues pertencessem à Sociedade do Punho Sombrio, os Lobisomens e os Garças Imaculadas não morriam de amores uns pelos outros. Os lobos eram curingas. Eram das ruas. Os Garças eram limpos, a maioria era gente imprestável e arrogante. Embora trabalhassem nas ruas como os Lobisomens, de alguma forma se consideravam superiores aos seus irmãos no Punho, uma atitude ativamente encorajada pela líder deles, Sui Ma, irmã de Kien.

— Coloque os lobos em alerta — disse Cunningham. — Encontre o Falcão. Entre em contato com o Sussurro. Tenho a sensação de que podemos precisar dele antes que isso se espalhe.

— Dragão Preguiçoso? — perguntou Feiticeiro.

— Ainda está sumido — informou Cunningham. — Na última vez que fui em sua casa, a irmã dele estava morando lá, e ela não ouvia falar dele havia meses. Temo que Christian, ou quem quer que esteja por trás do assassinato de Kien, já o tenha encontrado.

— E o Brecha?

Cunningham fez um gesto de desprezo.

— Melhor esquecê-lo por enquanto. Provavelmente ele sabe onde muitos dos corpos estão enterrados, então pode ser útil mais tarde. Mas eu não consigo imaginar como ele pode nos atingir agora. É apenas um advogado.

— Certo — disse Feiticeiro. — Você quer que eu envie alguns irmãos para ficarem de olho em você?

— Boa ideia — concordou Cunningham. Olhou para a caixa com o pequeno corpo do curinga. — Estou indo para o Covil, mas primeiro tenho que encontrar Miolo. Tenho algo para ele aqui.

Felizmente sabia exatamente onde procurar.



Cunningham sabia que ainda estava sob o efeito do arrebate quando teve que enfrentar o desejo de comprar meia dúzia de sanduíches no Horn e Hardart, na esquina da Third Avenue com a 42nd Street. Caminhou firmemente pela fila, lembrando a si mesmo que ele estava lá para procurar alguém, e não para se encher de sanduíches de carne de procedência duvidosa.

Embora a lanchonete estivesse lotada, Cunningham avistou Miolo sentado sozinho num canto. Era como se os fregueses do local, um público não muito exigente, estivessem instintivamente evitando aquele ás meio louco. Cunningham teria feito o mesmo. No melhor dos dias, Miolo era uma figura repulsiva. Suas roupas não estavam muito melhores do que as de um mendigo, seu cabelo não era lavado desde o governo Reagan e seu rosto branco-cadáver se mexia continuamente com tiques como se ele estivesse passando por uma sessão de eletrochoques.

— Olá, Glen — cumprimentou Cunningham cuidadosamente enquanto se aproximava da mesa de Miolo. Olhou para o prato vazio diante dele e suspirou. Era normal que o perturbado ás ficasse mais difícil depois de uma refeição. —

Você já comeu, Glen?

— Não muito — respondeu Miolo, na defensiva. Ele se recusou a olhar Cunningham nos olhos. — Eu posso sentir o sol e ver as planícies ondulantes. A grama tem um gosto bom.

— Meu Deus — murmurou Cunningham. — Você não comeu hambúrguer, comeu?

— Muuu — disse Miolo, alto o suficiente para fazer as pessoas olharem.

Cunningham forçou um sorriso e pôs uma das mãos no braço de Miolo, levantando-o de seu assento.

— Precisamos ir agora, tenho algo para você fazer — acrescentou calmamente.

Miolo balançou a cabeça e ficou de quatro.

— Vamos lá — disse Cunningham, tentando fazer com que sua voz parecesse casual. — Hora de ir para casa.

— Muuu — respondeu Miolo.

Cunningham manteve o sorriso no rosto, mas inclinou-se para baixo e sussurrou ferozmente:

— Controle-se. Não quero ter que arrastar você para o carro.

Miolo assentiu e se levantou, endireitando as roupas o melhor que pôde e olhando em volta.

— Estou bem. De verdade. Só espere um pouco.

Ele foi para o caixa e comprou chiclete. Abriu todos com as mãos trêmulas e os enfiou na boca um por um. Suspirou de êxtase e mastigou satisfeito. Cunningham deu um rápido sorriso para o caixa e conduziu o ás para fora da lanchonete.

— Vamos — disse, puxando-o pela rua para a vaga onde tinha deixado seu Maserati.

Miolo o seguia docilmente, com os olhos fixos nas cenas distantes que passavam em seu cérebro enquanto revivia a vida da vaca que fez parte de seu almoço. Pelo menos, Cunningham pensou, agradecendo sua sorte, Miolo não tinha desmoronado num estupor descabido como costumava acontecer depois de ingerir carne.

Ele colocou o ás no banco do passageiro do Maserati, trancou a porta e se

levantou. Um homem estava parado na frente do veículo. Um instante antes, não estava lá. Era asiático e usava óculos escuros espelhados que davam a seu rosto juvenil uma aparência severa. As mãos estavam nos bolsos de sua jaqueta de cetim. Cunningham sabia que nela havia um grande pássaro branco bordado nas costas. Ele podia se dar ao luxo de se portar daquele jeito. Os dois bandidos que estavam atrás dele com a mesma roupa carregavam Uzis.

Cunningham demorou um pouco para lembrar-se do nome dele: Jack Chang, um tenente dos Garças Imaculadas. Ele sorriu para Cunningham.

— Sui Ma — anunciou — quer ver você. É sobre a cabeça sumida do irmão dela.



— Cuidado — disse Cunningham enquanto Chang estacionava o Maserati despreocupadamente entre um par de latas de lixo transbordantes num beco estreito de Chinatown. — Vai arranhar a pintura.

O Garça sorriu.

— Qual é o problema? Não tem seguro?

Cunningham não gostou do comentário de Chang, mas ficou calado enquanto eles saíam do carro e esperavam os outros Garças aparecerem. Uma atitude de machão seria perda de tempo. Ele preferia se lembrar dos insultos, anotá-los e tomar uma providência mais tarde em circunstâncias mais apropriadas. E Chang acabava de entrar na sua lista.

Os Garças chegaram derrapando na van e pararam logo atrás do Maserati. O motorista riu enquanto batia no carro de Cunningham com o para-choque, empurrando-o suavemente para a frente contra a parede de tijolos. Cunningham manteve-se impassível, mas acrescentou outro nome à sua lista enquanto os Garças pulavam para fora da van, rindo. Dois deles arrastavam um Miolo confuso pelos braços. Sua lista de vinganças ficaria ainda mais longa até o fim do dia.

— Vamos embora — disse Chang. — A Mãezinha está esperando. — Como seu falecido irmão, Sui Ma era uma espécie de amante da cultura chinesa. No caso dela, fez os Garças que guardavam seu quartel-general vestirem trajes que para Cunningham pareciam ter saído do filme *Anna e o Rei do Sião*. No entanto, como ele também observou, no lado oposto às espadas chinesas de lâminas largas que ficavam na cintura dos guardas, eles discretamente carregavam pistolas

modernas.

O quartel-general de Sui Ma sempre deixou Cunningham desconfortável, e não era só por causa da sensação de estar entrando no esconderijo da Mulher-Dragão. Por trás da singela fachada de tijolos no exterior, havia uma terra de fantasia de tapetes e telas de seda, tochas elétricas na parede e o cheiro forte de incenso no ar.

Sui Ma estava esperando por eles na sala de recepção, sentada num trono de madeira detalhadamente esculpido e decorado com centenas de penas de pavão. Usava um roupão de seda azul-escuro bordado com a ave branca que era o símbolo dos Garças. Era uma mulher baixa, bastante simples e gordinha, prestes a entrar na meia-idade, mas sua aparência suave escondia uma mente poderosa tão implacável quanto a de seu irmão. E agora ela não parecia muito satisfeita por ver Cunningham.

— Sua ambição — disse ela friamente a Cunningham — acabou levando você longe demais: não só matou meu irmão e o fiel guarda-costas dele, mas também mutilou o cadáver. Você pagará por ambos os atos.

Cunningham não sabia dizer se ela sinceramente acreditava que ele tinha matado Kien ou se apenas usava a conveniente situação para destruí-lo. Ele balançou a cabeça.

— Assumo a culpa por Vermis, mas foi autodefesa. Christian o incitou a me atacar. Aposto todo o meu dinheiro que foi ele que lhe disse que eu tinha matado Kien.

Cunningham percebeu pela expressão que surgiu no rosto de Sui Ma que estava pensando sobre o que ele dissera. Ele falou rapidamente para continuar em vantagem:

— Se eu matei o general, o que eu fiz com a cabeça?

Ela sorriu.

— Você levou a cabeça para aquela criatura repugnante descobrir todos os segredos da Sociedade do Punho Sombrio.

— É uma boa teoria — admitiu Cunningham. — Se eu tivesse a cabeça comigo, coisa que não tenho.

— Então por que você saiu imediatamente do local do assassinato do meu irmão e foi buscar Miolo numa lanchonete? — perguntou Sui Ma, triunfante.

— Porque eu tinha outra coisa para ele — explicou Cunningham. — O corpo

do guarda-costas que estava na mesa de Kien. O assassino matou o curinga para evitar que ele falasse sobre a morte do seu irmão. Alguém parece estar agindo por debaixo dos panos para me incriminar.

— Christian... — disse Sui Ma, pensativa. Ela olhou para o vazio por um longo momento, e Cunningham sentiu algo como esperança pela primeira vez desde que fora levado à sua presença. — Onde está o corpo desse curinga?

— Numa caixa, no porta-luvas do meu carro — afirmou Cunningham.

Sui Ma olhou para Chang e balançou a cabeça. O Garça fez um gesto para um de seus capangas, que saiu imediatamente para buscar a caixa.

— E Miolo? — perguntou Sui Ma.

— Estamos com ele na antessala — disse Chang.

— Mande-o entrar.

Chang assentiu e também saiu, deixando Cunningham sozinho com Sui Ma e meia dúzia de guardas impassíveis que ficavam atrás e ao redor de seu trono de pavão. Ela continuou a fitá-lo em silêncio, como se estivesse pesando o valor de sua vida. Ele decidiu que agora não era o momento de incomodá-la com um bate-papo casual.

O capanga retornou com o curinga na caixa e mostrou-a a Sui Ma. Ela olhou dentro do objeto, assentiu e devolveu ao Garça, que a colocou a seus pés na plataforma superior do estrado do trono. Um momento depois houve outra breve e respeitosa pancada na porta, e Chang apareceu com dois Garças arrastando Miolo entre eles.

O ás desgrenhado olhou ao redor da sala com seus olhos escuros e confusos, murmurando algo para si mesmo que ninguém mais podia entender. Olhou para Cunningham, lambendo nervosamente os lábios.

— Você tem um trabalho para mim? — perguntou finalmente.

Sui Ma assentiu e apontou para a caixa.

— Ali dentro.

Miolo deu um passo à frente e tirou a tampa da caixa com as mãos trêmulas.

— É tão pequeno — disse ele.

Cunningham fez que sim com a cabeça.

— Considere um aperitivo.

Miolo abriu um sorriso largo e estático. Uma linha de saliva deslizou pelo

queixo quando ele enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena caixa de couro. Dentro havia alguns pequenos instrumentos, brilhantes e afiados. Ele escolheu um e começou a serrar, cantarolando baixinho. Cunningham desviou o olhar enquanto Miolo cortava o minúsculo crânio. Sui Ma manteve-se impassível.

Levou apenas alguns instantes para cortar o topo do crânio do curinga. Ele olhou furtivamente para Cunningham e Sui Ma quando terminou, então se inclinou sobre o corpo. Como se escondesse o que estava fazendo, tirou o cérebro do curinga e o jogou na boca. Mastigou apressada e ruidosamente, e então o engoliu. Ajoelhou-se no degrau do estrado diante de Sui Ma com um sorriso no rosto, como se imaginasse algo; os tiques e espasmos que geralmente contorciam seus traços foram substituídos por uma saciedade serena. Seus olhos se fecharam.

— Quanto tempo isso vai levar? — perguntou Sui Ma com bastante interesse.

— Depende — disse Cunningham. — O cadáver era bastante... fresco... então isso deve reduzir o tempo que leva para assimilar as memórias.

Alguns momentos depois, Miolo finalmente começou a gemer e se contorcer.

— Nãããã! — exclamou, torcendo-se como se para evitar um golpe fatal.

Cunningham se inclinou para a frente ansiosamente.

— Quem o matou? — perguntou ele.

— Cabelo vermelho — Miolo ofegou em seu transe. — Rosto sorrindo. O menino gosta, gosta, sim. — Contorceu-se novamente e soltou um gemido longo e agudo.

— Ele está sozinho? Tem mais alguém junto?

Miolo chicoteou a cabeça para frente e para trás.

— Outro. Muito longe. Embaçado. Não consigo ver quem...

Cunningham xingou. O curinga que guardava a mesa de Kien era muito míope.

— E Kien? Ele está no quarto?

— Está na mesa dele.

— O que ele está fazendo?

— Está com medo. Ele não quer, mas abriu a caixa. Está dizendo: “Por que você está fazendo isso comigo? Eu não quero. Não me obrigue a fazer isso.” Ele pôs o rosto dentro da caixa...

Cunningham e Sui Ma se entreolharam.

— Controle mental — disse Cunningham, e Sui Ma assentiu. — Alguém, o

ruivo, fez com que ele cheirasse arrebate suficiente para matar um pelotão inteiro.

— Ruivo — repetiu Sui Ma. — Controle mental.

— Dr. Tachyon — concluíram juntos.

Sui Ma franziu o cenho, balançando a cabeça.

— Não entendo — disse ela. Olhou criticamente para Miolo, que estava ofegante como um cão, jogando-se e sacudindo espasmodicamente no chão, sentindo os efeitos colaterais da sua última refeição. — Por que Tachyon faria Kien se matar?

— Talvez não tenha sido ele. Talvez tenha sido outro ruivo com habilidade de controle mental. — Cunningham encolheu os ombros. — Miolo pode descrever o homem quando sair do transe. — Ele olhou para Sui Ma. — Você pode ver, de qualquer maneira, que eu estava dizendo a verdade. Não tive nada a ver com a morte do seu irmão.

Sui Ma novamente olhou para o vazio.

— Isso pode ser verdade — admitiu ela —, mas desde quando a verdade influencia a decisão sobre o que fazer? — Ela olhou para Cunningham. — Meu irmão está morto, e eu serei a nova líder suprema na Sociedade do Punho Sombrio. Não acho que você gostaria de trabalhar para mim, Transluz, e, francamente, acho que não confio em você.

— Então, ainda estou morto — disse ele com a frivolidade que conseguiu reunir.

— Digamos que a empresa está encerrando a sua posição — disse Sui Ma com um sorriso.

— Bom... — comentou ele. — Nesse caso, foda-se.

Ele desapareceu. Não sabia a configuração da sala de Sui Ma tão bem como a de Kien, mas tinha feito o seu melhor para memorizá-la nos últimos minutos. Transluz se jogou no chão, rolou e se levantou, esquivando-se quando ouviu Sui Ma gritar e os guardas atirarem cegamente pelo aposento. Houve uma curta explosão de tiros, um grito angustiado, e então Sui Ma gritou:

— Usem suas espadas, idiotas, e guardem a porta!

Transluz caminhou em direção à voz dela e tropeçou no que parecia ser Miolo. Ele caiu silenciosamente, rolou, levantou-se e se chocou em outra pessoa. Sua mão bateu em carne firme, muscular, o que o fez sentir uma dor súbita e abrasadora, como uma lâmina afiada cortando sua coxa. Ele reprimiu um grito e

atacou onde julgava que o pulso do guerreiro da espada estaria.

Acertou carne novamente, e se afastou. A lâmina veio com ele, ainda alojada em sua coxa. Ele cerrou os dentes e arrancou a espada da perna, segurando-a. Apertou ambas as mãos em torno da empunhadura e balançou a espada fazendo um oito, sentindo o objeto cortar a carne como faca quente na manteiga.

Sui Ma gritou novamente para os guardas. Foi um erro, porque agora ele sabia onde ela estava. Começou a girar em torno dela, segurando a espada invisível diante dele, como um cego segurando uma bengala, e, de repente, algo de novo foi acrescentado à confusão e ao pânico que já estavam instalados no lugar.

Ouviram-se novos gritos graves e roucos, e o som ensurdecador de tiros ecoou. Cunningham arriscou reaparecer por um momento e teve que reprimir um berro de alívio quando viu que a cavalaria tinha chegado na forma de um esquadrão de Lobisomens liderados pelo próprio Feiticeiro.

Havia mais de uma dúzia de lobos vestindo roupas de couro e máscaras do Michael Jackson, munidos até os dentes com pistolas automáticas e escopetas. Um deles tinha um aparelho de som portátil, e a música “I’m Bad” explodia pela sala, ainda mais alta do que o barulho das armas.

Sui Ma estava de pé diante de seu trono. Seu rosto mostrava mais raiva do que medo. Tinha dois guardas ao seu lado, que largavam as espadas e procuravam armas. Cunningham mediu a distância entre eles e voltou a ficar invisível. Ele avançou silenciosamente, balançando sua lâmina afiada.

Sentiu algo quente e pegajoso salpicar-lhe o rosto e debilitar seus olhos, sabendo que a máscara de sangue que agora estava carregando o entregaria de qualquer maneira. Um dos guardas tinha caído, mas o outro estava se virando para ele, armado e pronto para atirar. Cunningham se esticou para se esquivar, mas, antes que o asiático pudesse disparar, a escopeta de um Lobisomem o atingiu. O guarda caiu para a frente, batendo nos degraus do estrado. Enquanto isso, Sui Ma estava desprotegida e sozinha diante de seu trono.

Ela olhou para Cunningham.

— Parece que por ora você ganhou — disse ela, quase graciosamente.

— Você estava certa — concordou ele. — Eu nunca poderia trabalhar para você, e não acho que você poderia trabalhar para mim.

Empurrou a lâmina na barriga dela. Ela ofegou, desmoronando para trás em sua cadeira. Ela o encarou pelo que parecia um longo tempo antes de seus olhos ficarem vidrados. Cunningham suspirou e se virou. Ele tinha matado antes, mas se

sentia estranho por matar uma mulher como aquela. O fato de ela estar pronta para fazer o mesmo com ele não servia de consolo.

Os Lobisomens estavam acabando com seus últimos inimigos, pegos de surpresa e em minoria. Feiticeiro passou por cima de Miolo, que se encolhia no chão, e se aproximou de Cunningham no topo do estrado.

— Viemos o mais rápido possível — disse ele — depois que um dos irmãos viu você sendo pego na lanchonete. Porra, pensamos que era hora de invadir...

Ele parou e olhou para Cunningham, que supôs que a sua aparência devia estar horrível. Sua perna estava latejando demais. O corte na coxa sangrava como um rio, e seu rosto estava todo respingado com o sangue do guarda que ele matara. Feiticeiro olhava para ele. Pelo seu olhar, detrás da máscara de Michael Jackson, ele parecia ter visto um fantasma. Cunningham percebeu que provavelmente todo aquele sangue indicava que ele tinha uma grande ferida na cabeça.

— Não se preocupe. — Ele riu. — Estou bem, não é meu. — Enxugou o sangue, manchando-o, mas conseguindo remover um pouco do rosto.

Feiticeiro parecia ter se recomposto.

— Certo. Estou feliz por você estar bem, mas é melhor sairmos daqui antes que mais desses malditos chinas apareçam. — Fez um gesto para o cadáver de Sui Ma. — Eles não vão gostar disso.

— Tudo bem — concordou Cunningham. Ele olhou para a sala cheia de cadáveres. A maioria dos corpos era dos Garças, mas alguns Lobisomens haviam morrido também. — Vamos voltar para o Covil. Temos que descobrir onde está a maldita cabeça.

Apesar da morte que o cercava, e apesar da dor, Cunningham não conseguiu conter um largo sorriso. Tinha acabado. O Novo Dia tinha chegado. Ele era o novo chefe dos Punhos Sombrios.



No passado, quando o Bowery estava na moda por causa de suas casas noturnas, o decrepito edifício agora conhecido como o Covil dos Lobisomens era um famoso hotel de luxo. Quando as coisas começaram a ficar ruins no bairro, o hotel virou um conjunto de apartamentos. Com a degradação total do bairro, se

transformou num cortiço, depois ficou abandonado por mais de uma década, afundando ainda mais em sua decrepitude antes de os Lobisomens assumirem o lugar como quartel-general.

Eles haviam se esforçado bastante para limpá-lo, embora as normas sanitárias dos Lobisomens não fossem exatamente as mesmas de um hotel cinco estrelas.

Era um conjunto barulhento e fedido de pequenos quartos sujos cujo coração era o Santuário do Feiticeiro: uma grande sala atrás de portas duplas de madeira com um pentáculo grosseiro cercado pela legenda 666: COVIL DA BESTA escrita de forma descuidada sobre ele em tinta vermelha escorrida. Era mal iluminada e cheia de livros transbordando pelas prateleiras, empilhados contra as paredes e sobre os móveis empoeirados onde competiam por espaço com bugigangas ocultistas que iam desde crânios humanos de verdade a pacotes de penas de galinha tingidas que pareciam ter vindo de alguma loja barata de artigos de feitiçaria.

Cunningham tinha cooptado a cadeira de Feiticeiro atrás de uma mesa cheia de mais coisas ocultistas, embaixo de um retrato malfeito de um Aleister Crowley careca e com queixo duplo, padroeiro de Feiticeiro. O líder dos Lobisomens se sentou numa cadeira em frente à mesa normalmente reservada aos visitantes. Ele estava observando Cunningham de perto. O ás estava sentado com a perna enfaixada, rígida, sua voz baixa e pensativa enquanto meditava sobre os caóticos acontecimentos do dia.

— É o Christian — murmurou —, tem que ser o Christian. Mas como aquele inglês filho da puta pensou que iria se safar e tomar o comando? Ele é muito novo nos Punhos Sombrios para ter uma base de poder real.

— A menos que ele estivesse conspirando com Sui Ma — sugeriu Feiticeiro.

Cunningham sacudiu a cabeça.

— Ela parecia genuinamente surpresa com a morte do irmão. Acho que realmente pensou que eu o havia matado.

— Tem o Brecha — sugeriu Feiticeiro. — Ele pode estar envolvido.

— Pode ser — concordou Cunningham. — Por isso enviei alguns dos irmãos ao escritório dele para buscá-lo. Talvez ele possa esclarecer um pouco do mistério. — Feiticeiro apontou para uma folha de papel na mesa à sua frente. — Quem é esse?

Era um esboço feito a lápis colorido do ruivo com habilidade de controle mental que matou o guarda-costas de Kien. Miolo era um artista talentoso. Tinha

capturado a expressão de deleite cruel e duplamente horrível no sorriso do garoto cujo rosto, jovem, fosse outro o contexto, seria doce. Ouviu-se uma batida forte nas portas duplas do Santuário, e Cunningham ergueu os olhos do esboço para ver dois Lobisomens entrarem com Edward St. John Latham.

Latham era um homem magro e bonito, com um terno cor de chumbo da Brooks Brother com discretas riscas roxas, quase imperceptíveis. Seu rosto não demonstrava expressão alguma quando entrou na sala. Ele acenou com a cabeça para Cunningham, ignorou Feiticeiro e se sentou na cadeira ao seu lado, cruzando a perna casualmente, tornozelo sobre o joelho.

— Suponho que caiba algum tipo de parabenização — disse ele.

— Obrigado, Sinjin.

Cunningham sabia que Latham não gostava de ser chamado de Sinjin tanto quanto não gostava de qualquer outra coisa. Era um filho da puta sem emoção, mas, a princípio, totalmente leal. Era difícil ver que papel ele teria desempenhado numa conspiração contra Kien.

— Mas ainda há algumas coisas que eu gostaria de esclarecer.

— Por exemplo?

— Por exemplo se você está do meu lado e do Feiticeiro ou do general e da irmã dele?

Latham sorriu sem humor.

— Já estou ciente do falecimento do general e de sua irmã. Não há muito que se decidir, não é?

— Estou contente por ver que está sendo razoável. Mas me diga o que sabe sobre Leslie Christian.

— Christian? — Brecha franziu o cenho. — Por quê?

— Ele é o ás desaparecido do baralho. Mande os Lobisomens vasculharem a cidade atrás dele, mas parece que desapareceu. No entanto, só sumiu depois de tentar jogar a culpa do assassinato de Kien sobre mim.

Brecha parecia levemente surpreso.

— Então você não matou Kien?

Cunningham sacudiu a cabeça.

— Não. E eu faria uma coisa dessas? Acho que Christian tem que estar envolvido no assassinato, de alguma forma. Ele apareceu logo depois de eu ter

encontrado o corpo, tentou me culpar e depois desapareceu.

— Por que Christian mataria Kien? — perguntou Latham.

— Não sei. Mas o que realmente sabemos sobre ele? — indagou Cunningham, contando os pontos um por um nos dedos. — Ele é algum tipo de ás. É estrangeiro. Ele bebe. De alguma forma, conquistou a confiança de Kien. Poderia ter milhares de razões para querer Kien morto, mas não sabemos o suficiente sobre ele para imaginar quais poderiam ser.

— Já você, por outro lado — disse Latham secamente —, tinha apenas uma razão para querer o general morto.

— Tudo bem — admitiu Cunningham. — Estamos sendo honestos um com o outro. Eu admito. Eu queria ser o chefe dos Punhos Sombrios. Eu tinha... planos. Mas não matei Kien. — Ele estendeu a mão sobre a escrivaninha e entregou a Latham o desenho do jovem com habilidade de controle mental que tinha espetado o guarda-costas batráquio de Kien. — Foi ele.

Latham pegou o papel e o olhou. Algo passou por seu rosto, e por um momento Cunningham pôde jurar que o advogado, geralmente imperturbável, sentia-se inseguro.

— O curinga viu esse garoto controlar a mente de Kien, forçá-lo a enfiar o rosto num saco de arrebate. Então o garoto matou o curinga.

— Interessante — murmurou Latham.

— Você tem alguma ideia de quem poderia ser?

Latham olhou para ele por um longo tempo, depois disse:

— Talvez.

— Não quer me contar?

Latham pensou por mais um momento, depois assentiu.

— Em nome da verdade... — disse ele, sem nenhuma ironia na voz — ... e da justiça.

Cunningham reprimiu um sorriso, mas Feiticeiro bufou.

— Ele tem uma gangue de rua que já fez alguns trabalhos para a Sociedade do Punho Sombrio — explicou Latham. — Chama-se Blaise. E é o neto do Dr. Tachyon.



Meia dúzia de curingas marginais estava sentada em volta da entrada de um cinema abandonado no coração do Bowery, compartilhando uma bebida enrolada num saco de papel pardo, aproveitando os últimos raios de sol do outono como um bando de lagartos inchados.

— E aí, pessoal? — perguntou Cunningham aos vagabundos. Alguns levantaram os olhos enquanto ele falava. — Talvez vocês possam me ajudar. Estou procurando este garoto. — Apontou para o desenho de Miolo. — Ouvi dizer que ele vem aqui com uma gangue.

Tirou um maço do bolso e pegou uma nota de vinte dólares. Isso despertou um pouco mais o interesse. Um dos olhos de um curinga girou para a frente como o de um camaleão e focou em Cunningham.

— Você é policial ou coisa assim?

— Exatamente — disse Cunningham.

— Você parece policial. Um desses policiais de televisão, boa-pinta. Não é, gente?

Houve um murmúrio geral de assentimento, e Cunningham decidiu que seria melhor trazer a conversa de volta aos trilhos.

— E o garoto?

— Esse babaca mimado. Ele tem uma gangue de babacas. O cinema costumava ser nosso antes de eles se mudarem. Agora é música alta o dia todo, e você realmente tem que ter cuidado. Eles sabem quando vem o dinheiro de auxílio do governo e tomam tudo da gente.

— Ele está lá dentro agora?

— Está — respondeu o curinga. — Ele e as roupas caras dele. Dá para ver que é rico. Ele não precisa ficar aqui. Poderia devolver o cinema pra gente e voltar para Manhattan. Ele e todos aqueles pirralhos.

Cunningham sorriu e largou a nota de vinte. Ela voou para o colo do vagabundo e ele a agarrou enquanto os outros indigentes se levantavam. Cunningham observou-os disputando o prêmio e depois cambaleando até a loja de bebidas na outra calçada, atrás do sortudo que tinha ficado com o dinheiro.

Também atravessou a rua e olhou para a janela do carro que estava encostado ao meio-fio com o motor ligado. Feiticeiro estava ao volante. Miolo, no banco ao lado dele, parecia nervoso e inseguro como sempre. Latham estava no banco de trás, ladeado por um par de Lobisomens de aparência feroz. Havia três carros

estacionados a uma distância discreta, todos carregados de Lobisomens fortemente armados.

— Tudo bem — disse Cunningham. Respirou fundo. — Isso parece um trabalho para Transluz. — Ele sorriu. — Vou tentar a porta dos fundos. Quero que vocês esperem aqui por enquanto.

Feiticeiro assentiu.

— Tenha cuidado.

— Pode deixar. Fica tranquilo. — Fez um meneio de cabeça para o Lobisomem e voltou a atravessar a rua.

A porta dos fundos do cinema estava trancada, mas a fechadura era velha e de má qualidade e cedeu facilmente. A porta se abriu para uma escuridão com cheiro de mofo, um corredor úmido e cheio de lixo que aparentemente levava para trás da tela e depois dava na área da plateia. Cunningham congelou com o som de tiros. Agachou-se na escuridão e ficou escutando. O barulho tinha uma qualidade irreal para ele. A voz gritando era familiar e quase alta demais para um humano normal. Houve um ruído tremendo, o som de motores rugindo, e um grito de lamento:

— Eu não posso morrer. Eu não vi *Sonhos dourados* ainda! — Cunningham percebeu o que estava acontecendo.

Estavam exibindo um filme, aparentemente o remake hediondo do clássico *Trinta minutos sobre a Broadway*, de Howard Hawkes. Cunningham esperou na escuridão enquanto o som de um avião em queda encheu o cinema. Houve uma grande explosão quando ele caiu no litoral de Manhattan, então a plateia aplaudiu e assobiou. Não devia haver muitos fãs do Jetboy ali.

Cunningham seguiu pelo corredor. Passou por uma cortina grossa e empoeirada e entrou na sala de cinema. Não estava cheia. Havia vinte, talvez 25 garotos sentados perto da tela na seção central. Poucos pareciam interessados nas imagens que brilhavam diante deles. Alguns estavam se entupindo de doces e picolés, outros davam uns amassos — embora dar uns amassos fosse quase um eufemismo para algumas das coisas que Cunningham viu pelo reflexo da luz na enorme tela branca.

A atenção de um dos garotos, porém, estava presa à ação na tela, apesar de uma garota mais nova estar se esfregando nele como um gato carente. Mesmo na escuridão, Cunningham podia distinguir seu belo cabelo ruivo e os traços delicados. Tinha que ser Blaise, o garoto que Latham identificara como o neto

pirralho de Tachyon.

Seus olhos estavam grudados ao filme, em que as pessoas agora estavam se transformando em borracha e monstros de plástico criados com efeitos especiais baratos quando o vírus carta selvagem caiu chovendo do céu. Houve um corte de cena, e Dudley Moore apareceu de repente, uma paródia grotesca de Tachyon, usando uma peruca vermelha e uma roupa que poderia ser o figurino de uma *drag queen*.

Moore apertou o cabelo como se estivesse procurando piolhos.

— Céu ardente! — gritou ele. — Eu avisei! Eu avisei a todos! — Então irrompeu num ataque de choro histérico.

Blaise se levantou, jogando de lado a menina que estava se esfregando nele e lambendo sua orelha, e tirou a arma que tinha no coldre. Cunningham se encolheu, e o garoto deu um tiro. O barulho foi surpreendentemente alto por causa da acústica da sala de cinema, fazendo as explosões da trilha sonora parecerem estalinhos inofensivos.

Blaise não estava atirando em Cunningham. Ele sequer o vira. Tinha colocado uma bala na tela entre os olhos de Dudley Moore. A multidão de delinquentes juvenis aplaudiu, e Blaise se sentou com um sorriso malévolo nos lábios. Naquele momento, Blaise parecia tão endurecido e maligno quanto os personagens mais tortuosos com quem Cunningham tivera de lidar na Punho Sombrio. Era assustador ver tal expressão num rosto tão jovem.

Cunningham estremeceu e seguiu em frente.

O hall de entrada estava sujo, escuro e deserto. A última luz da tarde se infiltrava pelas fendas entre as tábuas de madeira colocadas sobre as portas de vidro do cinema. A *bonbonnière* estava vazia e empoeirada, embora tivesse pipoca fresca na pipoqueira e caixas de papelão cheias de doces empilhadas em cima do balcão. Os confeitos todos pareciam recentes, provavelmente trazidos pela gangue para devorar enquanto assistiam aos filmes. Cunningham lembrou que eles também estavam tomando picolés.

Dirigiu-se para o carrinho de picolés que estava junto ao balcão de doces e abriu a tampa em cima. Olhou por um longo momento. Lá, dentre uma dúzia de sanduíches de sorvete, estava a cabeça de Kien cortada de forma grosseira no pescoço.

Cunningham estranhamente relutou em tocar a carne fria e morta de Kien. Ele não tinha qualquer sensibilidade em relação a isso e não nutria grande amor por

Kien quando o general estava vivo, mas havia algo horrível na maneira como morreu que o perturbava. Olhou para os olhos vidrados e suspirou.

Não havia nenhuma forma de obter qualquer resposta, a menos que levasse a cabeça para Miolo. Ele a pegou. Estava fria como um bloco de gelo. De alguma maneira, sentiu-se melhor depois que esvaziou uma caixa de barras de chocolate atrás do balcão, colocou a cabeça dentro e ficou invisível.

Deu uma olhada no salão. O filme estava agora na cena em que Tachyon salvava Blythe van Rennsaeler de uma gangue de curingas loucos, o que foi acompanhado de gritos e vaias da gangue que assistia. Eram apenas crianças perturbadas. Claro, alguns estavam armados, e o neto pirralho de Tachyon tinha habilidade de controle mental, mas Cunningham contava com um grupo de Lobisomens lá fora aguardando seu chamado. Voltou para o hall e colocou a caixa com a cabeça de Kien no balcão da *bonbonnière*. Foi até as portas do saguão. Uma corrente tinha sido colocada nas barras, e havia um cadeado aberto pendurado. Abriu as portas cautelosamente e olhou para fora do cinema.

Os vagabundos tinham voltado, mas estavam atentos demais a uma briga por uma garrafa de bebida recentemente adquirida para sequer notarem Cunningham. Ele gesticulou para os carros estacionados na calçada do outro lado da rua, acenando vigorosamente, e as portas se abriram e os Lobisomens saíram. Eles atravessaram a rua. Os mendigos notaram a movimentação e perceberam que algo estava prestes a acontecer. Foram embora silenciosamente, segurando as garrafas nos sacos de papel como se tivessem medo de que os Lobisomens pudessem tentar roubá-las.

— O que tem lá? — perguntou Feiticeiro enquanto se aproximava.

— Blaise com o grupo de delinquentes dele. Cerquem eles, mas não comecem nada. Cuidado com Blaise. Ele está armado e tem algum tipo de poder de controle mental, mas deve ser esperto o bastante para não começar nada quando vir que somos muitos. E Miolo — o ás insano lançou um olhar quase de culpa para Cunningham —, tenho algo para você.

— A cabeça? — perguntaram Feiticeiro e Latham ao mesmo tempo.

Cunningham fez que sim.

Os Lobisomens encheram silenciosamente o hall de entrada. Havia uma dúzia deles. Eram grandes e valentões, vestidos com roupas de couro e armados até os dentes com armas automáticas e escopetas. Cunningham ia na frente deles, depois de mostrar a um Miolo feliz e salivante a caixa.

— Lembrem-se — avisou ele aos Lobisomens —, não façam nada. Mas se o pirralho do Blaise tentar fazer alguma coisa, acabem com ele. — Virou-se para o líder dos lobisomens. — Feiticeiro, fique perto do Latham. Certifique-se de que ele vai se comportar.

— Você o ouviu — disse Feiticeiro. — Vamos nessa.

Dentro da sala de cinema, o filme estava na famosa cena entre o Dudley Moore como Tachyon e Pia Zadora como Blythe van Rennsaeler. Com uma rosa na boca, Moore tocava uma melodia ao piano enquanto Zadora cantava sobre o “amor alienígena” e a plateia gargalhava.

Hora de acabar com isso, pensou Cunningham. Entrou no auditório, puxou a pistola e disparou um tiro para o teto.

Isso chamou atenção de todos. Doces e pipocas voaram enquanto os adolescentes delinquentes pulavam e tentavam fugir.

— Parados, todos! — gritou Cunningham com sua melhor voz de autoridade.

Ou o seu tom de comando funcionou, ou foi a presença de uma dúzia de Lobisomens fortemente armados. Todos pararam. Todos menos Blaise. O garoto se levantou lentamente e encarou Cunningham do outro lado da sala de cinema.

— O que você quer? — gritou ele sobre os súbitos guinchos de prazer de Zadora quando Dudley Moore se aproximou dela no banco do piano.

— Só conversar — disse Cunningham. — Não há nada a temer.

— Claro. — Ele caminhou lentamente até a frente do público, com plena consciência de que todos os olhos estavam sobre ele, desempenhando seu papel de líder da gangue. — Falar sobre o quê? — perguntou casualmente.

Cunningham acenou com a cabeça.

— Ali dentro. — Ele olhou para os Lobisomens e emendou: — Vocês cinco, vigiem as crianças, os outros vêm conosco.

Os Lobisomens seguiram Cunningham, Blaise, Feiticeiro e Latham de volta ao hall de entrada. Miolo olhou em volta, culpado.

— Comida chinesa — disse ele com a boca cheia, retomando sua tarefa.

Blaise franziu a testa.

— Ah. Vejo que você encontrou. Que chato. Ele disse que eu poderia ficar com ela.

— Ele? — perguntou Cunningham, inclinando-se para a frente ansiosamente.

— Eu — disse uma nova voz.

Todos voltaram-se para as escadas que levavam à cabine de projeção, e viram um homem de meia-idade, loiro, castigado pelo tempo, parado ali, sorrindo. Algo em seu sorriso fez Cunningham congelar.

— Christian — disse ele, apontando a arma em direção ao ás britânico. — Eu sabia. Por que você fez isso? Por que matou Kien?

O sorriso zombeteiro de Christian se alargou enquanto ele descia despreocupadamente os degraus restantes, juntando-se aos outros no saguão.

— Mas eu não matei — protestou ele.

— Não pode negar que foi cúmplice desse pirralho.

— Não estou negando — disse Christian maliciosamente. — Estou simplesmente negando que matamos Kien.

— O quê? — perguntou Cunningham.

Como se fosse sua deixa, Miolo de repente gemeu e virou para encarar os demais.

— Por que você está fazendo isso comigo? — gemeu Miolo. — Por que você está roubando meu corpo? Por que, Kien?

Um vento frio soprou através de Cunningham.

— Kien?

Christian se inclinou no balcão de doces.

— Claro — assentiu, com um sorriso aberto no rosto bronzeado. — Você vem tramando e planejando tomar o meu lugar por um longo tempo. Eu decidi expor todos os conspiradores, usando — e ele acenou com a cabeça para Blaise — meu amigo saltador aqui para conseguir o disfarce perfeito.

— Não — reclamou Miolo. — Por favor, não. Eu fui leal...

— Saltadores? — disse Cunningham. A revelação de que Blaise e os outros eram saltadores o fez gelar. — Você mudou de corpo com Christian e fingiu seu próprio assassinato?

— Exatamente. Latham trouxe os saltadores para nós há algum tempo. Só que eu decidi passar por cima dele desta vez e me aproximar de Blaise diretamente. Ele me ajudou a mudar de corpo. Desde então, tenho usado a projeção astral de Christian para vigiar você e os outros.

Isso explica muito, pensou Cunningham, grato por contar com um grupo de

Lobisomens ao seu lado.

— Mas, no fim, você calculou mal. — Ele se virou para Feiticeiro. — Acabe com ele — disse.

O rosto de Feiticeiro era insondável atrás da máscara de Michael Jackson. Ele levantou a escopeta, depois virou e apontou diretamente para o queixo de Cunningham.

— Sinto muito — disse ele.

Christian-Kien riu.

— Esplêndido!

— O que você está fazendo? — perguntou Cunningham. — Atira nele! Atira nele e tudo estará acabado.

— Já chega — disse Feiticeiro calmamente. — Veja, meu poder me permite ver a morte no rosto das pessoas. Vi a sua esta manhã no esconderijo da Sui Ma. Então, sabia que você iria morrer antes do fim do dia.

Cunningham sentiu o suor brotar repentinamente em sua testa.

— Atira nele! Tudo que você que fazer é atirar e matar ele! — Feiticeiro balançou a cabeça, e Kien riu até não conseguir mais. Cunningham se virou para encará-lo. — Você estava morto. Eu pensei que você estivesse morto — começou, mas Kien ergueu a mão, parando-o.

— Sem desculpas. Sem mentiras. Desmascarei um traidor, mas estou preso num corpo velho e acabado. Eu acho — disse Kien, olhando fixamente para Cunningham — que gostaria de trocá-lo por um modelo mais jovem.

— Não! — gritou Cunningham.

Ele tentou desaparecer e correr, mas ouviu Blaise gargalhando alto. Uma mão de metal fria comprimiu seu cérebro. A sala girou, e de repente ele estava em outro lugar. Suas pernas eram jovens e fortes, mas tudo girava, deixando-o tonto e enjoado. Ele não conseguia fazê-las funcionar. Sua perspectiva mudou de novo, e quase imediatamente ele caiu em cima do balcão de doces. Resvalou, bateu no chão, e começou a rastejar para longe, mas seu corpo estava velho e cansado, e sua cabeça vagava, confusa.

Ele ouviu uma risada distante, e uma jovem voz ansiosa disse:

— Deixa comigo!

Alguém o virou, e ele viu cabelo vermelho e um sorriso jovem e horrível, mas

sobretudo um enorme cano de arma, apontado diretamente para seu rosto.

Fechou os olhos e tentou falar, mas nenhuma palavra sairia. Talvez ele tivesse ouvido a explosão horivelmente alta, terrivelmente assustadora. Mas só.



Ninguém sai com vida

Walton Simons

Jerry estava na calçada do lado oposto da rua ao apartamento de Latham. Uma brisa fria remexeu as folhas secas que cercavam seus pés. O calor do fim de setembro havia cedido um pouco, pelo menos temporariamente, dando lugar à primeira onda de frio da estação. Ele vestia um macacão de funcionário de manutenção. Havia um revólver calibre 38 azul-acinzentado em sua caixa de ferramentas, junto com algumas outras coisas. Não haveria situação melhor. Ele esperou o sinal fechar e atravessou a rua.

Mostrou ao porteiro uma ordem de serviço falsa que ele mesmo havia feito. O porteiro estava mais entediado do que desconfiado, e o deixou entrar. Jerry caminhou rapidamente até o elevador e colocou uma placa de EM MANUTENÇÃO, então apertou o botão para a porta se abrir e entrou. Latham obviamente morava na cobertura. Dos dois elevadores, aquele era o que subia até o topo. Uma das coisas que Jerry estudara no último mês era sobre o funcionamento de elevadores. Ele abriu o painel de controle e fez o carro subir até o último andar. Seus joelhos quase se dobraram quando o elevador começou a se movimentar. Mudou então suas feições e o tom de pele, para que ficassem mais orientais, e tirou uma muda de roupa da caixa de ferramentas. A maior parte das peças era de couro. O toque final era um jaqueta dos Garças Imaculadas que ele mandara fazer com base na gravação que Ichiko tinha lhe dado.

Com a roupa, ele colocou a arma na jaqueta. O elevador parou. Jerry cortou um dos fios. Pelo menos por enquanto, o elevador não iria a lugar nenhum. Ele poderia reconectar os fios rapidamente se fosse necessário.

Jerry saiu do elevador e caminhou até a porta de Latham. Abriu a fechadura com o dedo e entrou, fechando a porta silenciosamente atrás de si. A cobertura

estava em silêncio. Exceto por uma única luz vinda do que parecia ser o quarto, também estava escura. Jerry respirou fundo, caminhou cautelosamente e pelo piso acarpetado até chegar ao vão de entrada do quarto iluminado e entrou.

Latham estava deitado, nu, na cama. Seu corpo estava coberto de suor e, seu cabelo, desgrenhado. Os lençóis estavam embolados no chão junto a um robe vermelho. Latham parecia entregue a um momento de satisfação pessoal. Ele levantou a cabeça e viu Jerry, que parecia um Garça. Seu sorriso discreto sumiu.

— Quem mandou você? Como você entrou? — A voz de Latham não mostrava a segurança que Jerry estava acostumado a ouvir.

Jerry pegou seu calibre 38, mas não apontou para Latham.

— Eu faço as perguntas. Fale sobre os saltadores. — Ele precisava saber a verdade antes de atirar em Latham. Só assim conseguiria matá-lo.

Uma mulher jovem e nua saiu do banheiro. Era careca. Tinha músculos grandes e bem-definidos, quase ao ponto de não ser atraente. Seus pelos pubianos eram loiros e bem depilados. Jerry apontou a arma para o peito dela. Ele estava de tocaia há duas horas e não a havia visto entrar. Não sabia se conseguiria matar uma mulher, mesmo se ela tivesse participado do assassinato de Kenneth.

— Ele nos fez — revelou ela. — Todos nós. Com aquilo.

Ela se sentou na cama, se inclinou para a frente e beijou o pênis flácido de Latham. O órgão se contraiu com o toque da língua da mulher.

— Ainda não, Zelda. Primeiro vamos tratar de negócios.

Latham colocou a mão da garota embaixo do queixo dela e apontou seu rosto para Jerry. Jerry sentiu algo que poderia ser dor se tivesse durado mais do que alguns segundos. Sua visão ficou turva por um instante. Quando voltou a enxergar, estava olhando para o pênis de Latham. Havia um calor agradável entre suas pernas, algo que nunca sentira antes. Tentou se levantar, mas se sentia pesado e desajeitado. Alguém o pegou pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás.

Havia um Garça no vão da porta apontando uma arma para ele. Jerry sentiu que alguém torcia seu braço para trás. A sensação de metal frio cercou seus pulsos, e ele ouviu dois cliques. Abriu a boca para falar, mas foi seu corpo de Garça que gritou.

O rosto oriental começou a derreter e se liquidificar. O Garça rasgou a jaqueta de tecido acetinado e a camisa, mostrando o peito. Seios começaram a se formar. O corpo pirateado de Jerry fechou os olhos e gritou novamente. Ele sentiu

vertigem outra vez e se viu olhando para Latham e Zelda, que estava algemada. Ela ainda gritava. O advogado a empurrou para fora da cama. Jerry conseguiu controlar o próprio corpo e contraiu o dedo indicador, mas Zelda havia deixado a arma cair. Ele fugiu correndo.

Jerry se jogou dentro do elevador e puxou algo de sua caixa de ferramentas, que escorregou de sua mão por causa das palmas suadas. Pegou o objeto do chão e colocou-o no lugar certo, fazendo o elevador funcionar. Apertou o botão do térreo. Ele olhou para fora do elevador. Latham apontava a arma na sua direção. Ele se esquivou para o lado e, ao mesmo tempo, ouviu um tiro. A bala se alojou no elevador, atrás dele. As portas se fecharam, e ele começou a descer.

Jerry mudou de roupa e de aparência, voltando a ser o funcionário de manutenção. Sua barriga formigava e sua pele estava fria. Ele endireitou a postura e respirou fundo várias vezes.

Aquilo não adiantou de nada. Quando a porta do elevador se abriu no térreo, ele ainda tremia. Atravessou o lobby a passos medidos e saiu do prédio, sentindo o ar frio da noite de Nova York.

Resolveu parar num bar próximo ao seu apartamento e pedir um drinque duplo. Ele achou que precisava. Jerry sabia que tinha tido sorte. Não contava com a presença de Zelda, mas ela também não sabia que seria incapaz de controlar sua habilidade de mudar de forma. Jerry estava tão acostumado que já nem pensava mais naquilo. Não fosse por isso, teria acabado que nem Kenneth e os outros. Latham provavelmente não havia entendido o que ocorrera, mas certamente ficaria paranoico dali em diante. Agora seria mais difícil ainda pegá-lo.

— Mais um? — disse o barman olhando para o copo vazio.

— Por que não? — Jerry virou o uísque antes que o barman conseguisse pousar o copo de volta na mesa de madeira polida do bar.



Jerry se sentou próximo ao túmulo e jogou pequenas pedras na grama, que havia sido cortada recentemente. Ele não olhou para a lápide de Kenneth. Falar com o irmão morto pareceria mais idiota do que já era.

— Desculpa, eu estraguei tudo de novo — sussurrou Jerry. — Não sei o que fazer agora. Você tem alguma ideia?

Uma lufada de vento tocou a copa das árvores, levando folhas soltas com um silvo. Ele se virou ao ouvir um carro estacionando no pé da colina. Beth subia lentamente. Ela acenou. O gesto parecia ter demandado toda a força que ela tinha. Jerry ficou de pé e começou a caminhar em direção à cunhada. Quando se encontraram, abraçaram-se silenciosamente.

— Você não estava em casa nem no apartamento, então achei que estivesse aqui. — O vento jogou o cabelo em seu rosto; ela o colocou para trás e o segurou.

— Pena que não sabia que você vinha. Teria preparado algo especial — disse Jerry.

— Não quero nada especial agora — respondeu, sentindo um arrepio. — Também não estou querendo voltar para casa ainda. Será que podemos ir ao seu apartamento?

Jerry piscou e abriu a boca, mas não falou nada.

— Não é isso — disse Beth. — Só quero estar com alguém que se importe comigo. Quero colo.

Jerry fez que sim com a cabeça, tanto decepcionado quanto aliviado. De certo modo, ela havia acabado de lhe fazer um elogio.

— Vamos — chamou ele.

Jerry fez o que pôde para arrumar o apartamento enquanto Beth desfazia a mala. Jogou as roupas sujas no cesto e empilhou as revistas de cinema e seus livros em ângulos retos. Ela abriu uma gaveta, riu e ergueu uma calcinha com estampa de oncinha e abertura na frente.

— O que é isso?

Jerry cobriu a boca por um instante, mas logo se recuperou.

— Uma relíquia de tempos passados. — Ele suspirou com a memória. — Veronica.

Beth colocou a peça de volta na gaveta.

— Você gostava dela de verdade?

— Eu achava que sim. Era obcecado por ela. Queria que ela fosse feliz, e certamente queria transar com ela também. — Ele deu de ombros. — Aprendi o suficiente sobre o amor, o que me deixou muito confuso. Talvez eu ainda seja parte gorila ou algo assim.

Beth sorriu.

— Acho que essa parte sua não tem problemas. Você só não sabe o que fazer com ela.

— Nem eu nem ninguém, aparentemente. Não saio com alguém há meses.

Jerry sentou-se no sofá. Tentou não pensar sobre o assunto, mas ele e Veronica o haviam usado muito.

— Dê tempo ao tempo. — Beth se sentou na ponta da cama e balançou a cabeça. — Isso mesmo, Beth. Diga uma coisa e faça outra.

— Do que você está falando?

— Quando eu estava em Chicago, passei um tempo com um namorado antigo, e acabamos na cama. Acho que ele só estava querendo que eu me sentisse melhor. — Ela mordeu uma unha já bem mordida. — Eu sabia que não iria funcionar, mas acho que tinha que provar para mim mesma. O sexo foi bom, mas não importava muito. Quando acabou, Kenneth continuava morto. E ele nunca vai voltar.

Jerry se levantou e caminhou até a cunhada, mas ela já estava chorando. Ele não queria chorar também. Queria ser forte, para ela.

— Eu queria... — Nada que pudesse dizer iria consolá-la, e ele sabia disso.

Beth se apoiou nele e lhe deu um abraço apertado. Jerry sentiu o calor das lágrimas de Beth em sua camisa.

— É impossível compartilhar algumas coisas. Preciso exorcizar a pior parte disso sozinha. Mas, meu Deus do céu, estou muito feliz por você estar aqui comigo.

Jerry continuou a abraçá-la por alguns minutos, fazendo cafuné, sem dizer nada. Ela parou de chorar e o olhou com os olhos inchados.

— Quer uma Coca-Cola ou algo assim? — Ele precisava tomar alguma coisa, mas não queria beber na frente dela.

— Não. — Beth o soltou, pegou a bolsa e entrou no banheiro. — Só quero dormir. O dia foi longo.

— O ano foi longo — corrigiu ele. — Preciso dormir também.

Jerry descarregou todo o seu estoque de piadas bobas nela antes de dormirem. Ele estava tenso e queria desanuviar o máximo possível. Meses haviam se passado desde Fantasia, desde que estivera com alguma mulher.

Beth apagou as luzes e se encolheu, virada para o outro lado. Ela colocou o braço dele em volta dela e beijou as costas da sua mão.

— Eu te amo muito, Jerry.

— Também amo você, minha irmãzinha. — Para ele, agora, mais do que nunca, ela era parte de sua família.

Beth dormiu rápido. Jerry ficou horas tentando achar o sono, mas não conseguiu relaxar. Seu pênis tinha ficado duro algumas vezes, mas ele se segurou até se acalmar de novo.

Por fim, acabou indo até o banheiro e tomou um sonífero. Engoliu os comprimidos com um copo de água e se olhou no espelho. Seu rosto estava exatamente igual. Ele não havia envelhecido um dia sequer desde que Tachyon o salvara, mas sentia que havia mudado. Sentia que finalmente tinha algo a oferecer às pessoas, que seu amor e carinho faziam diferença para elas. Talvez amadurecer fosse isso.

Ele resistiu à tentação de fazer com que seu rosto ficasse parecido com o de Humphrey Bogart e dizer alguma fala de Casablanca. Desligou a luz e voltou para a cama.

Cobriu-se cuidadosamente com os lençóis. Beth gemeu e mexeu o braço. Jerry pegou seu pulso com gentileza e colocou o braço dela de volta para o seu lado da cama. Depois, deu-lhe um beijo na nuca. Ela se aquietou, e sua respiração voltou ao normal. Ele olhou para a janela. Por detrás das cortinas, o céu estava ficando vermelho. Ele não tinha se dado conta de que era tão tarde assim. Colocou seu corpo contra o de Beth, fechou os olhos e tentou dormir de novo.



QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da LeYa no Facebook, faça seu cadastro na aba *mailing* e tenha acesso a conteúdo exclusivo de nossos livros, capítulos antecipados, promoções e sorteios.

A LeYa também está presente em:

www.leya.com.br



facebook.com/leyabrasil



[@leyabrasil](https://twitter.com/leyabrasil)



instagram.com/editoraleya



google.com/+LeYaBrasilSãoPaulo



skoob.com.br/leya

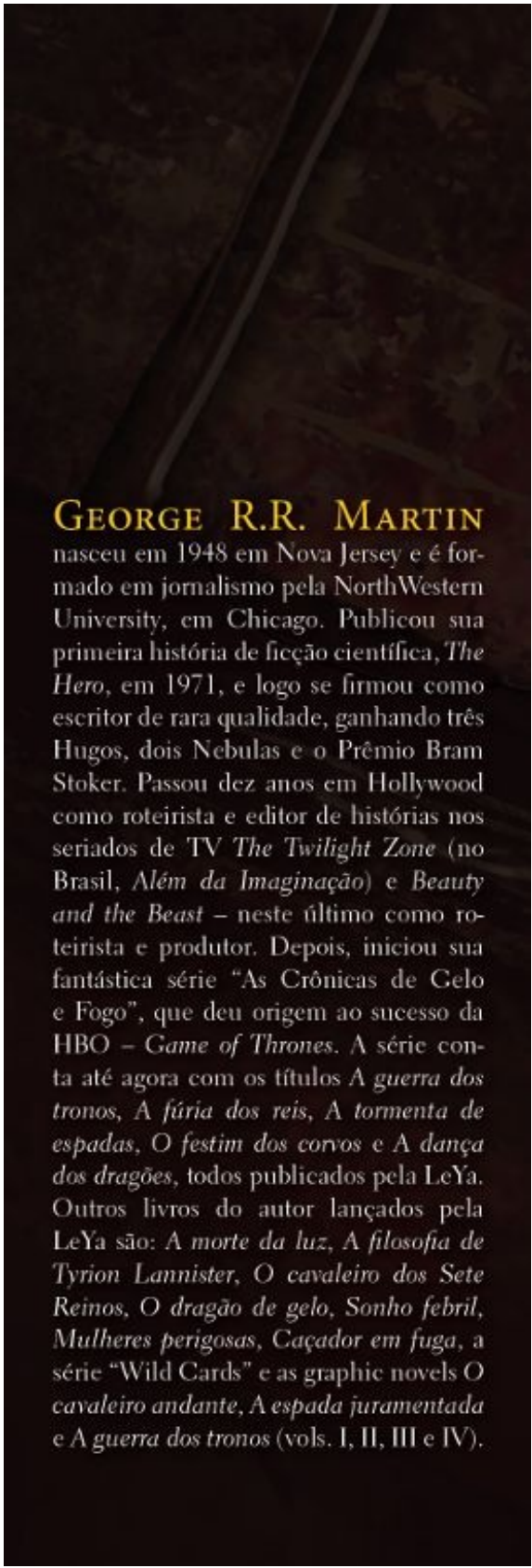
1ª edição Junho de 2017

papel de miolo Pólen Soft 70g/m²

papel de capa Cartão Supremo 250g/m²

tipografia Minion Pro

gráfica



GEORGE R.R. MARTIN

nasceu em 1948 em Nova Jersey e é formado em jornalismo pela NorthWestern University, em Chicago. Publicou sua primeira história de ficção científica, *The Hero*, em 1971, e logo se firmou como escritor de rara qualidade, ganhando três Hugos, dois Nebulas e o Prêmio Bram Stoker. Passou dez anos em Hollywood como roteirista e editor de histórias nos seriados de TV *The Twilight Zone* (no Brasil, *Além da Imaginação*) e *Beauty and the Beast* – neste último como roteirista e produtor. Depois, iniciou sua fantástica série “As Crônicas de Gelo e Fogo”, que deu origem ao sucesso da HBO – *Game of Thrones*. A série conta até agora com os títulos *A guerra dos tronos*, *A fúria dos reis*, *A tormenta de espadas*, *O festim dos corvos* e *A dança dos dragões*, todos publicados pela LeYa. Outros livros do autor lançados pela LeYa são: *A morte da luz*, *A filosofia de Tyrion Lannister*, *O cavaleiro dos Sete Reinos*, *O dragão de gelo*, *Sonho febril*, *Mulheres perigosas*, *Caçador em fuga*, a série “Wild Cards” e as graphic novels *O cavaleiro andante*, *A espada juramentada* e *A guerra dos tronos* (vols. I, II, III e IV).

***Quando as pessoas perdem o controle
sobre o próprio corpo, um novo caos
se instala no Bairro dos Curingas***

Editada e coescrita por George R.R. Martin, a série "Wild Cards" conta a história de um vírus alienígena que atingiu o planeta, matando grande parte da população e causando mutações em muitos sobreviventes. Alguns foram chamados de ases, porque receberam habilidades mentais e físicas, e outros, amaldiçoados com alguma deformidade bizarra, foram batizados de curingas. Mais de quarenta anos depois, a sociedade americana continua enfrentando os desdobramentos desse grave acontecimento, e novas surpresas aparecem no Bairro dos Curingas.

Luta de valetes é o primeiro volume de "Rox", uma nova trilogia dentro da incrível saga "Wild Cards". Desta vez, acompanhamos Jerry Strauss – que já foi o Projecionista, mas agora é o Sr. Ninguém – numa série de histórias que compõem o livro e apresentam novos personagens. Em meio a uma confusão amorosa, Jerry descobre que uma gangue muito perigosa surgiu: os saltadores, pessoas que têm a capacidade de transferir a mente de um corpo para outro. E eles estão usando esse poder para o mal.

wildcards.leya.com.br



omelete.com.br

Índice

[Capa Página](#)

[Página de Título](#)

[Página Direitos Autorais](#)

[Sumário](#)

[Nota do editor](#)

[A garota de Ninguém](#)

[Que sorte ser uma garota](#)

[Ninguém me conhece como meu amor](#)

[Cavalos](#)

[Sr. Ninguém visita a cidade](#)

[Dragão da neve](#)

[Ninguém sabe o que eu passei](#)

[Hoje em dia Clancy não pode nem cantar](#)

[Você é Ninguém até que alguém o ame](#)

[Dezesseis velinhas](#)

[Eu me chamo Ninguém](#)

[O triângulo do Diabo](#)

[Ninguém em casa](#)

[A batida do coração morto](#)

[Ninguém sai com vida](#)